



Navegando no imaginário do oceano samba: as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese

Navegando no Imaginário do Oceano Samba:
as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial
formador humano?

Bruno Blois Nunes

Pelotas, 2021

Bruno Blois Nunes

Navegando no Imaginário do Oceano Samba:

as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N972n Nunes, Bruno Blois

Navegando no imaginário do oceano samba : as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano? / Bruno Blois Nunes ; Lúcia Maria Vaz Peres, orientadora. – Pelotas, 2021.

238 f. : il.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Roda de samba. 2. Microcosmo social. 3. Imaginário. 4. Educação. 5. Formação humana. I. Peres, Lúcia Maria Vaz, orient. II. Título.

CDD : 370

Bruno Blois Nunes

Navegando no Imaginário do Oceano Samba:

as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano?

Tese aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 31 de maio de 2021.

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

.....
Prof. Dr. José Aparecido Celorio

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

.....
Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Doutor em Sociologia da Cultura pela Université Paris V René Descartes

.....
Prof. Dr^a Viviane Adriana Saballa

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

.....
Prof. Dr^a. Rosária Ilgenfritz Sperotto

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

.....
Prof. Dr^a. Vania Grim Thies

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

*DEDICO ESTE TRABALHO À TODAS AS
PESSOAS QUE TÊM A CURIOSIDADE COMO
SUA PRINCIPAL VIRTUDE*

Agradecimentos Oceânicos

Se formos ser sinceros, aqui está a parte mais desafiadora desse trabalho e deveria ser, na maioria das vezes, um dos seus principais pilares. Aqui estão a base, a inspiração e o suporte das pessoas que fizeram essa escrita possível. Nessa parte, encontramos as pessoas que me auxiliariam durante minha trajetória no doutorado como também me fizeram refletir sobre aspectos relativos à educação, mais especificadamente ao ensino ao longo dos meus quinze anos como professor de dança de salão.

Tentarei recordar todas as pessoas que, durante essa trajetória, me auxiliaram para que esse trabalho enfrentasse às piores ressacas marítimas, como também aquelas que foram lembradas ao longo da minha longa viagem e que há tempos não tenho contato, pessoas que me fizeram refletir sobre minhas ações no mundo.

Aos meus pais Miguel Ângelo Brião Nunes e Angela Maria Dias Blois Nunes pelo apoio incondicional, convívio e aprendizados compartilhados desde o meu primeiro choro até hoje.

À Maitê Peres de Carvalho, esposa, parceira e uma de minhas âncoras que possibilitou a realização dessa viagem.

Ao meu avô materno Hugo Gomes Blois (*in memoriam*) que muitas vezes foi um segundo pai na minha vida.

À minha avó materna, Maria Dias Blois, grande orientadora acadêmica da família de Blois e uma das grandes inspiradoras na minha iniciação acadêmica.

À minha avó paterna, Aline Brião Nunes (*in memoriam*), pelo zelo dedicado durante minha infância e sua paciência em responder todos os dias, antes dos almoços, às “provas finais” que eu elaborava para que ela “passasse de ano”. Ajudaste a formar um professor!

À tia Clélia de Souza Dias (Poeta K) (*in memoriam*) fiel escudeira da minha vó materna e outra orientadora que abriu os caminhos de muitos dos Blois além de auxiliar nos mais diversos casos. O anjo da guarda por excelência da família Blois.

À Leonor Silva (tia laiá) (*in memoriam*) que com seus setenta anos era minha parceira dos meus jogos de futebol com bola de meia quando eu era criança que me levou a potencializar e problematizar coisas muitos anos depois ao refletir sobre a nossa interação intergeracional.

À minha tia Lúcia Maria Blois (*in memoriam*) que, assim como minha vó materna, foi outra incentivadora em minha formação universitária.

Ao meu tio Henrique Blois pelos auxílios prestados ao longo da minha viagem doutoral.

À família Blois que foi fonte inspiradora e apoiadora para chegar aonde cheguei.

À minha mãe Angela Maria Dias Blois Nunes e ao meu primo Márcio Blois Gasparri pelo auxílio financeiro prestado durante meu doutorado sanduíche. A Ana Maria Castro pelo acolhimento em Porto Alegre e a Eloisa Schaefer pelas conversas acolhedoras.

Aos meus sogros Eri Carvalho e Léa Carvalho pela disponibilidade em ajudar durante minha estada na Espanha e suporte prestados ao longo da viagem doutoral.

À Ana Candida Simões Lopes, Cristina Thompsen e Flávio Chevarria Nogueira, na figura de presidente da Associação dos Aposentados e Pensionistas (APUFPe), pela consideração durante a pandemia. Com certeza foram importantes apoios para a manutenção da minha viagem doutoral.

A Ana Laura Szortyka pelo auxílio prestado, em tempos pandêmicos, ao meu tratamento medicamentoso.

À minha orientadora/farol Lúcia Maria Vaz Peres por ter acreditado na potência dessa viagem e ter iluminado caminhos que antes estavam obscurecidos no mapa da minha navegação doutoral.

À banca avaliadora, chamada nessa tese carinhosamente de consultores marítimos, Dr. Juremir Machado da Silva, Dr^a. Viviane Adriana Saballa, Dr^a. Rosária Ilgenfritz Sperotto e Dr. Jarbas Santos Vieira pelos conselhos dados ao longo de minha viagem doutoral. Ao Dr. José Aparecido Celorio e à Dr^a. Vania Grimm Thies por aceitarem avaliar o final da minha jornada marítima.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), coordenado pelas professoras Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres e Dr^a. Andrisa Kemel Zanella, pelas partilhas e trocas que potencializaram a investigação do **Oceano Samba**. Agradeço em especial, Alexandre da Silva Borges e Cassius André Prietto Souza, meus companheiros de jornada doutoral dentro do GEPIEM.

Ao professor Luis Garagalza Arrizabalaga pela acolhida na Espanha no meu curto período de doutorado sanduíche e sua disponibilidade de oferecer tutorias *online* durante o período de pandemia.

Aos amigos virtuais Héctor Andrés Peña Rodríguez, Malvina Cruz Rentería e Luz Aída Lozano que fazem parte do grupo, intitulado carinhosamente, *Climatério Hermenéutico. Gracias por leer mis escritos y por intercambiar ideas en reuniones en línea.*

Aos meus amigos virtuais Artur de Bem Silva, Alberto Gonçalves e o administrador do perfil do **Facebook** chamado **Nasci do Samba**, que me viabilizaram a aquisição de um exemplar do raro livro de Bernardo Alves intitulado **A pré-história do samba.**

Ao professor Dr. José Aparecido Celorio pelos materiais enviados e pelo empenho em me disponibilizar o acesso ao raríssimo livro **Vers une Cosmologie** de Eugène Minkowski.

Aos sujeitos de pesquisa pela participação nas primeiras e segundas fases da pesquisa empírica. Sem eles, esse trabalho não seria possível.

Ao **Seminário de Pesquisa III**, disciplina do doutorado, que reuniu professores e alunos da Linha de Pesquisa que estou inserido **Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem** cujos questionamentos ajudaram no desenvolvimento da tese.

Aos ensinamentos compartilhados ao longo do doutorado pelas professoras Dr^a. Maria Helena Menna Barreto Abrahão e Dr^a. Maria Isabel Cunha que me fizeram refletir sobre alguns trajetos percorridos ao longo da pesquisa.

Ao artista André Oliveira pelo esforço dedicado na realização e reformulações da capa da tese.

Aos meus inúmeros alunos de dança que fazem parte de minha trajetória de vida e me ajudaram a me constituir como professor: Cristina Thompsen, Ana Candida Simões Lopes, Flávio Chevarria Nogueira, Fancisco Antônio Vargas Garcia, Eleni Maria Foletto Vargas Garcia, Cilesia de Vargas Veiga, Noris Leal, Liszt Rodrigues Prestes, Maria Lygia Vergara Prestes, Mulvâney de Vargas Veiga, Cristine Bassols Raseira, Guilherme Silva Nascimento, Iria Machado Pureza Duarte, Citânia de Azevedo Ramil. Rosiani Rossatto, Sérgio Battisti, Rosana Medina Zanotelli, Vinícius Ávila Zanotelli, Ana Cristina Knopp, Marcelo Knopp, Giovanni Coral, Marcia Mattea Coral, Cleiton da Gama Garcia, Vanessa Furtado Rita, Paulo Silveira Moraes, Sidmara Sarzi de Almeida, Alfeu Duarte Paiva, Eloisa Helena Terres Nunes, Manoel Oliveira Duarte (*in memoriam*), Eder Schuhmacher, Emilene Schuhmacher, Larissa Munhoz, Alexandre Mendes, Jônatas Manke, Betânia Boeira Scheer, Raquel Pereira, João Marcelo Vignolo, Sandro Carvalho, Simone Carvalho, Eliana Pinho, Simone Fúculo,

Patrícia Carvalho, Ronaldo Garcia, Paulo Meirelles, Peter Silveira, Aline Decio, Bruno Gonçalves Vicenzi, Rafael Vitola Brodbeck, Aline Rocha Taddei Brodbeck, Dirlei Pereira, Roquecelen Oliveira, Gladis Terezinha Dutra Corrêa, Rosineri Meireles, Cláudio de Ávila, Leila Maria Nickel, Celso Harter, Luana Bierhals, Pablo Monquelat, Virgínia Fetter, Lúcia Maria Vaz Peres, Adalberto Petrolini Carvalho, Martina Schymiczek, Renato Mastrantonio, Ana Maria Vieira (*in memoriam*), José Lorenzato Almeida, Jussara Almeida, Breno Renato Gonçalves Cordeiro, Jussara Pereira Cordeiro, Vinícius Russo, Flávia Leon, Jorge Antônio Almeida de Souza, Maria das Graças Souza, Claudia Weingartner, Nirce Saffer Medvedovski, Cláudio André Yurgel Medvedovski, Flávio Brod Ramos, Lúcia Regina da Cunha Ramos (*in memoriam*), Joana Carolina de Barros Silva, Natália Silveira Antunes, Diego Ott de Oliveira, Maria Zuliclai Araújo, Luiz Fernando Silveira, Carmen Lucia Silveira, Alexandre Dielo, Lucy Dielo, Juliane Félix Fagundes, Maiara Torchelsen Saraiva, Letiane Mendes Martins, Cláudio Renato Peil, Simoni Peil, Rosane Rodrigues e seu marido Flávio, Angélica Marques da Cunha, Eduardo Peroba, Vinícius Alves, Alixandra Ribeiro Muniz Fagundes, Rodrigo Dannenberg e sua esposa Marta, Raquel Radmann Domingues, Edimilson Viana, Rosa Tonaiser (*in memoriam*), Solano Ferlauto Schuch, Fabiana Fedatto Bernardon, Igor Timm, Silvia Chaves, Maitê Peres de Carvalho, Jorge Xavier Júnior, Michele Koglin Teixeira, Tiago Lopes da Silva, Amanda Insaurriaga, Fernanda Leitzke Brim, Camila Pinto da Costa, Maria Elena Guanilo, Alexandre Mendes, Andressa Cunha, Carol Cruz, Thiago Mendonça, Matheus Gonzales, Camila Cordeiro, Gabriel Barbieri, Carol Ortiz, Cristian Leal, Mirela Ibeiro, Caroline Münchow, Deisi Cerbaro, Rodrigo Molina, Mariane Molina, Giovani Mendonça, Fabi Mendonça, Ana Paula Bauer, Juliane Hillal, Valentina Cairolli, Raquel Figueiró, Dayana Bittencourt, Aldeir Jansen Martin, Margarete Amaral Martin (*in memoriam*), André Gomes da Silva, Alessandro Cardozo, Regina Barreto, Márcio Oliveira, Suélen Arduin, Nathalie Vilela, Lizandro Mülling, Oberdan Nunes, Marcos Moraes, Laira dos Santos Corrêa, Michele Rutz Buchweitz, Jenifer Mülling, Eliane dos Santos Güths, Fábio César Güths, Jú Moitinho, Ana Rita Bretanha, Liz Gomes, Fernanda Ferrari, Vanessa Xavier, Rafael Medina Sousa, Caroline Souto Noschang Blaas, Tallys Bohns Blaas, Cris Bonow, Alex Cordeiro, Camila Pinho da Silveira, Roger Oliveira Vieira, Alice Schlee, Mário Conill Gomes, Alice Pimentel, João Ricardo Souza, Jane Malheiros Souza de Campos, Gabriel Campos, Anelise Hammes Pimentel, Cláudio Pimentel, Luís André Peil, Camila Garcia, Ana Maria Garcia, Vera Papini, Thais Cardoso Nora, Edegar

Torchelsen, Geneci Ornel, Danieli Bispo Guadalupe, Nadir Fátima Machado, Adriane Centeno Bento, Liane Neves, Aline Ferreira e demais alunos que meu lapso de memória não possibilitou recordar do **Espaço de Terapias Corporais Claudia Weingärtner** (Pelotas/RS), da **APUFPEL** (Pelotas/RS), do **Espaço de Dança Raquel Pereira** (Rio Grande/RS), do **Studio de Dança Aline Decio** (Piratini/RS), do **Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/SENAT)** (Pelotas/RS), da **Adágio Centro de Ginástica e Dança** (Pelotas/RS), do **Le Moulin** (Rio Grande/RS), da **Companhia de Ginástica Alice Schlee** (Pelotas/RS), da **Associação Beneficente dos Aposentados e Pensionistas de Pelotas** (ABAPP) (Pelotas/RS), do **Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)** do Navegantes (Pelotas/RS), do **Vita Fitness** (Pelotas/RS), do **Serviço Social do Comércio (SESC)** (Pelotas/RS), do **Espaço Marina Miranda** (Jaguarão/RS), da **Academia Personal Fitness** (Pelotas/RS), da **Academia Vigor e Saúde** (Pelotas/RS), da **Academia Viva** (Pelotas/RS), da **Academia Movimento** (Pelotas/RS) e dos eventos promovidos por Diego Houwes, Raquel Pereira e Celso Dias.

“O que perfaz a essência do investigador é a capacidade de ruptura que possibilita ver, assim, novas perguntas e encontrar novas respostas”
(Hans-Georg Gadamer)

“O estudioso não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é aquele que faz as verdadeiras perguntas”
(Claude Lévi-Strauss)

“Se existe algo de inatingível, é o sonho de encarar a natureza como uma unidade homogênea, a fim de unificar as visões diferentes que dela tem a ciência”
(Bruno Latour)

“Não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas”
(Friedrich Nietzsche)

“O conflito é um sinal de que existem verdades mais amplas e perspectivas mais refinadas”
(Alfred North Whitehead)

“Toda mentira repetida torna-se uma verdade”
(François-René de Chateaubriand)

“Muitas ideias consideradas totalmente ridículas hoje são partes sólidas de nosso conhecimento. Faz sentido preservar pontos de vista imperfeitos para um possível uso futuro”
(Paul Feyerabend)

“As mudanças acontecem em razão daqueles que se atrevem a ser um pouco diferentes e a manifestar essa maneira de ser no mundo”
(Monja Coen)

“Existem autores originais em que a menor ousadia causa revolta porque eles antes não tiveram o cuidado de lisonjear os gostos do público e não lhes serviram os lugares-comuns a que ele está habituado”
(Marcel Proust)

“Toda criação humana, mesmo a mais utilitária, não é sempre aureolada de alguma fantasia?”
(Gilbert Durand)

*“O homem liberta-se de tudo, menos da Superstição!
O Homem viaja em naves espaciais, mas crê em amuletos paleolíticos”*
(Luís da Câmara Cascudo)

“O que é importante não é o que as pessoas fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que elas fizeram de nós”
(Jean-Paul Sartre)

“Posso ouvir o vento passar, assistir à onda bater, mas o estrago que faz, a vida é curta pra ver”
(Rodrigo Amarante)

Resumo da Navegação

NUNES, Bruno Blois. **Navegando no Imaginário do Oceano Samba**: as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano? Orientadora: Lúcia Maria Vaz Peres. 2021. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Essa tese insere-se na linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), fomentada no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). O objetivo desse trabalho foi investigar se as rodas de samba como microcosmos sociais poderiam carregar em si, um potencial para formação humana. O estudo voltou-se à pesquisa de rodas de samba do *Mercado Central* e do aniversário de um ano do *Boteco Copa Rio*, ambas realizadas em Pelotas/RS, para buscar os sentidos e as pregnâncias daquela experiência de imersão que denominei Oceano Samba. Para navegar nesse oceano, utilizei as seguintes âncoras teóricas dos estudos do Imaginário: “animal simbólico” de Ernst Cassirer; “bacia semântica” de Gilbert Durand, “ressonância/repercussão” de Gaston Bachelard e “pensamento complexo” de Edgar Morin. A coleta de dados teve origem em uma pergunta detonadora: em uma ou duas palavras o que tem vem à mente quando pensa em samba? “Alegria”, “confraternização”, “magia”, “celebração da alma” e “arte do povo” foram algumas das palavras mencionadas revelando seis trechos aquíferos. Diante dos achados, elaborei onze pregnâncias educacionais para uma formação humana: 1) o educador desencadeia “perturbações”; 2) o educador deve promover a “cultura da interioridade”; 3) o educador pode propiciar “o cultivo da alma” no aluno; 4) “educação é a capacidade de perguntar e não de responder”; 5) “que a proa e popa da nossa didática sejam: buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais”; 6) “a verdade é que nenhum sistema educacional é preferível em si mesmo a outro”; 7) “os espaços de formação nem sempre são os tradicionais”; 8) “não deixar os alunos considerados pelo sistema educacional sem perspectivas futuras como ‘carcaças abandonadas pela maré escolar’”; 9) “conhecimento e afeto quanto mais a gente divide, mais a gente acumula”, 10) “ninguém pode construir seu conhecimento sobre uma rocha de certeza” e 11) “a inovação é um esporte coletivo; a criatividade, um esforço colaborativo”. As experiências vividas nas rodas de samba fazem dela um potente reduto de formação humana. É por essa razão que alguns tripulantes consideram o samba como “parte mais importante na nossa vida”, “melhor coisa que tem” e “refúgio fiel do dia a dia da periferia brasileira”. É nela que eufemizamos nossa existência e levamos uma “vida com molejo”. Essas manifestações, muitas vezes malvistas por parte da sociedade, carregam valores simbólicos que enriquecem os frequentadores que delas participam. Esses achados permitem problematizar outras formas de formação e educação para além dos espaços institucionalizados mostrando que a formação, em seu amplo sentido, está para além do conteúdo desenvolvido em uma sala de aula. As trocas simbólicas e os vínculos reforçados entre seus frequentadores evidenciaram que, entre outros espaços de formação, a roda de samba é um deles. Diante das convergências entre teoria e empiria defendo a tese que as rodas de samba desse

estudo são reveladoras de microcosmos sociais cujo âmago reside um potencial formador humano em seus frequentadores.

Palavras-chave: Roda de Samba; Microcosmo Social; Imaginário; Educação; Formação Humana.

Abstract

NUNES, Bruno Blois. **Navigating in the Imaginary of the Samba Ocean**: do samba sessions as social microcosms have human formation potential? Advisor: Lúcia Maria Vaz Peres. 2021. 238 f. Thesis (Doctorate Degree in Education) – Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, Brazil, 2021.

This thesis follows the research line Written Culture, Languages, and Learning, at the Postgraduate Program in Education, Federal University of Pelotas, fomented by Group of Studies and Research on Imaginary, Education, and Memory. The objective of this study was to investigate whether samba jam sessions as social microcosms might have within themselves a potential for human formation. The study explored samba sessions at the *Mercado Central* and at the first anniversary of the *Boteco Copa Rio*, both held in Pelotas/RS, to search for the senses and the forms of pregnancy of that immersion experience that I have called Samba Ocean. In order to navigate this ocean, I used the following theoretical anchors from studies of the Imaginary: "symbolic animal" as per Ernst Cassirer; "semantic basin" as per Gilbert Durand, "resonance/repercussion" as per Gaston Bachelard and "complex thought" as per Edgar Morin. Data collection began with a trigger question: in one or two words what comes to mind when you think of samba? "Joy", "fellowship", "magic", "celebration of the soul" and "art of the people" were some of the words mentioned revealing six aquifers. In view of the findings, I elaborated eleven forms of pregnancy for human formation: 1) the educator unleashes "disturbances"; 2) the educator must promote the "culture of interiority"; 3) the educator can propitiate "the cultivation of the soul" in the student; 4) "education is the ability to ask and not to answer"; 5) "that the bow and stern of our didactics are: to seek and find a method for teachers to teach less and students to learn more"; 6) "the truth is that no educational system in itself is preferable to another"; 7) "human formation spaces are not always the traditional ones; 8) "do not leave students considered by the education system as having no perspectives for the future as 'carcasses abandoned by the school tide"; 9) "knowledge and affection, the more we share, the more we accumulate", 10) "no one can build their knowledge on a rock of certainty" and 11) "innovation is a collective sport; creativity, a collaborative effort". The experiences lived in the samba jam sessions make them a powerful stronghold of human formation. It is for this reason that some crew members consider samba to be "the most important part of our lives," "the best thing there is," and "a faithful refuge from daily life on the Brazilian fringe". It is in it that we euphemize our existence and lead a "life with swing". These manifestations, often disliked by society, carry symbolic values that enrich the people who participate in them. These findings allow us to problematize other forms of formation and education beyond institutionalized spaces, showing that human formation in its broadest sense goes beyond the content developed in a classroom. The symbolic exchanges and the bonds reinforced between its frequenters showed that, among other spaces of human formation, samba jam sessions are one of them. In face of the convergences between theory and empirics, I defend the thesis that the samba jam sessions in this study are revealers of social microcosms and that in their core there lies a potential for human formation in those who frequent them.

Keywords: Samba Jam Session; Social Microcosm; Imaginary; Education; Human Formation.

Lista de Figuras

Figura 1	Resultados do Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES	41
Figura 2	Resultados da Fundação Biblioteca Nacional	45
Figura 3	Cassirer e suas formas simbólicas	68
Figura 4	Cassirer na roda de samba	70
Figura 5	Bacia semântica do samba	74
Figura 6	Ressonâncias e Repercussões na roda de samba	81
Figura 7	Relação das matrizes instauradoras do samba	83
Figura 8	Pensamento complexo e a roda de samba	85
Figura 9	Clube Caixeiral de Pelotas (fachada do prédio)	92
Figura 10	Clube Caixeiral de Pelotas (salão principal)	92
Figura 11	Fachada do Mercado Central de Pelotas	95
Figura 12	Vista aérea do Mercado Central de Pelotas	95
Figura 13	Local reservado às rodas de samba do Navegantes do Mercado Central	96
Figura 14	Tamarineira do Cacique de Ramos	99
Figura 15	Árvore do samba e seus nucleamentos simbólicos (aniversário de um ano do Boteco Marítimo Copa Rio)	101
Figura 16	Nucleamento e suas palavras (aniversário de um ano do Boteco Marítimo Copa Rio)	103
Figura 17	Árvore do samba e seus nucleamentos simbólicos (Navegantes do Mercado Central de Pelotas)	104
Figura 18	Nucleamento e suas palavras (Navegantes do Mercado Central de Pelotas)	106
Figura 19	Apresentação da proposta da feijoada em cápsulas no compartimento GEPIEM	111
Figura 20	Feijoada realizada para os tripulantes do Boteco Marítimo Copa Rio	112
Figura 21	Pichação (Preto Unido Preto Preso)	151
Figura 22	Pichação (Hitler Vive!)	151

Lista de Abreviaturas e Siglas

ABAPP	Associação dos Aposentados e Pensionistas da Universidade Federal de Pelotas
APUFPEL	Associação Beneficente dos Aposentados e Pensionistas de Pelotas
BMCR	Boteco Marítimo Copa Rio
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
dB	Decibel
GEPIEM	Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória
ICH	Instituto de Ciências Humanas
IFSul	Instituto Federal Sul-rio-grandense
NMC	Navegantes do Mercado Central
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SESC	Serviço Social do Comércio
SEST/SENAT	Serviço Social do Transporte / Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas

Sumário Marítimo

Guia de Bordo para Leitura da Tese: poesia(co^m/ns)ciência	17
1 Antes de adentrar uma nova aventura marítima: os mares desbravados até aqui e as intimações que me levaram a esta tese	23
1º Diário de Bordo	29
1 O navio Satolep-Samba	29
2 Um passeio pela biblioteca do navio	32
2.1 Primeira Estante: BRASIL	34
2.2 Segunda Estante: SAMBA	40
2.3 Terceira Estante: SIMBÓLICO	54
2.3.1 Ernst Cassirer – âncora teórica: “animal simbólico”	62
2.3.2 Gilbert Durand – âncora teórica: “bacia semântica”	72
2.3.3 Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão” ...	78
2.3.4 Edgar Morin – âncora teórica: “pensamento complexo”	83
2º Diário de Bordo	89
1 Primeira etapa das coletas	89
1.1 Boteco Marítimo Copa Rio	90
1.2 Navegantes do Mercado Central de Pelotas	94
2 Análise da primeira etapa da coleta de dados	99
3º Diário de Bordo	109
1 A segunda etapa da pesquisa de campo	109
2 Procurando um porto para atracar: Espanha e as tempestades	114
3 Reformulando e engrossando o caldo da feijoada de samba: alterando alguns temperos da receita	118
4 Pregnâncias educacionais para uma formação humana	136
5 Deixando o navio: a saideira da roda	149
Leituras a bordo	155
Leituras além bordo	174
Apêndices Marítimos	177
Anexos Marítimos	237

Guia de Bordo para Leitura da Tese: poesia(*co*^m/*ns*)ciência

Esta tese de doutoramento se insere na Linha de Pesquisa **Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem** do Programa de Pós-Graduação da Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Esse trabalho se volta à pesquisa das rodas de samba dentro de uma perspectiva dos estudos do Imaginário. Com base nessa área, aborda as âncoras teóricas “animal simbólico” (CASSIRER, 2005), para evidenciar os frequentadores da roda de samba como animais simbólicos imersos em um ambiente repleto de símbolos como o universo do samba; “bacia semântica” (DURAND, 2003), para problematizar o samba, sua origem e suas transformações; “ressonância/repercussão” (BACHELARD, 2005b), com a intenção de vislumbrar as relações entre as rodas de samba e seus frequentadores, bem como entre elas e os locais que as acolhem; e “pensamento complexo” (MORIN, 2005b), como princípio teórico e metodológico que busca romper com a redução analítica e propõe uma perspectiva mais ampla.

Meu estudo, intitulado de “**Navegando no Imaginário do Oceano Samba: as rodas de samba constituem-se como potencial formador humano?**”, tem sua matriz fundadora¹ em meu percurso formativo como professor de dança de salão, iniciado em outubro de 2006; nos recentes trabalhos desenvolvidos na Especialização, realizado no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) de Pelotas, cujo enfoque foram as relações de poder e gênero na condução da dança de salão; e no mestrado, realizado na UFPel, cuja temática foram as danças de corte francesas.² Agora no doutorado, voltei meu olhar para as rodas de samba em Pelotas/RS e, após a realização dessa nova viagem, **defendo a tese de que as rodas de samba nessa cidade são reveladoras de microcosmos sociais cuja prática potencializa a formação humana.**

Sendo assim, o objetivo geral foi **investigar as rodas de samba como possíveis reveladoras de microcosmos sociais**. Partindo da filosofia hermética³ cuja noção de microcosmo será apresentada ao longo da tese, pude perceber a

¹ Aqui é bom mencionar o conceito de “matriciamentos”, aprofundado por Peres (2012, p. 270), que “seriam matrizes fundadoras que estão na base do nosso projeto (auto)formativo existencial”.

² Como resultado da monografia de especialização ver artigo Nunes e Froehlich (2018). Após a defesa da dissertação de mestrado, o trabalho virou livro. Para saber mais, ver Nunes (2016).

³ A filosofia hermética será explorada baseada no livro **Caibalion** lançado sob o pseudônimo de Os Três Iniciados. Atualmente, sua autoria é atribuída a William Walker Atkinson (1862-1932).

manifestação como um espaço revigorador da biopsique que auxilia na formação humana de seus frequentadores.

No que concerne aos objetivos específicos, realizei um levantamento dos espaços que acolhem samba em Pelotas através de conversas informais com pessoas que os frequentam; desvelei as ressonâncias e repercussões que o samba provoca na vida delas; percebi as relações ocorridas nas rodas de samba e seu potencial formador.

A presente pesquisa é de cunho qualitativo com nuances de estudo de caso de caráter transdisciplinar. Qualitativa pelo fato de problematizar questões que não tem como foco a quantificação mas se volta ao “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...] que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-2). Transdisciplinar pois possui uma ligação com saberes populares, perpassa os estudos do Imaginário, englobando a história, a sociologia, a antropologia e as artes chegando e a educação – que é onde tudo deságua.

O estudo contou com três fases. A primeira consistiu num levantamento de produção sobre a temática, que realizei durante o segundo semestre de 2018 e janeiro de 2019, reatualizei nos meses de setembro e outubro de 2020 e exponho no tópico **Segunda Estante: SAMBA**. A esse material foram adicionados o referencial teórico e as âncoras teóricas selecionadas para o estudo. A segunda fase foi a da pesquisa empírica e contou com dois momentos: o primeiro foi realizado entre os meses de setembro e novembro de 2018 (tópico **Primeira etapa das coletas**) e o segundo nos meses de novembro e dezembro de 2019 (tópico **A segunda etapa da pesquisa de campo**). A terceira e última fase foi a análise das coletas que é esmiuçada nos tópicos **Análise da primeira etapa da coleta de dados**, que trata do primeiro momento da pesquisa empírica, e **Reformulando e engrossando o caldo da feijoada de samba: alterando alguns temperos da receita**, que se refere ao segundo momento.

A divisão de um trabalho científico é feita com uma introdução ao tema, a exposição dos pressupostos teóricos utilizados, a metodologia empregada, os resultados obtidos e os desdobramentos que se podem colher da pesquisa. No entanto, um fator essencial é camuflado sob o falso verniz de um encadeamento de ideias que vieram sem nenhum conflito, uma metodologia que “nasceu pronta” e um pressuposto de tese inicial que sempre é alcançado em seu final. Entretanto, não é

dessa forma que as coisas ocorrem e o processo de investigação que percorri ao longo desses quatro anos foi muito significativo para deixar no branco da folha.

Atualmente, assim “como o homem, o mundo é desmembrado entre as ciências, esfarelado entre as disciplinas, pulverizado em informações” (MORIN, 2008a, p. 26). Além disso, a fácil acessibilidade à informação fez da Internet o oráculo do saber: temos o *Google Doctors* – quando as pessoas consultam, na ferramenta de busca *Google*, informações sobre doenças e medicamentos para administrarem por conta própria – e o *Whats(cience)app* – quando o aplicativo *Whatsapp* é utilizado para compartilhamento de inúmeras informações, sejam elas verdadeiras ou não, que adentram o âmbito científico. É preciso fugir das armadilhas de uma ciência conservadora, contudo não podemos cair no risco de banalizá-la.

Feyerabend (2010, p. 37) menciona que “há pouca discussão sobre a grande variedade de disciplinas científicas, escolas, métodos, respostas. Tudo o que obtemos é um monstro monolítico, a ‘ciência’, que, segundo dizem, segue um único caminho e fala com uma única voz”. Uma das razões para que isso ocorra é que:

as ciências de hoje são empresas comerciais dirigidas segundo os princípios comerciais. A pesquisa em grandes institutos já não é guiada pela Verdade e pela Razão, e sim pelo modelo em voga mais recompensador; e as grandes mentes de hoje cada vez mais se voltam para onde o dinheiro está – o que significa questões militares. Não é a ‘Verdade’ que é ensinada em nossas universidades, e sim a opinião de escolas influentes (FEYERABEND, 2010, p. 125).

Bachelard (1979, p. 158) comenta que “um discurso sobre o método científico será sempre um discurso de circunstância”. Ele nunca é definitivo e muda de acordo com o arcabouço das experiências vividas. Por essa razão, o autor menciona que “os conceitos e os métodos, tudo é função do domínio da experiência” (BACHELARD, 1979, p. 158).

Após essas considerações, devo dizer que esmiuço os pressupostos teóricos, a metodologia, os achados e as reflexões decorrentes da análise dos dados por meio

de uma narrativa que denominei **poesia(co^m/ns)ciência**.⁴ Os cientistas são entendidos aqui para além da imagem corriqueira em que são vistos com jalecos brancos analisando, microscopicamente, assuntos que se definirão como verdade macroscópica. Não que os cientistas que correspondem a essa imagem não sejam importantes – aliás, na atual conjuntura pandêmica, devemos muitos a esses profissionais. O que quero evidenciar é que eles não se resumem a esses pesquisadores e que estes são tão importantes quanto os demais. A ciência, para esta tese, é o acesso ao conhecimento científico por meio de pesquisa cujo processo de realização transborda os limites de um laboratório bem equipado. De acordo com essa perspectiva, o empírico pode estar tanto em um laboratório, em uma propriedade privada, como também, como é o caso desse estudo, em um espaço público (Mercado Central de Pelotas) ou em um clube social (Clube Caixeiral de Pelotas).

A poesia normalmente é associada à forma de compor versos, contudo procuro transpassar esse conceito. A palavra poesia bebe aqui na fonte etimológica da *poíesis* aristotélica, que detém um amplo espectro de significados.⁵ Remete à escolha de um estilo de escrita que procure certa leveza na forma de apresentar a tese que defendo. É “um olhar revelador de mistérios e uma sabedoria resgatadora da nossa profunda humanidade. A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo” (COUTO, 2019b, p. 95).

De acordo com Oliveira e Silva (2001, p. 107-8):

[...] ciência e poesia têm afeições comuns. A ciência também cria os seus objectos, também os constrói, também os elabora. Não os encontra feitos, acessíveis à percepção ou à experiência imediata. O mundo da ciência também é uma construção. As teorias científicas, além de guardar uma relação de correspondência com a realidade, devem ser coerentes. As suas hipóteses devem ser credíveis, verosímeis. As vias de credibilidade utilizadas pela ciência são o indutivismo, onde o princípio assumido está enformado

⁴ A própria capa da tese carrega um pouco desse estilo considerado **poesia(co^m/ns)ciência**. Na imagem de baixo, apareço no navio Satolep-Samba cujas chaminés emanam as notas referentes ao início do refrão da música **Não Deixe o Samba Morrer** composta por Édson Conceição e Aloísio Silva. Na imagem acima, me encontro no violão; Ernst Cassirer, no pandeiro; Gilbert Durand, no prato-e-faca; Gaston Bachelard, no cavaquinho e Edgar Morin, no tantã. Os participantes da roda de samba são, da esquerda para a direita: Luis Garagalza, à esquerda no primeiro plano; Alberto Filipe Araújo, à esquerda mais ao fundo; na extrema esquerda está um dos membros do banca: Vania Grim Thies; na frente do professor Alberto, estão, da esquerda para a direita, três membros da banca: Jarbas Santos Vieira, Rosária Ilgenfritz Sperotto e Viviane Adriana Saballa; no fundo, entre as professoras Rosária e Viviane, está Mircea Eliade; no fundo, entre Viviane e Lúcia, está outro membro da banca: José Aparecido Celorio; ao lado de Viviane, está minha orientadora Lúcia Maria Vaz Peres; atrás de mim, com o violão, está Paul Feyerabend; bem à direita, estão Michel Maffesoli e outro membro da banca, Juremir Machado da Silva.

⁵ Mais acerca do termo *poíesis* em COLONNELLI (2009, p. 14-39).

pelo sucesso preditivo de acontecimentos singulares, e o método hipotético dedutivo, que confirma que as hipóteses dedutivas da imaginação científica só têm valor quando os seus propósitos se veem justificados pelas observações proposicionais que deles se deduzem. A ciência lida com a probabilidade, com a convergência, com a simplicidade. Poder-se-á admitir, em convívio com o conhecimento estritamente epistemológico, o conhecimento estético, poético, que também lida com a probabilidade (a verossimilhança aristotélica), com a convergência, com a simplicidade, mas de uma maneira diferente?

Se forem aceitas as noções de ciência e poesia expostas acima, a resposta para a pergunta do autor ao final de sua citação está pronta: é sim. Proponho a união da ciência com a poesia⁶ de forma que **poesia(co^m/ns)ciência** possa ser entendida tanto como **poesia com ciência**, no sentido de união e esforço colaborativo entre ambos, como **poesia consciência**, ao que se refere à utilização de estruturas poéticas para a construção do conhecimento científico conscientemente.⁷

Pensando no âmbito dos estudos do Imaginário, a proposta da **poesia(co^m/ns)ciência** é a união de dois regimes de imagens: o **Diurno** e o **Noturno**. Essa divisão proposta por Durand (2012) procura mostrar que cada regime tem uma forma de organização, de dinâmica em que os símbolos aparecem. O **Regime Diurno** é aquele vinculado à antítese, à divisão do universo em opostos, à racionalização, enquanto o **Regime Noturno** “estará constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo” que traz a união, a conciliação (DURAND, 2012, p. 197).

Pode-se alegar que expor os resultados de pesquisa através de uma narrativa poética, ao invés de facilitar seu entendimento, leva a dificultar a compreensão da mensagem do pesquisador. Contudo, acredito, assim como o poeta Teixeira (2001, p. 76), que “talvez por serem de tantos e tantas vezes falada, a palavra traz a sina de, às vezes, não dizer nada”.⁸ É comum que, as palavras, constantemente utilizadas no discurso científico, engessem a linguagem acadêmica e se esvaziem de sentido por

⁶ Couto (2019c, p. 60) diz que “poesia e ciência são entidades que não se podem confundir, mas podem e devem deitar-se na mesma cama”.

⁷ Morin (2005a, p. 35) revela que “qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma, racional, empírica, prática, técnica; outra, simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, esse halo de significações que circunda cada palavra, cada enunciado e que ensaia traduzir a verdade da subjetividade. Essas duas linguagens podem ser justapostas ou misturadas, podem ser separadas, opostas, e a cada uma delas correspondem a dois estados”.

⁸ Parece ser também nesse sentido que Couto (2019a, p. 13) diz que “a palavra de hoje é cada vez mais aquela que se despiu da dimensão poética e que não carrega nenhuma utopia sobre um mundo diferente”.

serem repetidas com tanta frequência e seguirem um modelo rigidamente estruturado não comunicando o que deveria ser transmitido.

Novamente é possível contestar se um **poeta** possui a força argumentativa necessária para justificar tal ato do pesquisador em âmbito acadêmico. Para responder esse questionamento, levaria páginas discorrendo sobre a concepção de ciência o que não é o propósito desta tese e, por essa razão, menciono apenas dois pontos importantes.

Primeiro, compactuo com Latour (2011, p. 78), que menciona que a ciência “é planejada para alijar logo de cara a maioria das pessoas”. O conhecimento, que deveria ser propagado por meio de uma leitura acessível, se torna um martírio devido a seu rigoroso estilo acadêmico. Talvez por isso, Couto (2019c, p. 49-50) diga que:

[...] nós herdámos uma ideia de ciência que vive de costas para a necessidade de trazer leveza e construir beleza. Alguma coisa que se pretenda científica deve-se apresentar de trajes cinzentos, solenes. Para merecer credenciais científicas as nossas acções precisam de ter uma seriedade quase ascética.

Um segundo aspecto, vinculado ao anterior, é sobre como apresentar resultados científicos que viabilizem e até mesmo instiguem as pessoas a sua apreciação. Feyerabend (2011, p. 15, grifo meu) questiona se “devemos continuar usando termos antiquados para descrever *insights* novos, ou não seria melhor começar a usar uma nova linguagem? E não seriam **poetas** e jornalistas de grande auxílio para encontrar tal linguagem?”. Parece ser nessa mesma linha que Durand (1999a, p. 281, tradução minha) dá um conselho aos novos cientistas.

E se devemos terminar com um conselho dirigido aos jovens pesquisadores antropólogos, esse conselho deve desdobrar-se em dois: o primeiro – o que dava Bachelard a seus últimos estudantes em sua matéria de Filosofia da ciência, antes de desaparecer, é ‘ler os poetas’, isto é, não desprezar nada da cultura, não separar pretenciosamente a ciência do homem do léxico cotidiano nem do canto e as queixas dos homens que expressam os poetas, preservadores do mito. Os poetas permitem levantar a tampa asfixiante de nosso etnocentrismo tecnocrático, burocrático e cientista.⁹

⁹ No original: “Y si debemos terminar con un consejo dirigido a los jóvenes investigadores antropólogos, ese consejo debe desdoblarse en dos: el primero – el que daba Bachelard a sus últimos estudiantes desde su cátedra de filosofía de la ciencia, antes de desaparecer, es ‘leer a los poetas’, es decir, no desprezar nada de la cultura, no separar pretenciosamente la ciencia del hombre del léxico cotidiano ni del canto y las quejas de los hombres que expresan los poetas, mantenedores del mito. Los poetas permiten levantar la tapadera asfixiante de nuestro etnocentrismo tecnocrático, burocrático y cientista”.

Decidi, com isso, apresentar minha tese por meio de uma forma de escrita que denominei anteriormente **poesia(co^m/ns)ciência**. Trago a pesquisa realizada por meio de uma metáfora do capitão de um navio, o pesquisador em questão, que fala em primeira pessoa sobre sua investigação marítima. O foco da estruturação da escrita e seus capítulos estão voltados para o caminho processual que o navio singrou.

O trabalho principia com o tópico **Antes de adentrar em uma nova viagem marítima: os mares desbravados até aqui e as intimações que me levaram a esta tese**. Nele apresento um pouco do perfil deste marujo, os mares explorados anteriormente e sua trajetória marítima até chegar a minha investigação doutoral. Após, a investigação marítima é dividida em três diários de bordo, nos quais descrevo detalhadamente minha última viagem marítima realizada com o aval do PPGE da UFPel: o primeiro diário discorre sobre os espaços do navio e se detém no referencial teórico e no Estado da Arte da tese; o segundo, traz a descrição da empiria, a coleta e a análise da primeira etapa da pesquisa de campo, culminando na apresentação dos achados aos consultores marítimos; o terceiro, acompanha a segunda etapa das coletas, as análises dos achados e as onze pregnancies educacionais que foram elencadas para um futuro educador, finalizando com um resumo da viagem. Por fim, mostro as fontes utilizadas, as leituras que foram deixadas de lado no decorrer da viagem e algumas sugestões de músicas cuja letra tem como enfoque a roda de samba (Apêndice A).

Ao longo da escrita, foram selecionados trechos de músicas e de livros para começar o assunto de cada tópico. Sou o capitão do navio nesta empreitada e, antes de apresentar minha embarcação, gostaria de passar, ao menos pelo costado, de alguns mares que já naveguei.

1 Antes de adentrar em uma nova aventura marítima: os mares desbravados até aqui e as intimações que me levaram a esta tese

*QUEM SE ATREVE A ME DIZER, DO QUE É FEITO O SAMBA?
QUEM SE ATREVE A ME DIZER?
MARCELO CAMELO*

Como mencionado anteriormente, neste tópico relato um pouco de meu trajeto formativo, os mares pelos quais naveguei até culminar na viagem marítima referente ao doutorado. São os mares já visitados ao longo de minha trajetória.

Marcelo Camelo, integrante da banda **Los Hermanos**, executa, de forma ousada, um samba falando sobre o tema sem utilizar seus instrumentos característicos, encontrados com frequência em uma roda de samba (cavaquinho, pandeiro, tantã etc.).¹⁰ Instigado por Camelo (2003) com a indagação “Do que é feito o samba?”, naveguei por quatro anos no imenso universo cultural do **Oceano Samba**, termo cuja escolha é explicada mais adiante. Assim como ele levantou a questão com uma abordagem diferenciada, também pretendo mostrar meus resultados livres das amarras de escritas acadêmicas engessadas e padronizadas.

Convém aqui destacar novamente que o desafio não é cumprido em sua totalidade. Atrevo-me a responder apenas pelas rodas de samba pesquisadas neste estudo e que ocorreram na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Antes, porém, falarei um pouco de minha trajetória, que revela minha ligação com o objeto de estudo através da abordagem dos caminhos navegados até aqui.

Morin (2007a, p. 25) considera que “‘Quem somos?’ é inseparável de ‘Onde estamos?’, ‘De onde viemos?’, ‘Para onde vamos?’”.¹¹ Acredito, assim como Morin, que as intimações que me trouxeram até esse momento têm ligação com quem somos, onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. O ser humano deve ser situado no universo e não apartado dele (MORIN, 2007a).

Entendo que uma das justificativas de um trabalho acadêmico deva ser o envolvimento pessoal com o assunto a ser pesquisado. Muitas vezes, a instigação para a pesquisa científica surge de questionamentos que rondam o investigador por todos os lados.

Meu processo formativo foi constituído por muitas sinuosidades em seu caminho, mas sempre teve a dança e a música como papéis de destaque. Acredito que minha vida caminha de mãos dadas com a dança e a música e ambas são partes constituintes de meu ser, estando presentes em meu trabalho, em meu estudo e em meus momentos de lazer. Desde meus primeiros meses nos embalos ao som de cantigas de ninar até os dias de hoje, tenho muito apreço pela música e pela dança e, por isso, relato brevemente dois “momentos-charneira”, acontecimentos que podem

¹⁰ Marcelo Camelo é integrante do grupo brasileiro **Los Hermanos**, que costuma ser rotulado como rock alternativo. A epígrafe utilizada é um trecho da música **Samba a Dois**, do álbum **Ventura**, lançado pela banda em 2003.

¹¹ As reflexões sobre o significado da vida são abordadas por muitos pensadores. Deixo aqui uma indicação artística sobre o tema: o óleo sobre tela **De onde viemos? O que somos?, Para onde vamos?** [1897 ou 1898], de Paul Gauguin, que se encontra atualmente no **Museu de Belas Artes de Boston**, nos Estados Unidos.

ser considerados como “divisor de águas” (JOSSO, 2004, p. 64): um que fez brotar minha paixão pela dança e outro que me colocou nas pegadas do ensino.

Preciso dizer que, ainda pequeno, já gostava de escutar música e assistir a variados tipos de dança, embora não tivesse o costume de praticá-las. Comecei a estudar violão e canto antes de me envolver definitivamente com a dança. Foi uma experiência vivida em minha adolescência, quando tinha por volta de quinze ou dezesseis anos, ao participar de uma festa em uma casa noturna, que me conduziu ao caminho da dança. Era algum dia, de algum mês, de algum ano do calendário gregoriano. Aqui o mais importante, não é o tempo cronológico, mas sim o tempo ocasional, o tempo de meu primeiro “momento-charneira”. Ao ser convidado para dançar por uma garota, tive que, envergonhadamente, rejeitar o convite, pois, na época, meus pés não se harmonizavam muito bem dançando. Muito pior seria a tarefa de exteriorizar minha falta de coordenação com outro par, já que seriam mais dois pés próximos a meus pés descompassados.

Não posso lembrar exatamente as palavras pronunciadas, mas me recordo que a garota disse algo como: “Esses meninos vêm a festa e não sabem dançar!”. Aquilo me atravessou em cheio, pois, até aquele momento, a única coisa que sabia embalar com certa noção rítmica era a cerveja em meu copo de plástico.

A frase ressoou em mim como uma afronta. A partir de então, a dança se integrou a minha rotina: fiz disciplinas optativas de dança durante a graduação em Educação Física pela UFPel e realizei cursos de formação profissional em dança em diversos locais do Brasil. Após quase dez anos de concluída a graduação, entrei no mestrado em História e desenvolvi uma dissertação que abordava a importância da dança e seus diversos papéis representados na corte francesa do reinado de Francisco I a Luís XIV. Juntamente com o mestrado, realizei uma especialização em que tratei sobre a concepção da condução nas danças de salão.

Meu segundo “momento-charneira” se deu em 2009 quando fiz meu primeiro curso fora do estado, mais especificamente na cidade de São Paulo. O **3º Sampa Dança** contou com inúmeras aulas dos mais variados estilos, mas uma me chamou atenção: a oficina intitulada **Musicalização – Percepção Corporal dos Parâmetros Rítmicos**, ministrada pelo professor Ernani de Castro Maletta.¹² A forma mágica como

¹² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é professor do curso de graduação em Teatro e do Mestrado e Doutorado em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG.

ele ensinava questões relativamente complexas acerca de teoria musical (notas musicais, divisões de compasso), por meio de caminhadas, palmas e quiques de bola de tênis, despertou em mim uma nova paixão: o prazer em ensinar.

As aulas de dança de salão e os questionamentos que surgiam acerca tanto da dança quanto do ensino fizeram com que eu, enquanto capitão de meu navio, virasse o timão e fosse na direção que se avizinhava em meu caminho: a educação.

Os mares que buscava desbravar no futuro ainda não estavam bem delineados e minha primeira tentativa em realizar essa missão se deu no final de 2015. Em outubro, o projeto intitulado “**O corpo africano no Brasil: uma mistura que deu samba**” não passou pela avaliação da banca de seleção marítima.

Com a frustração dessa primeira empreitada, surgiu a reformulação de meu projeto. Seria necessário esperar até o final de 2016 para passar por um novo processo de avaliação da proposta. Dessa vez, não mais marujo de primeira viagem, fiz uma matéria como aluno especial no PPGE e fui acolhido, no segundo semestre desse mesmo ano, nas reuniões do **Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM)**¹³ coordenado pelas professoras Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres e Dr^a. Andrisa Kemel Zanella. Nesses encontros, surgiu o primeiro esboço do novo projeto que idealizei.

Antes de delinear o início da viagem, decidi, sempre me referir a minha orientadora utilizando a palavra farol, pois é ele que serve de guia ao navegante embora, em alguns momentos, não seja possível observá-lo. Isso sugere que houve ocasiões, durante o desenvolvimento do estudo, em que singrei os mares por conta própria, pois o farol não indicava o caminho ao navegador ou por não dar a devida atenção a suas luzes.

O farol não tinha certeza se poderia me auxiliar nessa jornada pois estava se preparando para desativar suas luzes de orientação. Já havia guiado muitos navegantes por diferentes mares e gostaria de exercer outras atividades, aproveitando melhor o som do mar. Ele foi a principal referência de localização ao longo de minha viagem de doutorado e serviu de auxílio para que eu me salvasse de enrascadas marítimas. Além do farol, componentes do GEPIEM, que tinham um cômodo próprio no navio, conforme é mostrado no tópico **O navio Satolep-Samba**, contribuíram

¹³ Mais informações sobre o GEPIEM podem ser encontradas em: <<https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/>>. Acesso em 05 mar. 2021.

propondo direcionamentos a serem seguidos e estiveram comigo ao longo da navegação.

No final de 2016, um novo trabalho foi submetido à banca de avaliação marítima. Dessa vez, o projeto intitulado “**Samba-sótão/samba-porão: uma simbologia da construção da casa-corpo na dança**” foi aprovado e, desde esse momento, tive como farol a professora Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres. Eis que uma aluna minha de dança salão seria minha orientadora nessa jornada!

Nessa etapa, como capitão do navio, sentia meu lado dançarino ainda impregnado no pesquisador, o que se refletiu no título de sua proposta inicial. Durante esse período, uma obra discutida nas reuniões do GEPIEM havia me causado um profundo impacto: **A Poética do espaço** (2005b), de Gaston Bachelard, cujas implicações na tese serão debatidas no tópico **Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”**.

No início, minha proposta era pesquisar o samba por meio de um neologismo “**corpo-samba**”. Se é verdade que, como diz o ditado, “com o andar da carruagem, as abóboras se acomodam”, no mundo náutico posso afirmar que, com o singrar do navio, a pesquisa se torna mais inteligível.

Morin (2005c, p. 142) comenta que “o objeto de estudo metamorfoseia-se segundo o tipo de visão a ele dirigida”. Inicialmente, o projeto tinha a intenção de pesquisar o samba relacionado ao corpo e à dança e, nessa etapa, havia desenvolvido a metáfora “**corpo-samba**” na tentativa de desvelar aspectos constituintes dessa figura de linguagem. Contudo, na primeira ida a campo, em setembro de 2018, o que me chamou mais atenção foi a energia que o espaço e seus frequentadores me transmitiam. Devido a isso, acabei voltando minha atenção aos espaços de samba para tentar responder a seguinte questão com esta tese: será que as rodas de samba podem ser consideradas reveladoras de microcosmos sociais?

Uma possibilidade de compreensão da noção de microcosmo é por meio do hermetismo, cujo segundo princípio, conhecido como **Princípio da Correspondência**, diz que: “**o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 21, grifos do autor). Posso inferir desse axioma um conjunto variado de revelações sendo uma delas a de que o que ocorre no macrocosmo se passa no microcosmo e vice-versa.

Uma das ideias apresentadas por Allers (1944) sobre o microcosmo é que ele pode ser visto como um correspondente simbólico do Universo (macrocosmo) em sua totalidade ou em alguma de suas partes. Embasado nessas considerações sobre o microcosmo, projeto os encontros de samba como pequenos microcosmos sociais. Ao longo dos tópicos **Um passeio pela biblioteca do navio, Gilbert Durand – âncora teórica: “bacia semântica”, Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”, Edgar Morin – âncora teórica: “pensamento complexo” e Reformulando e engrossando o caldo da feijoada de samba: alterando alguns temperos da receita**, os princípios da filosofia hermética também são trabalhados.

Dessa maneira, como capitão do navio, guardei, pelo menos momentaneamente, meus sapatos de dança para aproveitar o balanço do navio pelo oceano. Somente os uso furtivamente em momentos em que esse vasto conteúdo aquífero não é investigado.

Para relembrar o que havia exposto no início da tese e tendo em vista a problemática de minha pesquisa, mencionada anteriormente, repito que como objetivo geral **investiguei as rodas de samba como possíveis reveladoras do microcosmo social e seu potencial formador**. No que concerne aos objetivos específicos, realizei um levantamento dos espaços que acolhem samba em Pelotas através de conversas informais com seus frequentadores; desvelei as ressonâncias e repercussões que o samba causa na vida das pessoas que frequentam as rodas de samba; percebi as relações ocorridas nessas rodas, que tocam samba, e seu possível potencial formador.

1º Diário de Bordo

No que concerne especificamente a este primeiro diário de bordo, descrevo as características da minha embarcação e seus principais locais explorados ao longo da viagem doutoral. Depois, apresento, de forma detalhada, o compartimento destinado ao acervo que embarcou comigo e aos materiais que encontrei já durante a navegação. Esse compartimento foi dividido em três estantes – **BRASIL, SAMBA, SIMBÓLICO** – nas quais se encontram o referencial teórico e o Estado da Arte desta pesquisa.

Exploro, mais demoradamente, a última estante e as âncoras teóricas da tese que se encontram em: **Ernst Cassirer – âncora teórica: “animal simbólico”, Gilbert Durand – âncora teórica: “bacia semântica”, Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”, Edgar Morin – âncora teórica: “pensamento complexo”**.

Antes de adentrar mares nunca navegados por mim, precisei escolher uma embarcação adequada, o que é assunto do próximo tópico.

1 O navio Satolep-Samba

*MARINHEIRO Ê, MARINHEIRO Á,
MARINHEIRO Ê, SOL VAI SE PERDER NO MAR*
TERESA CRISTINA

Saí a navegar cantando os versos acima: “Marinheiro ê, marinheiro á, marinheiro ê, sol vai se perder no mar”.¹⁴ Uma viagem dessa proporção traz consigo riscos e desafios que, muitas vezes, não há como serem previamente calculados. Muitos sóis se perderam no mar até que eu tivesse convicção de seguir a direção desejada.

Há um estranho sentimento de instabilidade em qualquer pessoa que empreende uma viagem. Morin (2000, p. 86) diz que “o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas”. Acredito ser essa a principal razão para se lançar ao mar, pois se eu realizasse uma viagem cujos

¹⁴ Trecho da música **Acalanto**, gravada no disco **A vida me fez assim**, de 2004, de **Teresa Cristina e Grupo Semente**.

resultados concebesse de antemão, não teria razão para iniciar a jornada. De acordo com Bachelard (1998, p. 76, grifos do autor),

[...] parece que a **utilidade de navegar** não é bastante clara para determinar o homem pré-histórico a escavar uma canoa. Nenhuma utilidade pode legitimar o risco imenso de partir sobre as ondas. Para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos. Ora, os verdadeiros interesses poderosos são os interesses quiméricos. São os interesses que sonhamos, e não os que calculamos. São os interesses fabulosos.

Para o autor, o que move o ser humano a se aventurar no mar são forças que residem em nosso âmago. A curiosidade e os sonhos humanos já empreenderam inúmeras façanhas pela Terra. Contudo, essa animação que mobiliza empreender uma navegação traz consigo o medo do naufrágio e o que me fortalece são os “valores de intimidade” que residem na minha embarcação (DURAND, 2012, p. 250).

Talvez porque a vida surgiu na água, o oceano navegado me contou muitas histórias durante a viagem.¹⁵ É importante salientar que embora a embarcação tenha passado por uma porção de águas volumosas, somente um trecho dessas águas foram aprofundadas neste trabalho, mais especificadamente as rodas de samba escolhidas por mim. Essa viagem se deu em um território marítimo que chamei de **Oceano Samba**.

Embora não seja supersticioso, procurei dar meu primeiro passo no navio com o pé direito.¹⁶ Batizado de **Satolep-Samba**,¹⁷ ele me acompanhou durante toda a pesquisa e traz em si, como o próprio nome sugere, características de minha cidade natal: Pelotas, Rio Grande do Sul. Por essa razão, sempre que um compartimento do navio é explorado, um pouco de Pelotas se vislumbra.

Devido à importância que o **Satolep-Samba** tem nesta investigação científica, nada mais justo que fornecer detalhes sobre seu interior. Os seis principais espaços do navio, importantes para o desenvolvimento desta pesquisa, precisam ser conhecidos antes de passarmos para os argumentos acerca dos objetivos que foram explorados.

¹⁵ Aqui me baseio na Hipótese de Aleksandr Ivánovitch Oparin e John Burdon Sanderson Haldane divulgada na década de 1920. Mais sobre o assunto em *The Origin of Life* (1953), de Oparin. Para um tratamento diferente do tema, ver Cascudo (2014).

¹⁶ Mais sobre a superstição sobre o pé direito em Cascudo (2002).

¹⁷ **Satolep** é a palavra **Pelotas** escrita ao contrário. Já foi nome de famoso bar noturno nas décadas de 1980 e 1990 e título de um romance publicado pelo escritor Vitor Ramil em 2008.

O primeiro dos cômodos do navio é dedicado à pesquisa de doutorado propriamente dita. Lá, ao lado do mapa-múndi, um roteiro do estudo (ficha organizativa): pressuposto de tese, objetivos, âncoras teóricas (teoria), e os métodos e análise de pesquisa – que foram flexíveis de acordo com o trajeto seguido pelo navio.

Uma grande biblioteca foi alojada em outro cômodo que, na partida do navio, contava com inúmeras obras. Ao longo da navegação, os livros foram organizados por assunto até chegar às noções-chaves que embasam este estudo.

O terceiro cômodo abrigava o **Instituto de Ciências Humanas** (ICH), onde havia um local de aconselhamento intitulado GEPIEM. Lá ocorriam encontros com o principal farol de comunicação desta pesquisa e outros quatro colegas, capitães de suas próprias embarcações (um deles, a Andrisa, principal âncora do grupo, já havia retornado de sua viagem e aconselhava os demais capitães a bordo; outro, a Francine, ao regressar de viagem, deixou a embarcação). Em determinados momentos após o contato com o GEPIEM, observava que o farol reluzia de felicidade, em outros, difundia uma luz melancólica como se houvesse saído da caverna de Trofônio.¹⁸

Levei também, acomodado em um canto do navio, um violão que apelidei carinhosamente de **Coração de Madeira**.¹⁹ Ele me ajudou ao longo da navegação nos processos em que aquele outro coração, que se encontra dentro do peito, parecia ansioso e indeciso frente às águas exploradas.

Em momentos em que a leitura não era tão densa, colocava meus fones de ouvido e escutava música. Era uma forma de entreter as palavras que lia, fazendo-as dançar na folha, o que tornava a leitura prazerosa. Em outras oportunidades, lia ao som do mar, que parecia se agitar de acordo com a intensidade da leitura.

Como um capitão atrevido, em alguns momentos, não seguia o roteiro apontado pela bússola. Esse instrumento, embora importante na minha jornada, poderia guiar meu rumo sem maiores percalços facilitando a chegada do navio em determinado ponto. Por essa razão, em determinados momentos, deixei a maré me levar, confiei no meu instinto e contei com as orientações do farol, dos

¹⁸ Segundo a mitologia grega, quem consultava o oráculo de Trofônio voltava triste e abatido (BULFINCH, 2016). Mais sobre Trofônio em Bonnechere (2003) e Ustinova (2009, p. 90-6).

¹⁹ **Coração de madeira** é o nome de uma canção com letra de Adriano Silva Alves e música de Cristian Camargo. É uma metáfora utilizada ao violão e a letra da música que inspirou a utilização desse termo na tese está disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/marcelo-oliveira/1990258/>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

aconselhamentos do GEPIEM e da banca de avaliação – que chamo, ao longo da tese, de consultores marítimos.

Havia vários locais no navio em que se poderia pesquisar o samba. O primeiro em que pensei em adentrar foi o compartimento conhecido como **Liberdade Marítima**, inaugurado em 1974 e considerado o “santuário de samba e choro” (ZERO HORA, 2014, p. s/p.). Contudo, foi fechado em fevereiro de 2013 e, desde então, não foi mais reaberto.²⁰ Em dúvida sobre que rumo tomar, eu me deparei com um cartaz que estava afixado em algum local da embarcação (Anexo A). As portas do samba começavam a se abrir!

Antes de explorar os outros dois cômodos do navio **Satolep-Samba**, me detenho agora, de forma mais demorada, na biblioteca do navio.

2 Um passeio pela biblioteca do navio

*A OBRA DO ESCRITOR NÃO PASSA DE UMA ESPÉCIE DE INSTRUMENTO ÓPTICO
QUE ELE OFERECE AO LEITOR A FIM DE PERMITIR QUE ESTE DISTINGUA
AQUILO QUE, SEM O LIVRO, TALVEZ NÃO PUDESSE VER EM SI MESMA*
MARCEL PROUST

A analogia proposta por Proust (2016c) de tratar o livro como um instrumento óptico que auxilia o pesquisador é bem conhecida e possibilita vislumbrar os problemas com a colaboração de outros pontos de vista. No caso do meu trabalho, essa analogia vale para todo o referencial teórico, que se encontra nessa seção.

Aparecem, em muitos trabalhos científicos, teorias de autores discutidas profundamente cuja relação dos pressupostos com a metodologia aplicada e o objeto de estudo nos levam a crer que foram implementados desde o princípio da investigação, faltando apenas a mão de um hábil investigador para dar forma a esse conteúdo. Contudo, não é dessa maneira que as coisas ocorrem.

O suporte teórico é fundamental para o processo argumentativo de uma pesquisa científica. Marques (2006, p. 24) comenta que “o apoio bibliográfico se deve

²⁰ **Liberdade Marítima** é o nome fictício para o **Bar e Restaurante Liberdade**. Após os incidentes da **Boate Kiss**, em janeiro de 2013, as autoridades locais fecharam diversos clubes e casas noturnas da cidade de Pelotas por não possuírem saídas de incêndio apropriadas à norma vigente. Além da falta de adequação quanto a saída de emergência, o prédio era tombado, o que impossibilitava grandes reformas (FARACO, 2014, p. s/p.). Em 2011, foi lançado um belíssimo filme/documentário, dirigido por Cíntia Langie e Rafael Andreazza e intitulado **O Liberdade** que conta a história do local. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZK9Gt3C4zo>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

buscar na hora do escrever, para que seja inspiração, ajude a sair dos impasses, a descortinar novos horizontes e caminhos”. Esse suporte teórico da pesquisa foi elaborado com a finalidade de problematizar o samba em distintas áreas do conhecimento.

De acordo com Latour (2011, p. 48), um trabalho científico sem referências “é como uma criança desacompanhada a caminhar pela noite de uma grande cidade que ela não conhece”. Contudo, uma tese com dez páginas de referências não garante robustez ao texto; é preciso usá-las com sabedoria. Aquele leitor minucioso pode perscrutar cada obra mencionada para julgar “até que ponto elas correspondem à tese do autor” (LATOURE, 2011, p. 49).

A biblioteca de meu navio era vasta, contudo sua organização deixava a desejar: um exemplo de caos e desarrumação. Na partida, decidi levar todos os livros possíveis e acomodei-os desordenadamente naquele que foi um cômodo bastante visitado no decorrer dos quatro anos de viagem. Na verdade, muitos daqueles livros não foram usados e outros foram adquiridos durante o percurso. Além dos livros, teses e dissertações que abordam as rodas de samba encontradas através de pesquisas realizadas durante a navegação foram colocadas nessa estante.

Organizar uma biblioteca dessa proporção e ainda cuidar da rota do navio, prestando atenção nas correntes marítimas que se avizinhavam não foi uma tarefa fácil. Essa organização foi realizada ao longo de toda a investigação marítima e contou com a ajuda proporcionada pelo farol desta tese e pelo GEPIEM, que permitiram a flexibilidade das prateleiras quanto aos autores e seus respectivos temas.

A umidade do navio **Satolep-Samba**, que parecia carregar uma herança genética da minha cidade natal, era alta. Uniu amigavelmente alguns livros que, se tivessem força própria, romperiam a amizade, reclamando por mais espaço na biblioteca. A umidade venceu e, muitas vezes, grudou teóricos de perspectivas antagônicas que discorrem sobre o mesmo tema.

De certa forma, a umidade ajudou a evitar o que Wittgenstein (2009, p. 208) disse ser uma das principais causas das doenças no âmbito filosófico: “[uma] dieta unilateral: alimentamos nosso pensar só com uma espécie de exemplos”. Não apenas na filosofia, mas na ciência como um todo isso é um grande risco. No entanto, é preciso ter cuidado com a variedade da dieta: usar milhares de ingredientes pode deixá-lo empanturrado e sem possibilidade de uma boa digestão. O mesmo se dá nas variadas leituras que podem saciar a pessoa, mas não nutri-la adequadamente.

Para não fazer ciência narrando apenas o ponto de vista do lado vencedor que Benjamin (1987) tanto criticava, procurei trazer livros que abarcassem diferentes perspectivas para evitar, ao máximo possível, uma visão tendenciosa das coisas. Era necessário dar lugar a outras vozes e problematizar o tema com o suporte teórico de diferentes pontos de vista para não cair no “perigo de uma história única”, algo sobre o que Adichie (2009) tanto alertou.²¹

Para dispor os livros na ampla biblioteca, não os ordenei em ordem alfabética nem levei em conta o período em que o trabalho foi publicado. Resolvi adotar o mesmo sistema que Aby Warburg usou para organizar sua coleção: a política da boa vizinhança. Autores de diferentes disciplinas e períodos históricos poderiam reunir-se lado a lado. Em alguns momentos, certos livros trocaram de lugar, outros foram acrescentados e/ou retirados da biblioteca. Os teóricos não precisavam ter o mesmo ponto de vista sobre o assunto, mas poderiam estar próximos desde que debatessem o mesmo tema.²²

Um bom tópico para exemplificar essa forma de organização é o tema povo brasileiro. Um nome identificava o assunto que os livros dispostos em cada prateleira problematizavam. Todos os nomes foram escritos em letras garrafais e o que corresponde à primeira estante é BRASIL.

2.1 Primeira Estante: BRASIL

Essa estante tem autores que problematizam o Brasil e sua construção desde o período colonial. Como eu era um capitão em busca de diferentes pontos de vista sobre o processo de formação socio-histórico-cultural brasileiro, optei por dispor nessa prateleira obras de autores com diferentes percepções acerca do Brasil.

Embora não seja objetivo desta tese falar sobre o Brasil e seu povo, é preciso compreender o nosso processo de formação e a dificuldade de se debater sobre o tema. Isso ocorre pelo fato de termos apenas “o testemunho de um dos protagonistas,

²¹ **O perigo de uma história única** foi uma palestra da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie proferida em 2009 no Technology Entertainment Design (TED) cujas conferências visam a disseminação de ideias. Sua palestra foi transcrita e virou livro, com versão em português, em 2019.

²² Tomo como base para a descrição da Biblioteca de Aby Warburg (EILENBERGER, 2019, p. 151-5; GARAGALZA, 2017, p. 53). Aby Warburg foi um historiador de arte e seu acervo, que atualmente se encontra em Londres, “[...] transformou as histórias da arte, literatura e música e, enfatizando campos como astrologia e magia, antecipou muitos dos desenvolvimentos no pensamento moderno da história da ciência” (THE WARBURG INSTITUTE, 2018, p. s/p.)

o invasor. Ele é quem relata o que sucedeu aos índios e negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas” (RIBEIRO, 2018, p. 26).

Escolhi como primeiro livro da biblioteca uma visão do colonizador sobre o Brasil. Pedro Almeida Vieira escreveu **Assim se pariu o Brasil**, publicado em 2016. O título pode parecer uma zombaria, ainda mais se formos considerar o local de nascimento do autor: Portugal. Contudo, não é essa impressão que fica ao ler a obra do português.

Vieira (2016) levanta dois pontos importantes: um deles é quem seria o primeiro europeu a pisar em solo brasileiro. O debate entre historiadores trazido pelo autor deixa a responsabilidade pela descoberta do Brasil entre a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral ou a armada capitaneada por Duarte Pacheco Pereira em 1498.

O segundo ponto é exatamente sobre a palavra “descobrimento”. De acordo com Vieira (2016, p. 129), “[...] em Portugal muitos políticos e acadêmicos optam por usar ‘achamento’, porque, segundo a perspectiva dos povos indígenas, os europeus nada descobriram (uma vez que o território já existia); logo eles apenas o acharam”.²³

No que se refere aos estudos desenvolvidos por estudiosos brasileiros, as obras **Raízes do Brasil** (2018), de Sérgio Buarque de Holanda e **Casa-Grande e Senzala** (2003), de Gilberto Freyre são indispensáveis. Candido (2018) menciona que **Raízes do Brasil** (publicado em 1936) e **Casa-Grande e Senzala** (publicado em 1933) – ao lado de **Formação do Brasil Contemporâneo** (publicado em 1942), de Caio Prado Júnior, – são livros fundamentais para aprender e refletir sobre o Brasil. Essas três obras “traziam a denúncia do preconceito de raça, valorização do elemento de cor, a crítica dos fundamentos ‘patriarcais’ e agrários, o discernimento das condições econômicas, a desmitificação da retórica liberal” (CANDIDO, 2018, p. 12).

A obras **Casa-Grande e Senzala** e **Raízes do Brasil**, além de sua importância para a compreensão da sociedade brasileira, têm outra característica relevante para esta tese: ambas foram lançadas na década de 1930,²⁴ período em que o samba

²³ “Em Portugal, as comemorações oficiais dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil usaram também o termo ‘achamento’” (VIEIRA, 2016, p. 129).

²⁴ Cabe aqui ressaltar que a versão de **Raízes do Brasil** que serve de apoio para este trabalho é a segunda edição, publicada em 1947. De acordo com Mello (2018, p. 229), esse texto “foi substancialmente modificado pelo seu autor na esteira de mudança de percurso que efetuara nos dez anos anteriores”.

passa a ser considerado símbolo nacional brasileiro (VIANNA, 2012, p. 111).²⁵ Esse samba será perpetuado nas rodas de samba que são o foco da minha pesquisa.

Dos setes capítulos de **Raízes do Brasil**, o capítulo 5, intitulado **O Homem Cordial**, é o que até hoje produz mais debate. Para Holanda (2018), o brasileiro era um homem cordial que agia de acordo com sentimentos experienciados pelo coração (*cordis*, em latim), era um ser apaixonado. Até hoje, podemos vislumbrar esse aspecto presente inclusive na relação de muitas pessoas com o samba. Suas paixões, suas desavenças, suas preferências, seus desgostos, tudo isso faz do brasileiro, cordial.²⁶

Freyre (2003) tenta, pela análise da mestiçagem²⁷ na formação do povo brasileiro, dar um novo valor a essas novas identidades o que levaria a uma equilíbrio nos valores de africanos, indígenas e europeus. Contudo, para Ribeiro, isso “não chega a configurar uma democracia racial” (2018, p. 170) e mostrarei, no tópico **Reformulando e engrossando o caldo da feijoada de samba: alterando alguns temperos da receita**, que as rodas de samba revelam estarmos longe de uma igualdade racial.

Para se unir aos trabalhos de Freyre (2003) e Holanda (2018), foi selecionada a obra **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil** (2018), de Darcy Ribeiro. Esse livro foi escolhido por ter uma perspectiva mais atual – sua primeira edição foi publicada em 1995 – e contribuir teoricamente para a discussão sobre Brasil. Ribeiro (2018) salienta que não temos um Brasil, mas *Brasís* de formações variadas após a mescla de portugueses, índios e africanos. Dessa forma, como capitão, direciono o leme de meu navio e procuro focar nas rodas de samba de Pelotas que tem em si um universo cultural vasto e distinto de outras rodas, um dos *Brasís* que Ribeiro (2018) menciona.

Mesmo que Ribeiro (2018, p. 26) tenha lido “criticamente” essa documentação de visão eurocêntrica, decidi dar voz a outros personagens sobre esse assunto. Por essa razão, incluí mais dois autores com outros pontos de vista sobre o tema: um quilombola e um ameríndio, cujos livros estavam esmagados entre outros e quase invisíveis a olho nu.

²⁵ O samba é utilizado amplamente como ferramenta política durante a Era Vargas (1930-1945) (LOPES; SIMAS, 2017).

²⁶ Sobre a resposta de Sérgio Buarque de Holanda a Cassiano Ricardo sobre a má interpretação do termo “homem cordial”, consultar Holanda (2018, p. 240-1).

²⁷ Mais sobre o tema da mestiçagem no Brasil em Munanga (1999).

O primeiro, Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nêgo Bispo, evidencia exemplos da influência religiosa e os conflitos entre a cosmovisão monoteísta dos colonizadores europeus e a cosmovisão politeísta de africanos e ameríndios. Para o autor,

[...] o Deus Bíblia, além de desterritorializar o seu povo, também os aterrorizou de tal forma que não será nenhum exagero dizer que nesse momento ele inventou o terror psicológico que vamos chamar aqui de cosmofofia. E como se não bastasse o terror psicológico, a invenção do trabalho como castigo e o amaldiçoamento dos frutos da terra, [...] o uso dos textos bíblicos como fundamento ideológico para a tragédia da escravidão (SANTOS, 2015, p. 31).

Ele entende a colonização como “processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura²⁸ pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra” (SANTOS, 2015, p. 47-8). De acordo com o quilombola, a generalização dos colonizadores europeus em utilizar o termo índios para designar uma infinidade de povos ameríndios é parte de um processo que visa “quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar” (SANTOS, 2015, p. 27).

O autor revela que, durante seu período escolar, aprendeu diversas versões sobre a vinda dos povos africanos para o Brasil. Uma delas era “de que pelo fato dos índios terem se rebelado contra o trabalho escravo os portugueses resolveram trazer o povo da África, porque esses seriam mais ‘dóceis’, portanto, mais facilmente ‘domesticáveis’” (SANTOS, 2015, p. 27). No entanto, Santos (2015) relata que, assim como os ameríndios, os africanos também se rebelaram contra o trabalho escravo.

Santos (2015) relata os diversos etnocídios ocorridos no Brasil como os ocorridos no **Quilombo dos Palmares**, **Guerra de Canudos**, **Caldeirão de Santa Cruz do Deserto** e **Pau de Colher**.²⁹ Para o quilombola, esses são exemplos de formas de resistência contra a colonização que seguem ocorrendo no país. Vislumbro, nesse aspecto, uma aproximação do samba com esses movimentos.

²⁸ Para este estudo, a concepção de cultura é “todo processo humano de criação e recriação das formas de viver, englobando padrões de comportamento, visões de mundo, elaborações de símbolos, crenças e hábitos. Formas de nascer, amar, odiar, matar, morrer, cantar, dançar, orar, praguejar, beber, comer etc.” (SIMAS, 2018, p. 7).

²⁹ Para mais informações sobre os acontecimentos do **Quilombo dos Palmares** (CARNEIRO, 2011; GOMES, 2019, p. 403-32), **Guerra de Canudos** (CUNHA, E., 2019; RIBEIRO, 2018, p. 262-4), **Caldeirão de Santa Cruz do Deserto** (GOMES, 2009; RAMOS, 2014) e **Pau de Colher** (POMPA, 2009).

Ao longo de toda sua história no Brasil, não apenas o negro e o ameríndio, mas também o samba foram alvos de perseguição:

Como em toda a história do negro no Brasil, as reuniões e os batuques eram objeto de frequentes perseguições policiais ou de antipatia por parte das autoridades brancas, mas a resistência era hábil e solidamente implantada em lugares estratégicos, pouco vulneráveis. Um destes era a residência na Praça Onze da **mulata** Hilária Batista de Almeida – a Tia Ciata [...] (SODRÉ, 2007, p. 14-15, grifo do autor).

A casa da Hilária Batista de Almeida, apelidada carinhosamente de tia Ciata, a **Praça Onze** e outros lugares serviram de locais de resistência de um samba que lutava por seu espaço em uma sociedade que ainda nem reconhecia sua própria identidade.

Se o livro de Santos (2015) já se encontrava esmagado na prateleira, a referência ameríndia mal tinha espaço para respirar. Na realidade, ela precisou vir como participante em um livro que não era seu.³⁰

Terena (2000) compartilha a visão de Santos (2015) no que se refere à chegada dos portugueses no Brasil: o país foi invadido e os ameríndios exterminados. De acordo com Terena (2000, p. 17) “[...] quando Cabral aqui chegou, nós éramos quase mil povos. Hoje somos apenas 200 povos”.

Outro ponto em que ambos os autores concordam é na falta de conhecimento sobre as inúmeras variantes de determinada etnia. Nesse ponto, Terena (2000) acredita que muitas pessoas, até mesmos estudiosos, desconheçam que, entre os 200 povos ameríndios, há 180 línguas.

Para o ameríndio, há falta de cooperação e diálogo entre as etnias e os conhecimentos adquiridos: “a ciência do homem branco precisa conversar com a ciência indígena” (TERENA, 2000, p. 21). Para corroborar sua ideia, acrescenta:

[...] os remédios indígenas nunca terão efeitos colaterais. Nunca serão usados para adoecer as pessoas, como fizeram com a maconha, a coca, o *ayuaska*³¹ e outras tantas plantas medicinais que eram símbolo de magia de viver e que viraram vício. Foram deturpadas por causa do lucro econômico e viraram pobreza social (TERENA, 2000, p. 22-3).

³⁰ O livro é **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar** (2000) de Edgar Morin.

³¹ O chá de *ayahuasca* é feito com uma combinação de plantas amazônicas. De acordo com Zorzetto (2019), é utilizada por ameríndios da Amazônia desde 1930 em rituais religiosos e seu uso foi legalizado em 1987 para fins ritualísticos. Atualmente, as pesquisas sobre a *ayahuasca* se voltam ao seu possível potencial antidepressivo embora ainda não seja nem cogitado seu uso como tratamento.

Se os conhecimentos ameríndios e os saberes científicos eurocêntricos não andam de mãos dadas, mais difícil ainda é encontrar a presença indígena na roda de samba. Ao longo de sua história, o samba fortaleceu seus laços com a etnia negra e as referências africanas, sendo a voz, presença e influência ameríndia raramente identificada em uma roda de samba. Contudo, nesta tese, como capitão do navio, comprometo-me a navegar por esse lado pouco explorado do **Oceano Samba**.

Além disso, a imigração trouxe novos contingentes de europeus, árabes e japoneses complexificando ainda mais a concepção de povo brasileiro (RIBEIRO, 2018, p. 18). Talvez por isso seja possível dizer que o brasileiro tem a alma “tigrada”,³² “cujas raízes étnico-raciais mergulham e se perdem no complexo emaranhado antropológico indígena, africano e europeu” (CHAVES; ARAÚJO, 2014, p. 46) que agregaram ao longo do seu caminho outras etnias. Nesse momento, pego-me cantando uma música no convés: “Tá na pele do tambor, a cor de quem quer sambar, o samba já não tem cor, já não tem cor e nem terá”.³³

Por aqui, como capitão do navio **Satolep-Samba**, preciso escolher a corrente marítima em que acredito: o Brasil pode ter sido “achado” no ponto de vista dos europeus, “descoberto” para aquelas pessoas que tinham apenas o Velho Mundo como modelo de vida, “redescoberto” para os ativistas que reconhecem o papel desempenhado pelos autóctones da terra. Compactuo com as visões de Santos (2015) e Terena (2000) e prefiro a utilização de termos como invasão, estupro, genocídio, pois soam melhor para o que aconteceu em nossas terras brasileiras.

Todo o processo histórico de colonização e formação do Brasil repercute diretamente nas rodas de samba, inclusive nas analisadas neste estudo. As relações étnico-raciais, as tensões e os conflitos de um povo que parece ainda não reconhecer seu lugar de fala são evidenciados na roda de samba. O preconceito com essa manifestação, o menosprezo com seu valor cultural e as tentativas de apagamento de sua realização são reflexos dos mais de quinhentos anos de “descobrimento” de um povo por meio de invasão, estupro e genocídio. Esse processo favorece até hoje uma elite que faz valer certas manifestações culturais que acreditam ser mais relevantes para apreciação em detrimento de outras.

³² Esse termo se encontra em um livro de autoria de Gilbert Durand intitulado *L'Âme Tigrée: le pluriels de psyché*, publicado em 1980, ao qual não tive acesso.

³³ Música **Na Pele do Tambor**, composta por Altay Veloso e Paulo César Feital e interpretada por Elymar Santos, incluída no álbum **Na Pele do Tambor**, lançado em 1998. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=I2yUBSeEGQ0>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Talvez pelas razões expostas no parágrafo anterior, ainda seja possível perceber a escolha de pais, quando incentivam seus filhos às artes, colocarem-nos em aulas de violino e piano menosprezando instrumentos como pandeiro, tantã e cavaquinho (cujo tamanho muitos dizem que era para que presos pudessem tocar algemados). Pode também ser isso que leve pais a matricularem as filhas (difícilmente os filhos, principalmente no caso de pais conservadores) em aulas de balé clássico e não oferecerem a suas crianças, com o mesmo entusiasmo, o universo da dança do samba.

Chego ao final da estante e corro os olhos para a próxima prateleira abarrotada de livros. É o momento de falar sobre samba.

2.2 Segunda Estante: SAMBA

A estante SAMBA continha inúmeros volumes que enveredam por caminhos artísticos, históricos, sociológicos, antropológicos, psicológicos e educacionais possibilitando uma análise com diferentes perspectivas em sua narrativa. Por essa razão, não me detenho na descrição de todos os livros que vieram comigo na biblioteca, pois preciso estar atento ao singrar do navio e às luzes de meu farol.

Nessa estante, encontra-se o Estado da Arte realizado em dois locais: **Fundação Biblioteca Nacional** e **Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES**. Este foi escolhido por ser o “órgão responsável pela execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do país” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2020a, p. s./p.), aquele por disponibilizar um amplo cadastro de teses e dissertações defendidas por todo o país desde 1987 (CAPES, 2019, p. s/p.). Além dessas obras, foram acrescentados outros trabalhos que já conhecia previamente.

Como capitão do navio, decidi não realizar pesquisas em revistas acadêmicas. Primeiro, pelo fato de que muitos dos artigos nelas publicados apresentam desdobramentos de teses e dissertações já encontradas no local que selecionei. Segundo, porque, dependendo da revista, os artigos só podem ser acessados mediante pagamento. Considero esse tipo de atitude uma afronta ao conhecimento científico, que deve ser amplamente divulgado para a comunidade, especialmente quando se tratam de trabalhos realizados em instituições públicas.

Talvez por isso Feyerabend (2011, p. 171) mencione que,

há muitas maneiras de silenciar as pessoas, além de proibi-las de falar – e todas elas estão sendo usadas hoje. O processo de produção e distribuição de conhecimento jamais foi intercâmbio livre, ‘objetivo’ e puramente intelectual que os racionalistas disseram ver.

Diante disso, e procurando não privilegiar o conhecimento “comprado” em detrimento do conhecimento “compartilhado”, debruçei-me sobre os dois locais de consulta selecionados. No entanto, saliento que, embora meu foco fossem as rodas de samba, o levantamento de material publicado com a utilização da palavra-chave “samba” gerou um resultado mais abrangente.

Um levantamento foi realizado em janeiro de 2019 e atualizado em setembro de 2020 no **Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES** com a palavra-chave “samba”. Foram encontrados 488 trabalhos³⁴ cujo título ou subtítulo do trabalho continham a palavra-chave. Podemos ver abaixo (Figura 1), a totalidade desses trabalhos divididos nas grandes áreas do conhecimento.³⁵

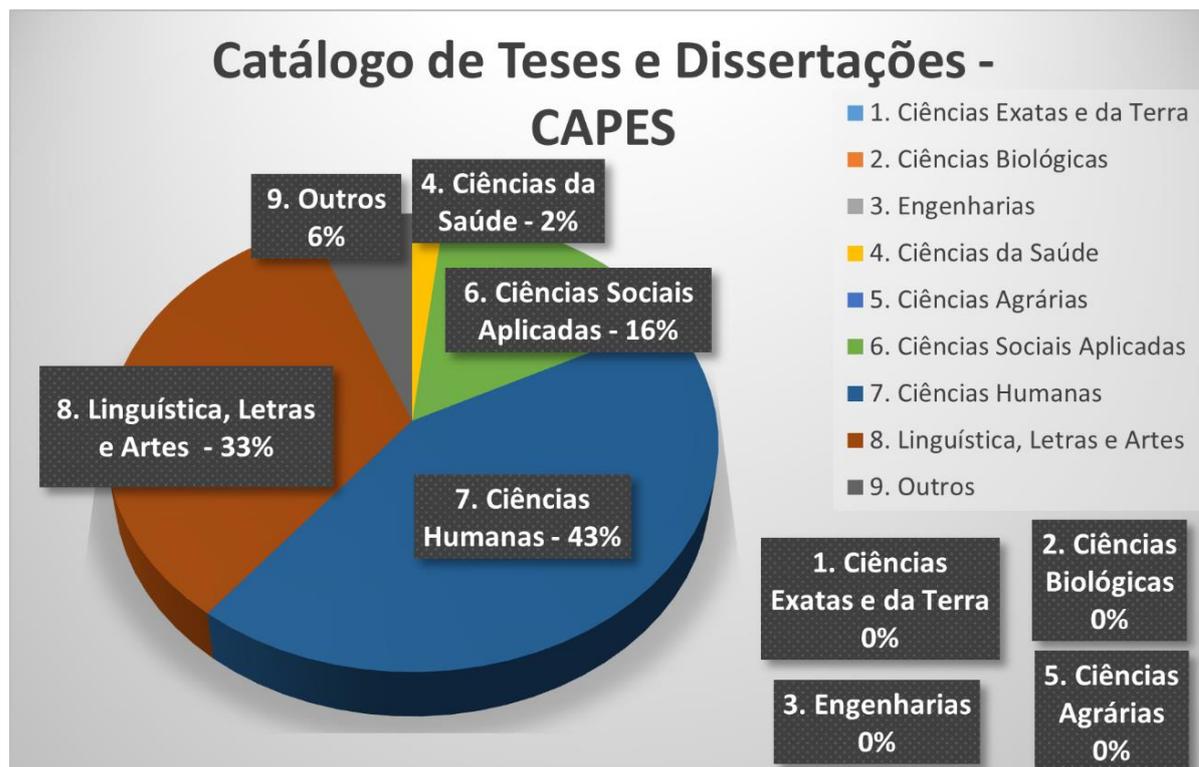


Figura 1 – Resultados do Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES.
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

³⁴ Foram excluídos os estudos que fazem uso das expressões “dá samba” e “cidade do samba” (esta última se referindo ao Rio de Janeiro), mas que não problematizam o samba, além daqueles que abordam o *software*/servidor chamado *Samba* ou cujo nome ou sobrenome do autor era Samba, como por exemplo: Samba Sané e Simão João Samba.

³⁵ Essa divisão foi feita de acordo com a Tabela de Áreas do Conhecimento/Avaliação da CAPES. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 10 out. 2020.

Como é possível observar (Figura 1), o domínio da discussão do samba ocorre em duas grandes áreas: as **Ciências Humanas** com 43% dos trabalhos – um total de 211 entre teses e dissertações cujas subáreas de predominância foram **História** (63) e **Educação** (40) – e **Linguística Letras e Artes** com 33% dos estudos – um total de 163 entre teses e dissertações cujas subáreas de predominância foram **Letras** (41) e **Música** (58).

Na grande área **Outros** (Multidisciplinar), que alcançou 6% das produções encontradas (28 trabalhos no total), foram colocados os trabalhos desenvolvidos na pós-graduação cujo departamento abarcasse mais de uma grande área do conhecimento. Isso corrobora a afirmação de Morin (2000, p. 36) quando salienta que nossas “realidades ou problemas [são] cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários”.

Diante do número elevado de trabalhos, 488 no total, foi necessário estabelecer novos critérios de seleção além da palavra-chave a fim de afunilar os resultados condizentes com a tese proposta. Em um primeiro momento, os 488 trabalhos foram procurados nas plataformas de busca *online* e 403 estavam disponíveis.³⁶

O próximo passo foi a realização da leitura dos resumos desses 403 trabalhos e uma nova seleção desses estudos foi realizada. Nesse momento, o critério de seleção durante a leitura dos resumos era focar nas pesquisas que problematizassem espaços em que ocorrem rodas de samba. Embora não tenha sido encontrado nenhum que dialogasse especificamente com os estudos do Imaginário, foram selecionados sete trabalhos (Apêndice B) que se relacionam com meu objeto de estudo.

Dantas (2018) e Meirelles (2014) contextualizam o samba na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto Dantas (2018) procura analisar o processo de *desafricanização* sofrido pelo samba urbano tocado no bairro da Lapa (Rio de Janeiro), entre os anos 2000 e 2017, Meirelles (2014), em certo momento de seu trabalho, faz um levantamento de rodas de sambas que aconteciam na cidade do Rio de Janeiro traçando um paralelo entre elas. Ambos os autores enfatizam a importância da Lapa para a revalorização do samba dada sua “centralidade geográfica [...] [que] facilitou o

³⁶ Essa pesquisa foi feita pelo fato de que teses e dissertações defendidas antes da implementação da **Plataforma Sucupira** não estavam disponíveis no *site* do **Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES**. Foram consideradas teses e dissertações não localizadas em sua totalidade, mas que o acesso ao resumo ou a publicação em artigo ou anais de eventos possibilitasse vislumbrar suas problematizações.

encontro de sambistas de diferentes classes sociais e regiões da cidade” (DANTAS, 2018, p. 98), o que fez com que o samba tomasse “novo fôlego a partir da ocupação da Lapa pelos sambistas, nos idos dos anos de 1990” (MEIRELLES, 2014, p. 167).

Outros dois trabalhos contextualizados no Rio de Janeiro também chamaram minha atenção. Um deles referente ao chamado **Samba da Ouvidor**, realizado na esquina da rua do Mercado com a rua do Ouvidor no centro do Rio, e o outro que tinha seu enfoque no papel da feijoada nas rodas de samba do **Cacique de Ramos**.

Vannelle (2015, p. 16) comenta que o **Samba da Ouvidor** “se mantém como uma das manifestações populares mais concretas de resistência do samba na atualidade carioca, além de ser pública e gratuita”. Sua proposta parece assemelhar-se com o samba que ocorre aos sábados no **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, um dos locais em que desenvolvi a pesquisa.

Gachet (2016), embora volte sua atenção à alimentação, mais especificamente à feijoada do **Cacique de Ramos**, considera que seu estudo possibilita “identificar os elementos simbólicos que formam o conjunto de elementos significativos relativos ao comer e à comida, que perpassam o imaginário dos indivíduos como algo que os fazem sentir parte do mundo do samba” (GACHET, 2016, p. 12). Esse trabalho chamou minha atenção pelo fato de que, em meu primeiro local de pesquisa empírica, a celebração de um ano do **Boteco Copa Marítimo Rio**, foi oferecida uma feijoada aos participantes.

Outros três trabalhos também foram selecionados. Cada um deles discute as rodas de samba em outros pontos do país: São Paulo, Belo Horizonte, Salvador. Souza (2007, p. 04) comenta que a roda de samba é um “elemento agregador e mediador das relações de sociabilidade” e que “a presença de diversos aspectos simbólicos [...] passam a contribuir para a transmissão de determinados conteúdos aos frequentadores das rodas” (SOUZA, 2007, p. 98). Silva (2012) faz uma descrição do espaço e do funcionamento do **Quintal Divina Luz** em que são realizadas as rodas de samba no bairro São Marcos, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Já Souza (2013, p. 168), em sua pesquisa sobre as rodas de samba de Salvador, considera que “a roda de samba é, apenas, um entre tantos espaços onde são tecidas relações de aprendizagem em que os saberes são construídos e compartilhados para vivermos juntos”.

Foi no trabalho de Souza (2013) que percebi uma sintonia teórica mais forte com meu estudo, pois ela se baseia em autores como Marie-Christine Josso (que

problematiza questões voltadas à experiência de vida e formação) e Michel Maffesoli, ambos utilizados com frequência em trabalhos que envolvem os estudos do Imaginário. Souza (2013) traz como referências desses autores **Experiências de Vida e Formação** (2004), de Josso, e **No fundo das aparências** (1996), de Maffesoli.

A autora utiliza Josso, no início de seu trabalho, para embasar as relações existentes entre sua experiência de vida, sua pesquisa de campo, de caráter etnográfico, e seu referencial teórico. Já Maffesoli é empregado por ela para desenvolver seu entendimento acerca do samba que inicialmente via como “uma forma de dizer a necessidade de construção de um vínculo com um grupo, de um viver junto” (SOUZA, 2013, p. 68). Em um segundo momento, Maffesoli fundamenta a força que a “convivência com as rodas de samba faz suscitar a construção de novas formas de habitar o mundo, própria das sociedades contemporâneas: um código partilhado pelo todo social que conduz à troca, à interação” (SOUZA, 2013, p. 151).

De qualquer forma, a implicação teórica do Imaginário é limitada, o que ressalta a importância de estudos voltados a essas questões. Também por isso me dediquei à pesquisa em outro local para o levantamento: a **Fundação Biblioteca Nacional**.

Em 14 de dezembro de 2004, foi decretada a Lei nº 10.994, que trata sobre o depósito legal³⁷ de publicações nacionais na **Fundação da Biblioteca Nacional**. A partir desse momento, tornou-se obrigatório o envio de um ou mais exemplares à **Biblioteca Nacional** que asseguraria a “coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2020b, p. s/p). Devido a isso, considero ser um local apropriado para a pesquisa desse tipo de material.

Para a pesquisa dos livros publicados, foi feita uma consulta *online* no *site* da **Fundação Biblioteca Nacional**, também chamada de **Biblioteca Nacional do Brasil**, para realização de um levantamento de livros dentro do acervo que continha em seu título ou subtítulo a palavra “samba”. Nesse levantamento, realizado em junho

³⁷ De acordo com o próprio site da **Fundação Biblioteca Nacional**, o depósito legal “é definido pelo envio obrigatório de no mínimo um exemplar de todas as publicações em território nacional, por qualquer meio ou processo, para distribuição gratuita ou venda, no prazo máximo de 30 dias após sua publicação (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2020b, p. s/p). Informação disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/deposito-legal>>. Acesso em: 10 out. 2020.

de 2018 e atualizado em setembro de 2020, foram encontrados 164 livros³⁸ em língua portuguesa que continham no título ou subtítulo a palavra-chave “samba” (Apêndice C). Abaixo (Figura 2) podemos ver um gráfico que indica a frequência de dois temas que compõem quase metade dos materiais: o carnaval e as biografias.

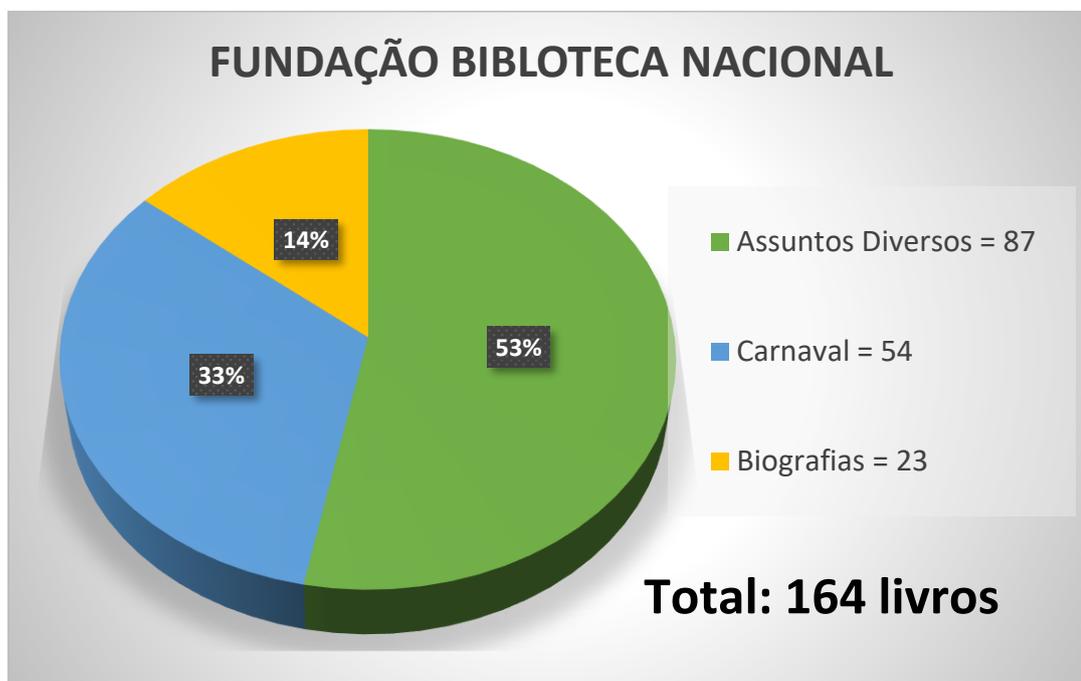


Figura 2 – Resultados da **Fundação Biblioteca Nacional**
Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Como mencionei acima, um dado interessante que pode ser observado é a quantidade de trabalhos referentes às biografias e ao carnaval. Quase metade dos livros publicados (77) abordam uma das temáticas acima elencadas (carnaval e biografia).

A temática do carnaval (54 livros) é mencionada sobre variados aspectos: contexto histórico, musical, político, discussões raciais, além de abordagens sobre quesitos específicos como bateria, samba-enredo, harmonia, comissão de frente etc. Já as biografias (23 livros) revelam a força das pesquisas biográficas que envolvem essa temática.

³⁸ Na verdade, foram encontrados 178 trabalhos no acervo da Fundação da Biblioteca Nacional. Entretanto, 14 deles continuam menos que o número mínimo de páginas o que, de acordo com a NBR 6029:2006, não pode ser considerado livro pelo fato da normativa considerá-lo como “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas”. Informação disponível em: <<http://abnt.org.br/paginampe/biblioteca/files/upload/anexos/pdf/4ed85f2dc144a4839bb2e5178c1bc266.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

Já conhecia algumas dessas obras como Alves (2002), Diniz (2008), Lira Neto (2017), Moura (2004), Sodré (2007) e Vianna (2012) – que são mencionadas ao longo desta tese. Selecionei também mais quatro³⁹ obras que se relacionam com minha pesquisa: Castro (2004), Pereira (2003), Santos (2016) e Moura (2004). Os três primeiros discorrem sobre locais específicos que foram e são muito conceituados entre os apreciadores de samba, além de situar seu discurso em torno da cidade do Rio de Janeiro. O último autor direciona suas reflexões sobre as rodas de samba mais especificadamente.

Santos (2016) procura evidenciar a importância que a região da Grande Madureira⁴⁰ teve na consolidação e fortalecimento do samba carioca. O livro conta com cinco artigos e tem enfoque nos quintais de samba e como esses espaços perpetuam o samba.

Castro (2004, p. 13) problematiza o **Zicartola**, um bar que tocava música popular, em sua grande maioria samba, e teve uma “existência meteórica” de duração, de 1963 a 1965. É importante salientar que o bar funcionou em um período conturbado: de um ano antes a um ano depois do golpe militar de 1964 que principiou o período ditatorial no Brasil.

Pereira (2003) discorre sobre a importância do **Cacique de Ramos** para o samba carioca. Nesse lugar, há uma tamarineira, símbolo do Cacique; “algumas pessoas costumam beijar a árvore, e cantar debaixo dela é tido como um ritual de iniciação entre os pagodeiros” (REIS, 2003, p. 03).⁴¹ Foi baseado nessa história que tive a ideia da elaboração de análise da primeira etapa empírica que será comentada no tópico **Análise da primeira etapa da coleta de dados**.

O último livro dessa relação é o que considero o mais relevante para minha pesquisa. Moura (2004) também se debruça sobre a relação do Rio de Janeiro com o samba. Contudo, acaba dando destaque para as rodas de samba, o que auxilia a pensar o quanto as rodas do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** e a

³⁹ Na verdade, seriam cinco, contudo o livro **Roda de Samba**, de Lygia Malaguti, publicado em 1984, não foi encontrado.

⁴⁰ Fazem parte da região os bairros Bento Ribeiro, Campinho, Cascadura, Cavalcante, Engenheiro Leal, Honório Gurgel, Madureira, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz, Quintino Bocaiúva, Rocha Miranda, Turiaçu e Vaz Lobo.

⁴¹ A música **Tamarineira**, composta por Bandeira Brasil e Zeca Pagodinho e gravada no LP de estreia do grupo **Só Preto Sem Preconceito** em 1987, aborda essa aura de inspiração que árvore proporciona. Além disso, a árvore, de um modo geral, tem uma potência simbólica muito forte. Mais sobre o simbolismo da árvore em Bachelard (1990b, p. 207-30), Bachelard (1998, p. 73-5), Bachelard (2016, p. 52-7), Durand (2012, p. 338-45).

feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** são importantes para a perpetuação do samba na cidade de Pelotas. Além disso, adentrar nesses espaços de incessantes trocas simbólicas entre seus frequentadores pode favorecer a tentativa de vislumbrar microcosmos sociais nessas reuniões.

Após esse breve delineamento do Estado da Arte, volto minha atenção ao samba e meu objeto de estudo, que são as rodas de samba pesquisadas na cidade de Pelotas/RS. Para chegar no entendimento da roda de samba, farei uma breve exposição acerca do samba para facilitar sua compreensão dessa manifestação.

O samba como gênero musical data do início do século XX, mais especificamente 1917, quando o primeiro samba intitulado **Pelo Telefone** foi gravado.⁴² Entretanto, acredito que um fator de grande importância para seu aparecimento seja uma época histórica bem anterior: o período das grandes navegações realizadas nos séculos XV e XVI.

Durante os séculos XV e XVI, expedições europeias circum-navegaram a África, exploraram a América, atravessaram os oceanos Pacífico e Índico e criaram uma rede de bases e colônias no mundo inteiro [...] As expedições imperiais europeias transformaram a história do mundo: de uma série de histórias de povos e culturas isoladas, transformou-se na história de uma única sociedade humana integrada (HARARI, 2018, p. 298).

Com as grandes navegações e a chegada dos europeus em solo brasileiro, concebe-se um encontro cultural que agrega “os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados” gestando uma nova configuração étnico-cultural: o brasileiro (RIBEIRO, 2018, p. 26). De acordo com Boechat (2014) a multicultural alma brasileira ainda não se completou; e eu agregaria que nem se completará. As imigrações europeias, árabes e nipônicas incorporam novos valores que mantêm o brasileiro em um contínuo processo formativo. É esse encontro pluricultural que suponho ter sido de fundamental importância para o desdobramento do samba brasileiro.

⁴² O samba foi composto por Ernesto Joaquim Maria dos Santos (mais conhecido como Donga) e Mauro de Almeida. Muito se tem discutido sobre a autoria do samba (que pesquisadores acreditam ter sido retirado de reuniões entre sambistas) e sua crucial demarcação na origem do samba como gênero musical. Como não é nosso propósito aqui discutir essas questões, saliento apenas a importância desse momento para o samba. Para uma discussão pormenorizada do assunto ver Lira Neto (2017, p. 84-97) e Silva (1978). Uma música que defende o samba como origem baiana é **O samba antes do samba** lançada em 2019 composta por José Roberto Caribe Mendes e Antonio Jorge Portugal.

Diante do exposto acima, que considera o cidadão brasileiro em constante processo de formação, as rodas de samba podem aqui ser delineadas como redutos de reafirmações e fortalecimentos identitários (dada a riqueza étnico-cultural que agregam) que potencializam a formação humana. Elas fazem parte da ampla gama de elementos que contribuem para o processo formativo de seus indivíduos e que, como o povo brasileiro, estão sempre em constante processo de construção.

É possível observar autores que enfatizam a importância de determinada matriz cultural para o desenvolvimento do samba. Enquanto Sodré (2007) evidencia a importância da contribuição negra e Alves (2002) destaca a participação e possível origem indígena,⁴³ Lira Neto (2017, p. 52, grifos do autor) menciona a possibilidade de três origens etimológicas da palavra samba:

para alguns, a palavra seria originária da língua do povo quioco, de Angola – o verbo *samba*, que em português teria o sentido de ‘brincar’, ‘cabriolar’, ‘divertir-se como cabrito’. No idioma quicongo, também angolano, existiria uma palavra similar (*sâmba*), para nomear um tipo de coreografia local, na qual os dançarinos bateriam o peito um contra o outro. Em quimbundo, *semba*, com o significado de ‘separar’, ‘rejeitar’, definiria o movimento físico das umbigadas ou as medidas típicas de danças africanas. Há quem defenda ser “Samba”, com maiúscula, na procedência mais remota, uma divindade angolana protetora dos caçadores. Entre outras hipóteses menos cotadas, existe quem busque um suposto parentesco ancestral com *zambra*, bailado ibérico de origem moura, ou mesmo com *çamba*, um tipo de dança ameríndia.

Diniz (2008, p. 20) procura pontuar a participação das três matrizes no processo de formação do samba ao afirmar que “a música popular brasileira [aqui o samba está incluído] é resultado da confluência cultural de três etnias: o índio, o branco e o negro, dos quais herdamos todo o instrumental, o sistema harmônico, os cantos e as danças”. Não me detenho nesse ponto pois não pretendo enfrentar tormentas marítimas desnecessárias, haja vista que meu objetivo é problematizar as rodas de samba.

Falar de samba é algo difícil. Sua amplitude, seus diferentes entendimentos e suas transformações ao longo dos tempos fazem com que suas águas não sejam navegáveis de forma tranquila. Diante da ampla confluência de culturas e por minha experiência com as águas, optei por chamar de **Oceano Samba** esse amplo acervo cultural que está inserido o samba. Embora minha curiosidade fosse gigante, esse oceano é, com certeza, incomensurável e sua abordagem total seria impraticável.

⁴³ Para fortalecer sua tese, o autor utiliza inúmeros exemplos, entre eles, um samba-enredo da Portela intitulado **A vida do samba**, de 1942, composto por Alvaiade e Chatim. Trecho: “Samba foi uma festa de índios / nós o aperfeiçoamos mais [...]” (ALVES, 2002, p. 09).

Dessa forma, tive que me conter em navegar zonas mais específicas dessa vastidão aquífera. Sendo assim, minha proposta é revelar apenas um pequeno trecho dessas águas.

A ideia de **Oceano Samba** foi desenvolvida a partir de um texto de Silva (2004), que propõe o termo “lago existencial” para se referir ao Imaginário. Ambas as explicações acerca de “lago existencial” e Imaginário são desenvolvidas no tópico **Terceira Estante: SIMBÓLICO**, que é a estante que contém os trabalhos sobre o tema.

Antes que eu manobre o navio rumo às rodas de samba de Pelotas, analisadas nesse imenso **Oceano Samba**, é preciso destacar algumas diferenças no universo do samba. Nesta tese marítima, distingo três derivações importantes do samba: a música, a escola e a roda de samba.

Moura (2004) menciona que uma coisa é o samba como gênero musical; outra, a escola de samba e sua institucionalização; e outra, a roda. Para o autor, a roda de samba seria uma manifestação que antecede tanto ao samba quanto à escola de samba e, por essa razão, complementa: “antes de existir o samba como gênero musical e a escola de samba como grupamento comunitário cuja performance é simultaneamente marcial e dramática, já havia a roda de samba, que não se confunde com uma coisa nem outra” (MOURA, 2004, p. 42).⁴⁴

Outra distinção importante é que a roda de samba possui uma “hierarquia tácita”, legitimando os valores partilhados “com a chamada raiz histórica do samba”. Já na escola de samba, a “hierarquia é burocratizada” que se volta a interesses institucionais das agremiações e suas relações com os poderes públicos, patrocinadores e meios de comunicação (MOURA, 2004, p. 70). Se a roda de samba constrói sua hierarquia por intermédio do conhecimento compartilhado e adquirido em seu próprio meio, o samba midiático (aqui as escolas de samba são um bom exemplo) constrói seus valores hierárquicos de acordo com os valores do capital. A hierarquia não se dá necessariamente pelos conhecimentos do universo do samba, mas por interesses de terceiros que, com frequência, não vivenciam esse universo artístico.

⁴⁴ O autor ainda acrescenta que “[...] a roda, em si, não é vendável, passível de se transformar em produto. O samba, sim” (MOURA, 2004, p. 31). Embora haja formatos comerciais que procuram divulgar as rodas de samba como **Zeca Pagodinho apresenta Quintal do Zeca Pagodinho ao Vivo**, que já possui três volumes lançados em 2001, 2012 e 2016, compactuo com o autor de que a experiência proporcionada pela roda de samba não é vendável.

No entanto, é importante ressaltar que o samba se transformou ao longo do tempo, teve marcos históricos significantes, o que influencia diretamente na roda. Das músicas da **Festa da Penha na Praça Onze**, que funcionava como meio de divulgação, até a chegada do rádio e do samba amaxixado das festas das tias baianas (sendo a mais conhecida a tia Ciata), a introdução percussiva da turma do **Estácio de Sá**, a reformulação instrumental proposta pelo pessoal do **Cacique de Ramos**, o **Oceano Samba** mudou sua fluidez, sua cor e seu tamanho.⁴⁵ Embora o samba tenha sofrido transformações regionais por todo o território brasileiro, as modificações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro se propagaram para outros sambas e outras rodas.

Feita essa primeira diferença acerca do samba e o entendimento de sua volatilidade, é necessário explicar o que essa tese marítima considera como roda de samba. Eis aqui que, como capitão, suleio⁴⁶ o leitor para sua compreensão da roda de samba.

Primeiramente, a roda de samba não precisa ser geometricamente um círculo, podendo adotar diferentes formas. Além disso, não tem um espaço definido: a roda de samba pode ocorrer na casa de uma pessoa, em um espaço público ou como evento privado cuja entrada se dá mediante a compra de ingressos.

Nas duas rodas de samba que pesquisei, as situações contextuais eram distintas: na feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** (BMCR), era cobrado ingresso que dava direito a participar da festa no **Clube Caixeiral**, já na roda de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** (NMCP), o evento era aberto ao público.⁴⁷ Ambos locais e as pesquisas realizadas nesses ambientes serão descritos no tópico **Primeira etapa das coletas**.

Como havia mencionado no início desse tópico, o samba tem inúmeras abordagens e estudos a seu respeito. Nessa estante, meu livro de cabeceira ao longo

⁴⁵ É importante salientar que o samba sofreu inúmeras transformações por todo o território brasileiro. Sobre as **Festas da Penha** (CARMO, BICALHO, MIRANDA, 2017), tia Ciata (SANDRONI, 2008, p. 100-17), turma do **Estácio de Sá** (FRANCESCHI, 2014; NETO, 2017, p.176-92) e **Cacique de Ramos** (MOURA, 2004, p. 201-15; PEREIRA, 2003).

⁴⁶ Opto pelo termo “sulear”, elaborado por Campos (1991, 1999, 2016), mencionado por Freire (1999) e propagado como modo de pensar epistêmico por Santos e Meneses (2009), para contrapor o termo “nortear” e sua natureza ideológica.

⁴⁷ A partir desse momento, aproveitando a narrativa náutica de pesquisa, utilizarei o termo **Boteco Marítimo Copa Rio** para denominar os participantes do aniversário de um ano do **Boteco Copa Rio** e **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** para designar os participantes das rodas de samba no **Mercado Central de Pelotas**.

da viagem foi **No princípio era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes**, de Roberto Moura publicado em 2004.

O autor coloca que:

para muito além do samba, a roda remete a tempos imemoriais e provavelmente guarda razões antropológicas ligadas inclusive à descoberta do fogo. Na história da música, especificamente, a prática do canto e da dança em coletividade também se espalha em todas as direções e diversas épocas (MOURA, 2004, p. 106).

Apoiado na citação acima, o autor defende que a roda de samba é anterior ao próprio gênero musical que constitui seu nome. Foi na roda que diferentes gêneros se mesclaram e chegaram ao que hoje é o samba (MOURA, 2004). Por essa razão, “o fato é que muda o samba, mudam o ritmo e a divisão. Alguns instrumentos são substituídos, alterando a estrutura timbrística. Só o que não muda é a roda, o espírito da roda” (MOURA, 2004, p. 109).

Pode parecer paradoxal, mas mesmo que a dinâmica e a essência dessa manifestação não se altere, “cada roda de samba é única e irrepitível” (MOURA, 2004, p. 23). Isso ocorre, pois inúmeros fatores mudam: os participantes, o ânimo de quem prestigia, o local, o tempo e a própria motivação pela realização de uma roda de samba. Sendo assim, é sempre um fenômeno singular e sempre diferente de outras rodas.

Silva (2012, p. 21), ao observar uma de roda de samba em Belo Horizonte, também evidencia a questão da irrepitibilidade:

[...] cada performance era uma performance nova que apresentava uma música nova. Os arranjos nunca eram repetidos tendo em vista que eles não ensaiavam. O que se repetia eram os padrões rítmicos, porém o fraseado nem sempre, ou mesmo nunca, era idêntico ao das performances anteriores, porque os músicos poderiam fazê-los em instrumentos diferentes, ou em momentos diferentes da última vez em que o samba foi executado.

Assim como Silva (2012), Souza (2013), ao observar uma roda de samba realizada em Salvador, menciona seu caráter singular e irrepitível. Para a autora, “[...] cada roda é uma roda, a depender do lugar onde ela acontece, das pessoas que a frequentam, do ânimo dos músicos e do dia” (SOUZA, 2013, p. 86).

Outro ponto importante é a relação dos músicos com os participantes da roda. Meirelles (2014, p. 107) traz um relato dessa interação:

a organização dos sambistas em forma de roda, em volta de uma mesa, em geral regada à cerveja e cachaça; a utilização de instrumentos tradicionais como o pandeiro, a cuíca, o reco-reco, o cavaquinho etc.; a interação dos músicos com aqueles que se posicionam em volta da roda, que participam com canto, dança e palmas, não sendo meros expectadores; são continuidades das rodas de samba desde o tempo das tias baianas.

Em ambas as rodas de samba que observei, pude notar essa relação dos participantes com os músicos. Não se tratava de um show, um espetáculo musical,⁴⁸ mas de um encontro aconchegante e hospitaleiro para compartilhar vozes, músicas, comes e bebes em que em muitos momentos algum participante se arriscava a cantar ou tocar um instrumento, como também arriscava umas palmas às escondidas, por mais arrítmicas que suas mãos fossem. Como diria Flynn (2013, p. 103), “a hospitalidade é uma poderosa força da natureza”.

O ambiente convidativo da roda de samba é um reduto potente para a formação do indivíduo que dissemina seus valores entre seus participantes. É em manifestações como essa que aprendemos a conviver com o outro e suas diferenças. A roda de samba propicia uma das funções que Durand (1988) atribui à imaginação simbólica: a equilíbrio psicossocial, pois contribui para a formação humana não abrangendo apenas o intelecto, mas também outros pontos importantes para a educação como o campo psíquico do indivíduo.

Mesmo que a roda de samba seja hospitaleira, potencialize a interação de seus participantes e auxilie na formação do ser humano, é possível vislumbrar que há nela certa hierarquização. De acordo com Vanelle (2015, p. 18),

em geral, bem próximo destes está o público mais fiel, que sabe – e gosta de cantar – todas ou, ao menos, a maior parte das músicas executadas e não se importa em ficar em pé do começo ao final do evento para, assim, participar ativamente. Em seguida, estão aqueles que apreciam a roda, mas que normalmente frequentam menos que o outro grupo e, em geral, não entoam a maioria das músicas, apenas algumas. Desse grupo também estão os eventuais participantes sentados: casais, grupos de amigos e aqueles que estão ali comemorando uma data especial – e a esses se misturam os ambulantes, os mendigos, os vizinhos e passantes, se a roda for na rua ou num bar mais estreito com as portas abertas.

Embora essa hierarquização seja visível, a ambiência da roda é convidativa. Em ambos os locais analisados na tese, a feijoada de um ano do **Boteco Marítimo**

⁴⁸ Para Moura (2004, p. 117) “num certo sentido, a roda de samba é o antiespetáculo. As noções de tradição e autenticidade sobrepõem-se à busca do sucesso ou da consagração midiática. A cultura de massa confunde cotidianamente os conceitos de espetáculo e evento. A roda de samba é um evento, mas está longe de ser um espetáculo, de pretender ser espetáculo”.

Copa Rio e o **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, há algo que traz o participante para próximo da roda, fazendo-o sentir-se parte daquela experiência. Além disso, a roda de samba impossibilita que alguns fiquem “na frente e outros lá no fundo do palco. É um de frente para o outro, cercados pelos olhos e aplausos da plateia” (BRUNET, 2016, p. 101).⁴⁹

Um último ponto acerca da roda de samba é com relação a sua viabilização midiática. Para Moura (2004, p. 113),

[...] na roda de samba, a qualidade que transfere prestígio não implica o tipo de estrelato e idolatria que rege a música popular no ‘mercado’. De tempos em tempos, de **Pelo Telefone** a **Vai vadiar**, de Monarco e Ratinho, gravação de Zeca Pagodinho, o samba projeta alguns de seus cultores na lista dos mais vendidos entre os discos comerciais. Só que o sucesso no asfalto não tem poder de (adul)alterar, poluir ou corromper a hierarquia interna do que nasceu exercício lúdico e amador, assim sobrevive – e só assim se respeita.

Para o autor, não há um vínculo entre o prestígio de um músico na roda de samba e seu sucesso midiático. Ambos são independentes.

É interessante salientar que as rodas de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** e do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** não tinham o intuito de promoção midiática, elas relevam mais a união e participação do que holofotes da mídia. Muitos trechos do **Oceano Samba** podem não ser escutados nos quatro mares, mas seus sentidos naquela região aquífera se mantêm. As rodas de samba de Pelotas podem não ser propagadas nos quatro cantos do mundo, mas sua função como roda traz sentido para aqueles que nessas águas navegam.

Os relatos de Meirelles (2014), Silva (2012), Souza (2013) e Vanelle (2015) que complementaram o trabalho de Moura (2004) só foram possíveis com a realização do Estado da Arte. Foram trabalhos levantados, selecionados e lidos durante o navegar do **Oceano Samba**.⁵⁰

Após essa longa explanação acerca do samba, é possível afirmar que as rodas de samba, assim como o povo brasileiro, estão em constante transformação. Elas já se intitulavam dessa forma quando gêneros musicais antecessores ao samba eram executados em seu meio e é provável que outros estilos passem por essas rodas no

⁴⁹ Há diversas rodas de samba que ocorrem em palcos. Pude experienciar uma delas em 2011, no bar **Carioca da Gema**, localizado no Rio de Janeiro. No entanto, a sensação é de que estamos apreciando mais um show do que uma roda de samba.

⁵⁰ Com o andar da pesquisa outros livros foram acrescentados como Brunet (2016), Castro (2004), Pereira (2003) e Santos (2016). Contudo, essas obras enfatizavam apenas rodas de samba do Rio de Janeiro.

futuro. Contudo, seu caráter convidativo, que promove a união e a confraternização, revela uma intimidade poucas vezes oferecida, mas muito desejada.

A roda de samba é um reservatório de energia vital que proporciona a seus frequentadores revigorar os laços humanos bastante enfraquecidos. O rompimento de relações pessoais, a não aceitação de opiniões divergentes, a disputa doentia por um emprego e os inúmeros preconceitos que encharcam nossa sociedade são, ao menos, amenizados em manifestações como a roda de samba. É nela que novos valores são formados por meio das trocas simbólicas entre seus participantes. Por falar em trocas simbólicas, chego a minha terceira estante.

2.3 Terceira Estante: SIMBÓLICO

Aqui temos os livros que problematizam o aspecto do símbolo para o ser humano. Antes de falar sobre essa estante, é preciso entender como essas obras são vistas pelos cientistas ranzinzas e pouco afeitos aos temas que envolvem o simbolismo.

Um autor que problematizou os modos de fazer ciência no Ocidente foi Gaston Bachelard. Embora um novo espírito científico tenha se formado no início do século XX, ele menciona que “mesmo no novo homem, permanecem vestígios do homem velho” (BACHELARD, 2005a, p. 10).

Bachelard (2005a) considera que as descobertas científicas são construções processuais e inacabadas. Para ele, “todo saber científico deve ser reconstruído a cada momento” (BACHELARD, 2005a, p. 10), devendo ser avaliado por meio do reconhecimento e superação do que ele denominou “obstáculo epistemológico”. O francês pondera ainda que “o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento do anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos” (BACHELARD, 2005a, p. 17). É nesse ato que são superados os obstáculos que impedem o desenvolvimento científico.

Embasado nas ciências naturais, Bachelard (1979) estava em busca de um “novo espírito científico” que fizesse frente ao positivismo e ao racionalismo clássico. O autor propõe uma epistemologia não-cartesiana que consagraria o espírito científico contemporâneo e “uma espécie de pedagogia da ambiguidade para dar ao espírito científico a versatilidade necessária à compreensão das novas doutrinas” (BACHELARD, 1979, p. 98).

Se Bachelard (1979) propunha um “novo espírito científico”, Durand (1999a), focado nas ciências humanas e sociais, pensava em um “novo espírito antropológico”. O autor afirma a importância da mitologia dizendo que “os ‘deuses’, essas potências noológicas⁵¹ – divindades, *numines*, gênios, heróis de lenda e, no nível mais baixo, ‘ídolos’ – são os únicos que nos informam sobre nós mesmos” (DURAND, 1999a, p. 280, grifo do autor, tradução minha).⁵²

Além da busca de um “novo espírito antropológico”, Durand (1988, 1999b, 2012) faz menção ao iconoclasmo Ocidental e a consequente desvalorização da imagem sofrida ao longo dos tempos. Muito das restrições feitas aos estudos do Imaginário são resquícios do domínio positivista e, também, pelo fato do campo lidar com questões impossíveis de se mensurar, pesar, calcular. Em seu estudo mais aprofundado, Durand (2012) procura evidenciar a integração existente entre razão e Imaginário.

Se de um lado o papel do Imaginário era menosprezado, outros autores reconheciam sua relevância para o ser humano. Antropólogos, cientistas das religiões, filólogos, filósofos, historiadores e psiquiatras buscavam reconhecer essa importância.⁵³

Durand (1988) dedica o último capítulo do seu livro **A Imaginação Simbólica** para desvelar as funções dessa imaginação. Para o autor, a imaginação promove o equilíbrio humano em quatro setores: vital, psicossocial, antropológico e universal. No primeiro deles, o vital, “a função da imaginação é dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo” (DURAND, 1988, p. 101). Aqui, podemos observar as criações do ser humano em diferentes setores buscando desviar da inexorável presença da morte. No segundo

⁵¹ Deriva do termo noosfera, utilizado pelo francês Pierre Teilhard de Chardin, que se refere ao mundo das ideias, e que é abastecido com nossas crenças, culturas, linguagens e todas as relações e aprendizados que estabelecemos ao longo da vida. Edgar Morin, um dos autores responsáveis por uma das âncoras teóricas da tese, utiliza bastante esse termo.

⁵² No original: “[...] *los ‘dioses’, esas potencias noológicas – divinidades, numines, genios, héroes de leyenda y de novela, y, en el nivel más bajo, ‘ídolos’ – son los únicos que nos informan sobre nosotros mismos*”.

⁵³ Elenco aqui alguns autores que não serão mencionados ao longo da tese, mas que tiveram papel atuante nos estudos do Imaginário: Sigmund Freud, Carl Jung, Georges Dumézil, Henry Corbin, Claude Lévi-Strauss, Cornelius Castoriadis, Yves Durand, Andrés Ortiz-Osés, Jean-Jacques Wunenburger e Danielle Pitta (esta última responsável por iniciar os estudos da teoria do Imaginário no Brasil na década de 1970). Um ponto que talvez tenha ajudado nessa atenção aos estudos do Imaginário é o encontro do pensamento Ocidental com o Oriental. Aqui entra o principal elo dessas duas correntes: “[Schopenhauer] foi o primeiro filósofo do Ocidente a propor uma intersecção visceral entre a filosofia oriental (budismo, pensamento vedanta) e a filosofia ocidental de inspiração platônico-kantiana” (BARBOZA, 2005, p. 12).

setor, o psicossocial, a imagem é “fator dinâmico da reequilibração mental, isto é, psicossocial” (DURAND, 1988, p. 102). É a tentativa de buscar a equilíbrio entre suas pulsões individuais e as demandas do meio em que vive. No terceiro, o antropológico, a partir de “um intenso ativismo cultural” (DURAND, 1988, p. 106), a possibilidade de manter contato com culturas diferentes da nossa viabiliza uma equilíbrio humana. Isso porque, por intermédio do conhecimento de outras formas de perceber o mundo, é que posso potencializar minha percepção sobre as coisas. O último ponto indicado pelo autor é o universal, em que a imaginação organiza “os símbolos em tarefas que sempre reconduzem a uma infinita transcendência que se coloca como valor supremo” (DURAND, 1988, p. 108). É o momento em que o sujeito vai além de sua condição biológica, do seu mundo material com símbolos que o transcendem.

Tendo em vista todas essas funções desempenhadas pela imaginação, é cabível supor que ela traga contribuições para o campo científico. Eis que Morin (2005c, p. 326) diz que “devemos saber que a aventura científica não se faz apenas com experiências impessoais, mas através de imaginações, imaginários, fantasmas, obsessões, polêmicas, confrontações”, ou seja, não há ciência sem Imaginário.

Os estudos voltados ao Imaginário abordam problematizações que buscam “mostrar aquilo que não se mostra” e é “um tipo de conhecimento que faz parte das nossas vidas” (KUREK, 2009, p. 38). As pesquisas na área do Imaginário procuram religar saberes e crenças que foram desligados de nossa condição humana. O Imaginário não é uma igreja acadêmica, mas uma hermenêutica que procura ampliar os nossos modos de ver as coisas.⁵⁴

Mas, afinal, o que é o Imaginário? No senso comum, o Imaginário é o lugar da fantasia, da ilusão, do irreal. Malebranche (1923, p. 70, tradução minha), por exemplo, considera que “a imaginação é uma tola que gosta de bancar o papel de tola”.⁵⁵ Durand (2012, p. 18), por outro lado, diz que o Imaginário é “o conjunto de imagens e

⁵⁴ Gadamer (1999, p. 35) evidencia que “o modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos”.

⁵⁵ “*Imagination is a fool that likes to play the fool*”. Outra versão da obra em inglês encontrada traz a imaginação como “uma lunática que gosta de bancar a tola” (MALEBRANCHE, 2017, p. 1, tradução minha). “*Imagination is a lunatic that likes to play the fool*”. Durand (2003, p. 21) atribui a Malebranche a alcunha dada à imaginação como “louca da casa”. No entanto, não foi possível encontrar essa expressão *ipsis litteris* em seus textos. Uma discussão sobre a autoria do termo é feita no texto **La “loca de la casa”** de Ricard (1962).

relações de imagens que constitui o capital⁵⁶ pensado do homo sapiens [...], grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”. É evidente aqui, o potencial participativo, gerador e inventivo que Durand atribui ao Imaginário.

Na mesma obra citada no parágrafo anterior, o autor complementa que o Imaginário é “o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte” e complementa: “não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas sobretudo como transformação eufêmica do mundo” (DURAND, 2012, p. 432). Para o autor, o Imaginário além de ser receptáculo que auxilia nas criações humanas, ele ajuda o ser humano a lidar com a inevitabilidade da morte.

Maffesoli (2001, p. 75) considera o Imaginário “uma força social de ordem espiritual,⁵⁷ uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”. Apoiado nas leituras de Walter Benjamin, complementa dizendo que o Imaginário “é da ordem da aura: uma atmosfera” (MAFFESOLI, 2001, p. 75). O autor francês revela a dificuldade de uma percepção palpável e mensurável do Imaginário, requisitos básicos em nossa ciência racionalista, ao colocá-lo na ordem da atmosfera.

Silva (2003, p. 07) parece se apropriar e adaptar uma célebre máxima do idealismo hegeliano ao dizer que “todo imaginário é real. Todo real é imaginário”.⁵⁸ O autor traz a noção de “reservatório/motor”: o Imaginário é reservatório que “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real” e motor, pelo fato de ser “uma força que impulsiona indivíduos e grupos”. A ligação das duas palavras propostas pelo autor (reservatório e motor) procura revelar um espaço dinâmico em que seu conteúdo nunca se encontra imóvel e, por essa razão, serve como uma espécie de estímulo às diversas realizações humanas (SILVA, 2003, p. 11-2).

Silva (2004, p. 22) propõe pensar o Imaginário como um “lago existencial”. Para esse local, “derivam todas as imagens, afetos, experiências e sensações, tudo aquilo que dá significado para nossa existência individual ou grupal” (SILVA, 2004, p. 22).

⁵⁶ Longe das múltiplas significações econômicas atribuídas a essa palavra, capital aqui tem um sentido de relevante, principal, fundamental.

⁵⁷ É importante ressaltar que a palavra “espiritual” mencionada pelo sociólogo francês não se refere apenas a seres metafísicos tais como divindades e fantasmas. Morin (2007a, p. 301) traz uma significativa noção de espírito que considero ser da mesma perspectiva maffesoliana: “O espírito constitui a emergência mental nascida das interações entre o cérebro humano e a cultura, é dotado de uma autonomia relativa e retroage sobre o seu ponto de origem. Organiza o conhecimento e a ação humanos”.

⁵⁸ À Hegel é atribuída a máxima “todo racional é real, todo real é racional”.

Quem estuda questões acerca do Imaginário sabe “que a imaginação é um elemento importante na constituição do mundo humano” (KUREK, 2009, p. 39). E aqui é necessário estabelecer um paralelo entre Imaginário e imaginação.

Imaginário e imaginação possuem relações muito próximas, suas águas fluem próximas umas das outras, contudo, não são a mesma coisa. Gosto da ideia de Peres (2017b), que considera o Imaginário uma esponja que absorve as intimações do meio e, ao ser exprimida pela mão (imaginação), de variadas formas, modela suas criações. Isso significa que “o Imaginário é objetivado pela imaginação” (PERES, 2017a, p. s./p.). Em vista disso, a imaginação possui um papel importante na teoria do Imaginário:

[...] ela [a imaginação] é antes a faculdade de **deformar** as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de **mudar** as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há **ação imaginante**. Se uma imagem **presente** não faz pensar uma imagem **ausente**, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação” (BACHELARD, 1990b, p. 1, grifos do autor).

Eliade (1979, p. 20) comenta que “ter imaginação é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens” e acrescenta: “ter imaginação, é ver o mundo na sua totalidade; pois o poder e a missão das imagens consistem em mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito” (ELIADE, 1979, p. 20-1). É através “da imaginação, que a realidade assume seus valores” (BACHELARD, 2016, p. 52).

Outra metáfora que gosto de utilizar é o Imaginário como um vulcão. Em certos momentos, ele se encontra em erupção constante e sua lava tem alcance inimaginável (me perdoem a utilização desse último termo). Em outros, apenas pequenas e inconstantes nuvens de fumaça mostram que ele está por ali. “O imaginário não se contenta em ser imaginação em ato. Funciona como combustível do processo de imaginar” (SILVA, 2017, p. 44).

Um ponto importante que gostaria de abordar acerca do Imaginário é a noção da palavra “imagem”. Assim como, no senso comum, o Imaginário é o local do quimérico, fictício e inexistente, a imagem é, ainda mais nos dias de hoje com o avanço dos meios midiáticos, considerada apenas como uma representação visual. Dessarte, é necessário explicitar as possibilidades de abrangência da palavra

“imagem”. Ela não se refere apenas às representações visuais. Barat⁵⁹ (1923) elenca diferentes classes de imagens: visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas, cenestésicas, afetivas e motoras. Constatamos, com isso, que os nossos cinco sentidos são potenciais geradores de imagens.

O último tema que aparece na estante SIMBÓLICO, que é desenvolvido ao longo das âncoras teóricas da tese, é a filosofia hermética. No trabalho, problematizo três princípios herméticos: o da **Correspondência**, o da **Vibração** e da **Polaridade**.

Durand (1999a) relata que a filosofia hermética está presente nas diversas epistemologias elaboradas ao longo de mais de vinte séculos. De acordo com o autor, é possível vislumbrar cinco fases herméticas ao longo da história:

[...] o primeiro hermetismo, estabelecido na distância da Antiguidade egípcia e helênica e que nos dá o paradigma teológico de Hermes-Thot, o segundo hermetismo - o mais conhecido graças às obras de AJ Festugière - situa-se na bacia oriental do Mediterrâneo por volta do século III a.C., mais tarde em Roma (talvez houvesse um hermetismo <2 bis>) sob o Império, contemporâneo dos primeiros séculos da era cristã. Se estivermos atentos aos <despertares> – embora o hermetismo nunca tenha dormido durante toda a Idade Média e, especialmente, dos séculos XIII ao XIV, com Hildegarda de Bingen, Arnau de Villanova. Nicolas Flamel – seu ressurgimento maciço está naturalmente situado em meados da Renascença, especialmente no século XVI – com Pico della Mirandola, Marsilio Ficino e Neoplatonismo Renascentista e os grandes alemães Reuchlin, Agrippa de Nettesheim, Paracelso, Valentin Weigel e, finalmente, aquele que terá a maior projeção: Jacob Böhme e sua posteridade imediata no século XVII inglês, John Pordage e Robert Fludd. Mas a corrente não está bloqueada, ao contrário do que pensa Festugière, pelo racionalismo triunfante do século XVII, longe disso! Vemos como um novo período de um quarto hermetismo emerge com o iluminismo do século 18 terminando com Kirchberger e Karl von Eckartshausen, Martines de Pasqually e Claude de Saint-Martin – não vamos esquecer que este último foi um tradutor de Böhme – e se desenvolve com o romantismo, especialmente com Franz von Baader e *Naturphilosophie* de Schelling. Talvez já estejamos imersos – depois da onda naturalista e do progressismo científico que marca o final do século 19 e o início do século 20 – em um quinto ressurgimento que eles teriam sentido, especialmente através do pensamento da Rússia ortodoxa brutalmente

⁵⁹ Esse capítulo do autor foi revisado e complementado pelas mãos de Ignace Meyerson.

questionada <em questão>, Soloviev, Berdiaeff ou Sergei Bulgakof (DURAND, 1999a, p. 173-4, tradução minha).⁶⁰

Para o autor, essas fases correspondem a ideias do hermetismo que renascem conforme o conhecimento se desenvolve. Isso não significa que, em outros períodos, a filosofia hermética tenha sido ocultada, mas sim que seguiu seu caminho sem dar as mãos à ciência. Feyerabend (2011, p. 61) revela que “os escritos hermetistas desempenharam importante papel” na crítica e problematização do conhecimento científico e que muitas de suas ideias não foram totalmente compreendidas.⁶¹

Diante do que foi exposto até agora, pincelo algumas conexões com meu objeto de estudo, começando pelo último ponto apresentado: a filosofia hermética. Quais relações são possíveis de tecer entre o hermetismo e as rodas de samba?

O hermetismo que, em certos momentos, caminha de mãos dadas com a ciência, em outros, rompe as relações com seu par. Minha tese propõe as rodas de samba como microcosmos sociais e tem como base, para o entendimento de microcosmo, a filosofia hermética. É por meio desse modo de conhecimento que vislumbro as rodas de samba como microcosmos sociais. Essas rodas agregam em seu interior um pouco da totalidade do samba, assim como as rodas de samba analisadas nesta tese podem ser vistas como parte dessa totalidade. Aqui reside o **Princípio da Correspondência** que diz que “o que está em cima é como o que está em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 21).

⁶⁰ No original: “[...] *el primer hermetismo, asentado en la lontananza de la Antigüedad egipcia y helénica y que nos da el paradigra teológico de Hermes-Thot, el segundo hermetismo - el más conocido gracias a los trabajos de A. J. Festugière – se sitúa en la cuenca oriental del Mediterráneo hacia el siglo III a.C., después en Roma (quizás habría allí un hermetismo <2 bis>) bajo el Imperio, contemporáneo de los primeros siglos de la era cristiana. Si estamos atentos a los <despertares> – aunque el hermetismo no se haya dormido jamás durante toda la Edad Media y, especialmente, del siglo XIII al XIV, con Hildegarda de Bingen, Arnau de Villanova. Nicolás Flamel – su resurgencia masiva se sitúa naturalmente en pleno Renacimiento, especialmente en el siglo XVI - con Pico de la Mirándola, Marsilio Ficino y el neoplatonismo del Renacimiento y los grandes alemanes Reuchlin, Agrippa de Nettesheim, Paracelso, Valentín Weigel y, finalmente, el que tendrá mayor proyección: Jacob Böhme y su posteridad inmediata en el siglo XVII inglés, John Pordage y Robert Fludd. Pero la corriente no queda bloqueada, contrariamente a lo que piensa Festugière, por el racionalismo triunfante del siglo XVII, ilejos de eso! Vemos cómo un nuevo período de un cuarto hermetismo despunta con el Iluminismo del siglo XVIII terminando con Kirchberger y Karl von Eckartshausen, Martines de Pasqually y Claude de Saint-Martin – no olvidemos que este último fue traductor de Böhme – y se desarrolla con el Romanticismo, especialmente con Franz von Baader y la Naturphilosophie de Schelling. Quizás estemos ya inmersos – después de la ola naturalista y el progresismo cientifista que marca el fin del siglo XIX y el comienzo del XX – en una quinta resurgencia que habrían presentado, especialmente a través del pensamiento de la Rusia ortodoxa brutalmente puesta <en cuestión>, Soloviev, Berdiaeff o Sergei Bulgakof”.*

⁶¹ Mais sobre Hermetismo e sua ligação com o desenvolvimento científico em Westman e McGuire (1977).

Outro princípio hermético utilizado nesta tese é o **Princípio da Vibração** que diz que “**nada está parado; tudo se move; tudo vibra**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 23, grifos do autor). Esse princípio permite pensar a roda de samba como uma potente manifestação que leva seus frequentadores ao mesmo estado de vibração: é aquela alegria de um participante que contagia os demais, a sociabilização que convoca os mais tímidos a participarem e as vozes do público que aos poucos vão se somando à do cantor.

Já o **Princípio da Polaridade** diz que “em tudo há dois polos ou aspectos opostos, e que os **opostos** são simplesmente os dois extremos da mesma coisa, consistindo a diferença em variação de graus” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 24, grifo do autor). As influências africanas, ameríndias e europeias na roda de samba podem ser entendidas, por meio desse princípio, como polaridades de uma mesma coisa. Cada uma delas se coloca como o polo oposto da(s) outra(s) (ex: samba europeu como oposto do africano, samba ameríndio como polaridade do africano etc.). Elas, longe de enfraquecer, enriquecem a totalidade do samba propagado nas rodas e a riqueza destas está em saber manejar as influências sem perder o gingado de seu próprio samba.

O campo multidisciplinar dos estudos do Imaginário é outro ponto de apoio para problematizar as rodas de samba. Todo simbolismo presente nessas manifestações será abordado por meio dessa vertente teórica e das ancoras guias elencadas para a tese.

Com o auxílio de Durand (2012), saliento que o Imaginário possui uma retórica e um discurso próprios, potencializando os processos de semantização simbólica. Contudo, toda retórica tem seus perigos: seus excessos e seu mal uso podem voltar ao semiologismo das interpretações retirando a fecundidade do símbolo.

Dentro do campo simbólico, é possível analisar as rodas de samba e suas inúmeras ações: as interações entre seus participantes, as relações entre a roda e seus frequentadores, bem como a relação do espaço físico em que a manifestação é realizada e seus participantes. Além disso, é por meio do Imaginário que procuro debater questões atuais referentes às rodas de samba pesquisadas, como: o preconceito ainda enraizado diante dessa manifestação, as influências do meio familiar e social para a manutenção das rodas e suas formas de expressão que, além de acessarem outros modos de ser no mundo, vislumbram um processo formativo potencializado por esse meio.

Após a apresentação do referencial teórico, chega o momento em que, atolado de tantos livros e, assim como Morin (2008b, p. 38), “[...] sentindo-me submerso, sufocado, tomei a decisão intelectualmente arbitrária, mas biologicamente necessária, de parar com a bibliografia” e idealizei a estrutura da tese. Foi então que escolhi usar âncoras guias ao longo desse trabalho.

Embora haja um grande volume de autores que se encontram na estante SIMBÓLICO da minha biblioteca, apenas alguns deles foram utilizados. Por essa razão, decidi trabalhar com determinadas noções-chave (que chamei de âncoras teóricas, adequando-as à narrativa marítima), ao invés de autores-guia.

Essa escolha se deve a que os autores, durante sua trajetória de estudo, revisam conceitos, reestruturam teorias, reformulam opiniões. Por exemplo: a produção de Gaston Bachelard foi dividida em duas fases bem distintas, a diurna (relativa ao conhecimento objetivo) e a noturna (voltada ao conhecimento subjetivo) (MACHADO, 2016, p. 12), e a de Michel Foucault foi organizada por seus comentadores em três domínios, arqueologia, genealogia e ética, embora essa segmentação não abarque toda a complexidade de sua obra (ALCÂNTARA, 2011, p. 36). O que foi exposto, bem como a amplitude de temáticas que podem ser debatidas pelos autores no decorrer de suas produções, justifica a escolha por âncoras teóricas ao invés de autores-guias.

Essas âncoras são noções que procuram dar estabilidade ao **Satolep-Samba** enquanto navega pelo **Oceano Samba**. Elas são abordadas da seguinte maneira: em um primeiro momento, apresento características teóricas dos autores dessas noções; em seguida, elucido cada uma das âncoras e demonstro como são operadas neste estudo.

No próximo tópico, apresento a primeira âncora teórica, que foi desenvolvida pelo filósofo Ernst Cassirer.

2.3.1 Ernst Cassirer – âncora teórica: “animal simbólico”



Confesso que minha maior dificuldade de navegação teórica foi nessa rota. Muitas vezes, parecia que minha única fonte de iluminação era a luz das estrelas, sem perceber que havia virado as costas para o farol. Esse farol que muitas vezes iluminou as obscuridades que, como capitão do navio **Satolep-Samba**, atravesssei.

Antes de problematizar a primeira âncora teórica desta tese, é necessário apresentar a noção de símbolo. Embora esse tópico seja dedicado a uma teoria cassireriana, apoio-me em Durand (1988) na tentativa de problematizar esse termo.

Durand (1988, p. 12-3) define o símbolo “como pertencente à categoria do signo” e diferencia este último em dois tipos: os signos arbitrários (que remetem “a um significado que poderia estar presente ou ser verificado”) e os signos alegóricos (que se referem às representações de coisas “difícilmente apresentáveis em ‘carne e osso’”). O símbolo é “qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo de ausente ou impossível de ser percebido” (DURAND, 1988, p. 14), ele é o elemento que representa algo seja por uma escolha humana arbitrária, seja por alguma semelhança com o que é simbolizado. O autor coloca o **“símbolo enquanto signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas que corrigem e complementam inesgotavelmente a inadequação”** (DURAND, 1988, p. 19, grifos do autor). Com isso, posso afirmar que o símbolo transcende a coisa a qual representa.

Outro autor coloca que o pensamento simbólico faz parte da natureza humana e precede a linguagem e o discurso racional. “O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento” (ELIADE, 1979, p. 13).

Parto das noções de símbolo e pensamento simbólico expostas acima para pensar o ser humano e suas relações simbólicas. Da noção de símbolo durandiana, desloco-me para o “animal simbólico” de Cassirer (2005), descrevendo antes um pouco o seu trabalho. Cassirer (2004, 2009, 2011), um frequentador assíduo da **Biblioteca Warburg**, foi um dos pesquisadores que ajudaram na valorização do simbolismo. Seu maior projeto foi **A Filosofia das Formas Simbólicas**, dividido em três partes. Nas palavras do próprio autor:

a Filosofia das formas simbólicas não volta seu olhar exclusivamente e em primeiro plano para o domínio dos conceitos de mundo puramente científicos e exatos, mas para todas as direções do entendimento de mundo. Ela procura apreender esse entendimento em sua multiplicidade de formas, em sua totalidade e na distinção interna de suas manifestações (CASSIRER, 2011, p. 29).

Ele evidencia que as formas simbólicas são modelos de entendimento de mundo e que cada uma é regida por suas próprias regras.⁶² Nos três volumes do estudo, o autor discorre sobre essas formas na busca de compreendê-las de acordo com sua natureza e com “as leis que regem sua estrutura” (CASSIRER, 2011, p. 10). Por isso, Eilenberger (2019, p. 381) evidencia que “a concretização das próprias vivências em formas simbólicas cria um reino próprio, autônomo, que transcende as fronteiras da própria finitude e provavelmente até da finitude em si”.

Após um profundo mergulho nas mais de 1600 páginas de uma leitura densa que dispensei noites em claro no navio, pude vislumbrar um arcabouço geral do entendimento cassireriano sobre as formas simbólicas. Em momentos como esse, muitas vezes esqueci que o farol estava lá piscando suas luzes caso eu precisasse de auxílio.

Talvez fosse necessário, como diria Nietzsche (2007), retomar uma característica bovina esquecida por mim: a ruminação. Era preciso ler, reler, refletir, pensar e falar comigo mesmo, caminhando pelo **Satolep-Samba**, até que as ideias do autor fossem digeridas. Não queria fazer da teoria de Cassirer um “texto habitável à maneira de um apartamento alugado” (CERTEAU, 1998, p. 49), queria me sentir um pouco proprietário daquela escrita para poder dialogar sobre ela com competência.

Cassirer (2004, 2009, 2011), em toda sua obra, procura evidenciar o funcionamento e o desenvolvimento de cada uma das formas simbólicas. No primeiro volume, que teve sua primeira edição publicada em 1923, o autor se debruça sobre a linguagem como modo de conhecimento. No segundo, publicado em 1925, volta-se para o pensamento mítico/religioso. No terceiro e maior volume, publicado em 1929, o filósofo traz uma fenomenologia do conhecimento. Sobre esse último, revela:

[...] a constituição básica do conhecimento e sua lei fundamental podiam ser demonstradas com maior clareza e acuidade quando tivessem alcançado o mais elevado nível de sua ‘necessidade’ e ‘universalidade’. Por essa razão, essa lei foi procurada nas áreas da matemática⁶³ e das ciências exatas, e na fundamentação da ‘objetividade’ físico-matemática. Em consequência disso,

⁶² Morin (2008b, p. 58) diz que “[...] o conhecimento não saberia refletir diretamente o real, só podendo traduzi-lo e reconstruí-lo em outra realidade”. Posso dizer que essa reconstrução da realidade se dá por meio das formas simbólicas da filosofia de Cassirer.

⁶³ “O caso da *matemática* é particularmente interessante. Foi aqui que o pensamento abstrato produziu resultados pela primeira vez e foi a partir daqui que o paradigma do conhecimento verdadeiro, puro e objetivo se espalhou para outras áreas” (FEYERABEND, 2010, p. 90, grifo do autor). Morin (2020, p. 87) acredita que “precisamos renunciar à redução do conhecimento e da ação ao cálculo e precisamos repudiar a razão gelada que obedece incondicionalmente à lógica do terceiro excluído”.

a formas do conhecimento, como é aqui definida, coincide essencialmente com a forma da ciência exata (CASSIRER, 2011, p. 1).

A noção de conhecimento para Cassirer (2011), proposta no terceiro volume de sua obra, é baseada no funcionamento e desenvolvimento do mundo físico-matemático e no poder de abstração que a forma simbólica adquire. Por essa razão, identifico esse conhecimento cassireriano como conhecimento abstrato. Para o autor, o que faz a transposição da linguagem para o conhecimento abstrato se deve muito ao número. Segundo ele,

a forma do número e da enumeração é, conseqüentemente, o verdadeiro vínculo a partir do qual podemos atualizar de modo mais nítido a conexão existente entre o pensamento linguístico e o científico, bem como a oposição característica existente entre ambos (CASSIRER, 2011, p. 581).

Da mesma maneira que propõe uma evolução do pensamento mítico para o religioso, o autor menciona um progresso da linguagem para o conhecimento abstrato. Embora compactue com a âncora teórica “animal simbólico” proposta, não concordo com essa ideia evolucionista das formas simbólicas. Talvez aqui resida a crítica de Durand a Cassirer: as formas simbólicas propostas pelo filósofo não devem ser hierarquizadas, como por exemplo, o mito não pode ser “um símbolo esclerosado” enquanto a ciência adquira “um maior poder de pregnância simbólica” (DURAND, 1988, p. 59).

Em outra obra Durand (2012, p. 389) comenta que “razão e inteligência, longe de estarem separadas do mito por um processo de maturação progressiva, não passam de pontos de vistas mais abstratos, e muitas vezes mais sofisticados pelo contexto social”. Isso evidencia o que o autor menciona em páginas posteriores do mesmo trabalho:

[...] o mito e o imaginário, longe de nos aparecerem como um momento ultrapassado na evolução da espécie, manifestaram-se como elementos constitutivos – e instaurativos, como julgamos ter mostrado – do comportamento específico do homo sapiens (DURAND, 2012, p. 429).⁶⁴

⁶⁴ Kiberd (2020, p. 24) evidencia que “a necessidade humana de criar mitos é profundamente enraizada, uma vez que os mitos são projeções simbólicas dos valores culturais e morais de determinada sociedade, figuras de seu estado psíquico”.

A proposta evolutiva das suas formas simbólicas fica visível quando Cassirer (2011, p. 135) aponta que:

[...] o irromper do dia, o despertar da vida consciência teórica não permite mais o retorno ao mundo mítico das trevas. Pois o que mais poderia ser esse retorno além de uma mera recaída, além de um escorregão a um estágio do espírito humano primitivo e já superado.

Dentro do navio, depois de muito pensar sobre a questão, não considero o mito “primitivo”, nem vejo um “despertar da vida da consciência teórica”. Os mitos ‘primitivos’ só são estranhos e sem sentido porque os estudiosos desconhecem ou distorcem seu modo de funcionar (FEYERABEND, 2011). A ideia de primitividade do mito vem de nossa primitividade em pouco conhecê-lo. Essa visão das coisas é muito presente, mas acredito, assim como Feyerabend (2010, p. 37), que “o conhecimento (científico) não é a medida universal da excelência humana” e, por isso, “a ciência deve ser tratada como uma tradição entre muitas, não como um padrão para avaliar aquilo que é aceito, aquilo que não é, aquilo que pode e aquilo que não pode ser aceito” (FEYERABEND, 2010, p. 51).⁶⁵ Para reforçar o último autor, recorro a Latour (2011, p. 281), que acrescenta: “uma vez que para a maior parte da história, esse sistema peculiar de convencimento [a ciência] não existe, como foi que a espécie humana se virou durante tanto tempo sem ele?”

Para Feyerabend (2011, p. 59, grifos do autor),

[...] devemos encarar as concepções de mundo da Bíblia, do épico **Gilgamés**, da **Iliada** e dos **Edda** como **cosmologias alternativas** plenamente desenvolvidas que podem ser utilizadas para modificar, e mesmo substituir, as cosmologias ‘científicas’ de determinada época.

Dessa forma, entendo que as diferentes formas simbólicas devem concorrer em pé de igualdade, tendo em vista, é claro, sua relação com o fenômeno

⁶⁵ Como afirma Morin (2020, p. 33), “[...] a ciência não é um repertório de verdades absolutas (diferentemente da religião). Suas teorias são biodegradáveis sob o efeito de novas descobertas. Porque as controvérsias, longe de serem anomalias, são necessárias aos progressos da ciência”. Gadamer (2002, p. 58) também provoca o leitor ao questionar: “será a ciência, como ela própria reivindica para si, a última instância e a única portadora da verdade?”.

estudado.⁶⁶Por isso, sigo a recomendação de Feyerabend (2011, p. 211), que situa o conhecimento científico apenas como “um dos muitos instrumentos que as pessoas inventaram para lidar com seu ambiente”, uma forma de conhecimento com suas serventias, mas também com seus inconvenientes. Como bem definiu Gusdorf (1980, p. 230) a ciência “fornece uma das interpretações possíveis da experiência sensível, mas não a única”.⁶⁷

Embora não tenha dedicado um volume de seu **A Filosofia das Formas Simbólicas** à arte, Cassirer (2004, 2005, 2009, 2011) se refere a ela como forma simbólica. Além disso, o autor tinha planos de elaborar um quarto volume da obra que trataria tanto da arte quanto da metafísica (MERGULHÃO, 2018).⁶⁸

Há vários motivos para que esse quarto volume não tenha escrito. Entre 1929-30, o filósofo exercia o cargo de reitor da **Universidade de Hamburgo**, o que lhe consumia tempo. Logo, quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha em 1933, o autor, que tinha origem judaica, e sua esposa deixaram o país para nunca mais regressarem. Para os pesquisadores estadunidenses que tinham conhecimento do trabalho de Cassirer,

[...] cresceu a impressão de que era necessário um volume não escrito para completar **A filosofia das formas simbólicas**, e que esse era sobre arte. Cassirer menciona continuamente a tríade de arte, mito e religião ao longo dos três volumes, mas não há tratamento separado da arte. Essa impressão de que deveria haver um volume de arte persistiu mesmo após a morte de Cassirer, principalmente porque a pessoa que mais pensou no trabalho de Cassirer foi Susanne Langer, que, embora ela nunca tenha sido sua aluna e só o conheceu depois que ele chegou ao Estados Unidos, desenvolveu uma concepção de simbolismo formulada em termos de teoria estética (KROIS; VERENE, 1996, p. XXIII, grifos dos autores, tradução minha).⁶⁹

⁶⁶ Morin (2008c, p. 172-3) comenta que, durante o século XIX e na aurora do século XX, se presumia que “a promoção de ideias laicas correspondia à evolução necessária e progressiva do mito à razão, da religião à ciência; o desaparecimento gradual dos mitos bioantropomorfos e o estreitamento da área religiosa deviam completar-se, o que corresponderia ao triunfo das verdades positivas, racionais e científicas”. Podemos supor que Cassirer, que viveu entre 1874 e 1945, tenha sofrido forte influência desse modo de pensar.

⁶⁷ Couto (2019c, p. 51) diz: “acredito na ciência, sim, mas apenas como um dos caminhos do saber”.

⁶⁸ “[...] embora ele não tenha concluído tal projeto os manuscritos que formariam o vol. IV foram postumamente coligidos sob o título; ‘*Zur metaphysik der symbolischen Formen*’ (MERGULHÃO, 2018, p. 252). Há uma versão em inglês: ver Cassirer (1996).

⁶⁹ No original: “[...] *the impression grew that an unwritten volume was needed to complete The Philosophy of Symbolic Forms, and that this was on art. Cassirer continually mentions the triad of art, myth, and religion throughout the three volumes, but there is no separate treatment of art. This impression that there should be a volume on art persisted even after Cassirer’s death, especially since one thinker most immediately to carry on from Cassirer’s work was Susanne Langer, who, although she was never his student and met him only after he came to the United States, developed a conception of symbolism formulated in terms of aesthetic theory*”.

Após essa longa explicação do trabalho de Cassirer, estou mais preparado para apresentar a primeira âncora teórica da tese: “animal simbólico”. Cassirer (2005, p. 50), ao invés de definir o homem como um animal racional, traz a noção do ser humano como um “animal simbólico”. De acordo com o autor, não vivemos em um mundo meramente físico, mas sim, em um mundo simbólico e “linguagem, mito, arte, religião, ciência são partes deste universo” (CASSIRER, 2005, p. 48). Essa afirmação é corroborada por Gusdorf (1974, p. 761-2, tradução minha), quando afirma que,

o ser humano não é determinado, por exemplo, pelas meras condições materiais, físicas ou morais de sua existência [...] O domínio humano se define como uma comunidade de representações e valores; toda determinação, portanto, tem um significado simbólico, emblemático.⁷⁰

A partir das reflexões dos dois últimos autores, posso presumir que as relações humanas com o mundo não ocorrem sem intermédios. O próprio Cassirer (2005, p. 48-9) revela que “[o homem] envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial”.

FORMAS SIMBÓLICAS DE CASSIRER

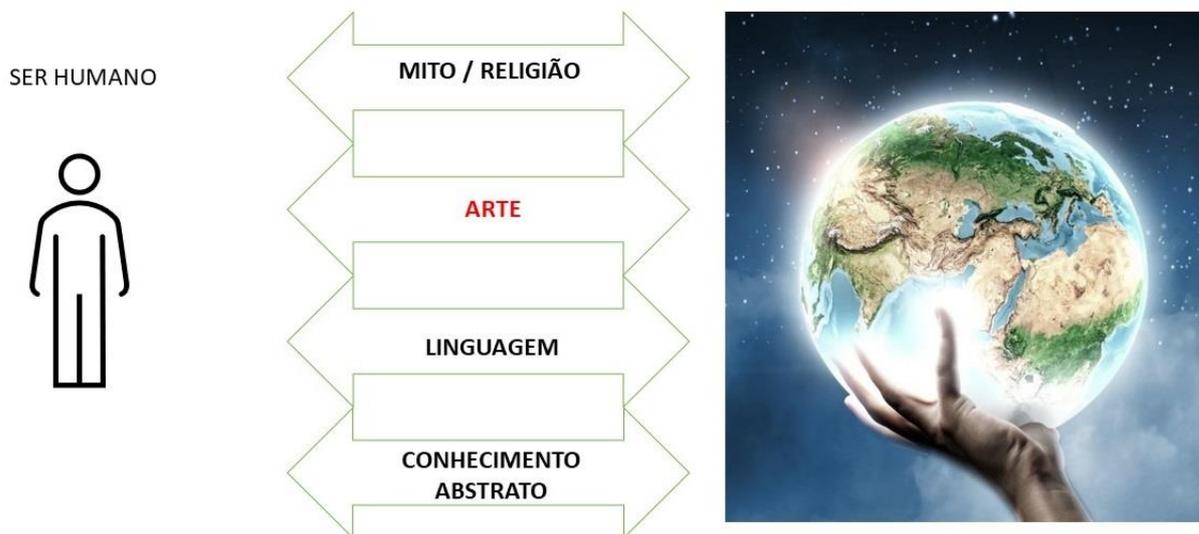


Figura 3 – Cassirer e suas formas simbólicas.

Fonte: Imagem do globo terrestre retirado do *site wallhere*. Elaborado pelo autor (2020).

⁷⁰ No original: “L’être humain n’est pas déterminé, par exemple, par les seules conditions matérielles, physiques ou morales, de son existence. [...] Le domaine humain se définit comme une communauté de représentations et de valeurs; toute détermination y prend, dès lors, une signification symbolique, emblématique”.

Na imagem acima (Figura 3), é possível observar as diferentes formas simbólicas funcionando como interlocutoras entre o ser humano e o universo. A palavra “arte” foi grifada em vermelho, pois, como mencionado anteriormente, não há um volume de **A Filosofia das Formas Simbólicas** dedicado a ela.

Um ponto relevante é que nenhuma dessas formas simbólicas pretende trazer um retrato da realidade. Para Cassirer (2009, p. 42),

o conhecimento, bem como a linguagem, o mito e a arte: nenhum deles constitui um mero espelho que simplesmente reflete as imagens que nele se formam a partir da existência de um ser dado exterior ou interior; eles não são instrumentos indiferentes, e sim as autênticas fontes de luz, as condições da visão e as origens de toda configuração.⁷¹

Assim como cada forma simbólica tem sua autêntica fonte de luz, determinado fenômeno pode demandar uma ou outra forma simbólica com mais intensidade. No entanto, elas podem ser relacionadas entre si.

Embora entenda que cada forma simbólica tenha suas regras de funcionamento, coloquei-as em leve contato como mostra a Figura 3. Tomei essa decisão porque, diferentemente do autor, acredito que cada forma simbólica, em alguns momentos, pode invadir os espaços de outras formas, mesclando-se e funcionando de maneira concomitante com diferentes formas simbólicas. Como exemplo, a arte pode simbolizar dentro de suas regras como também penetrar ou ser adentrada pela linguagem ou pelo mito/religião, criando regras diversas que são extraídas das diferentes formas citadas. É nesse sentido que Feyerabend (2011) menciona, por exemplo, que as artes não devam ser entendidas como um instrumento a parte do conhecimento abstrato e da religião, mas pode-se estabelecer um vínculo entre eles.

Na próxima imagem (Figura 4), a roda de samba é o foco das relações com o ser humano.

⁷¹ Latour (2011, p. 322) utiliza a metáfora caixa-preta para se referenciar a uma série de conhecimentos que podem ser adquiridos por um meio específico e considera que quanto mais vedadas essas caixas-pretas estejam, mais as pessoas se adaptam a viver em um “mundo de ficção, símbolo, aproximação, convenção”. Diferentes caixas-pretas se encontram em cada forma simbólica e cada forma simbólica tem suas regras no desenvolvimento de suas caixas-pretas.

CASSIRER NA RODA DE SAMBA

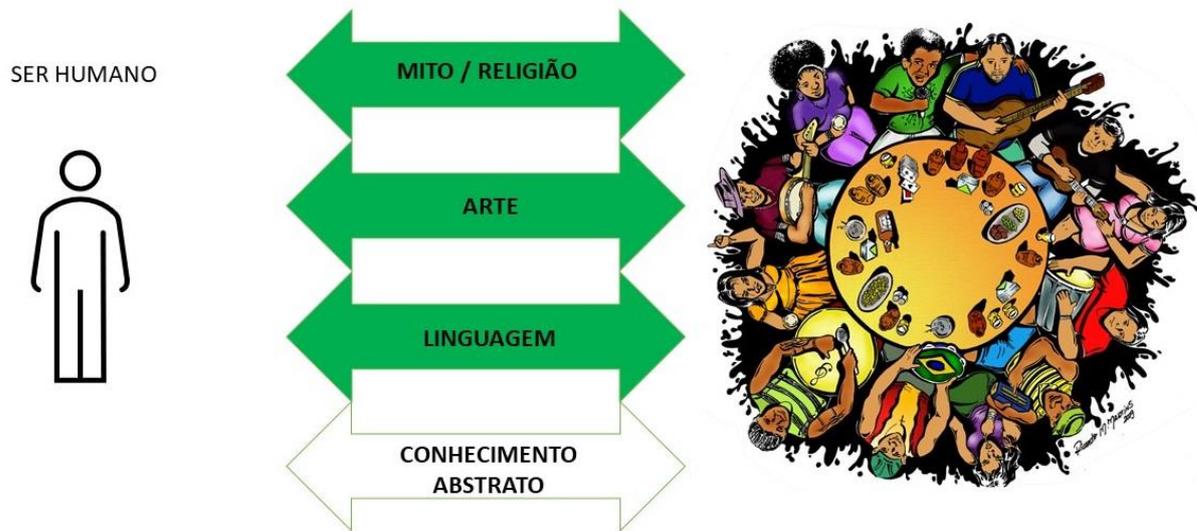


Figura 4 – Cassirer na roda de samba.

Fonte: Imagem da roda de samba retirada do *site* Pinterest. Elaborado pelo autor (2020).

A imagem acima (Figura 4) mostra, destacadas em verde, as três formas simbólicas que são bem evidenciadas em uma roda de samba. A forma simbólica linguagem se estabelece em conversas informais entre os participantes, nas quais há receptividade. Nas vezes em que pude frequentar as rodas de samba, tanto a feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** como as rodas de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, percebi um acolhimento que não é dito em palavras, mas manifestado simbolicamente por gestos e sorrisos. A forma simbólica arte é evidenciada de inúmeras maneiras: a música, a dança, e, quando necessário, a improvisação dos sambistas. Por fim, a forma simbólica mito/religião está impregnado nas crenças de cada participante como nas letras de músicas que louvam Orixás.⁷²

De acordo com Durand (2012, p. 261), o ato de ingerir bebidas alcoólicas de forma coletiva cria uma “ligação mística⁷³ entre os participantes” que elimina, pelo menos naquele momento, “a condição cotidiana da existência”. Algo semelhante ocorre na roda de samba, confraternização na qual é possível perceber a construção de vínculos entre os participantes.

⁷² Na mitologia iorubá, os Orixás são divindades que personificam elementos da natureza e orientam e protegem os seres humanos. Mais informações em: Prandi (2000).

⁷³ Para Durand (2012, p. 269), o místico tem, em seu sentido, a associação entre “uma vontade de união e um certo gosto da intimidade secreta”.

A música carrega consigo a eufemização de nossa duração existencial. Ela parece “[...] tocar em nós o núcleo mais secreto, o ponto de enraizamento de todas as recordações [...]” (DURAND, 2012, p. 224). Houve momentos em que, acompanhando algumas rodas de samba, tive aquele arrepio corporal que muitas vezes ocorre quando presenciamos algo que nos comove e nos sensibiliza tanto que não conseguimos verbalizar.

A roda de samba pode ser entendida de inúmeras formas, como vimos no tópico **Segunda Estante: SAMBA**. Pode ser uma reunião social, uma apresentação artística com ou sem elementos coreográficos, “exercício lúdico de criação e improviso de versos”, espaços que oferecem o canto, a dança, a música, a comida, a bebida em uma interação variada. Por essa razão, Moura (2004, p. 68) argumenta que “o samba forma valores, estabelece normas de conduta e referências comportamentais”.

Partindo da imagem do samba, proponho pensar que cada forma simbólica é um instrumento musical com uma afinação diferente que trabalha com uma oitava⁷⁴ abaixo ou acima em relação à outra. Essas formas podem se relacionar (já que todas são instrumentos), contudo cada uma preserva suas regras (afinações) distintas e, assim, tem suas próprias normas para simbolizar o mundo.

Durand (1999b) complementa a noção de “animal simbólico” de Cassirer ao dizer que somos “*homo symbolicus*” e mediamos as diferentes formas simbólicas ao nos relacionarmos com o mundo. Sendo assim, podemos dizer que falar da espécie humana e suas relações culturais é tratar de um “*homo symbolicus*” que vive em um universo simbólico.

Diante do exposto anteriormente, as rodas de samba viabilizam reafirmações e ressignificações de práticas decorrentes nesses eventos, oferecem um espaço de incessantes trocas simbólicas entre os seus participantes por meio da dança, das músicas, das conversas informais entre os frequentadores e, em alguns casos, mediante o oferecimento de refeições que agregam pratos consagrados nas reuniões de samba. Nesses encontros, é possível encontrar aquilo que supus no início: **as rodas de samba como possíveis reveladoras de microcosmos sociais e seu potencial formativo do ser humano.**

⁷⁴ Oitava é o nome dado ao intervalo entre duas frequências. Dizer que a nota está uma oitava acima ou abaixo significa que a mesma nota está numa região mais aguda (acima) ou grave do instrumento (abaixo). Mais sobre o assunto em Guima (2018).

Para que possamos debater mais sobre o samba no campo simbólico, é necessário entender sua gênese, suas transformações e, para isso, apoio-me na nossa próxima âncora teórica: “bacia semântica”.

2.3.2 Gilbert Durand – âncora teórica: “bacia semântica”



Gilbert Durand, juntamente com Gaston Bachelard, é um dos mais importantes teóricos dos estudos do Imaginário. De acordo com Cazenave (2003, p. 13, tradução minha), Durand propõe outras maneiras de pensar e investiga intensamente a imaginação e o modo como ela irriga “nossas formas de sociedade, nossos modos de viver juntos, nossos modos de sonhar que muitas vezes dizem mais sobre o nosso próprio segredo do que às vezes queremos admitir”.⁷⁵

Durand (1988, p. 77) procura integrar a psique humana e evidencia que “as sintaxes da razão não são meras formalizações extremas de uma retórica que também se banha no consenso imaginário geral”. Para o autor, “não há ruptura entre racional e imaginário, pois o racionalismo não passa de uma estrutura, dentre muitas outras, polarizante própria do campo das imagens” (DURAND, 1988, p. 77).

Para que se entenda a força simbólica presente no samba, é relevante ter em conta o processo histórico civilizatório do Brasil. Isso é feito com base na âncora teórica “bacia semântica”.

Inspirado nessa ideia conceitual desenvolvida por Durand (2003), pude visibilizar melhor a tese de que **as rodas de samba na cidade de Pelotas são possíveis reveladoras de microcosmos sociais cuja prática potencializa a formação humana**. Entendendo o período dos séculos XV e XVI, quando europeus se lançam ao mar em busca de novas terras, como fermentador de três culturas distintas no Brasil (aqui faço uma comparação com as bacias semânticas), três matrizes culturais (europeia, indígena e africana) instauradoras que instigaram o compartilhamento de saberes entre os povos. Para melhor entender a noção de “bacia semântica”, cito um trecho de Durand (2003, p. 74-5, tradução minha, grifo meu) que explica as seis fases de sua constituição:

- 1) **Torrentes**: diferentes correntes são formadas em um determinado ambiente cultural: às vezes são ressurgências distantes da mesma bacia

⁷⁵ No original: “nuestras formas de sociedad, nuestros modos de vivir juntos, nuestros modos de soñar que a menudo dicen más sobre nuestro secreto de lo que a veces quisiéramos admitir”

semântica passada; essas torrentes nascem, outras vezes, de circunstâncias históricas precisas (guerras, invasões, eventos sociais ou científicos, etc.). **2) Divisão das águas:** as torrentes se reúnem em partidos, em escolas, em correntes e, assim, criam fenômenos de fronteira com outras correntes orientadas de maneira diferente. É a fase das ‘brigas’, dos confrontos dos regimes do imaginário. **3) Confluências:** assim como um rio é formado por afluentes, uma corrente criada precisa ser gerenciada pelo reconhecimento e apoio de autoridades estabelecidas, personalidades influentes. **4) Em nome do rio:** é então quando um mito ou uma história reforçada por uma lenda promove um personagem real ou fictício que denomina e tipifica a bacia semântica. **5) Aproveitamento das margens:** constitui uma consolidação estilística, filosófica, racional. É o momento dos ‘segundos’ fundadores, dos teóricos. Às vezes, as inundações exageram certas características típicas da corrente. **6) Esgotamento dos deltas:** então meandros são formados, derivações. A corrente enfraquecida do rio é subdividida e permite ser capturada por correntes vizinhas.⁷⁶

Durand (2003) traz, na citação acima, uma metáfora hidráulica que busca compreender a composição de um conjunto de águas que se mesclam e transpassam as profundezas umas das outras. Quando a “bacia semântica” chega a sua última fase, **Esgotamento dos deltas**, pode ser absorvida por outras correntes. Isso significa que características constituintes de sua última fase podem ser bebidas por outras formações culturais, por outras “bacias semânticas”.

De acordo com Durand (2003, p. 74), “circunstâncias históricas precisas” são facilitadoras na constituição da “bacia semântica” em sua primeira fase, intitulada **Torrentes**. Nessa etapa, posso distinguir três fortes **Torrentes**: a indígena, a africana e a europeia. A possibilidade de mescla cultural entre indígenas, escravos africanos trazidos pelos colonizadores do Velho Mundo⁷⁷ e pelos próprios europeus em território

⁷⁶ No original: “1) *Torrentes. distintas corrientes se forman en un medio cultural dado: a veces son resurgencias lejanas de la misma cuenca semántica pasada; esos torrentes nacen, otras veces, de circunstancias históricas precisas (guerras, invasiones, acontecimientos sociales o científicos, etcétera).* 2) *División de aguas. Los torrentes se reúnen en partidos, en escuelas, en corrientes y crean así fenómenos de frontera con otras corrientes orientadas diferentemente. Es la fase de ‘querellas’, de los enfrentamientos de regímenes de lo imaginario.* 3) *Confluencias. Al igual que un río está formado por afluentes, una corriente constituida necesita ser apañada por el reconocimiento y el apoyo de autoridades establecidas, de personalidades influyentes.* 4) *En nombre del río. Es entonces cuando un mito o una historia reforzada por la leyenda promueve un personaje real o ficticio que denomina y tipifica la cuenca semántica.* 5) *Aprovechamiento de las orillas. Se constituye una consolidación estilística, filosófica, racional. Es el momento de los ‘segundos’ fundadores, de los teóricos. A veces las crecidas exageran ciertos rasgos típicos de la corriente.* 6) *Agotamiento de los deltas. Se forman entonces meandros, derivaciones. La corriente del río debilitado se subdivide y se deja captar por corrientes vecinas”.*

⁷⁷ Fazem parte do Velho Mundo a Europa, a África e a Ásia. Antes da expansão europeia, através das grandes navegações, “o mundo consistia em duas grandes regiões geográficas com povos que durante grande parte de sua história desenvolveram tecnologias, modos de vida de forma isolada” (PEOPLES; BAILEY, 2012, p. 365).

brasileiro pode ter sido um fator muito relevante para a gênese do que futuramente seria chamado de samba.

Aqui é importante salientar que me aproprio da metáfora hidráulica de Durand para elaborar um mapa-múndi voltado ao samba. Abaixo (Figura 5), mostro um mapa da bacia semântica do samba:

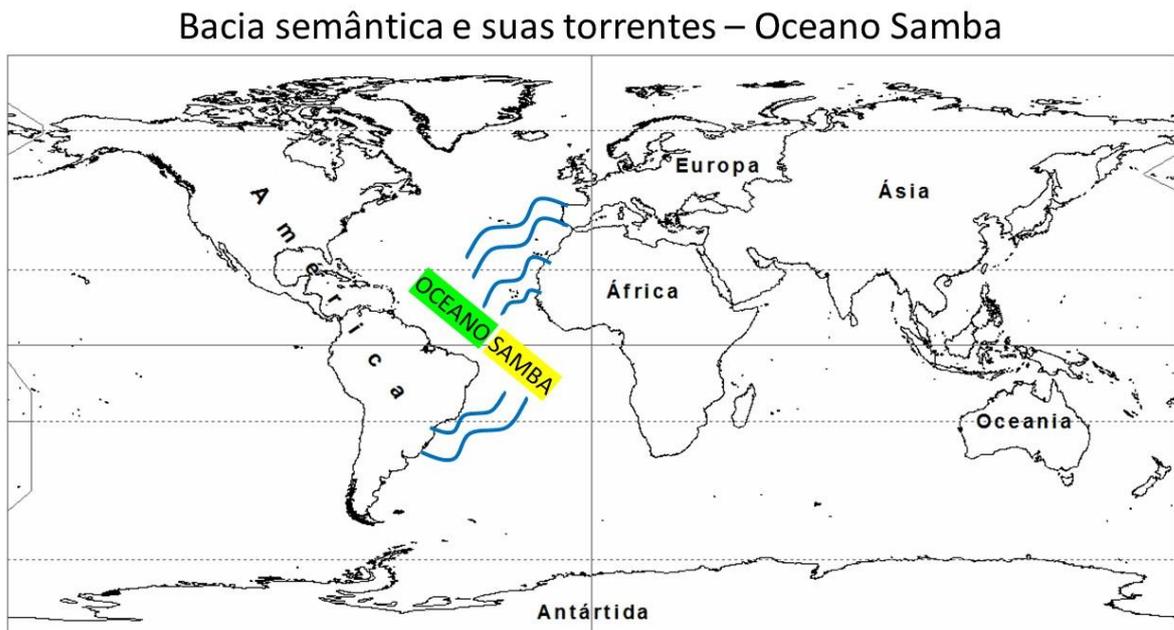


Figura 5 – Bacia Semântica do samba.

Fonte: Imagem retirada do *site* mapasparacolorir.com.br. Elaborado pelo autor (2020).

Com o período das grandes navegações e da invasão das terras brasileiras, três grandes “bacias semânticas” se encontram e transbordam suas águas pelas terras brasileiras. Uma delas procura, com a força das suas águas, homogeneizar todas as outras, mas características das três bacias podem ser observadas nessas águas. A partir desse marco histórico, é possível pressupor novas construções de Imaginários ricos de novos substratos.

Essa incessante mescla, que se pode perceber na primeira fase da constituição da “bacia semântica”, gerou um novo povo brasileiro, trazendo novos apanágios ainda não conhecidos quando o território brasileiro era habitado apenas por indígenas. Talvez por isso Chaves e Araújo (2014, p. 46) considerem a alma imaginal brasileira como “tigrada”, conforme mencionado no tópico **Primeira Estante: BRASIL**. Essa alma “tigrada” brasileira se revela complexa e multifacetada; tem na combinação de povos ameríndios, africanos e europeus uma grande variedade de intercâmbios culturais.

Até o presente momento pensava a noção de “bacia semântica” como forma de identificar uma união de três matrizes culturais instauradoras (europeia, indígena e africana) que instigaram o compartilhamento de saberes entre os povos, possibilitando uma união cultural cujo fermento resultaria em samba. Porém, é preciso entender como essa “bacia semântica” se encontra atualmente e que águas a irrigam.

Durand (1988, p. 105) menciona André Malraux para problematizar a difusão em massa das mais variadas produções humanas, o que permitia “uma confrontação planetária das culturas”. Isso serviu como disparador para entender a “bacia semântica” do samba e suas fases nos dias de hoje: se suas **Torrentes** (indígena, europeia, africana) são facilmente distinguidas, atualmente temos um samba cujas águas correntes, fronteiras e divisões já não possuem as mesmas delimitações do período das grandes navegações.

Outras culturas, como vimos ao longo do tópico **Segunda Estante: BRASIL**, agregaram suas águas ao **Oceano Samba**. Águas alemãs, italianas, holandesas, francesas, japonesas entre tantas outras adentraram e encorporaram o **Oceano Samba** após o encontro das três **Torrentes** ter sido realizado. Em qual fase da “bacia semântica” essas águas apareceram? Não há como precisar, apenas tenho a responsabilidade, como capitão do **Satolep-Samba**, de reconhecer a complementação das águas que navego.⁷⁸

Outro exame hidráulico é fornecido por Silva (2017), que faz uma amplificação da análise durandiana da “bacia semântica” através de nove etapas:

1) **Vazamento**: “um acontecimento qualquer deixa escapar um filete de sentido”. Se Durand tem o escoamento como “um encontro que se dá a partir de desencontros internos”, Silva traz a imagem do vazamento como “um escoamento inesperado, fruto mais de uma explosão do que de uma divergência, em busca de uma nova confluência” (2017, p. 82).

2) **Infiltração**: “o filete de sentido” descobre uma abertura e infesta outro local. De uma infiltração imperceptível converte-se em “um incômodo a ser combatido”. Diferentemente de Durand e sua divisão de águas anterior às confluências, “a infiltração forma um pequeno lago que poderá se transformar numa configuração cheia de sentido” (SILVA, 2017, p. 83).

⁷⁸ Também é possível encontrar a discussão do termo “bacia semântica” em Durand (1999b, p. 100-16).

3) **Acumulação:** a permanência de uma infiltração forma uma composição líquida que começa como uma gota podendo “alcançar um estatuto próprio” e elaborar “sua narrativa particular e hagiográfica” (SILVA, 2017, p. 83).

4) **Evocação:** “ao revisitar constantemente a nascente do vazamento, [esse procedimento da memória] realimenta a infiltração com imagens frescas e novas fugas favorecendo a acumulação” (SILVA, 2017, p. 83).

5) **Transbordamento:** “o acúmulo de evocações infiltradas acaba por superar a capacidade do acontecimento em si” (SILVA, 2017, p. 84). Aqui um novo lago se forma, solapando o que encontra em sua frente.

6) **Deformação:** o transbordamento acaba provocando “uma deformação do material afetivo inicial”. Silva vê a deformação como “uma conformação que dá nova forma sem, contudo, romper com o formato original” (2017, p. 84).

7) **Transfiguração:** a nova forma originária da fase anterior é a transfiguração, pois a “deformação converte-se em nova figura” (SILVA, 2017, p. 84).

8) **Metáfora:** o transfigurado recebe o batismo que ultrapassa a compreensão durandiana de nomear o rio, pois também é necessário “reconhecer a dimensão do significado excedente” (SILVA, 2017, p. 85).

9) **Derretimento e evaporação:** os “vazamentos e infiltrações esgotam-se [...] As evocações não se atualizam”. Outro Imaginário surge e, com ele, “novos vazamentos, infiltrações, acumulações, transbordamentos, deformações, transfigurações e metáforas” (SILVA, 2017, p. 85). É provado o caráter cíclico do Imaginário.

Com base na análise potamológica de Silva (2017) e na pluralidade cultural brasileira, é possível afirmar que o samba já atravessou momentos de vazamentos, infiltrações e acumulações. Se o samba passou por essas fases, as rodas de samba também experimentaram esses diferentes estágios.

Desde a chegada dos portugueses em solo brasileiro, mais de sessenta povos já migraram para o Brasil, o que faz da sociedade brasileira uma sociedade “complexa, multirracial, de características únicas” (CHAVES; ARAÚJO, 2014, p. 72). Em função disso, as águas que compõem essa “bacia semântica” do samba são cada vez mais miscigenadas.

Ponderando as múltiplas variações que o samba transcorreu durante seu desenvolvimento, considero que as rodas de samba também absorveram parte dessas transformações. Dessa forma, elementos pertencentes a outras culturas (além

das europeias, indígenas e africanas) podem ser absorvidos nessas reuniões de samba.

O desenvolvimento tecnológico de nossa sociedade possibilitou desfrutar as mais variadas experiências que o ser humano poderia vivenciar até então. O dinamismo das nossas relações me move a substituir o termo “bacia semântica”.

Como foi mencionado no tópico **Terceira Estante: Simbólico**, Silva (2004, p. 22) compara o Imaginário com um “lago existencial”. Inspirado nessa ideia, troquei a palavra “lago” por “oceano” na tentativa de transmitir a ideia de algo extenso e de complicada delimitação. Esse **oceano existencial**, a meu ver, traz uma imagem potente de um espaço aquático cuja dimensão e profundidade exatas são pouco exploradas e/ou conhecidas.

Nesse imenso **oceano existencial**, águas que embalam nossa vida, temos o universo do samba. Por isso, denominei de **Oceano Samba** todo esse conjunto de águas cujos afluentes não se consegue ver nitidamente em muitos momentos, mas se tem a convicção, ou pelo menos a forte sensação, de que são conhecidos. As águas desse **Oceano Samba** gingham de um lado e de outro, requebrando suas torrentes, e fazem o navio **Satolep-Samba** balançar ao longo da navegação.

As **Torrentes** europeias com suas águas colonizadoras procuravam subjugar as outras **Torrentes**, colocando os outros fluxos aquíferos em sua trajetória. As **Torrentes** indígenas, na confluência dessas águas, se sentem invadidas em um território que supunha ser só seu. As **Torrentes** africanas, deslocadas de um lugar e, sendo levadas a outro, requebraram suas águas tentando alterar sua rota oceânica. Em meio a essa confluência aquífera, outras porções menores de água trazem suas peculiaridades que vazam para esse **Oceano Samba**.

Os anos passaram, as músicas e os instrumentos mudaram, a roda permaneceu. As águas do **Oceano Samba** transmutaram, mas a roda de samba foi mantida e sua identificação é percebida pelos participantes. Embora possa se suspeitar do caráter nacional tanto do samba quanto de sua roda, “o sujeito não vai lá ‘para ser mais brasileiro’, mas é ‘mais brasileiro’, porque vai lá, mesmo que não racionalize isso” (MOURA, 2004, p. 54).

As relações estabelecidas nas rodas de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** e do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** revelam como as águas desse **Oceano Samba** são vistas aqui em Pelotas. Ambas as

rodas são microcosmos sociais de um samba espalhado por todo o Brasil, o que potencializa a formação humana.

Mas o que, especificadamente, revelam essas rodas? Volto minha atenção para as rodas observadas no estudo: cada uma delas mostra pontos que cabe destacar aqui.

Na feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** que contou com mais de cem pessoas, as diferentes razões pelas quais cada um estava presente ali dinamizou trocas de experiências entre pessoas que carregam o samba como estilo de vida e outras que o escutam apenas de vez em quando. Por meio desse intercâmbio, novos valores emergiram e viabilizaram que a roda de samba trouxesse a oportunidade de cultivar novos interesses, novas relações e novas formas de perceber o outro. Isso faz da roda de samba um reduto de formação humana.

Nas rodas de samba realizadas no compartimento **Navegantes do Mercado Central**, ficou evidente aquilo que Moura (2004) frisou acerca da impossibilidade de repetição de uma roda de samba. Em cada roda, por mais que os músicos e os frequentadores fossem os mesmos e sua realização se desse no mesmo local, era sempre uma nova roda cujos participantes compartilhavam suas vontades, anseios, sensações e percepções daquele momento. Por mais paradoxal que possa parecer, cada dia a roda de samba voltava a se repetir sem poder reprisar a roda anterior. Era uma nova roda, um novo microcosmo social que emergia.

Desloco-me para um dos lados do navio, miro atentamente o oceano e vejo seu reflexo buscar meus olhos. O barulho de suas águas roça o casco do navio e ecoa por todo o **Satolep-Samba**. Esse roçar e ecoar nos leva à próxima âncora teórica da tese: “ressonância/repercussão”.

2.3.3 Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”



Já foi mostrado no tópico **Terceira Estante: SIMBÓLICO** a influência do autor francês na problematização do pensamento científico. Aqui, reforço a influência bachelardiana no campo acadêmico por meio de uma releitura da **Alegoria da Caverna** que faz parte do Livro VII da obra **República** de Platão. Por meio dessa

narrativa, Platão (2006) busca romper com a obscuridade da caverna para ascender ao mundo inteligível.⁷⁹

De acordo com Garagalza (2020), Bachelard propõe dois caminhos na caverna platônica: o percurso como teórico do conhecimento, caminho similar ao de Platão saindo da caverna, e o trajeto no sentido das profundezas da caverna, quando o autor se volta para imagem poética. Para Peres (2020), Bachelard passou boa parte de sua vida fora da caverna e toda lucidez alcançada pelo autor fez com que ele fosse intimado a adentrar a caverna apenas após seus cinquenta anos.⁸⁰

Bachelard explora os dois polos constituintes da psique humana: a conceitualização e o devaneio (SOLARES, 2009). Esse último, longe de representar a loucura, refere-se ao poder criativo e imaginante do ser humano. Por meio do universo poético, Bachelard (1990a, 1990b, 1994, 1998, 2016) valoriza os processos imaginantes e problematiza as ações humanas que eles desencadeiam, partindo dos quatro elementos principais da natureza: água, ar, fogo e terra.⁸¹

Antes de adentrar a próxima âncora teórica, “ressonância/repercussão”, decidi investigar a fonte que Bachelard sorveu para desenvolver essa noção. Eis que me deparei com o psiquiatra francês Eugène Minkowski.

Em um livro intitulado *Vers une Cosmologie*, cuja primeira edição publicada é de 1936, o psiquiatra traz escritos que não tiveram oportunidade de serem publicados em sua principal obra, *Le Temps Vécu*, de 1933.⁸² No capítulo nono daquele livro, Minkowski (1967) discorre sobre o fenômeno *retentir* (repercutir).

Por meio de exemplos acústicos como o enchimento de um recipiente com líquido e o som de uma buzina em uma floresta, Minkowski (1967) traz as implicações

⁷⁹ Durand (2012, p. 193) menciona que “o próprio Platão sabe que é necessário descer-se de novo à caverna, tomar em consideração o ato da nossa condição mortal e fazer, tanto quanto pudermos, bom uso do tempo”.

⁸⁰ Talvez essa situação justifique o uso da divisão dos trabalhos do autor francês em duas vertentes separadas: o Bachelard Diurno (problematizador do conhecimento científico) e o Bachelard Noturno (propenso ao estudo da imagem e poesia). Acredito que seu lado Diurno caminhe junto com seu lado Noturno e, por essa razão, não faço essa separação dos estudos do autor.

⁸¹ Para Empédocles de Agrigento, “o universo pode ser entendido então como resultado de quatro raízes – a água, o ar, a terra, o fogo” (SOUZA, 2000, p. 27). Bachelard parte desses elementos para propor a ação imaginante. É interessante salientar aqui a relação entre ser humano e natureza mencionada por Proust (2016b, p. 126): “[...] nas suas criações mais artificiais, é sobre a natureza que o homem trabalha; certos lugares impõem sempre ao seu redor um império particular, arvoram suas insígnias imemorais no meio de um parque, como o teriam feito longe de qualquer intervenção humana, na solidão que volta sempre a rodeá-los, surgidas das necessidades de sua exposição e superposta à obra humana”.

⁸² A versão da obra *Le Temps Vécu* a que tive acesso foi a inglesa *Lived Time*, publicada em 1970.

desses fenômenos. Ambos os sons ecoam em seus locais (recipiente e floresta), o que os faz vibrarem pela energia dispendida tanto da água quanto do som da buzina.

Minkowski (1967) faz uma analogia entre encher um recipiente de água até fazê-lo transbordar com estarmos “cheios” de raiva a ponto de extravasá-la a ponto que nos transborde. Mais adiante, o psiquiatra comenta sobre a capacidade de “[...] fenômenos relacionados à simpatia, harmonia, ressonância, faculdade de vibrar em uníssono com a atmosfera [...]”, algo que “[...] penetra nas profundezas do nosso ser, ressoa, repercute realmente em nós [...]” (MINKOWSKI, 1967, p. 106, tradução minha).⁸³

Tendo em conta a proposta de Minkowski (1967), é possível pensar a roda de samba como uma manifestação que ecoa, mexe com a energia dos seus frequentadores e pode transbordar tanto para espaços próximos à roda quanto para outros momentos da vida de seus participantes. Mas, para aprofundarmos mais esse ponto, gostaria de entrar em outra âncora teórica: “ressonância/repercussão”, proposta por Bachelard (2005b).

Na obra intitulada **A Poética do Espaço**, Bachelard (2005b, p. 28), faz um “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima”, uma *topoanálise* de acordo com o neologismo criado pelo autor. Na introdução da obra mencionada, o autor comenta sobre as noções de “ressonância” e “repercussão”: “as ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência” (BACHELARD, 2005b, p. 07). Embora o pensador empregue essa âncora teórica no estudo de imagens poéticas, pretendo expandir sua utilização e aplicá-la na análise das rodas de sambas elencadas nesta tese.

Antes de exemplificar sua aplicação nas rodas de samba elencadas, é necessário salientar que, embora parecidas e trabalhadas em conjunto, ressonância e repercussão possuem uma diferença importante. Para Pessanha (1994), a ressonância é disposta em um nível superficial do espírito enquanto a repercussão procura o âmago do ser, a sua alma.⁸⁴ Em função disso, Bachelard considera,

⁸³ No original: “[...] *phénomènes relevant de la sympathie, d'harmonie, de résonance, de faculté de vibrer à l'unisson avec l'ambiance [...]*”. “[...] *pénètrent jusqu'au fond de notre être, résonnent, retentissent réellement en nous [...]*”.

⁸⁴ Bachelard, sobretudo influenciado pelo Romantismo alemão acredita ser fundamental a distinção entre espírito e alma: “o espírito leva para o conceito, o espírito leva para a elaboração intelectual, a alma é exatamente, segundo ele, o agente produtor e receptor do circuito artístico e, de certa maneira, Bachelard mostrará também, do circuito filosófico (PESSANHA, 1994, p. 27).

[...] a ressonância ao nível do espírito das representações, daquilo que lembro quando vejo uma certa imagem, de tudo aquilo que, de uma certa maneira, penso a respeito da imagem, ao passo que a repercussão, aquele *retentissement* [Minkowski], é algo mais fundo, é aquele abalo que faz com que aquela imagem não seja mais, para quem recebe, uma imagem do outro, mas uma imagem do próprio receptor, onde a categoria mesmo e outro, autor e receptor, autor e público começa a se dissolver (PESSANHA, 1994, p. 27).

Apesar de distintas, de acordo com Bachelard (2005b), as noções de “ressonância” e “repercussão” devem ser consideradas como um par: “ressonância/repercussão”. Peres (2014, p. 07), enfatiza essa cumplicidade de relação entre ambos os termos:

as imagens oníricas e poéticas, no âmbito da formação humana, podem potencializar o aprofundamento de sua própria existência, gerando a repercussão. Este aprofundamento, incognoscível em sua integridade, leva o devaneador ao desejo e à alegria múltipla de falar, atingindo, desse modo, as ressonâncias e, em certo modo, a reinvenção de si.

Na imagem abaixo (Figura 6), é possível observar a roda de samba e as ressonâncias e repercussões que são ocasionadas pela manifestação.

RESSONÂNCIAS E REPERCUSSÕES NA RODA DE SAMBA



Figura 6 – Ressonâncias e Repercussões na roda de samba
Fonte: Imagem da roda de samba retirada do *site* Pinterest. Elaborado pelo autor (2020).

Como diria Proust (2016a, p. 368), “parece que certas realidades transcendentem emitem, a seu redor, radiações a que a multidão é sensível”. A imagem acima (Figura 6) mostra uma força energética em verde que se propaga pelo ambiente e alcança os frequentadores da roda de samba.

As relações estabelecidas nos espaços de samba ressoam e repercutem na vida dos frequentadores. Ao adentrar esses espaços, quantas imagens ressoam e repercutem nessas pessoas? Que ressonâncias e repercussões esses espaços lhe proporcionam?

Relatos de alguns tripulantes (Apêndices L.4 e L.6) revelam que o samba é contagioso. Para um tripulante (Apêndice L.6, linhas 119-20), a roda de samba é contagiosa “por todos os aspectos [...] você reúne pessoas, amigos, o ambiente é um ambiente contagioso”. Outro tripulante (Apêndice L.4, linhas 45) coloca que quem frequenta uma roda de samba “quando vê [...] já tá se sacudindo”; “a batida já entra no corpo da pessoa e a pessoa inconsciente já começa a se mexer” (Apêndice L.4, linhas 47-8).

A roda de samba parece ser uma manifestação que repercute no íntimo de seus participantes, fazendo com que voltem repetidas vezes aos locais nos quais são realizadas. Esse contágio que a roda de samba provoca possibilita vislumbrar as ressonâncias e as repercussões acessadas nos frequentadores desses espaços. Esse fenômeno é agregado pela roda de samba, que potencializa uma repercussão em uníssono propagando ressonâncias variadas, sempre em consonância com os participantes da roda. Esse sentimento pode ser percebido de duas maneiras: na relação da roda com seus participantes e na relação da manifestação da roda de samba com o espaço em que ela está inserida.

A essa âncora teórica, a “ressonância/repercussão”, afilio o **Princípio da Vibração**, da filosofia hermética, que diz que “**nada está parado; tudo se move; tudo vibra**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 23, grifos do autor). Esse princípio indica que inúmeros pensamentos, emoções, vontades, desejos e diferentes estados “são acompanhados por vibrações, uma porção das quais é expelida e tende a afetar a mente de outras pessoas por **indução**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 83, grifo do autor). Por meio da vibração, a energia criada em uma roda de samba pode ser dispersada pelos diferentes participantes de sua manifestação. É aquela sensação estranha de passar por uma roda de samba e começar a batucar com os dedos em algum lugar,

assobiar a melodia da música, esboçar uma movimentação corporal concernente com a roda de samba.

Chegou o momento de apresentar a última âncora teórica da tese: o “pensamento complexo”, de Edgar Morin (2005b).

2.3.4 Edgar Morin – âncora teórica: pensamento complexo



Chego, neste momento, à última âncora teórica desta tese: o “pensamento complexo”, proposto por Edgar Morin (2005b). Parto do entendimento de que ele é tanto teoria como método da minha pesquisa.

Essa ideia é abordada por Morin (2005c, 2007a, 2007b, 2008a, 2008b, 2008c), ao longo dos seis volumes do livro **O método**. É nessas obras, como também em outros trabalhos do autor, que vemos sua tentativa de reintegrar as dicotomias que transformaram nossa noção de mundo em saberes fragmentados e, muitas vezes, sem relação entre si.

A proposta moriniana contrapõe o paradigma da filosofia moderna, chamado por Morin (2005b, p. 59) de “paradigma simplificador [pois ele] põe ordem no universo, [e] expulsa dele a desordem. A ordem se reduz a uma lei, a um princípio [...]”. O autor complementa dizendo que “os cientistas de Descartes a Newton, tentavam conceber um universo que fosse uma máquina determinista perfeita” (MORIN, 2005b, p. 58).

Nas palavras de Morin (2002, p. 334), o paradigma da complexidade incita

a distinguir e fazer comunicar em vez de isolar e de separar, a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade/multiplicidade de toda entidade em vez de a heterogeneizar em categorias separadas ou de a homogeneizar em indistinta totalidade. Incita a dar conta dos caracteres multidimensionais de toda realidade estudada.

Morin elenca três princípios para pensar a complexidade:

1º) o princípio dialógico, em que se mantêm “a dualidade no seio da unidade” através da associação dos termos que são complementares e antagônicos ao mesmo tempo (2005b, p. 74);

2º) o princípio da recursão organizacional, em que se rompe com a ideia linear de causa/efeito, produto/produtor e revela que “os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que se produz” (2005b, p. 74); e

3º) o princípio hologramático, que tem como mote que “não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte” (2005b, p. 74).

O primeiro princípio nos possibilita vislumbrar a dualidade (nesse caso triabilidade) não mais como, por exemplo, samba africano x samba indígena x samba europeu, mas por meio do seguinte esquema:

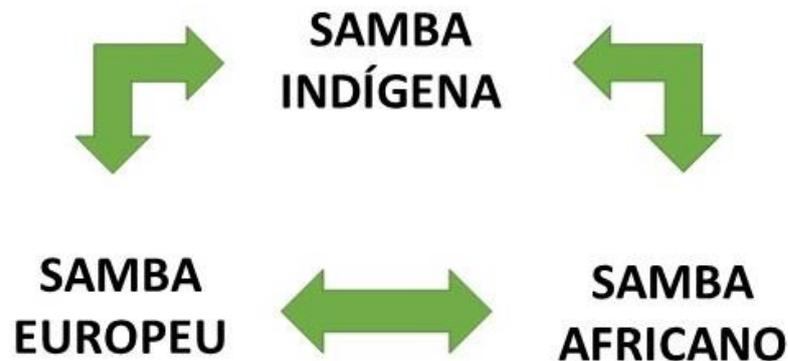


Figura 7 – Relação das matrizes instauradoras do samba
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Como se pode ver (Figura 7), as variedades se alimentam uma das outras, contribuindo para o desenvolvimento e a propagação do samba. Embora haja disputas de espaço e representatividade, essas brigas ajudam no fortalecimento de sua unidade.

Nesse primeiro preceito do pensamento complexo moriniano, é possível vislumbrar um dos princípios herméticos citados na **Terceira Estante: SIMBÓLICO**: o **Princípio da Polaridade**. Esse último diz que “em tudo há dois polos ou aspectos opostos e que os **opostos** são simplesmente os dois extremos da mesma coisa, consistindo a diferença em variação de graus” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 24, grifo do autor). Aqui, diferentes formas de idealizar a polaridade podem ser averiguadas: a polaridade samba indígena x samba africano, samba indígena x samba europeu e samba africano x samba europeu. No entanto, essa “variação de graus” apenas deixa

um dos sambas mais perceptível e não, necessariamente, traz à tona uma rivalidade entre esses elementos.

Na imagem abaixo (Figura 8), é possível discorrer sobre os demais princípios do “pensamento complexo”.



Figura 8 – Pensamento complexo e a roda de samba

Fonte: Imagem da roda de samba retirada do *site* Pinterest. Elaborado pelo autor (2020).

O segundo princípio moriniano ajuda a desenvolver a ideia de que a roda de samba é gerada e responsável por sua manutenção como também é responsável pelas consequências de sua atividade. No caso da roda de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, isso fica bem nítido quando percebo as relações envolvidas entre o espaço físico do compartimento e a roda de samba que ocorre nele.

No segundo diário de bordo, no tópico **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, em que descrevo esse compartimento explorado na minha pesquisa, é possível perceber que o **Mercado Central de Pelotas** teve inspiração europeia e foi destinado à elite da cidade. Aos poucos, os frequentadores desse compartimento foram mudando, embora a ocorrência de manifestações populares seja vista com

maus olhos por algumas pessoas. Cabe observar que a roda de samba desse compartimento é a geradora de suas perpetuações naquele espaço e essa perpetuação gera consequências não apenas aos participantes da manifestação como também aos que se encontram próximos sem, necessariamente, fazerem parte da roda de samba.

Morin (2005b, p. 74) evidencia a complexidade dessa relação ao dizer que “a sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos que os produz”. A roda de samba alimenta os seus frequentadores bem como os frequentadores alimentam a roda. Essa última alimenta o compartimento que, a contragosto ou não, alimenta a roda de samba. As interações entre os frequentadores da roda, bem como a relação deles com a roda e com o espaço realizam esse processo de produção/retroação mesmo que haja desavenças sobre sua prática.

Morin (2005c, p. 265) também comenta que “a organização da sociedade nasce e renasce incessantemente da multiconexão entre os seres computantes que a constituem”. Isso significa que os frequentadores dos espaços de samba, através das interações realizadas nesses ambientes, ajudam a preservar e revitalizar o samba. O autor ainda traz um belo exemplo que cito a seguir:

o dançarino do baile de sábado à noite regozija-se em si e para si mesmo, mas, ao mesmo tempo, o baile de sábado à noite é instituição que funciona como relaxamento, descanso, integração em proveito da sociedade. Quotidianamente, cada um ganha a sua vida para si, mas por isso mesmo, uma engrenagem da máquina econômico-social (MORIN, 2005c, p. 358).

Comparando esse raciocínio com um dos meus objetivos específicos que foi **perceber as relações ocorridas nas rodas de samba e seu potencial formador**, os frequentadores dos espaços de samba, embora se dirijam a esses locais por interesse próprio, ajudam na manutenção dessa cultura. Assim como eles se beneficiam dos espaços de samba, eles também se beneficiam dos indivíduos os ocupam para cantar, dançar, beber, comer. Essa é a base de todo raciocínio do “pensamento complexo”: um princípio teórico-metodológico que possibilita unir diferentes pontos de vista que reflitam a “realidade complexa do indivíduo” (MORIN, 2005c, p. 294). A roda de samba, assim como seus frequentadores, é constantemente revigorada o que mostra, nas relações decorrentes dessa manifestação, o potencial formador que ela gera.

Também é interessante abordar aqui o último princípio moriniano. A ideia do holograma faz com que aspectos específicos do samba possam ser contemplados na sua totalidade, bem como sua totalidade possa ser distinguida nas suas partes isoladas.

Nesse momento, recuperamos o **Princípio da Correspondência**. Como vimos no tópico **Antes de adentrar em uma nova aventura marítima: os mares desbravados até aqui e as intimações que me levaram a esta tese**, esse princípio diz que “**o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 21, grifos do autor). Há uma correspondência entre macrocosmo (Universo) e microcosmo (a roda de samba como um microcosmo societal). Durand (1995) vai além e menciona que “todas as ciências do homem são recorrências do antigo princípio da semelhança pelo qual o Cosmo é um mediador e operador das noções macrocosmo e microcosmo”.

Embora essa tese abarque apenas duas rodas de samba de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, esses locais podem representar, de acordo com o pensamento moriniano e a filosofia hermética, a totalidade do samba, bem como, na totalidade do samba, se pode desvelar aspectos pontuais similares aos encontrados nos compartimentos do navio **Satolep-Samba** observados nesta pesquisa.⁸⁵

É possível traçar um paralelo entre a obra de Moura (2004) e o “pensamento complexo” de Morin (2005b). O caráter das rodas de samba além de “atualiza[r] o que está na origem” e ser “única e irrepetível” (MOURA, 2004, p. 23) faz de suas ações, revigoradoras de uma prática em constante (re)atualização e (re)geração. Proponho pensar as rodas de samba pesquisadas como pequenos hologramas que contém a multiplicidade do samba brasileiro.

Considerando as âncoras teóricas “animal simbólico”, “bacia semântica”, “ressonância/repercussão” e “pensamento complexo”, discutidas neste trabalho, cujo objetivo foi **investigar as rodas de samba como possíveis reveladoras do microcosmo social e seu potencial formador**, faço uma recapitulação da seguinte maneira: parto do princípio de que todo ser humano é um “animal simbólico” (CASSIRER, 2005). Os frequentadores das rodas de samba interagem por meio de

⁸⁵ Feyerabend (2011, p. 344) faz uma reflexão semelhante ao dizer que “[...] são as culturas que originam certa realidade e essas próprias realidades nunca são bem definidas. As culturas mudam, interagem com outras culturas, e a indefinição resultante disso é refletida em seus mundos. Isso é o que torna possível o entendimento intercultural e a mudança científica: potencialmente, cada cultura é todas as culturas”.

diferentes formas simbólicas (mito/religião, arte e linguagem). Essas rodas de samba estão imersas em uma grande “bacia semântica” (DURAND, 2003), termo que foi modificado para **oceano existencial**. Nesse último, se encontra o **Oceano Samba**, cujas águas revelam um pouco desse gênero musical, sem perder o foco nas rodas pesquisadas na cidade de Pelotas/RS. As rodas de samba potencializam a “ressonância/repercussão” (BACHELARD, 2005b) dos frequentadores desses encontros, fazendo-os, muitas vezes, vibrarem na mesma intensidade, compartilhando a energia que é criada pela manifestação. O “pensamento complexo” (MORIN, 2005b), utilizado como teoria e método, propicia a análise das relações desenvolvidas entre as diferentes influências presentes no samba, as relações das rodas de samba com seus frequentadores e os locais que o acolhem e, talvez o mais importante, evidencia o papel de microcosmo social que a roda de samba revela por meio do princípio hologramático.

Encontro-me no compartimento do **Satolep-Samba** dedicado às investigações desta tese marítima quando escuto uma batida na porta. É minha parceira de viagem e de vida que pede uma pausa na leitura para descansar um pouco, pois eu parecia “muito ausente”. Respondo-lhe que “a virtude paradoxal da leitura é nos abstrair do mundo para lhe emprestar um sentido” (PENNAC, 1993, p. 19).

Olho pela janela e vejo no horizonte que o sol dá um belo mergulho no oceano. Já é quase noite. Tive que concordar com minha companheira. É momento de deixar os livros por um momento para seguir viagem.

2º Diário de Bordo

Neste segundo diário de bordo, apresento a descrição metodológica da primeira etapa da coleta empírica, a caracterização detalhada dos dois compartimentos explorados, a análise centrada nos achados desta fase e a avaliação dos consultores marítimos acerca da viagem até aqui realizada.

1 Primeira etapa das coletas

CAMINANTE, NO HAY CAMINHO, SE HACE CAMINO AL ANDAR
ANTONIO MACHADO

Machado (1933) foi um poeta espanhol que, pelo visto, entendia muito de método científico. Ao dizer que não há um caminho pré-estabelecido, pois ele se constrói durante o percurso, o autor desprende os pesquisadores de certas amarras metodológicas e certos padrões rígidos que acabam enfraquecendo o potencial analítico de um estudo.

A partir do aforismo machadiano, é possível revelar alguns rumos tomados nesta pesquisa. Contudo, como o caminho foi traçado à medida que o navio singrava o **Oceano Samba**, a primeira parte metodológica é explicada neste tópico e a segunda, no tópico **A segunda etapa da pesquisa de campo**. Relembro que a parte relativa ao referencial teórico e Estado da Arte já foram debatidos anteriormente. No tópico **Um passeio pela biblioteca do navio** foi apresentado o referencial teórico e no subtópico **Terceira Estante: SAMBA** foi esmiuçado o Estado da Arte do tema desta tese.

Como havia mencionado de passagem no final do tópico **O navio Satolep-Samba**, tive dificuldade em encontrar um ponto de partida para a pesquisa empírica. O local idealizado para a coleta, chamado **Liberdade Marítima**, estava interdito e foi o cartaz mencionado anteriormente (Anexo A) que abriu as portas do samba para este marujo. Afixado em vários locais do navio, o cartaz divulgava uma feijoada com roda de samba.

Após todos os contratempos, a pesquisa empírica ocorreu em dois locais: na feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, realizada no compartimento do **Clube Caixeiral**, e no **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**. Neste último, foram feitas coletas nos meses de outubro e dezembro de 2018. Na celebração de

aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, as coletas se deram em um único dia: 2 de setembro de 2018.

Antes disso, voltei ao compartimento GEPIEM e busquei contato com o farol para pensar como seria realizar a abordagem metodológica nessa etapa. Foi nas reuniões com o grupo que emergiu a ideia de uma pergunta detonadora⁸⁶ direcionada aos participantes da feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**. Trata-se de uma pergunta aberta, cujas respostas poderiam ser imprevisíveis e que procura induzir o mínimo possível os participantes do estudo.

Após cada ida a campo, registrei observações sobre as coletas em um processador de texto (*Microsoft Word*). Em alguns momentos, parecia que faltaria espaço para a enxurrada de reflexões. Em outros, era muito espaço para poucas ideias. Esse material serviu de auxílio para a exploração dos dados coletados. Mesmo após as coletas, segui participando de rodas de samba tanto no **Boteco Marítimo Copa Rio** (sexto compartimento do navio, já que a comemoração do aniversário se deu em outro local da embarcação, compartimento **Clube Caixeiral**) quanto no **Navegantes do Mercado Central**.

Dito isso, apresento a seguir o evento que proporcionou meu primeiro contato com o empírico da tese: a feijoada de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**.

1.1 Boteco Marítimo Copa Rio

O cartaz (Anexo A), mencionado anteriormente, divulgava uma feijoada com roda de samba que celebrava o aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**. No dia 2 de setembro de 2018, foi realizada uma festa que começou ao meio-dia com o oferecimento de uma feijoada e, à tarde, ocorreu uma breve exibição de dança dos integrantes do movimento intitulado **Dance + Pelotas**,⁸⁷ além da apresentação ao vivo de bandas que tocaram até a noite. Todas as respostas foram coletadas nesse dia.

A relação feijoada e samba é muito forte. De acordo com Gachet (2016, p. 63),

⁸⁶ Embora Peres (1999) não utilize a expressão “pergunta detonadora” *ipsis litteris* em sua tese, é possível vislumbrar nela um exemplo de utilização desse método. Essa estratégia tem forte influência do *Método Clínico Experimental* piagetiano, um método misto que engloba elementos “de testes e observações diretas” (PIAGET, 1947, p. 10, tradução minha).

⁸⁷ Movimento que busca divulgar, expandir e fortalecer a dança de salão na cidade de Pelotas. Teve início oficial no dia 29 de abril de 2018, no Dia Internacional da Dança (DANCE + PELOTAS, 2018, p. s/p.).

a feijoada no samba parece ter um papel não só de socialização e convivência entre sujeitos de diferentes origens, seja religiosa, étnica, de idade, de gênero, de orientação sexual e de classe, mas, também, a recuperação da história e de saberes de um povo marginalizado e oprimido, além de ressaltar a cultura popular como estratégia de luta e respeito às diferenças. Assim, feijoada pode se mostrar como um símbolo de resistência, como uma forma de manutenção das raízes da cultura negra e sua presença nos ambientes de samba reforça esse simbolismo.

Embora sua origem seja controversa, Gachet (2016, p. 53) menciona que atualmente a feijoada é considerada um “prato-símbolo do samba”. Eis um ponto importante que a autora salienta: “seu papel é o de mediar a socialização entre os sujeitos, não o de nutrir” (GACHET, 2016, p. 74). A comida no samba entra como elemento unificador e socializador da roda de samba.⁸⁸

À medida que as pessoas chegavam e eram convidadas a participar da pesquisa, pude perceber que os motivos pelos quais elas se fizeram presentes foram os mais variados: gostar de samba, gostar de feijoada, conhecer os promotores do evento e comemorar o aniversário de alguma pessoa. Isso ocasionou algumas dúvidas: seriam todas aquelas pessoas apreciadoras do samba? Se sim, quais dessas frequentavam o compartimento **Boteco Marítimo Copa Rio** no navio? Como não procuro dirimir essas dúvidas, elas foram ignoradas neste trabalho.

Como era necessário um local da embarcação com uma capacidade superior a do **Boteco Marítimo Copa Rio**, a festa foi realizada em um compartimento maior do navio, o **Clube Caixeiral**,⁸⁹ localizado na zona central da cidade de Pelotas. Abaixo (Figura 9), apresento uma imagem da fachada do clube.

⁸⁸ Mais sobre feijoada em Elias (2004) e sobre a relação entre feijoada e samba em Gachet (2016). Como exemplos de músicas de samba que tematizam o feijão temos **Feijoada Completa** composta por Chico Buarque lançada em 1978 e **O Feijão de Dona Neném** composta por Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz lançada em 1992.

⁸⁹ O clube foi fundado em 1879. O prédio, localizado na **Praça Coronel Pedro Osório**, foi construído por Caetano Casaretto (KAPPENBERG, 2018, p. s/p.).



Figura 9 – **Clube Caixeiral** de Pelotas (fachada do prédio)
Fonte: Arquivo do autor (2019).

Aproximadamente duzentas pessoas participaram da festa. Na imagem abaixo (Figura 10), podemos observar o salão principal do clube onde o evento foi realizado.



Figura 10 – **Clube Caixeiral** de Pelotas (salão principal).
Fonte: Foto retirada do **WordPress** do **CTG Sinuelo do Sul** (2016).

Havia duas modalidades de ingresso à festa: uma que dava direito à feijoada e outra que não incluía alimentação. Embora estivesse chovendo no dia do evento, a receptividade a ele foi excelente e o astral do ambiente estava muito acolhedor. Senti uma sensação de aconchego, sensação diferente da que experimentei quando estive no mesmo lugar participando de um congresso de dança.⁹⁰ Isso significa que não era o espaço material, **Clube Caixeiral**, que produzia aquela sensação, mas sim a reunião daquelas pessoas interessadas no samba.

Na entrada da festa, eu e minha companheira de vida, que estive junto durante toda minha navegação pelo **Oceano Samba**, ficamos recepcionando as pessoas que adentravam o recinto para convidá-los a participar da pesquisa. Elaborei uma ficha com uma pergunta detonadora (Apêndice D), que foi entregue aos participantes do evento. Ela continha uma breve explicação da pesquisa e apresentação de seu responsável. No fim, havia um questionamento acerca do samba: **Em uma ou duas palavras, o que te vem à mente quando pensas em samba?** A escolha dessa pergunta se deu na tentativa de fazer emergir dos participantes, em poucas palavras, o que eles acreditavam se relacionar com o samba.

Ao longo da festa, eu conversava informalmente com as pessoas presentes, perguntando sobre samba e quais rodas de samba elas conheciam em Pelotas. Isso contemplou um dos meus objetivos específicos desta pesquisa: **realizar um levantamento dos espaços que acolhem samba em Pelotas através de conversas informais com os frequentadores desses espaços.**

Como não havia nenhuma espécie de cadastro das rodas de samba que ocorriam na cidade, busquei ficar a par de suas ocorrências através das indicações dos próprios frequentadores desses eventos. Desse modo, posso dizer que o levantamento das rodas de samba fez uso do método conhecido como bola de neve (*snowball sampling*).

De acordo com Vinuto (2014, p. 201), “a amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade”. Sua aplicação é construída a partir da identificação de documentos e informações relevantes denominados “**sementes**, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral” (VINUTO, 2014, p. 203, grifo da autora). Por meio da indicação

⁹⁰ Nos dias 8 e 9 de abril de 2017, participei do **1º Samba Sul – Congresso de Samba de Gafieira** cujas aulas, bailes e apresentações artísticas foram todas realizadas no **Clube Caixeiral**.

de frequentadores das rodas de sambas e de uma sequência progressiva de indicações, procurei mapear, da forma mais abrangente possível, esses eventos em Pelotas.

Os frequentadores dessa festa no **Clube Caixeiral** indicaram rodas de samba em diferentes locais da cidade. Alguns tinham entrada gratuita, como o **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, e outros, entrada paga, como o **Boteco Marítimo Copa Rio**. Também mencionaram eventos que ocorriam na própria casa de alguém ou ao ar livre, em algum ponto específico da cidade. Com base nessas conversas, selecionei outro compartimento do navio para me aventurar: o **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**.

1.2 Navegantes do Mercado Central de Pelotas

Nos meses de outubro e dezembro de 2018, foram realizadas coletas no compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**. Construído entre 1849 e 1850 com projeto do arquiteto Roberto Offer, foi reformado em 1914, dessa vez com o projeto do arquiteto Manuel Itaqui, e passou por uma segunda reforma em 1969, devido a um incêndio (ROMANO, 2004, p. 115).⁹¹ No final de 2012, foi reinaugurado após passar por nova revitalização com auxílio do **Programa Monumenta** (SOARES, 2012, p. s/p.).⁹²

O **Mercado Central de Pelotas** é um edifício que possui “4.084 m² somados a 3.853 m² de área livre circundante” (BRUNO, 2010, p. 27). A seguir (Figura 11), é possível observar a fachada do local:

⁹¹ Romano (2004) cita, erroneamente, o arquiteto como Rafael Offer. Na verdade, o nome do arquiteto era Roberto Offer. A confusão talvez tenha ocorrido por causa do primeiro arquiteto escolhido, Rafael Mendes de Carvalho. Por falta de verbas, o projeto não saiu do papel. Mais acerca da revitalização do Mercado Central de Pelotas e suas consequências em Xavier (2017).

⁹² Um livro intitulado **Mercado Central de Pelotas: 1846-2014** que conta a história do espaço, foi publicado por Klécio Santos em 2014. Em 2017, um documentário sobre o **Mercado Central de Pelotas** foi produzido pela **TV Câmara de Pelotas**, pela jornalista Carolina Dumont e pelo cinegrafista Julio de Paula. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UZUGf1e4dIA>>. Acesso em: 02 set. 2020.



Figura 11 – Fachada do **Mercado Central de Pelotas**.

Fonte: Foto retirada do site **Curi Palace Hotel** (Pelotas/RS). Foto de Alexandre Neutxling.

Devido a sua grandeza, acredito ser relevante mostrar uma visão aérea do local, que é apresentada na foto abaixo (Figura 12).



Figura 12 – Vista aérea do **Mercado Central de Pelotas**.

Fonte: Perfil **Mercado Central de Pelotas** (Facebook). Foto de Rafa Marin e adaptado pelo autor (2019).

Na imagem acima (Figura 12), a seta vermelha aponta para o local onde ocorrem as rodas de samba. Sua edificação é resultado de um processo decorrente de elites charqueadoras dos séculos XIX e XX e representa um símbolo arquitetônico da opulência da “alta sociedade” da época (GARCIA, 2018). Xavier (2017, p. 53) acrescenta que:

houve um processo de higienização no Mercado Central e seu arredor, concomitante ao processo de revitalização, excluindo do local as chamadas

"classes perigosas" (frequentadores de bares, de baixa renda, que consumiam bebidas como a "cachaça", as prostitutas e os prédios destinados à suas prestações de "serviços", moradores de rua, mendigos e outros considerados "ameaças" para a segurança da sociedade). Essa higienização é correlata ao enobrecimento da área central da cidade, o que demonstra indícios de gentrificação no local, neste caso, especificamente aos ocupantes frequentadores do espaço público do Mercado.

As disputas em torno do **Mercado Central de Pelotas** muitas vezes são veladas. No entanto, com o exposto na citação acima, já é possível prever que essas mudanças no compartimento implicam nas atividades propostas em seu interior, entre elas, as rodas de samba.

Abaixo (Figura 13), disponho uma imagem do interior do local.



Figura 13 – Local reservado as rodas de samba do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**.
Fonte: Arquivo do autor (2019).

Na imagem acima (Figura 13), é possível observar o espaço em que são realizadas as rodas de samba. Nos dias dos encontros, os guarda-sóis que aparecem na imagem são retirados e uma mesa retangular é colocada no centro do espaço com

os músicos se posicionando ao redor dela. Também é possível notar na imagem a armação do toldo que é colocado para proteger o samba das intempéries do tempo.

De acordo com Sevaio e Soto (2018), o público mais transita na área interna do que permanece no local para uma refeição ou compra de determinado produto. No lado de fora, sobretudo ao entardecer, há a socialização nos barzinhos, contudo, mesmo com música, as pessoas frequentemente se encontram sentadas. Já as rodas de samba de sábado parecem promover outra dinâmica:

a partir das 18 horas dos sábados configura-se outro tipo de relação com o espaço interno do Mercado. Os instrumentos e magia do samba parecem ter o poder de tornar o lugar mais receptivo e menos asséptico. Ali, as relações entre os sujeitos, o espaço e a música unificam-se, como se fizessem parte de um todo compartilhado. Há, entre os frequentadores, casais de todas as idades, bem como solteiros à procura de um par, ou simplesmente de diversão. Assim como na área externa, as pessoas consomem cerveja e os bares lucram com isso. No entanto, as reações decorrentes dessa experiência transparecem maior efusividade. As pessoas dançam, conversam, ficam em pé, interagem com o espaço e com os outros grupos de pessoas. Há, portanto, trocas, encontros, desencontros e, de certa forma, é possível notar um sentimento de pertencimento coletivo (SEVAIO; SOTO, 2018, p. 13)

Desde 2014, as rodas de samba são oferecidas quinzenalmente no compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**. É possível observar diferentes formas de interação dos frequentadores com a roda de samba por meio do canto, da dança, da bebida e da comida que tomam conta do espaço.

A ambiência, quando ocorre uma roda de samba nesse compartimento, é diferente dos outros dias em que ele é visitado:

o pátio interno ganha componentes completamente distintos daqueles que podem ser visualizados durante a semana: há pessoas dançando, cantando, bebendo cerveja. O samba, a paixão nacional, é o fator que catalisa todo esse cenário. Assim sendo, o samba do mercado, enquanto fator de interação social, emerge no cotidiano daqueles sujeitos que, à sua maneira, ocupam a cidade. A transformação do Mercado e do modo como é produzida ali a sociabilidade são aparentes. Uma rápida observação do evento dá indícios de que os sujeitos ali presentes atribuem sentidos àquela experiência que transcendem a dimensão do consumo (SEVAIO; SOTO, 2018, p. 11).

Embora a roda de samba **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** seja bem recebida por seus frequentadores, nem todos que habitam espaços próximos veem com bons olhos. Em 2019, um abaixo-assinado elaborado por vizinhos dos arredores que reclamavam da música alta foi levado ao **Ministério Público** do Estado

do Rio Grande do Sul e acolhido pelo segundo promotor de justiça da **Promotoria de Justiça Especializada** de Pelotas André Barbosa de Borba (JORNAL DO ALMOÇO, 2019, p. s/p.). Entretanto, dos 29 moradores dos arredores que assinaram o abaixo-assinado protestando contra o barulho que os eventos culturais promoviam, nenhum deles foi encontrado por uma reportagem sobre o assunto (JORNAL DO ALMOÇO, 2019, p. s./p.). Segurar uma caneta e colocar o nome em defesa de alguma causa é fácil, difícil é procurar uma forma de tentar entender os defensores do samba no compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** e alguma maneira de solucionar o problema.⁹³

Após mais de um mês sem eventos culturais, a tradicional roda de samba voltou em maio de 2019 com algumas restrições: não podia ir além das 22 horas, nem ultrapassar os 60 decibéis (dB), a fim de evitar a poluição sonora (SILVEIRA, 2019, p. s./p.).

Nos dias em que fiz a coleta no compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, foi notória a intensa circulação de pessoas durante a roda de samba. Uns dançavam, outros cantavam; uns bebiam cerveja, outros comiam algum aperitivo; uns conversavam, outros apenas observavam o grupo tocando. No entanto, um motivo permeava os diversos interesses que habitavam aquele espaço: o samba.

Assim como fiz com os tripulantes do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, usei o método bola de neve (*snowball sampling*). Conversei informalmente com os participantes do evento na tentativa de encontrar outros locais em que ocorressem rodas de samba.

Nesse espaço, foram coletadas trinta e duas respostas. A ficha elaborada para esse momento (Apêndice E) continha as mesmas informações da ficha anterior (Apêndice D). A única diferença é que dava boas-vindas às pessoas que se encontravam no **Mercado Central de Pelotas** naquele momento. No fim, a mesma pergunta detonadora: **em uma ou duas palavras, o que te vem à mente quando pensas em samba?**

⁹³ Ações como essas podem ser verificadas em outros locais. Brunet (2016) relata que a famosa roda de samba intitulada **Samba do Trabalhador**, realizada no clube **Renascença** do Rio de Janeiro, também sofreu ação semelhante. Em agosto de 1988, um grupo de vizinhos do clube entregou à atual curadoria de Justiça de Meio Ambiente do Rio um abaixo-assinado reclamando do barulho dos eventos promovidos no local. Dentre as diversas advertências, multas e inadimplências, o clube foi interdito em junho de 2001 e reaberto um ano depois, em junho de 2002.

2 Análise da primeira etapa da coleta de dados

*A PUREZA DO SOM DOS TANTANS MARCADOS PELA NATUREZA,
EMBAIXO DA TAMARINEIRA, ONDE TUDO COMEÇOU*
ALEXANDRE BRANCHES, KIKO MV, JÚNIOR BICALHO E EDERSON MÚMIA⁹⁴

A tamarineira, referenciada na epígrafe, remete ao símbolo do **Cacique de Ramos**, sobre o qual comentei no tópico **Segunda Estante: SAMBA**. Abaixo (Figura 14), temos uma imagem da árvore.



Figura 14 – Tamarineira do Cacique de Ramos.
Fonte: Retirado do perfil do **Facebook Sambabook**.

⁹⁴ Trecho da música **A pureza do som dos tantans**, do álbum homônimo lançado em 2018 pelo **Grupo Macaco Velho**. É possível ouvir a música em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FXMb3MI7FEc>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

Baseado em sua importância simbólica no universo do samba, utilizei um modelo de árvore para análise dos resultados encontrados na primeira etapa dos dois espaços visitados. A inspiração veio de um trabalho com o qual me deparei ao longo da pesquisa no navio **Satolep-Samba**.

Vanelle (2015) traz um desenho que me inspirou a fazer algo semelhante. A autora usa uma árvore para mostrar o samba e “o entrelace de memórias do **Samba da Ouvidor**”⁹⁵ (VANELLE, 2015, p. 96). O desenho me instigou a desvelar os resultados através de um esboço que pudesse representar os achados de minha pesquisa, que apresento a seguir.

No dia da festa de aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, foram abordadas aproximadamente duzentas pessoas. Desse total, 123 se dispuseram a pegar a ficha e responder e, deste montante, duas pessoas não aceitaram participar e três, não responderam à pergunta detonadora. Por fim, foi calculado um total de 118 respostas,⁹⁶ que chamei de frutos simbólicos (haja vista a ideia de apresentá-los em uma árvore) e que foram divididos em três grandes núcleos: **Estados de Espírito, Ritual Celebrativo e Identidade**.

A formulação dos nucleamentos simbólicos se deu ao agregar imagens (palavras) que faziam emergir o tópico de cada um dos três núcleos. Os nucleamentos comunicam-se entre si como também permitem o intercâmbio de suas palavras.

A hermenêutica dos resultados foi idealizada com foco nos três nucleamentos simbólicos dispostos em uma árvore que serviu de sustentáculo em referência à importância da tamarineira no universo cultural do samba, mais especificadamente ao **Cacique de Ramos no Rio de Janeiro**. Em um primeiro momento, serão apresentados os nucleamentos simbólicos e, em um segundo momento, serão mostrados os resultados obtidos divididos nesses três grandes núcleos.

Abaixo (Figura 15), apresento como foram elaborados os nucleamentos no **Boteco Marítimo Copa Rio**.

⁹⁵ Roda de samba que ocorria esporadicamente e, a partir de dezembro de 2007, passou a ser quinzenal. Lá “tocam o que querem, os sambas que acham bonito, que gostam, no estilo que preferem e, principalmente, que não são obrigados a tocar o que os donos das casas de shows os obrigam para agradar o público” (VANELLE, 2015, p. 40).

⁹⁶ A soma de todas as respostas pode dar um número maior que 118 porque a pergunta detonadora pedia que as pessoas escrevessem em uma ou duas palavras o que lhes viesse à mente quando pensavam em samba. Consequentemente, enquanto algumas respostas continham apenas uma palavra, outras recebiam duas palavras ou até mesmo frases relativas ao samba. Nenhuma delas foi desconsiderada.

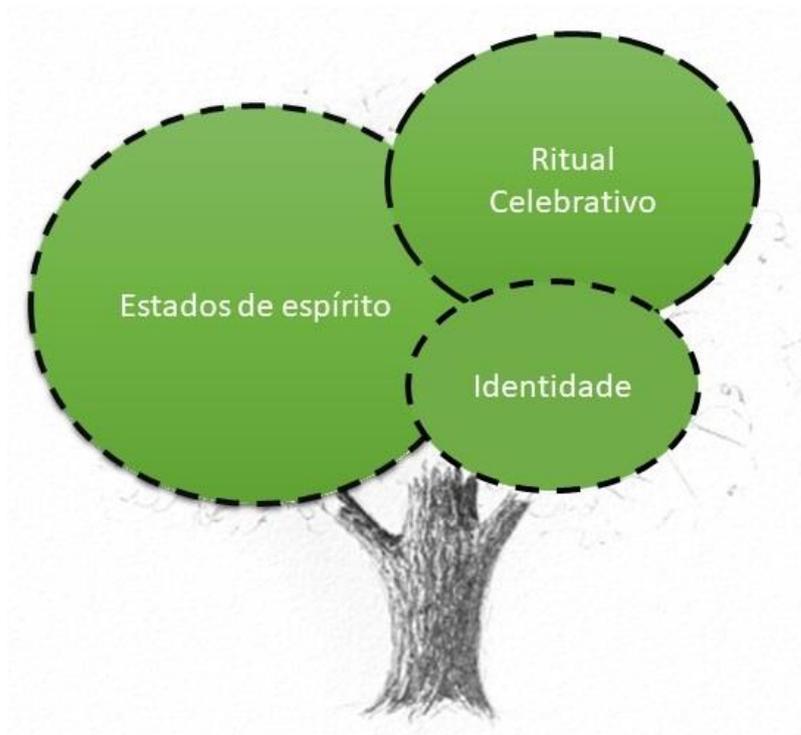


Figura 15 – Árvore do samba e seus nucleamentos simbólicos (aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**).

Fonte: Esse desenho de árvore foi retirado e adaptado de C.D.Z Team (2016). Dados da Pesquisa (2019).⁹⁷

É possível observar (Figura 15) que o maior nucleamento foi o **Estado de Espírito**, enquanto **Identidade** foi o menor. Isso se deve à quantidade de respostas que foram alocadas nesses espaços.

Outro detalhe que a imagem enfatiza é a comunicação entre os três nucleamentos simbólicos pelos tracejados de suas bordas. Isso acarreta a possibilidade de palavras que foram demarcadas em determinado nucleamento transitarem pelos outros dois núcleos.

Abaixo aponto os três nucleamentos e seus integrantes:

1) ESTADOS DE ESPÍRITO (Total de 123 frutos simbólicos)

- 61 responderam ALEGRIA. 03 deles especificaram de que ALEGRIA se tratava: 02 responderam ALEGRIA DE VIVER e 01 colocou ALEGRIA JUNTO COM OS AMIGOS.
- 12 responderam DIVERSÃO ou DIVERTIMENTO
- 11 responderam FELICIDADE

⁹⁷ O desenho da árvore faz parte de um passo a passo de como desenhar árvores. A imagem pode ser encontrada em: <<http://comodesenhardozero.com.br/como-desenhar-arvores/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

- 09 responderam AMIGOS / AMIZADE
- 06 responderam que AMAM, ADORAM ou CURTEM
- 05 responderam VIDA / VIVER
- 03 responderam AMOR
- 02 responderam ENERGIA
- 02 responderam LIBERDADE
- 01 respondeu ANIMAÇÃO
- 01 respondeu DESCONTRAÇÃO
- 01 respondeu ENTROSAMENTO
- 01 respondeu HARMONIA
- 01 respondeu MANTER A FORMA
- 01 respondeu OUSADIA
- 01 respondeu PAZ
- 01 respondeu SORRIR
- 01 respondeu UNIÃO
- 01 respondeu VIDA COM MOLEJO
- 01 respondeu PARTE MAIS IMPORTANTE NA NOSSA VIDA
- 01 respondeu MELHOR COISA QUE EXISTE

2) RITUAL CELEBRATIVO (Total de 30 frutos simbólicos)

- 09 responderam DANÇA ou DANÇAR
- 08 responderam FESTA
- 04 responderam MÚSICA. 02 especificaram: um respondeu MÚSICA BOA e outro, MÚSICA PREFERIDA
- 03 responderam CERVEJA
- 02 responderam CARNAVAL
- 02 responderam CONFRATERNIZAÇÃO
- 01 respondeu BATUQUE
- 01 respondeu CELEBRAÇÃO DA ALMA

3) IDENTIDADE (Total de 12 frutos simbólicos)

- 03 responderam RIO DE JANEIRO
- 02 responderam BRASIL
- 02 responderam RAIZ ou RAÍZES

- 02 responderam POVO ou ARTE DO POVO
- 02 respondeu CULTURA ou CULTURA BRASILEIRA
- 01 respondeu NEGRO

Abaixo (Figura 16), exponho as respostas coletadas divididas nos seus nucleamentos simbólicos.



Figura 16 – Nucleamentos e suas palavras (aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**.
Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Na imagem acima (Figura 16), os três nucleamentos simbólicos foram dispostos com suas respectivas palavras. O tamanho de cada palavra foi concebido de acordo com o número de ocorrências e, por essa razão, a palavra ALEGRIA, que foi mencionada 61 vezes, é a maior palavra dos três nucleamentos simbólicos.

Recebi com surpresa a quantidade volumosa de respostas com a palavra ALEGRIA. Em uma primeira reflexão, deduzi que o aspecto celebrativo da festa (comemoração de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**) tivesse influenciado nas respostas dos participantes daquele evento. Em outras palavras, a ALEGRIA impregnava nos resultados poderia ser um reflexo não da roda de samba em si, mas pelo próprio propósito do evento.

As conversas informais que tive com os presentes naquele dia, conforme mencionei no final do tópico **Boteco Marítimo Copa Rio**, levaram-me a meu segundo local de pesquisa: o compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, que foi visitado nos meses de outubro e dezembro de 2018.

Assim como na coleta anterior, dividi os resultados em três nucleamentos simbólicos. Na imagem a seguir (Figura 17), é possível observar como ficou representada a árvore do samba do **Mercado Central de Pelotas**:

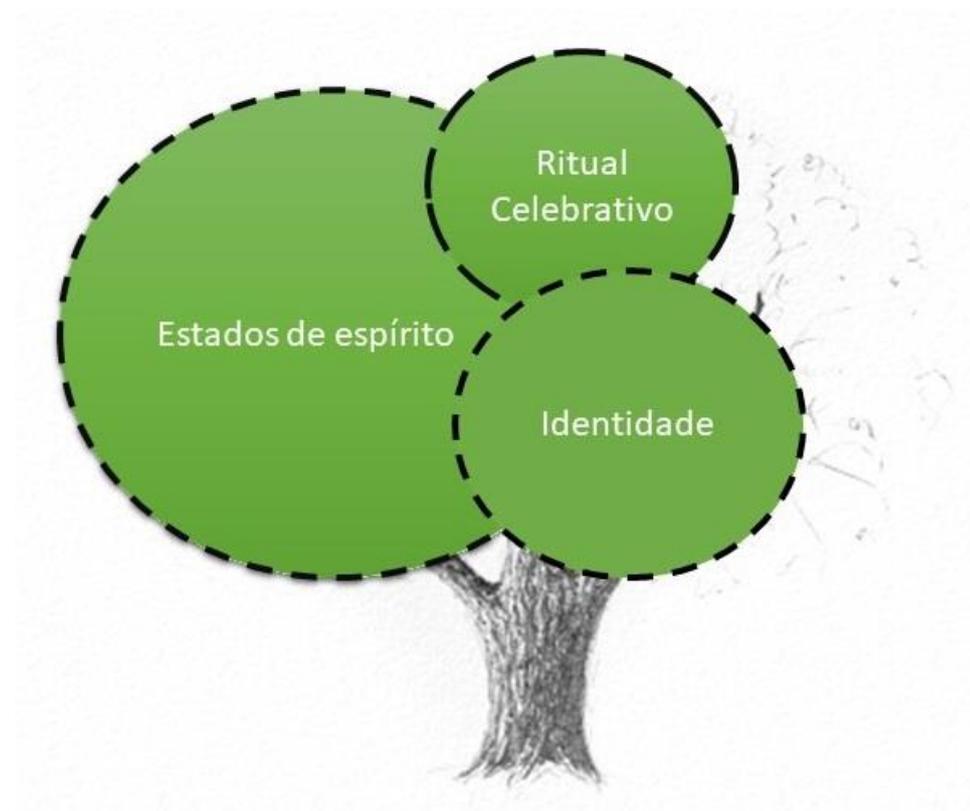


Figura 17 – Árvore do samba e seus nucleamentos simbólicos (**Navegantes do Mercado Central de Pelotas**).

Fonte: Esse desenho de árvore foi retirado de C.D.Z Team (2016) e adaptado pelo autor. Dados da Pesquisa (2019).

Nessa imagem (Figura 17), diferentemente do que ocorreu na análise da festa de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, foi possível observar maior incidência de respostas no nucleamento **Identidade** do que no **Ritual Celebrativo**. Assim como na Figura 15, os nucleamentos possuem ligações entre si, o que significa que as respostas de seu interior podem transitar em mais de um dos grupos idealizados.

Abaixo, segue a lista das 32 (trinta e duas) respostas⁹⁸ coletadas.

1 – ESTADOS DE ESPÍRITO (Total de 39 frutos simbólicos)

- 14 responderam ALEGRIA. 01 especificou de que ALEGRIA se tratava: ALEGRIA DE UM POVO.
- 07 responderam FELICIDADE / FELIZ
- 06 responderam AMIGOS / AMIZADE
- 02 responderam FAMÍLIA
- 02 responderam UNIÃO
- 02 responderam LIBERDADE
- 02 responderam O MELHOR (A MELHOR) COISA QUE TEM
- 01 respondeu HARMONIA
- 01 respondeu MOTIVAÇÃO
- 01 respondeu CONTAGIOSO
- 01 respondeu “O REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA”

2 – RITUAL CELEBRATIVO (Total de 04 frutos simbólicos)

- 01 respondeu CERVEJA
- 01 respondeu ANCESTRALIDADE
- 01 respondeu MAGIA
- 01 respondeu DANÇAR

3 – IDENTIDADE (Total de 07 frutos simbólicos)

- 03 responderam NACIONAL / BRASILEIRO / ALGO PRÓPRIO DO BRASIL (RAIZ)
- 02 responderam POPULAR ou POVO
- 01 respondeu CULTURA
- 01 respondeu CACIQUE DE RAMOS

Na imagem abaixo (Figura 18), foi feita uma representação do interior dos nucleamentos com as palavras pertencentes a cada um.

⁹⁸ Da mesma maneira que ocorreu no total de respostas do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, a soma de todas as respostas pode dar um número maior que os 32 resultados obtidos pelo fato de algumas respostas conterem mais de uma palavra.



Figura 18 – Nuclamentos e suas palavras (**Navegantes do Mercado Central de Pelotas**).
Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Assim como na Figura 16, o tamanho das palavras foi definido pelo número de ocorrências⁹⁹ e, da mesma forma como ocorreu no aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, a palavra ALEGRIA foi a mais proferida pelos participantes da pesquisa. Foi nesse momento da primeira análise que, como capitão do navio, percebi que havia algo nesses dados que queriam dizer alguma coisa e atentei a vista para o **Oceano Samba** em busca de seus murmúrios marinhos.

Em um primeiro momento, é possível perceber que em ambas as coletas, o maior nucleamento simbólico foi **Estados de Espírito**. As rodas de samba trazem, dentre tantas outras coisas, ALEGRIA e FELICIDADE e promovem AMIZADE, DIVERSÃO, UNIÃO e LIBERDADE. Dessa forma, essa manifestação parece trazer, em seu âmago, a revigoração vital de seus frequentadores, que compartilham diferentes **Estados de Espírito**. A possibilidade de proporcionar um reduto divertido

⁹⁹ É importante salientar que a relação de tamanho das palavras foi concebida imagem por imagem. Isso significa que o tamanho e a incidência das palavras coletadas no aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** têm relação apenas com os três nucleamentos simbólicos representados na imagem com os dados desse evento. Não há relação de tamanho e incidência entre os nucleamentos simbólicos do **Navegantes do Mercado Central de Pelotas** e os do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**.

e libertador que potencializa a amizade e a união de seus participantes faz da roda de samba um microcosmo social potente na formação humana.

Outro ponto que chama atenção é a quantidade de respostas que identificam o samba com a palavra ALEGRIA. Seriam as rodas de samba espaço de revigoração vital cujo aconchego proporciona entre outras coisas ALEGRIA? Esse questionamento me levou a uma parte da biblioteca do navio cujas estantes não estão organizadas como as dos tópicos **Primeira Estante: BRASIL**, **Segunda Estante: SAMBA** e **Terceira Estante: SIMBÓLICO**. Lá, em meio inúmeros livros, deparei-me com Benedictus de Spinoza.

De acordo com Spinoza (2009, p. 99), “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”. Os três afetos que o autor considerava primários eram desejo, alegria e tristeza, sendo todos os demais derivações deles (SPINOZA, 2009).

Para o autor, “uma vez que a alegria aumenta ou estimula a potência de agir do homem, facilmente se demonstra, pelo mesmo procedimento, que o homem afetado de alegria mais deseja do que conservá-la, com um desejo tanto maior, quanto maior for a alegria” (SPINOZA, 2009, p. 123). Sempre buscamos fazer algo que mantenha nossa potência de agir em alta e, diante de um evento com inúmeros participantes, quanto mais ALEGRIA se encontrar no ambiente, maior será nossa potência de agir.

As rodas de samba parecem, em um primeiro momento, um reservatório existencial no qual as pessoas transmitem suas próprias ALEGRIA(s). Quanto mais ALEGRIA concentrada no local, mais alegres as pessoas se sentem. Acredito que a roda de samba funcione como um local revigorador de energia vital dos seus participantes. Essa ALEGRIA é encontrada de variadas formas: nas conversas revitalizadoras, nas comidas reenergizantes, no fundo dos copos das bebidas sorvidas, na música que pulsa dos dedos dos músicos, na dança que leva ao deleite corporal.

Por fim, é possível afirmar que os “animais simbólicos” (CASSIRER, 2005) que se encontram na roda de samba se relacionam por meio de formas simbólicas que são fortalecidas a cada novo encontro. Essas rodas de samba estão imersas em um **Oceano Samba** que é abastecido constantemente por um oceano existencial, um Imaginário que revela a “bacia semântica” (DURAND, 2003) do samba em uma dinâmica constante de transformações. Por meio da “ressonância/repercussão”

proposta por Bachelard (2005b), é possível observar as múltiplas ressonâncias que a roda de samba fermenta em seus frequentadores, fazendo com que eles formem um grupo que repercute os valores compartilhados na manifestação. A ALEGRIA que a roda de samba promove repercute em cada um dos participantes transformando-a num reduto de revigoração vital e de formação humana. Com o “pensamento complexo” de Morin (2005b), vislumbro as rodas de samba analisadas como o microcosmo social que evidencia nuances da totalidade do samba em seu meio, bem como encontro, no universo do samba, as rodas de samba deste estudo (o todo está na parte assim como a parte está no todo).

No meio de minha navegação, o PPGE me chamou para passar por uma inspeção naval e receber um parecer dos consultores marítimos (selecionados previamente pelo capitão do navio com auxílio do seu farol), que sugeriram certos ajustes para a regulação da embarcação e apontaram futuros desdobramentos para a finalização da navegação.

Embora soubesse e murmurasse comigo mesmo que os achados até esse momento estavam bem delineados, o frio na barriga de um capitão de navio que tem seu modo de navegar posto à prova é incomensurável. Sempre lembro que o farol sinalizava, fazendo referência a uma colega de profissão, que meu trabalho tinha que “parar de pé”, ou seja, meus companheiros de papel (referencial teórico), as escolhas no modo de navegar (método) e os propósitos de minha viagem (objetivos e pressuposto de tese) deveriam estar bem explícitos e alinhavados.

Os resultados foram apresentados no dia 16 de maio de 2019 para quatro consultores marítimos além do farol desta pesquisa. Os dados das coletas realizadas no tópico **Análise da primeira etapa da coleta de dados** foram disponibilizados para que todos pudessem dar seu parecer. Todos consentiram com o prosseguimento da viagem, o que me levou ao próximo diário de bordo.

3º Diário de Bordo

Neste último diário de bordo, apresento o método empregado na segunda etapa empírica da tese e a realização do doutorado-sanduíche (local em que o navio **Satolep-Samba** ancoraria). Além disso, trago a análise da segunda etapa da coleta empírica com a retomada dos achados da primeira etapa, as pregnancies educacionais que surgiram no decorrer da investigação e o desfecho da jornada.

1 A segunda etapa da pesquisa de campo

*SEMPRE CHEGA UMA HORA EM QUE O ESPÍRITO CIENTÍFICO
NÃO PODE PROGREDIR SE NÃO CRIAR MÉTODOS NOVOS*
GASTON BACHELARD

Diante da possibilidade de o **Satolep-Samba** ficar atracado em um local distante de seu local de partida – o que na linguagem acadêmica, chamamos de doutorado-sanduíche –, a permissão foi concedida pelo farol, mas com uma ressalva: que a segunda etapa da coleta fosse finalizada antes de que o navio se dirigisse ao porto escolhido. Isso fez com que me focasse em desenvolver um método de abordagem que destacasse a exploração dos achados da primeira etapa da coleta, um método que potencializasse o que havia encontrado.

Como já mencionado no tópico **O navio Satolep-Samba**, havia um local de aconselhamento intitulado GEPIEM. Embora os encontros fossem produtivos, ainda não havia concebido um método de abordagem para entrar em contato novamente com os tripulantes. Lembrava-me de Bachelard (1979, p. 158) quando menciona o químico Urbain, ao refletir sobre a perenidade dos métodos científicos: “não há método de pesquisa que não acabe por perder sua fecundidade primeira. Sempre chega uma hora [...] em que o espírito científico não pode progredir se não criar novos métodos”. Parecia que faltava uma abordagem que potencializasse a fala da tripulação.

A proposta era pensar em algo que servisse de auxílio na fala dos tripulantes para ultrapassar as ações e rituais formais estabelecidos pela academia. Pensar que o *Homo* é um *homo diversus* e, além de *sapiens*, é *demens*, *faber*, *ludens*, *imaginarius*, *oeconomicus*, *consumans*, *estheticus*, *prosaicus*, *poeticus* (MORIN, 2007a). Em outra obra, o mesmo autor disserta um pouco sobre essa questão:

o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase (MORIN, 2000, p. 58).

Queria desenvolver um método de abordagem que pudesse acessar essas diversas facetas do *homo sapiens*, um método que contemplasse tanto o “animal simbólico” (CASSIRER, 2005) quanto o “*homo symbolicus*” (DURAND, 1999b). Foi na culinária que encontrei o disparador para sua elaboração.

Ao passar pela cozinha da embarcação, deparei-me com minha companheira, importante tripulante nessa jornada, preparando uma refeição. Sua dedicação àquela ação me fez recordar novamente de Bachelard (1998, p. 111), que afirma que “também a mão tem seus sonhos, suas hipóteses. Ela ajuda a conhecer a matéria em sua intimidade. Ajuda pois a sonhar”. As mãos delas pareciam tão imersas no preparo da comida que aparentavam ter vontade própria.

Lidava com o feijão, separando as sujeiras e selecionando os que logo seriam colocados sob pressão. Bachelard (2016, p. 69) diz que “os valores oníricos dos alimentos ativam-se ao se acompanhar a preparação”. Embora não fosse eu que estivesse manuseando a matéria, estava tão imerso na atividade em meu papel de observador que era como se também estivesse separando e cozinhando aquele feijão.

De acordo com Rigotti (2016, p. 18):

os gestos do cozinhar, tão familiares e aparentemente insignificantes, parecem ligados apenas à arte ou à técnica de preparar alimentos crus e cozidos. Mas se trata de todo um sistema que converge na preparação dos alimentos, um método, um procedimento em que se alteram momentos de análise e de síntese.

Para a autora, o ato de preparação da comida envolve uma série de fatores: o que fazer primeiro, como fazê-lo, de que materiais disponho, sigo uma receita ou arrisco uma improvisação? Foi naquele exato momento que surgiu a ideia da feijoada em cápsulas cujo interior seria recheado com uma das palavras coletadas na primeira fase do estudo cujos resultados mostrei no tópico **Análise da primeira etapa da coleta de dados**.

Com a ideia da feijoada em cápsulas cozinhando no corpo, fui ao GEPIEM comunicar a proposta em novembro de 2019. No momento da apresentação da ideia,

leve apenas as cápsulas; cada uma continha uma palavra. Abaixo segue a imagem delas (Figura 19).



Figura 19 – Apresentação da proposta da feijoada em cápsulas no compartimento GEPIEM.
Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

À medida que explicava a proposta, mirava o farol esperando que o vento sussurrasse palavras de aprovação. Depois da reunião no compartimento GEPIEM, a ideia foi debatida e validada. Em momentos como esse, quando sentia que a navegação estava em um bom caminho, murmurava alegremente bem baixinho com medo de que o céu ouvisse e invejasse meus avanços.

Acredito que a feijoada simbólica disparou narrativas que possibilitaram acessar a imaginação inerente ao “*homo symbolicus*” (DURAND, 1999b), com suas diversas facetas do *homo sapiens*. A ludicidade, presente na proposta, alimenta esse *homo symbolicus* que, com seu imaginário, “ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino” (DURAND, 2012, p. 403).

Durand (1988, p. 11) menciona que “a consciência tem duas maneiras de representar o mundo”: uma direta, em que o objeto se encontra presente e é possível percebê-lo e senti-lo, e a outra indireta, em que o objeto não é apresentado nem pode ser apreendido. A feijoada simbólica em cápsulas fez os participantes da segunda

etapa empírica retomarem os achados percorridos no tópico **Análise da primeira etapa da coleta de dados** sob forma de receita (Apêndices F e G).

O lúdico foi um gatilho de acesso à imaginação do “*homo symbolicus*” (DURAND, 1999b) que viabiliza o caminho ao conhecimento indireto e faz parte do ser humano desde priscas eras. Muitas vezes, associamos, equivocadamente, o lúdico ao infantil. Como bem disse Feyerabend (2011, p. 40), “[...] a atividade lúdica inicial é um pré-requisito essencial para o ato final da compreensão. Não há razão alguma pela qual esse mecanismo devesse deixar de funcionar no adulto”. Por essa razão, elaborei um método para potencializar narrativas por meio de uma feijoada simbólica em cápsulas.¹⁰⁰

Cabe salientar que os métodos de pesquisa, falando especificadamente das abordagens empíricas, necessitam ser condizentes com a teoria estudada. Por isso, optei pelo estímulo à imaginação com ferramentas lúdicas, usando, no caso, as cápsulas de feijão.

Além da responsabilidade de capitão do navio **Satolep-Samba** que navegava pelo **Oceano Samba**, experienciei o papel de cozinheiro da tripulação do navio. Abaixo podemos ver uma imagem da feijoada simbólica pronta na panela (Figura 20):



Figura 20 – Feijoada realizada para os tripulantes do **Boteco Marítimo Copa Rio**.
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

¹⁰⁰ Mais sobre a face *ludens* desse *homo symbolicus* em Huizinga (2019).

Cada feijoada tinha um número total de feijões diferentes. Por causa disso e da escassez de feijões para a pesquisa, comecei a abordagem com os tripulantes do **Navegantes do Mercado Central**, pois eram necessários menos feijões, cinquenta no total. Após essa etapa, entrei em contato com os tripulantes do **Boteco Marítimo Copa Rio**, que contou com 159 feijões.

Essa segunda etapa funcionou da seguinte maneira: eu combinava com o tripulante dia, local do navio e horário para a realização do nosso encontro. No dia marcado, eu o lembrava sobre sua participação na primeira etapa (haja vista que mais de um ano já havia passado) e pedia a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice H). Após isso, pedia que pegasse um feijão da panela e retirasse o papel com a palavra dentro da cápsula. Nesse primeiro momento, perguntava por que razão aquela palavra que ele retirava do feijão estava naquela receita de feijoada de samba. Em um segundo momento, pedia para o tripulante dar uma olhada na receita correspondente a sua feijoada e era dada a oportunidade ao participante para alterar a dosagem de qualquer ingrediente, como também acrescentar ou retirar algum ingrediente da receita. Após a transcrição da conversa, esta foi reenviada por e-mail ou *Whatsapp* de acordo com o contato do tripulante, para que este desse seu consentimento.

A todo instante, entre uma e outra conversa, eu mexia os feijões na panela dando a oportunidade para que feijões que se encontravam no fundo também pudessem pairar no topo. Embora a escolha do feijão fosse aleatória, pois o tripulante podia escolher qualquer um dos grãos, o participante podia aperfeiçoar deliberadamente o prato, alterando quantidades, adicionando e/ou retirando ingredientes à receita original (Apêndice E e F).

Essa humildade de voltar aos tripulantes está embasada em Feyerabend (2011, p. 337), que afirma que ao dizer que:

é sinal de presunção pressupor que se tenham soluções para pessoas de cuja vida não se compartilha e cujos problemas não se conhecem. É insensatez pressupor que tal exercício de humanitarismo distante terá efeitos que sejam agradáveis às pessoas envolvidas.

É preciso reconhecer o importante papel dos sujeitos de pesquisa. Por essa razão, é necessário que os tripulantes, pessoas que estão acostumadas com os temperos da feijoada, tenham liberdade de reelaborar uma receita com a qual já estão

completamente familiarizados. Dessa forma, nada mais lógico que solicitar seu auxílio para a adaptação do prato.

Já havia passado um ano desde a realização da primeira etapa e a probabilidade de encontrar o mesmo número de tripulantes para participar da segunda etapa era praticamente nula. Das 32 pessoas abordadas na primeira etapa no compartimento **Navegantes do Mercado Central**, nove foram encontradas e participaram da segunda etapa, sendo abordadas em diferentes locais do navio. Já no **Boteco Marítimo Copa Rio**, dos 109 tripulantes, foi possível reencontrar onze vagando pela embarcação e que aceitaram participar da segunda etapa da pesquisa.

Os participantes da segunda etapa tinham diferentes experiências com o samba: uns eram “especialistas” com distintos conhecimentos sobre o tema, alguns não tinham o samba com tanta frequência em suas vidas, outros pouco sabiam sobre samba, outros tinham domínio em uma área específica do samba: música, dança, carnaval etc.

É importante salientar um fator que pode ter sido determinante para não encontrar mais pessoas: dezembro, mês proposto para coleta, é época de férias e, com isso, muitos tripulantes deixam a embarcação para visitarem outros locais fora do navio.

Finalizada essa etapa do trabalho, era chegado o momento de atracar o **Satolep-Samba** no porto.

2 Procurando um porto para atracar: Espanha e as tempestades

*NÓS TAMBÉM NÃO ACREDITAMOS QUE A NATUREZA FALE CONOSCO?
E NÃO ACHAMOS QUE PODEMOS COLHER UM SIGNIFICADO EM SUAS
VOZES MISTERIOSAS, UMA RESPOSTA, CONFORME OS NOSSOS DESEJOS,
ÀS ANGUSTIANTES PERGUNTAS QUE LHE DIRIGIMOS?
A NATUREZA, NO ENTANTO, EM SUA INFINITA GRANDEZA, POSSIVELMENTE
NÃO TENHA O MAIS REMOTO INDÍCIO DE NÓS E DAS NOSSAS VÃS ILUSÕES*
LUIGI PIRANDELLO¹⁰¹

Há determinados momento da vida em que a natureza parece falar conosco. Nesses instantes, nos questionamos constantemente a respeito dos acontecimentos que nos cercam.

¹⁰¹ Trecho extraído do livro **O falecido Mattia Pascal** (2011, p. 90), que teve sua primeira edição publicada em 1904 pelo escritor e dramaturgo Luigi Pirandello.

Após a realização da segunda etapa empírica do estudo, no meio da viagem, avistei um local que parecia servir de auxílio durante minha exploração marítima. Suas coordenadas eram 23° N (Norte) e 102° O (Oeste), o que indicava o México. Tentei entrar em contato com a região, no entanto não obtive resposta.

Ao saber da possibilidade de adentrar novas terras fora da rota projetada inicialmente, o farol dirigiu suas luzes para uma nova coordenada: 10° S (Sul) 55° O (Oeste), sinalizando a cidade de São Paulo. No entanto, outra oportunidade se vislumbrou no mapa: 40° N (Norte) 4° O (Oeste), mais especificadamente 42° 50' 47" N (Norte) 2° 40' 04" O (Oeste), o que indica o município de Vitoria-Gasteiz, na Espanha.

Diferentemente do que ocorreu com o México, consegui contato com um farol local que poderia me auxiliar temporariamente enquanto estivesse atracado em terras espanholas. Ancorei então o navio em Vitoria-Gasteiz. A viagem foi realizada com tranquilidade, sem ocorrências de intempéries. O frio do porto de chegada contrastava com o calor do porto de partida. Estranhamente, peguei-me cantarolando os seguintes versos: “*When you're talking to yourself / And nobody's home / You can fool yourself / You came in this world alone (alone)*”.¹⁰²Essa solidão me acompanhou durante toda essa efêmera parte da jornada.

Bachelard (2005b) menciona que o inverno é a mais velha das estações que remete a passados longínquos. Talvez por isso possa dizer que o que senti parecia ter sido mais uma solidão momentânea do que um impacto sazonal.

De acordo com Lagercrantz (2019, p. 317), “*todos nós temos coisas na vida que não conseguimos encarar. Daí você acaba fazendo vista grossa e fingindo que elas não existem*”. Talvez essa fosse minha impressão: algo que eu não queria encarar se avizinhava. “O medo é uma planta invasora muito difícil de erradicar” (LOUREIRO, 2014, p. 196).

Mesmo com todas essas sensações estranhas, minha hospedagem foi realizada de forma tranquila. Com o passar do tempo, muitas vezes, mirava pela janela e sentia certa hostilidade do mundo lá fora. Bachelard (2005b, p. 62) comenta que “[diante de cenários hostis] os valores de proteção e de resistência da casa são

¹⁰² Os trechos foram mantidos em inglês pois foram cantados nessa língua. A música chama-se **Estranged**, da banda **Guns N' Roses**, e foi composta por Axl Rose. Tradução do trecho: “Quando você fala consigo mesmo / E não tem ninguém em casa / Você pode enganar a si próprio / Você veio ao mundo sozinho (sozinho)”. O trecho compreende os vinte cinco segundos iniciais disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YYzTPJr37Zg>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

transpostos em valores humanos. A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano”. No entanto, essa proteção e resistência não era oferecida pelo abrigo momentâneo em que me encontrava.

Nesse curto período, assisti às aulas da disciplina de **Antropología Filosófica**, na **Universidad del País Vasco (UPV)**, ministrada pelo farol local da minha estada, Luis Garagalza, o que fomentou a discussão acerca da âncora teórica “animal simbólico”, de Cassirer (2005). Com a coleta das narrativas da segunda etapa empírica já degravadas, ainda não havia aprofundado o exame dos dados. Estava em busca de uma hermenêutica que possibilitasse potencializar as narrativas da segunda etapa empírica com a retomada da discussão dos dados colhidos na primeira etapa.

Minha estada no porto espanhol foi interrompida por uma série de fatores, que me fizeram decidir reduzi-la de três meses – duração prevista anteriormente – para duas semanas e meia. Uma tempestade interior se formou: uma depressão me abateu e um diagnóstico positivo para câncer em meu progenitor abalou minhas estruturas emocionais. Como é difícil lidar com as ondas das nossas emoções!

Mesmo regressando antes do previsto, consegui discutir com o farol local acerca de meu objeto de estudo durante minha estada na Espanha. Foi possível debater com ele as rodas de samba e descobrir como essa manifestação é vista por alguém que não está acostumado a conviver com elas em seu país. Foi uma percepção do samba a partir de uma perspectiva de alguém que não tem contato com as rodas de samba como os tripulantes do navio **Satolep-Samba** têm.

A viagem serviu para que eu experienciasse o contato com o desconhecido, uma terra nunca visitada. Saí como um Dom Quixote dos mares e me vi como um Sancho Pança.¹⁰³ Essa experiência também colaborou para a condução do navio, pois, como bem disse Karnal (2020, p. s./p.), “nenhum marinheiro é bom em mar tranquilo”, é preciso passar por crises oceânicas na sua formação.

Durante um dos últimos dias de estada na Espanha, li a notícia de um navegante que havia regressado a Madrid com suspeita de coronavírus.¹⁰⁴ Embora

¹⁰³ Dom Quixote e Sancho Pança são os personagens principais do clássico romance de Miguel de Cervantes Saavedra **El ingenioso hidalgo don Quixote de la Mancha** publicado em 1605. Uma segunda parte foi publicada, dez anos depois. A figura de Dom Quixote contrastava com a de Sancho Pança. Esse era mais realista, aquele mais sonhador. Quero dizer que embarquei na aventura com mil sonhos em vista e voltei mais realista, com alguns sonhos guardados para momentos futuros.

¹⁰⁴ “Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos [...] em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa” (BRASIL, 2020, p. s./p.).

não soubesse do que se tratava, notei que cantarolava outra parte da mesma música que havia cantado quando descí do navio: “*Cause I see the storm getting closer / And the waves they get so high*”.¹⁰⁵ Mal sabia que a tempestade estava prestes a acontecer.

Não era essa uma tempestade com a qual estava acostumado a lidar. Era uma tempestade de outro tipo. Eu me indagava como um localizado distúrbio marítimo (o foco do coronavírus na China) poderia repercutir por todos os mares do mundo.¹⁰⁶ Durante esse momento, tive mais dificuldade de locomoção e ofegava constantemente. A princípio, pensei que fossem efeitos da tempestade, mas, na verdade, percebi que havia engordado dez quilos.

A epidemia virou uma pandemia¹⁰⁷ e tive que adotar regras de assepsia em meu navio. Embasado em Bachelard (2005a), posso dizer que uma pequena ressonância em um local chamado Wuhan, na China, causou uma repercussão global. A tempestade chegou a meu local de procedência e trouxe pânico à população. A barca de Caronte¹⁰⁸ parecia singrar por mares vicinais e o ar que pairava sobre o navio tinha aroma de tristeza. Como bem disse Bachelard (1998, p. 167), o inimigo não é necessariamente uma figura humana, “as próprias coisas nos questionam”.

O roçar do casco com o mar produzia uma melancólica melodia que parecia anunciar os sombrios acontecimentos futuros. Tudo em volta parou no tempo: os sons silenciaram, os movimentos foram interrompidos e o próprio calendário parecia não fazer mais sentido. *Kairós* se sobrepôs a *Chronos*¹⁰⁹ e desestabilizou a rotina das pessoas. Dentro dos compartimentos do navio não se escutavam mais sambas e o próprio **Oceano Samba** parecia fluir diferente. Em momentos que me sentia solitário a bordo do **Satolep-Samba**, levava minha sombra para passear.

¹⁰⁵ Tradução do trecho: “Pois vejo a tempestade se aproximando / E as ondas estão tão altas”. O trecho compreende de 6min33seg a 6min42seg do mesmo link da nota 102.

¹⁰⁶ Deixo como sugestão de leitura três livros acerca do tema: Harari (2020), Morin (2020) e Santos (2020).

¹⁰⁷ Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde classificou a COVID-19 como pandemia (WHO, 2020).

¹⁰⁸ Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro de Hades, deus do mundo dos mortos, encarregado de transladar as almas dos recém-mortos, cruzando as águas que dividiam o mundo dos vivos dos mortos. Para Bachelard (1998, p. 82), a barca de Caronte é um símbolo “ligado à indestrutível desventura dos homens.

¹⁰⁹ Tanto *Chronos* quanto *Kairós* são palavras utilizadas para designar tempo. No entanto, *Chronos* é o tempo físico que “determina o ritmo e a contagem do tempo que guia o mundo em dias, horas, minutos” e *Kairós* é “o tempo vivido pelos homens”, da experiência e da oportunidade que determinado momento proporcionou (FERREIRA; ARCO-VERDE, 2001, p. 70).

Foi no silêncio do **Satolep-Samba** que pude perceber a falta que as rodas de samba ocasionam à embarcação. Muitos dos tripulantes que frequentavam os compartimentos explorados neste estudo procuravam formas de amenizar essa interrupção abrupta de uma manifestação que, para muitos, de acordo com os frutos simbólicos colhidos na primeira etapa, era a PARTE MAIS IMPORTANTE NA NOSSA VIDA, a MELHOR COISA QUE EXISTE, o local para a CELEBRAÇÃO DA ALMA. Contudo, não havia algo que substituísse a energia que a roda de samba era capaz de emanar.

Mesmo com todas as adversidades sofridas a bordo do **Satolep-Samba**, foi possível observar o lado otimista da situação: a tempestade marítima fez com que eu fosse ao fundo dos mares do **Oceano Samba**. Voltei-me para as rodas de samba analisadas nesta tese e para o conteúdo que emergiu da fala dos tripulantes, que é revelado no próximo tópico.

3 Reformulando e engrossando o caldo da feijoada de samba: alterando alguns temperos da receita

*BOTA LENHA NA FOGUEIRA NENÉM, DEIXA O FEIJÃO COZINHAR
BOTA LENHA NA FOGUEIRA NENÉM, NÃO DEIXA O FEIJÃO QUEIMAR*
ZECA PAGODINHO E ARLINDO CRUZ¹¹⁰

Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz pediram fogo para cozinhar o feijão e, para isso, discorro sobre a receita de feijoada simbólica de samba com os tripulantes que participaram do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**, e das rodas de samba no compartimento do **Navegantes do Mercado Central**.

Para dar conta de meu problema de pesquisa – **investigar as rodas de samba como possíveis reveladoras de microcosmos sociais que agregam um potencial formador humano** –, é preciso, antes de falar das feijoadas debatidas com os tripulantes do navio, retomar os achados da primeira etapa empírica. Nessa primeira fase, foi possível observar três nucleamentos simbólicos: **Estados de Espírito, Ritual Celebrativo e Identidade**.

¹¹⁰ Trecho da música **O Feijão de Dona Neném** composta por Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz e lançada em 1992. A feijoada de Dona Neném era famosa e sua receita ficou eternizada em Medeiros (2004, p. 94-9).

Os frutos simbólicos dos três nucleamentos da árvore, revelaram que o samba agrega a possibilidade de emanar diferentes **Estados de Espírito** (como ALEGRIA, FELICIDADE, DESCONTRAÇÃO e LIBERDADE). Além disso, essa manifestação possui diferentes frutos que constituem seu **Ritual Celebrativo** (como DANÇA, MÚSICA, ANCESTRALIDADE, CARNAVAL e CERVEJA). Por fim, traços referentes à **Identidade** também são possíveis de serem observados (como RAIZ, NACIONAL e ARTE DO POVO).

Com a chegada da tempestade externa (COVID-19), abriguei-me no compartimento dedicado à pesquisa do navio para analisar as receitas mostradas aos tripulantes (Apêndice E e F) e as conversas que havia tido com eles (Apêndice J e K). À medida que o aprofundamento analítico fazia emergir os resultados, meus olhos ganhavam um ar determinado: era o momento de perscrutar aquelas conversas com o máximo de atenção, tendo, como música de fundo, o barulho estranho do mar, que parecia não saber como proceder em uma tempestade atípica.

Em momentos de indecisão e me sentindo angustiado, pegava o **Coração de Madeira** para dedilhar suas seis cordas e fazê-lo pulsar. Era uma forma de tentar equilibrar as emoções por meio da melodia que batia naquele coração. Além disso, algumas vezes fazia contato com Dioniso,¹¹¹ em busca de inspiração para me livrar das ressacas marítimas do **Oceano Samba**.

Para que pudesse avançar nos resultados analíticos, comecei a pôr ordem no navio. Partindo da filosofia hermética do **Princípio da Correspondência**, organizei o **Satolep-Samba** para poder reacomodar as reflexões acerca dos achados. Quanto mais arrumado o navio ia ficando, mais as observações iam se estruturando.

Após conversar com todos os tripulantes que foram encontrados espalhados pelo navio, ponderei suas considerações e reformulei as receitas de ambas as feijoadas (Apêndice I e J).¹¹² Em vermelho estão as doses que foram alteradas bem como o ingrediente novo sugerido para uma das feijoadas. O condimento riscado foi

¹¹¹ Na mitologia grega, Dioniso é o deus do vinho. Ele “não representava apenas o poder embriagador do vinho, mas também suas influências benéficas e sociais, de maneira que era tido como o promotor da civilização, legislador e amante da paz” (BULFINCH, 2016, p. 19).

¹¹² Como bem menciona Feyerabend (2011), os sujeitos de pesquisa não só podem como devem participar dos assuntos de cunho científico, principalmente quando o estudo afeta o meio em que eles estão envolvidos. Há dois bons motivos para que ocorra essa interação: o primeiro é que os sujeitos de pesquisa são parte interessada (muitas das decisões científicas afetam sua vida pública). O segundo é a participação dessas pessoas pode ser uma forma de educação científica, “uma democratização completa da ciência (o que inclui a proteção de minorias, como os cientistas) não está em conflito com a ciência” (FEYERABEND, 2011, p. 21).

utilizado na primeira receita, mas retirado com a reformulação das feijoadas. Nesse momento, é preciso tomar cuidado ao modificar os ingredientes para não fazer da feijoada um boi-com-abóbora.¹¹³

De qualquer maneira, conto com a ajuda dos tripulantes que participaram da elaboração dos pratos e vivenciam o universo do samba para que auxiliem no que julgarem necessário, pois, assim como Feyerabend (2010, p. 337), entendo que “o conhecimento de que precisamos para entender e fazer progredir as ciências não vem das teorias, ele vem da participação”. Embora pareça desconsiderar o importante papel das teorias, o que Feyerabend (2010) critica, na verdade, é a não participação das pessoas envolvidas no tema para a tomada de decisões. Seria como se eu, como capitão do **Satolep-Samba** e cozinheiro da feijoada, decidisse navegar o **Oceano Samba** sem prestar atenção às águas, sem entrar em contato com as pessoas que nadam constantemente nesse universo cultural. Por essa razão, fui apenas o mediador das falas dos tripulantes envolvidos nas rodas de samba, fazendo com que seus conhecimentos dialogassem com os dos teóricos. Sendo assim, caso o tempero da feijoada não agradasse, era esperado que a receita fosse reformulada com a participação dos tripulantes do navio envolvidos com o samba.

Se na análise da primeira etapa da coleta formulei três nucleamentos simbólicos com seus frutos (respostas), nessa segunda fase elaborei o que intitulei de trechos aquíferos. Estes são porções de água do **Oceano Samba** que emergiram de forma recorrente na fala dos tripulantes das rodas de samba analisadas. Esses segmentos hídricos corroboram a tese que defendo: **as rodas de samba são reveladoras de microcosmos sociais com potencial de formação humana**.

A seguir, delinheiro seis trechos aquíferos que emergiram do **Oceano na Samba** por meio das conversas com os tripulantes e que podem ser vislumbrados nas rodas de samba analisadas.

Trecho aquífero 1 – Raiz, Origem do Samba

Um ponto bastante debatido durante a reformulação da receita foi a origem do samba. Nesses debates, foram problematizados dois eixos: a origem referente à região brasileira como berço do samba e a origem no tocante à etnia responsável por

¹¹³ Gíria utilizada entre os batuqueiros para samba ruim.

sua construção. Nesse primeiro ponto, referente ao local de gestação do samba, as águas do **Oceano Samba** estavam calmas. Uma ou outra marola se avizinhou do navio.

Os ingredientes relacionados com a origem do samba foram debatidos tanto nas feijoadas do **Boteco Marítimo Copa Rio**, quanto nas do **Navegantes do Mercado Central**. Por essa razão, vamos tratar desse ponto em cada receita separadamente.

Na feijoada do **Boteco Marítimo Copa Rio**, o ingrediente debatido foi as três doses de RIO DE JANEIRO (Apêndice D). De acordo com um dos tripulantes do **Boteco Marítimo Copa Rio** (Apêndice K.10, linha 185), “o samba não é só do Rio de Janeiro”. Outro tripulante, na mesma conversa, agregou que, apesar de os cariocas ajudarem a popularizar o samba, outros locais como São Paulo e Porto Alegre também têm representantes. O primeiro tripulante pediu novamente a palavra para dizer: “aqui mesmo [referindo-se a Pelotas]” o samba é representado (Apêndice K.10, linha 220).

Na feijoada do **Navegantes do Mercado Central**, o ingrediente contestado foi uma dose de CACIQUE DE RAMOS (Apêndice G). Um dos tripulantes sugeriu que ela fosse dissolvida juntamente com as doses de RAIZ. De acordo com ele (Apêndice L.1, linha 48-9), “[...] CACIQUE DE RAMOS já é uma das raízes do samba então não é uma, são várias raízes que são espalhadas”. Além dele, outro tripulante (Apêndice L.6, linhas 67 e 83-4) ponderou que “vários sambistas têm origem no CACIQUE DE RAMOS”, mas sugeriu tirar o ingrediente porque “na realidade é um reduto digamos de sambistas do Rio de Janeiro”.

É possível observar aqui que os tripulantes evidenciaram que não há como apontar um ponto geográfico que indique o berço do samba. Suas múltiplas raízes são um complexo emaranhado de influências que faz com que não apenas o brasileiro, mas o samba tenha sua “alma tigrada” como apontaram (CHAVES; ARAÚJO, 2014).

Por falar em influências, outro ingrediente problematizado acerca da origem do samba foi uma dose de NEGRO (Apêndice F). Aqui entramos nas Torrentes do samba discutidas em **Gilbert Durand – âncora teórica: “bacia semântica”**. Um tripulante (Apêndice K.10) pediu para aumentar as doses de NEGRO na receita. Outro (Apêndice K.9), reivindicou doses de outras etnias formadoras do povo brasileiro que não se encontravam previamente na receita: AMERÍNDIO e EUROPEU. As três

Torrentes indígena, europeia e africana, participantes da formação do povo brasileiro, lutam por seu espaço nesse vasto manancial aquífero.

Nesse momento, o **Oceano Samba** pareceu convulsionar. Suas ondas se agigantaram frente a um navio que, momentaneamente, deu mostras de instabilidade. Como capitão, não cria em Deus, mas ele sempre tinha lugar em meus murmúrios quando me encontrava em risco. Nesse ponto, minha embarcação parecia se deparar com os chamados cativantes, que me soavam sambas apaixonantes, de Caríbdis e Cila¹¹⁴. Cuidei para não me lançar ao **Oceano Samba**, pois suas águas são muito vastas para que se pretenda desvelar todos seus segredos. Foram momentos como esse que me fizeram dirigir os olhos ao farol, voltar ao meu cômodo de estudos e reler minha ficha organizativa. Busco, na continuidade das letras amarradas desse último documento, um local de segurança.

O aumento do volume de água das Torrentes africanas e a inserção de novas Torrentes (ameríndia e europeia) que estavam submersas no **Oceano Samba** agitaram as águas de tal modo que qualquer ateu faria as pazes com Deus. Eu, como capitão do navio, precisei aprender a lidar com essa ressaca marítima.

Na feijoada do **Boteco Marítimo Copa Rio**, a mudança mais visível foi a adição de doses de NEGRO, solicitada por um tripulante (Apêndice K.10), e o acréscimo de novos temperos, uma dose de AMERÍNDIO e uma dose de EUROPEU, solicitado por outro tripulante (Apêndice K.8). Aqui, na visão de cozinheiro, percebi a maior transformação de sabor na feijoada.

De acordo com um dos participantes da elaboração do prato (Apêndice K.10, linha 242 e 247), a receita necessitava de “mais doses de NEGRO”, pois o samba “é uma manifestação cultural negra”. Outro tripulante (Apêndice K.8, linhas 55-6 e 71), requisitou a presença de doses de AMERÍNDIO E EUROPEU ao samba, já que “o samba, enquanto fenômeno brasileiro [...] não tem como característica uma etnia” e “o brasileiro tem no seu sangue essas outras etnias”.

Embora sejam apenas pontos de vista distintos, lembremos que Feyerabend (2010, p. 46) aponta que “nas ciências humanas não seria apenas insensato, mas

¹¹⁴ Caríbdis e Cila eram ninfas marinhas que, com seu canto enfeitiçado, seduziam os infortunados marinheiros que se jogavam ao mar. Diante disso, Circe aconselhou Ulisses que tampasse os ouvidos de seus marinheiros com cera para que eles não ouvissem o seu canto e que ele, Ulisses, fosse amarrado no mastro e não fosse retirado de lá durante o trajeto por mais que ele requisitasse. Atualmente, Caríbdis e Cila “tornaram-se proverbiais para indicar perigos opostos, no caminho de alguém” (BULFINCH, 2016, p. 236).

também imoral e tirânico, ‘aniquilar’ pontos de vistas individuais porque eles não se enquadram em arcabouços gerais de ‘poder explicativo crescente’”. Nem todos os tripulantes que degustaram a feijoada pertencem ao mesmo universo cultural e, conseqüentemente, tem paladares diferentes.

Mesmo que as ideias para a elaboração da receita variem e cada tripulante requeira diferentes temperos no seu preparo, reconhece-se o samba, mais especificamente a roda de samba, como uma manifestação nacional plural. Como bem disse um dos tripulantes (Apêndice L.5, linhas 22 e 25-6), o samba é “um símbolo de uma cultura” e, “por ser nacional, as pessoas vão com sua família, um grupo de amigos”. Nesse sentido, Moura (2004) diz que, ao se dirigirem às rodas de samba, as pessoas renovam seu sentimento de brasilidade mesmo sem racionalizar a respeito.

Na primeira etapa empírica, foi elaborado um nucleamento simbólico intitulado **Identidade**. Nesse local, foi possível observar que a pergunta detonadora **Em uma ou duas palavras, o que tem vem à mente quando pensas em samba?** trouxe respostas que evidenciaram o caráter identitário do samba como BRASIL, NACIONAL, RAIZ, POVO, ARTE DO POVO e CULTURA BRASILEIRA.

A disputa entre Torrentes deixa nítido como a “bacia semântica” (DURAND, 2003) do **Oceano Samba** e suas águas, cada vez mais miscigenadas, testemunham que as rodas de samba são reveladoras de microcosmos sociais. As lutas por espaço dentro da que é considerada a maior manifestação cultural brasileira evidenciam conflitos semelhantes aos que ocorrem em nossa sociedade e em nossas relações familiares. Disputas que, muitas vezes, não são solucionadas mesmo após ambos os lados argumentativos do problema terem sido considerados e que, acabam, sendo resolvidas mediante o uso da afronta verbal e o emprego da força física.

Com minha nova função de cozinheiro no navio, decidi reformular as duas receitas de acordo com os pareceres dos tripulantes acima. À feijoada de aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** (Apêndice I) foram adicionadas doses de AMERÍNDIO E EUROPEU e acrescentadas duas doses de NEGRO. Como o aumento da dosagem deste último tempero já havia sido reivindicado sem que os dois primeiros fizessem parte da primeira receita, considereei justo aumentá-lo em duas doses para equilibrar o tempero da receita.

Trecho aquífero 2 – Estados de Espírito

O segundo trecho aquífero no qual me detenho se refere aos Estados de Espírito. Mostrei no tópico **Análise da primeira etapa da coleta de dados**, a divisão dos dados coletados da primeira etapa empírica em três nucleamentos simbólicos: **Ritual Celebrativo, Identidade e Estados de Espírito**. Neste último, estavam elencadas todas as palavras relacionadas às sensações que a roda de samba poderia provocar, mas me ateno a dois deles: ALEGRIA e FELICIDADE.

Como foi colocado no tópico supracitado, a ALEGRIA é, para Spinoza (2009), um dos três afetos primários do ser humano, juntamente com o desejo e a tristeza. Pelo número de doses utilizadas em cada feijoada (Apêndice I e J), pode ser considerado um dos ingredientes indispensáveis em uma roda de samba.

Para um dos tripulantes (Apêndice K.2, linhas 30-1 e 35-6), “se tu não tiver ALEGRIA tu não consegue fazer nada [...] ALEGRIA de fato ela é... ela é o [sic] a cereja do bolo pra qualquer atividade que tu vá fazer até ir trabalhar”. Outro tripulante (Apêndice K.3, linhas 27-31) complementou: “ALEGRIA acho que ela ela [sic] faz parte de tudo né?, acho que tudo que a gente faz com ALEGRIA é feito com com com [sic] AMOR [...] eu tenho um amigo meu que diz que o apelido dele é **Só ALEGRIA** [risadas] em tudo que é lugar que ele vai só ALEGRIA, o cara tá sempre rindo, sempre contente”.

Nos trechos acima, é possível evidenciar a importância da ALEGRIA na vida humana. Os dois tripulantes citados falaram da ALEGRIA em um âmbito geral, sem relacioná-la com o samba de forma explícita, enquanto outros apontaram essa relação. Um deles (Apêndice L.2, linhas 19-20) disse que “o samba é pra nos trazer ALEGRIA. Não tem como ser alegre sem [sic] sozinho”. Outro (Apêndice L.8, linhas 75 e 77-8) revelou: “[...] tu tá louco, não tem como ter outra palavra, é ALEGRIA, é ALEGRIA cara! [...] É ALEGRIA. Até pelo contrário, às vezes tu tá meio pra baixo e o troço muda teu astral”. Um terceiro (Apêndice L.5, linhas 24-5 e 28-30) acrescentou que: “todo mundo que vai ao samba vai com a intenção de ser feliz, de estar alegre, de aproveitar esse momento da melhor maneira possível” e que “estou meio pra baixo vou ouvir um samba com certeza eu vô ficar alegre. Por mais que um deles sejam melancólicos ou tristes, o samba realmente traz ALEGRIA”.

Se na fala do primeiro tripulante temos o samba como acolhedor até dos mais solitários, nas falas dos outros dois são explícitos o poder da roda de samba de aumentar a “potência de agir” que tanto Spinoza (2009) menciona.

Outros dois tripulantes fizeram uma relação ainda mais específica do samba e da feijoada com ALEGRIA e com outro ingrediente que apareceu com boas doses nas duas receitas: FELICIDADE. Um deles (Apêndice K.4, linhas 27-8) disse que “onde mistura o samba, pagode e feijoada tem que tem que [sic] tá feliz né?” e outro (Apêndice L.7, linhas 32-3) concluiu: “pra ter uma feijoada tem que ter samba e pra ter samba [sic] e se tem samba tem que ter ALEGRIA né cara?, é conjunto”.

Neste trecho aquífero, é possível observar a potência que a roda de samba possui frente aos seus frequentadores. Aqui volto a um dos meus objetivos específicos: **desvelar as repercussões e ressonâncias que o samba causa na vida das pessoas que frequentam os encontros de samba**. Amparado na âncora teórica “ressonância/repercussão” de Bachelard (2005b), posso afirmar que a roda de samba produz múltiplas ressonâncias que, quando se encontram, geram uma grande repercussão. Por essa razão, o frequentador de uma roda de samba, ao estar triste, fica alegre ou procura esse espaço como forma de revitalização humana.

Outro objetivo específico também é vislumbrado neste ponto do trabalho: **perceber as relações ocorridas nas rodas de samba e seu potencial formador**. A roda de samba, ao aumentar a “potência de agir” (SPINOZA, 2009) e gerar uma repercussão que possibilita inúmeras ressonâncias (BACHELARD, 2005b), revela um ato de formação humana por meio do encontro, das conversas, das músicas cantadas em coro, da comida e da bebida compartilhadas, do suor de cada momento dedicado a essa manifestação. Talvez por isso Moura (2004, p. 23) se refira à roda de samba como “um ‘momento extraordinário’”, pois instaura no sambista a ilusão de eternidade. “É como se o tempo tivesse parado e o mundo ficasse lá fora, fazendo da roda um encantado ‘repouso do guerreiro’” (MOURA, 2004, p. 23). De acordo com Souza (2013, p. 71),

quando experienciamos [a roda de samba], vivemos intensamente o presente e desejamos que aquele momento seja eterno. E o eterno não está no futuro, mas, sim, a nossa finitude. A sensação de eternidade só pode ser sentida na experiência profunda do presente.

De acordo com Durand (2012, p. 336), a música é a “forma mais completa ‘cruzamento’ ordenado de timbres, vozes, ritmos, tonalidades, sobre a trama contínua do tempo. A música constitui, também ela, um dominador do tempo”. Talvez seja essa potência de uma forma simbólica artística que propicie, na roda de samba, experiencarmos o tempo *Kairós* que tanto se almeja, mas poucas vezes temos a sensação de presenciá-lo.

Após as considerações acerca deste trecho aquífero, posso afirmar que a roda de samba potencializa inúmeros **Estados de Espírito** elencados na análise da primeira etapa do estudo, tais como ALEGRIA, FELICIDADE, ANIMAÇÃO, MOTIVAÇÃO e DESCONTRAÇÃO. Esses estados são compartilhados pelos “animais simbólicos” (CASSIRER, 2005) que frequentam a manifestação e fazem dela um reduto de potencial formação humana.

Trecho aquífero 3 – Interação Social

O terceiro trecho aquífero é referente à interação social. Aqui, problematizo as formas como a roda de samba potencializa a relação entre seus participantes e as consequências disso.

Um dos tripulantes (Apêndice K.7, linhas 37-8, 42 e 44) disse que “no samba é difícil, quem vai tem que, é difícil aquele ... que vai ficar sentado [...] até de muleta dá uma dança[da]”. Talvez isso aconteça por causa do que outro tripulante (Apêndice K.10, linhas 153-4, 163 e 167) trouxe: “o samba ele é mais POVO [...] facilita que as pessoas se [sic] manifestem [...] acho que é mais participativo [...] mais inclusivo”. De acordo com Moura (2004, p. 27), há inúmeras formas de participar de uma roda de samba, “a mais natural delas é cantando e tocando – mas essas formas não são exclusivas. Há quem fique apenas no coro e nas palmas e mesmo assim seja considerado ‘do ramo’. Entre os simpatizantes, há quem cuide da cozinha e dos tira-gostos”. Isso revela que a roda de samba inclui diferentes saberes artísticos e culinários, fazendo com que seus participantes se sintam parte integrante de todo o processo.

Um tripulante (Apêndice K.8, linhas 39-40 e 42-3) mencionou como uma das características da roda de samba “a socialização entre as pessoas [...] essa socialização tá ligada justamente a comemorar algo, seja em pequenos núcleos familiares como em grandes comunidades”. Outro tripulante (Apêndice L.6, linha 33-

4) acrescentou que é possível encontrar nessa manifestação pessoas de “várias idades” e “em situações socioeconômica[s] também diferente[s]”. Essas declarações revelam que a sociabilização da roda de samba permeia os meios familiares e comunitários que agregam pessoas de diferentes condições socioeconômicas, o que potencializa, dentro do nucleamento **Estados de Espírito**, a AMIZADE e a UNIÃO a partir da possibilidade de estabelecer novos vínculos afetivos com pessoas que frequentam aquele universo cultural.

A roda, para alguns, também traz um aspecto intimista e acolhedor. Como relatou um tripulante (Apêndice L.8, linhas 55-6, 58-9, 61 e 67), “eu em casa, eu pego meu pandeiro, nós somos seis, seis irmão[s], tudo aposentado, três brigadiano[s] aposentado[s] e a gente faz reunião uma vez por semana, na residência, faz um giro [...] joga futebol de mesa [...] bate um papo, toma uma cervejinha e... faz um pagodezinho no final”. Ele complementou ainda “*Samba de um não dá, samba de um nunca deu e nem dará, é preciso ter um surdo, tamborim e agogô, é preciso ter cabrocha sambando com muito amor* [trecho da música *Samba De Um Não Dá* composto por Benito de Paula e Grande Otelo¹¹⁵], então o samba ele é uma coisa que uma pessoa só não dá. É ou não é?” (Apêndice L.8, linhas 123-6). Os momentos de lazer feito entre família e nas suas casas revela um pouco daquilo que Moura (2004, p. 86) aborda:

[...] ao fazer da roda a sua área de lazer entre o trabalho e os compromissos do lar, ao instalá-la no quintal para que ela fosse parte da casa, tudo o que o sambista queria dela era prazer e informalidade. [...] mesmo nas rodas semiprofissionais, a partir dos anos 60, as tarefas burocráticas nunca estiveram nas mãos dos que eram a alegria da roda.

A interação social também parece contribuir para saúde dos seus participantes. De acordo com um dos tripulantes (Apêndice L.4, linhas 43-4), a roda de samba “é o momento que as pessoas se distraem assim, elas vão pra lá pra esquecer um pouco dos problemas”. Outro tripulante (Apêndice L.8, linha 14) disse que “eu mesmo eu sempre me identifiquei e agora aposentado pra mim é uma terapia”.

É importante ressaltar esse papel terapêutico atribuído à roda de samba. Partindo do pressuposto de que essas manifestações são potentes espaços de alimentação do Imaginário, encontramos nesses locais a renovação da energia

¹¹⁵ É possível ouvir a música em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jCsKLPKGFNM>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

psíquica de seus frequentadores. Em função disso, Durand (1988, p. 102) coloca que “a imaginação simbólica é um fator de equilíbrio psicossocial”, essa imaginação que é alimentada nas relações dos “animais simbólicos” (CASSIRER, 2005) nas rodas de samba. “Nesses momentos o samba transcende o gênero musical e retoma o sentido de reunião em torno do canto coletivo, da dança, da comida e da bebida, tornando todos esses elementos parte do significado, dentro da manifestação” (SOUZA, 2007, p. 124).

Por fim, gostaria de salientar o quanto a disposição em círculo é convidativa à participação das pessoas. Acerca desse assunto, Moura (2004, p. 54) destaca que “[...] a roda é sempre artesanal – um gueto de resistência, portanto – tanto faz que seja de samba, de choro ou em torno de um chimarrão num longínquo CTG [...] do ponto de vista da sociabilidade, produz o mesmo efeito”.

Em um ambiente acolhedor e que, na roda de samba em especial, instiga o improviso, é possível perceber o fortalecimento de um dos **Estados de Espírito** mencionados na primeira etapa das coletas: a LIBERDADE. A roda de samba auxilia inúmeras formas de LIBERDADE: a LIBERDADE de poder dançar, cantar e se expressar de acordo com a vontade dos seus frequentadores; a LIBERDADE de interação por diferentes formas simbólicas (mito/religião, arte e linguagem); a LIBERDADE de improvisar dos músicos que não seguem, de forma exata, um cronograma estabelecido e que se reflete nos participantes que se veem capazes de derrubar certos preconceitos, de encarar padrões pré-estabelecidos que podem ser modificados em nossa sociedade.

A esfera convidativa de uma roda de samba potencializa o que defendo como tese: **as rodas de samba como reveladoras de microcosmo social possibilitam um potencial formativo humano**. Este último é abastecido pelas constantes trocas simbólicas estabelecidas no meio, fazendo dos valores compartilhados em uma roda de samba, uma maneira de instrução do ser humano. Além disso, é possível que o aspecto convidativo da roda, influencie a naturalidade que o samba parece agregar, nosso próximo fragmento marítimo.

Trecho aquífero 4 – Naturalidade

Neste momento, detenho-me nas características que o samba carrega e que proporcionam que suas formas de expressão sejam inerentes ao brasileiro. O samba

passa pelas veias dos tripulantes e é manifestado em pequenos gestos que, se olharmos atentamente, revelam a intimidade do brasileiro com esse universo cultural.

Um dos tripulantes (Apêndice K.10, linhas 68-9, 89 e 91) afirmou que “é uma coisa tão natural, pra gente é tão natural, a gente tá sentada daqui a pouco já tá batucando” e acrescenta “é difícil tu não ver numa roda de samba que não tenha alguém batendo na mão, cantando [...]”. Outro tripulante (Apêndice L.4, linhas 47-8), seguindo o mesmo raciocínio, complementou: “a pessoa fica no samba, quando vê ela já tá se sacudindo, [...] a batida já entra no corpo da pessoa e a pessoa inconsciente[mente] já começa a se mexer”. Por essa razão, essa tripulante aumentaria as doses de CONTAGIOSO de uma das feijoadas (Apêndice J): “eu acho que CONTAGIOSO eu aumentaria, porque eu acho que isso que eu falei, que o samba contagia” (Apêndice L.4, linhas 59-60).

Esse contágio que a roda de samba promove está relacionado à ENERGIA do nucleamento simbólico **Estados de Espírito**. A ENERGIA que pulsa na manifestação contagia seus frequentadores que respondem em uníssonos.

Um bom exemplo desse contágio é a torcida em um estádio de futebol. A pessoa chega ao estádio um pouco quieta, talvez com alguns problemas pessoais e profissionais. No apito do árbitro, a torcida começa a cantar e aqueles cantos mexem com a pessoa. Ela, aos poucos, está pulando, vibrando, cantando junto com a torcida, pois a ENERGIA propagada pela torcida contagia os demais. O mesmo ocorre em uma roda de samba. A pessoa pode chegar tímida, estar longe dos músicos, mas, em um determinado momento, ela começa a se alimentar da ENERGIA propagada pela manifestação em que se encontra.

Neste ponto entra o **Princípio da Vibração** da filosofia hermética discutido no tópico **Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”**. Como vimos lá, esse princípio diz que “**nada está parado; tudo se move; tudo vibra**” (TRÊS INICIADOS, 2018, p. 23, grifos do autor). Cada participante da roda de samba produz uma vibração que emana para os outros participantes, fazendo-os vibrar em intensidade semelhante.

Com o exposto acima, recorro a Silva (2012, p. 19) quando menciona que a roda de samba é “um evento capaz de operar alterações nos corpos, comportamentos, formas de se expressar, dos participantes”. As rodas de samba são formadas por seus participantes, que, por sua vez, são energizados por essa manifestação. Eis aqui o princípio da recursão organizacional de Morin (2005b),

debatido no tópico **Edgar Morin – âncora teórica: “pensamento complexo”**, revelando que as rodas de samba e o os seus frequentadores são ao mesmo tempo causa e efeito, produtores e produtos daquilo de que participam.

Diante das considerações acerca deste trecho aquífero, é possível estabelecer a potência que a roda de samba tem na propagação de uma ENERGIA compartilhada pelos “animais simbólicos” (CASSIRER, 2005) que se encontram no local. É essa ENERGIA contagiante que potencializa a formação do sujeito que frequenta a manifestação. Nesse reduto, os participantes da roda de samba reforçam pontos de vista, reestabelecem padrões normativos, fortalecem vínculos afetivos e revigoram suas energias vitais.

Trecho aquífero 5 – Osmose familiar e cultural

Neste trecho, trago algumas contribuições de tripulantes alegando que as águas do **Oceano Samba** refletem, muitas vezes, nos âmbitos cultural e familiares. Ocorre certa osmose nesses meios que fazem o samba permear a vida das pessoas que estão em volta através ou da transmissão familiar ou do ambiente sociocultural no qual as pessoas convivem.

Um dos tripulantes (Apêndice K.6, linhas 41-3) comentou, com relação à MÚSICA, que alguns frequentadores de roda de samba “aprendem desde pequeno, participam na sua CULTURA, perto de uma escola de samba, num ensaio de uma escola de samba”. Outro tripulante (Apêndice L.7, linhas 44-5) revelou a importância da sociabilização com amigos e a relação com o samba: “lá em casa a gente sempre faz um samba mesmo que o pessoal, meio [que] a maioria não toque”.

Outros dois tripulantes mostraram a relevância da relação familiar na perpetuação do gosto pelo samba. De acordo com um deles (Apêndice L.5, linhas 54-8):

Eu não sabia lê, não sabia hã [sic] não era alfabetizada ainda, mas eu sabia quais os discos eram de samba, de tanto que nós botávamos e pedíamos. Ele [o pai] pedia ah, aquele lá, e às vezes tinha o retrato do cantor, então a gente ia muito mais pelo retrato do que pelo que 'tava escrito.

Outro tripulante (Apêndice L.8, linhas 42-50 e 94) expressou a forte lembrança da relação de seu pai com o samba:

[...] meu pai faleceu carnavalesco. Tocava cuíca na **Academia do Samba** e na **Estação [Primeira do Areal, Escolas de Samba de Pelotas]** até os 75 ano[s], 80 ano[s] [...] e eu criança sempre olhava a ... aquele ritual dele. O dia do desfile ele tomava banho se arrumava e eu criança perguntava: - Pai e aí pai? - Pai você não tá ficando velho? [Ele diz o que o pai lhe contava] - Não meu filho, na vida a gente tem que fazer o que gosta [...]. - Quando eu desfilo e tô na passarela é que nem um jogador de futebol num jogo bom. Eu olho assim ah ... o pessoal lá na ... na arquibancada batendo palma então pra mim assim oh é o meu máximo [...] [Volta a narrativa ao tripulante] a herança dele do samba na família passou pra mim.

Temos, nos trechos dos últimos quatro tripulantes mencionados, registros da propagação do samba por meio de ambiente social e familiar. Seja em uma instituição próxima da moradia, seja em uma roda de amigos, seja no seio familiar, o samba se fortalece e se revigora.

O samba se alimenta das pessoas que dele participam assim como as nutre. Novamente temos aqui o princípio de recursão organizacional que Morin (2005b) comenta. Não se trata apenas de uma passagem linear de causa (influência do pai) e efeito (gosto do samba pelos seus filhos), ambos são causadores e resultados dessa influência pela apreciação do samba.

Outro ponto é tocante ao objetivo específico **desvelar as ressonâncias e repercussões que o samba causa na vida das pessoas que frequentam os encontros de samba**. Amparado pela discussão do tópico **Gaston Bachelard – âncora teórica: “ressonância/repercussão”**, o trecho do último tripulante mencionado acima possibilita vislumbrar a repercussão que o pai dele causou em sua vida. Das múltiplas ressonâncias dispersadas pelo pai, formou-se um filho que repercute o samba por todos os seus poros, que tem o samba como modo de vida.

Embora os trechos aquíferos investigados anteriormente demonstrem, em sua maioria, características positivas, nem todas as pessoas enxergam o samba com bons olhos. É nessas águas que me detenho a seguir.

Trecho aquífero 6 – Discriminação

Neste momento, o **Oceano Samba** disfarça o hálito fétido de tempos passados em que a escravidão era um acontecimento corriqueiro para fazer um chamado convidativo ao banho. As Torrentes africanas, apesar de conterem maior trecho aquífero de navegação, agitam-se e imploram que eu atente seus lamentos marinhos.

Dois tripulantes, que participaram das rodas de samba no compartimento **Navegantes do Mercado Central** enfatizaram a questão da interrupção das suas atividades culturais. Um deles (Apêndice L.3, linhas 47 e 33-4) mencionou que “[...] se criou uma ... uma rotina, uma atmosfera [...] a gente já tinha uma rotina de a cada [sic] quinze dias ir para lá, encontrar os mesmos amigos”. Outro tripulante do mesmo compartimento (Apêndice L.9, 53-4, 56 e 59-60) foi além: “O Brasil nunca tu... quando começa a desenvolver algum projeto de LIBERDADE, de participação popular... os cara castram [...] o samba sempre foi uma coisa muito... o início do samba né?, sempre foi muito reprimido pela... quando surgiu o samba os cara eram preso[s]!”.

Para corroborar a afirmação do último tripulante, é interessante mencionar um caso ocorrido com o músico João da Baiana. Em 1908, quando ele se apresentava na **Festa da Penha** teve seu pandeiro apreendido pela polícia. Naquela época, era comum os músicos serem presos pelos policiais por portarem instrumento musical (na verdade, apenas certos tipos de instrumentos musicais, pois não me recordo de ter encontrado nenhuma apreensão de violinos e pianos). Fato é que, sem o pandeiro, João da Baiana não compareceu a uma festa no palácio do então senador Pinheiro Machado. Sabendo do ocorrido, o senador, que era admirador do músico, mandou fazer um pandeiro com a dedicatória “A minha admiração, João da Baiana – senador Pinheiro Machado” (DINIZ, 2008, p. 31). Era uma espécie de salvo-conduto em tempos em que o samba era malvisto por muitas pessoas.

O Decreto nº 847 promulgado no dia 11 de outubro de 1890 tem no capítulo XIII, intitulado dos Vadios e Capoeiras, o artigo 399, que diz o seguinte:

Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de occupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes. Pena – de prisão cellullar por quinze a trinta dias (BRASIL, 1890, p. s./p.).

É interessante observar que esse decreto foi publicado apenas dois anos após a promulgação da **Lei Áurea** (BRASIL, 1888), que acabava com a escravidão no Brasil. Isso revela o caráter subversivo e racista de um governo que, sabendo de antemão que ex-escravos teriam dificuldade de obter trabalho, continuariam sendo

perseguidos por “vadiagem”. João da Baiana, um dos patriarcas do samba, foi um vadio aos olhos da lei.¹¹⁶

Como vimos no tópico **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**, um abaixo-assinado pedia a suspensão das rodas de samba no compartimento por causa do barulho. Mais de cem anos após a apreensão do pandeiro de um dos músicos que fazem parte da **Santíssima Trindade do Samba**,¹¹⁷ presenciamos perseguição similar ao samba aqui em Pelotas/RS.

Além dessas tentativas proibitivas, houve outras mais veladas, cuja origem vieram antes mesmo do samba ter sido concebido: a discriminação racial.¹¹⁸ Ventos trouxeram à embarcação comentários de que havia sido proposto aumentar os dias de samba no compartimento **Navegantes do Mercado Central de Pelotas**. Contudo, muitos reclamaram que já havia muito negro lá, já havia um dia para eles e que, nesses dias, a limpeza em seu interior era feita com água sanitária para retirar o “cheiro de negro” do calçamento interno do compartimento. Pode soar anacrônico, mas, em pleno século XXI ainda experienciamos relatos que se adequam mais ao período da chegada da esquadra de Cabral ao Brasil. Por mais estranho que possa parecer, isso demonstra a atitude racista típica da cidade de Pelotas que, no Rio Grande do Sul, paradoxalmente, tem uma das maiores influências de matrizes africanas (SOARES, 2014).¹¹⁹

Os tripulantes que participaram do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** são enfáticos acerca da discriminação. Um deles (Apêndice K.10, linha 259) disse que “é, discriminação racial ... porque ainda acho que ele [o samba] é discriminado”. Outro tripulante dessa conversa acrescenta:

[...] a gente fica muito chateado de ver que tanto o samba como os outros movimentos que tinha aqui mesmo né? [se referindo ao compartimento **Navegantes do Mercado Central**], e isso ligados à CULTURA negra são discriminados, que o cara entrou com um processo pra simplesmente acabar com o samba aqui [...] porque o barulho incomodava [...] assim outras manifestações artísticas não incomodam, por que o samba incomoda? (Apêndice K.10, linhas 279-83 e 286-7).

¹¹⁶ Cabe salientar que já no final do século XIX, o Rio de Janeiro passava por um processo de embranquecimento de sua cidade. Para ver a influência do pensamento eugenista no Brasil, sugiro a leitura de Lacerda (1911).

¹¹⁷ A Santíssima Trindade do Samba é formada por Donga, João da Baiana e Pixinguinha. É possível ver um encontro dos três no documentário intitulado **Conversa de Botequim**, de 1972, dirigido por Luiz Carlos Lacerda.

¹¹⁸ Essa dificuldade de lidar com o outro, com o diferente é presente há muito tempo e já teve diferentes roupagens. Para um aprofundamento sobre o racismo, recomendo a leitura de Bethencourt (2018).

¹¹⁹ Mais sobre a presença negra em Pelotas em Ribeiro (2010).

Embora nos encontrássemos no compartimento **Navegantes do Mercado Central**, tratávamos dos ingredientes da feijoada do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**. Durante a conversa, ficou evidente a necessidade de um ingrediente que pudesse lutar contra esse tipo de perseguição e, depois de debatermos, nós o encontramos: RESISTÊNCIA (Apêndice I). Um dos tripulantes (Apêndice K. 10, linha 301) justificou esse acréscimo: “[...] pra poder lutar, pra poder se manter”. Talvez por essa razão Ribeiro (2018, p. 166) mencione que:

[...] a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional. Nela se viu incorporado à força. Ajudou a construí-la e, nesse esforço, se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em razão de sua total desafricanização. A primeira tarefa cultural do negro brasileiro foi a de aprender a falar o português que ouvia nos berros do capataz. Teve de fazê-lo para comunicar-se com seus companheiros de desterro, oriundos de diferentes povos. Fazendo-o, se reumanizou, começando a sair da condição de bem semovente, mero animal ou força energética para o trabalho. Conseguindo miraculosamente dominar a nova língua, não só a refez, emprestando singularidade ao português do Brasil, mas também possibilitou sua difusão por todo o território.

Um dos objetivos específicos analisados da tese foi o de **perceber as relações ocorridas nas rodas de samba e seu potencial formador humano**. Essas relações, além das já manifestadas em outros trechos aquíferos, são destacadas por Moura (2004, p. 115) da seguinte forma:

[a roda de samba] seria o espaço mítico de construção da cidadania. Condenado a tarefas menores e alienantes na sociedade branca, o sambista vê a sua reunião de iguais como uma possibilidade real do desenvolvimento e desvelamento de sua sensibilidade. Isto é: desideologizada em sua origem, a roda acaba se convertendo em evento de indiscutível caráter político.

A roda de samba, dentre outras características, se transforma em um espaço de resistência e formação. Aqui reside o potencial formador humano de uma manifestação desse tipo, um microcosmo social que revela, no compartimento do **Navegantes do Mercado Central** em específico, ser um espaço de disputa de poderes que desvelam o preconceito e o racismo que nos acompanham desde nossa formação como povo brasileiro. As rodas de samba são uma forma de resposta aos desafios, preconceitos e discriminações da vida.

Bachelard (1998, p. 165-6) menciona que “o mundo é tanto o espelho do nosso tempo quanto a reação das nossas forças. Se o mundo é a minha vontade, é também

o meu adversário. Quanto maior a vontade, maior o adversário”. As rodas de samba tentam ser silenciadas por pessoas que não comungam de suas práticas. No entanto, quanto maior seu adversário, mais elas se fortalecem reagindo a forças contrárias. Vemos aqui o princípio hologramático de Morin (2005b): as discriminações realizadas no todo (samba) podem ser percebidas nas partes (roda de samba do compartimento do **Navegantes do Mercado Central**), bem como esse último é um espelho, mesmo que embaçado, do samba em sua totalidade.

Duvignaud (1983, p. 36) salienta que, para entendermos as diferentes formas de experiência humana ao longo da história, é preciso compreender os espaços constituintes de suas práticas, “sejam elas técnicas, simbólicas, míticas e até filosóficas”. A história do compartimento **Navegantes do Mercado Central** revela a segregação que ocorria desde os períodos em que a cidade de Pelotas tomava os primeiros ares urbanos. Como relatou Xavier (2017), se por um lado houve uma abertura do local a eventos culturais que antes não aconteciam, as relações comerciais dentro do espaço se tornaram mais onerosas, expulsando os comerciantes de menor poder aquisitivo. Se o samba parece adentrar sem dificuldade esse local, a revitalização do espaço mostra traços de elitização social.

Os achados analisados dos nucleamentos simbólicos realizados na primeira etapa da coleta evidenciaram, nas respostas à pergunta detonadora “**Em uma ou duas palavras, o que tem vem à mente quando pensas em samba?**”, palavras cuja menção naquele momento pode ser agora compreendida. A roda de samba é um espaço convidativo que propicia ALEGRIA, FELICIDADE, DIVERSÃO, DESCONTRAÇÃO, CONFRATERNIZAÇÃO, é CONTAGIOSO e leva as pessoas à OUSADIA de manifestar sua LIBERDADE muitas vezes privadas em outros meios de socialização.

Após a análise desses trechos aquíferos, **defendo a tese de que as rodas de samba são reveladoras de microcosmos sociais com potencial de formação humana**. O convívio proporcionado aos frequentadores da manifestação; a acolhida ou repulsa de sua prática pelos espaços que a recebem e o contexto sócio-histórico-cultural de preconceito ao samba, potencializado nas falas dos tripulantes, são constelações potentes de um microcosmo social muitas vezes malvisto, mas, acima de todas as rejeições, um espaço amplamente formador.

4 Pregnâncias educacionais para uma formação humana

*A EDUCAÇÃO É UM PROCESSO DE VIVER
E NÃO UMA PREPARAÇÃO PARA VIVER NO FUTURO*
JOHN DEWEY¹²⁰

Ao acompanhar minha escrita até aqui, é possível perceber que procurei desvelar os processos de minha investigação marítima e não apenas problematizar os achados da navegação. Acredito, assim como Dewey (1987), que a educação deve ser pensada como um processo de vida e não uma preparação para um momento específico futuro.¹²¹

Você pode se perguntar: por que essa navegação pelo **Oceano Samba** foi patrocinada pelo PPGE da UFPel? Assim como muitos têm a imagem do cientista como aquele de jaleco branco no interior de um laboratório (comentado no **Guia de Bordo para Leitura da Tese**), o professor, para esse mesmo grupo de pessoas, é visto como aquele que fica de pé defronte de seus alunos, que permanecem sentados em suas classes enfileiradas, esperando a voz da sabedoria ditar as regras. A educação vai muito além disso, ela envolve um conjunto de valores que se agregam em espaços variados e bem distintos.

Como foi possível ver ao longo de todo esse processo investigativo, a educação foi parceira de viagem, embora de forma implícita, em cada diário de bordo. Contudo, gostaria de dar um destaque a algumas questões referentes ao ensino nos espaços institucionalizados dando uma ênfase naqueles em que ao invés de potencializar a aprendizagem do aluno, impossibilitam sua plena formação.

Entendo que este trabalho pode ser pensado como um trabalho transdisciplinar. Ela possui uma ligação entre saberes populares e saberes acadêmicos e perpassam as áreas da história, da antropologia, da sociologia e das artes para chegar à educação, pois senti a necessidade, para essa pesquisa, do diálogo entre esses diversos campos do conhecimento.

Os estudos do Imaginário que embasam esta pesquisa, não tematizam de forma direta a área da educação, mas é possível vislumbrar “lições pedagógicas”, visto que nos permitem a compreensão tanto da formação dos processos simbólicos

¹²⁰ Trecho retirado de Dewey (1897, p. s./p.)

¹²¹ Encontramos em Joyce (2020, p. 139) um complemento na fala de um dos seus personagens que "para aprender é preciso ser humilde. Mas a vida é que é a grande escola".

no sujeito imaginante quanto do papel da imaginação no desenvolvimento das culturas, das ciências e da educação” (TEIXEIRA; ARAÚJO, 2011, p. 77). Sendo assim, considero que a discussão realizada sobre as rodas de samba é um trabalho importante para problematizar a relação do homem com sua cultura. Dessa forma, entendo que esta tese pode contribuir para pesquisas futuras no campo da educação, assim como em outras áreas que debatam o tema em questão.

Morin (2000, p. 11), ao comentar sobre a educação, diz que “uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano”. Trata-se de uma educação transdisciplinar¹²² que não se restringe ao estudo de conhecimentos específicos separados de um todo. Pelo contrário, busca-se uma relação entre os saberes cruzando os limites impostos por cada área em específico e, tratando-se de uma investigação que abarca a cultura brasileira, é necessário o recurso dialógico moriniano entre diferentes campos científicos.

Morin (2008a) diz que, como o mundo, o homem se vê dividido em diferentes especialidades, separado por disciplinas e perdido em meio ao excesso de informações. Além disso, temos uma tendência maniqueísta¹²³ de propor soluções para os problemas encontrados. A educação tem como tarefa ressignificar os sentidos de aprendizado, propondo que a pergunta derradeira não seja se algo é verdadeiro ou não, se é bom ou ruim, se é útil ou prejudicial, mas como eu me sinto e me relaciono diante daquele saber. Uma educação que seja, acima de tudo, humanizadora. Por essa razão, Morin (2000, p. 78) considera que “[...] transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevivência da humanidade”.

Após essa investigação marítima, elenquei onze pregnâncias educacionais, ideias conceituais que nos fazem repensar nossos modos de ser e que acredito serem valiosas para futuros educadores. Parti do princípio de que, em certos momentos, precisamos do olhar de fora da área para nos reinventarmos. Por isso, algumas dessas recomendações foram elaborados por pessoas fora do campo da educação.

¹²² De acordo com o artigo 4 da Carta da Transdisciplinaridade “a Transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa” (FREITAS; MORIN; NICOLESCU, 1994, p. 02).

¹²³ “Dualismo religioso sincretista que se originou na Pérsia e foi amplamente difundido no Império Romano (III d.C a IV d.C), cuja doutrina consistia basicamente em afirmar a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz (o Bem) e o das sombras (o Mal) [...] qualquer visão de mundo que o divide em poderes opostos e incompatíveis” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1838).

Cada uma das afirmações tem um exemplo de como a roda de samba pode ser percebida, o que evidencia seu potencial formador para o ser humano além da contribuição dos tripulantes do navio em cada pregnancy.

É importante ressaltar que as pregnancies educacionais foram elaboradas e problematizadas a partir de referenciais teóricos que pudessem contribuir para a educação que por vezes é tão engessada, rígida e limitante. Além disso, todas pregnancies estão em consonância com a empiria da pesquisa: as considerações sobre roda de samba dos tripulantes do navio.

Sou ciente de que, atualmente, emergem outros modelos educacionais trazendo novas formas de ser/ensinar/aprender. Neles podemos encontrar outras possibilidades para a formação humana. No entanto, ainda é visível alguns métodos de ensino que pouco contribuem para uma formação mais plural. Por essa razão, optei em fazer um contraponto entre as onze pregnancies educacionais e os modelos de ensino pouco adequados para um ser humano cada vez mais multifacetado. As pregnancies seriam um conjunto de saberes que funciona como uma bússola indicando outro território que se adeque mais aos anseios para uma formação que possa ampliar os horizontes da humanidade.

Pregnância educacional 1 – O educador não ensina o aluno, ele desencadeia “perturbações” (MATURANA, 1990, p. s./p., grifos meu): para o autor, o ensinar ocorre quando o educador cria um “espaço de convivências” que possibilita ao aluno se envolver com o assunto tratado. Como diria Pennac (1993, p. 121), “não se força uma curiosidade, desperta-se”. Infelizmente, a escola parece não perturbar o aluno: “[...] a escola deveria ser o lugar que desperte a curiosidade, curiosamente, ela é o lugar que mata a curiosidade” (KARNAL, 2019, p. s./p.). Em função disso, Feyerabend (2011, p. 335) menciona que “a tarefa do educador consistiria em facilitar a escolha e não em substituí-la por alguma ‘verdade’ própria”. É momento de os educadores viabilizarem um espaço provocador, instigador para o aluno.

As rodas de samba são manifestações potencialmente perturbadoras, pois desencadeiam repercussões nos seus participantes, fazendo-os vibrar em uma mesma energia. Além disso, “o universo simbólico comum da roda de samba é gerado e modificado, a partir do encontro de singularidades, mundos moventes que constituem e se constituem no viver de uma cultura” (SOUZA, 2013, p. 34). Nesse

convívio, os participantes aprendem a se reinventarem na busca de “vínculos identitários que os façam mais autores da própria vida” (SOUZA, 2013, p. 34).

Como vimos na primeira etapa empírica da pesquisa, a palavra ALEGRIA foi a mais mencionada em ambas as rodas de samba. Posso afirmar que essas manifestações são fortemente perturbadoras, pois como menciona um tripulante (K.2, l. 29-30) a "ALEGRIA transforma o ser humano". As rodas de samba são espaços propensos a renovações e metamorfoses pessoais.

Pregnância educacional 2 – O educador deve promover a “cultura da interioridade” (PERES, 1999, p. 123, grifos meu): a autora considera que “a cultura da ‘interioridade’ está imersa num campo simbólico que jorra das profundezas do humano” (PERES, 1999, p. 122), é “um acúmulo de imagens e símbolos que vão aos poucos dando forma aos jeitos de viver e pensar humanos” (PERES, 2012, p. 269).

Os espaços educacionais são potentes formadores de símbolos que muitas vezes não são acolhidos nos próprios espaços em que são gerados. “Embora vivos eles circulam por outros caminhos que o fazer escolar não apenas desconhece, mas resiste a defrontar-se com eles” (PERES, 1999, p. 121). Um desses caminhos, muito provavelmente, é a roda de samba, pois o encontro que essa manifestação possibilita traz “a renovação da força do grupo [...] na dança e no ritmo [que são] os meios de comunicação de um saber não teórico, um saber intuitivo” (MEIRELLES, 2014, p. 29). A roda de samba é um dos possíveis fermentos para a “cultura da interioridade”.

A roda de samba é um campo preñado de simbolismo. Um dos tripulantes (L.5, l. 22) enxerga o samba como "um símbolo de uma cultura". Outro, considera como um espaço de fortalecimento da ANCESTRALIDADE (L.6, l. 129). Em ambos os exemplos, é possível vislumbrar a carga simbólica que emana do samba e sua potencialidade em fomentar a “cultura da interioridade” (PERES, 1999). Além disso, os valores simbólicos compartilhados na roda de samba permitem "uma forma de tu encontrar tua própria LIBERDADE, teu próprio modo de ser livre" (L.1, l. 15-6) o que culmina, de acordo com outro tripulante (L.8, l. 147-151), na LIBERDADE de sambar: "no samba eu me solto e digo quem eu sou", sem ter vergonha de se expressar e mostrar sua essência.

Pregnância educacional 3 – O educador pode propiciar “o cultivo da alma” no aluno (CELORIO, 2015, p. 17, grifos meu): nas palavras do próprio autor, “fazer as

coisas com alma é sermos inteiros para a vida, é agirmos no mundo sem perdermos o sentido dos nossos atos” (CELORIO, 2013, p. 07).

Como mencionei na epígrafe desse tópico, entendo a educação como um processo de vida (DEWEY, 1897). Pressupondo essa relação intrínseca entre educação e vida, “a inserção no contexto da roda de samba pode significar um renascer no mundo, orientado e conduzido através de experiências elaboradas no coletivo” (SOUZA, 2013, p. 35). Como bem mencionou Cunha, J. (2019, p. s/p.), “se não te entregas a todas as experiências de vida, jamais saberás quem tu és”. Quem sabe essas rodas de samba não propiciem experiencarmos por inteiro nossas vivências no mundo?

Um dos tripulantes (L.8, l. 45-50) trouxe um relato sobre seu pai que dizia que quando ele desfilava na passarela durante o carnaval era como um jogador que experienciava a sensação de um jogo bom. Receber os aplausos do público era a apoteose. Isso é nos entregarmos por inteiro às nossas experiências, e talvez por isso um dos tripulantes tenha mencionado na primeira etapa empírica **CELEBRAÇÃO DA ALMA**.

Outro tripulante (Apêndice K. 10, l. 120-1) diz que o samba promove uma intensa participação dos frequentadores: “eu estar envolvida, eu tá dançando, eu tá sambando, eu tá batucando”. Há aí uma entrega às experiências da roda de samba, uma manifestação que promove o cultivo da alma de seus participantes.

Pregnância educacional 4 – “Educação é a capacidade de dizer respostas novas a problemas inexistentes, educação é a capacidade de perguntar e não de responder” (KARNAL, 2020, p. s./p., grifos meu): a tempestade (COVID-19) que o **Satolep-Samba** atravessou é a prova dessa máxima, pois é preciso uma resposta nova a um problema que não havia sido formulado. Nesse sentido, Morin (2000, p. 21) considera que a relevância do “imaginário no ser humano é inimaginável”. Mais ainda, “o imaginário [...] é uma forma de resistir politicamente em tempos incertos” (CUNHA, J., 2019, p. s./p.).

Diante do exposto acima, uma forma de trazermos novas respostas a perguntas nunca feitas é aconselhar que o educador nunca deve tolher a imaginação do aluno. Lembremos que toda realidade já foi obra de uma fértil imaginação.

A tempestade impossibilitou a manutenção das atividades das rodas de samba. Por mais que tenham sido propostas inúmeras formas para dirimir as consequências

causadas pelo distanciamento social, não há como substituir a repercussão bachelardiana que uma roda de samba causa. Muitas vezes, é na falta que valorizamos o que tínhamos em mãos.

No tocante à segunda afirmação, “educação é a capacidade de perguntar e não de responder”, volto-me à Grécia Antiga. Os gregos consideravam que os espaços escolares poderiam servir de locais de alienação e, talvez por isso, o sistema educacional da Grécia Antiga e sua *paideia*¹²⁴ tivessem mais perguntas do que respostas (CUNHA, J., 2019, p. s./p.). A *paideia* envolvia inúmeros fatores que abrangiam desde nossa constituição física até elementos como educação, cultura, civilidade e formação ético-moral (JAEGER, 1995). Todos os espaços frequentados por seus habitantes eram formadores. Isso também vale para as rodas de samba, que são responsáveis não por uma educação de conteúdos pouco aplicáveis ao cotidiano, mas por uma formação humana e simbólica que agrega, senão todos, muitos dos valores de uma *paideia*.

Diante da primeira etapa empírica, emergiram palavras interessantes para pensarmos essa pregnância. Por meio da ARTE DO POVO e com um pouco de OUSADIA, talvez sejamos capazes de oferecer novas respostas a problemas nunca enfrentados e dispor de certa LIBERDADE para não apenas respondermos, mas também pensarmos novas perguntas.

Pregnância educacional 5 – “Que a proa e popa da nossa didática sejam: buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais” (COMENIUS, 1997, p. 12, grifos meu): o importante não é ensinar algo, mas possibilitar o aprendizado do aluno. É fazer com que os aprendentes sejam estimulados ao conhecimento.

O processo formativo potencializado pela roda de samba possibilita concebermos “novas possibilidades no campo pedagógico, a partir da abertura de diálogos entre a academia e outros espaços de produção de saber para a promoção de novas contextualizações” (SOUZA, 2013, p. 35). Se precisamos de um modelo

¹²⁴ “[...] o termo Paideia não tem uma tradução tão simples (ou aparentemente tão simples): ele não significa, como vulgarmente se traduz, apenas educação. Significa muito mais que isso, aglutinando termos tais como cultura, instrução, formação...” (FONSECA, 1998, p. 18). Mais sobre o assunto em Jaeger (1995).

inspirador para reestruturarmos nossos modos de ensinar, devemos nos voltar a esses espaços que oportunizam outras formas de aprender.

É possível observar lampejos desse método recomendado por Comenius (1997) em algumas características constituintes da roda de samba. De acordo com um tripulante (K. 10, l. 77-83) seu caráter informal não requisitando, de forma obrigatória, perfeccionismo técnico, "qualquer batucada que tu faça, tu já sai cantando alguma coisa". Isso não significa, em contrapartida, que a roda de samba aceite qualquer som, voz, composição musical que seja apresentada. Em resumo, a manifestação não possibilita o famoso aqui tudo é permitido.

Outra característica também é importante para pensarmos sobre seu método de formação: o caráter popular o que potencializa a participação das pessoas (K.10, l. 153-4). Que possamos pensar no modo de funcionamento da roda de samba e possamos idealizar um método em que o foco é ensinar menos e aprender mais.

Pregnância educacional 6 – “A verdade é que nenhum sistema educacional é preferível em si mesmo a outro” (CHATEAUBRIAND, 2016, p. 109, tradução minha, grifos meus)¹²⁵: de acordo com o próprio autor, aquilo que tu acreditas ser danoso para a formação de alguém pode acabar revelando os talentos dessa pessoa. Do contrário, o que consideras benéfico para alguém pode se revelar prejudicial (CHATEAUBRIAND, 2016). Por essa razão, Jung (2015, p. 237, tradução minha), em uma carta endereçada à Kendig B. Cully, mencionava que “nem todos precisam saber a mesma coisa e esse tipo de conhecimento nunca pode ser ensinado da mesma maneira”.¹²⁶

As rodas de samba oportunizam diferentes valores educativos e não podemos considerá-los “como dejetos, [muitas vezes] as experiências pessoais de vida, os saberes cotidianos são colocados em lixos hospitalares, perigosos, contagiosos e intocáveis” (SOUZA, 2013, p. 144). O que muitos consideram nocivo pode potencializar o desabrochar de talentos até então obscurecidos sob a rigidez asséptica do ensino. Que as rodas de samba sejam oferecidas como potências da formação humana!

¹²⁵ No original: “*La vérité est qu’aucun système d’éducation n’est en soi préférable à un autre système*”.

¹²⁶ No original: “*Not everybody needs to know the same thing and this kind of knowledge can never be taught in the same way*”.

A própria roda de samba tem suas múltiplas maneiras de formação do ser humano. A manifestação pode ser realizada no núcleo familiar (L.5, l. 25-7 e 58-62 e L.8, l. 55-75), entre amigos (L.7, l. 44-51) e em espaços públicos. As trocas simbólicas em seu meio podem ser potencializadas com um prato que permeou a empiria e o método empregado na segunda fase da coleta: a feijoada. Como menciona um dos tripulantes (L.7, l. 32-3) "pra ter feijoada tem que ter samba".

O que essa pregnância revela é que não importa o modo como a roda de samba é idealizada, cada uma delas pode potencializar diferentes talentos ainda não revelados. Isso também pode acontecer nas salas de aula que oportunizam momentos de transformação do aluno.

Pregnância educacional 7 – “Os espaços de formação não são os tradicionais, esses são extremamente conservadores. [Os espaços de formação] são aqueles alternativos, são aqueles que nem sempre são bem-vistos” (CUNHA, J., 2019, p. s./p.): atualmente, temos instituições que perderam seu prestígio frente ao público. Como bem menciona Ribeiro (2018, p. 156), “[...] a escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam”.

Foi-se o tempo em que a educação tinha endereço, telefone e e-mail que pudessem ser encontrados. Atualmente, nossa formação humana se dá em variados lugares e, muitos deles, ainda malvistas por parte da sociedade.

Como foi possível ver ao longo dessa escrita, as rodas de samba ainda sofrem preconceitos e talvez, por essa razão, de acordo com um tripulante (K.10, l. 276), o samba deveria ser "um pouquinho mais valorizado". Esses espaços de formação não tradicionais, alternativos e malvistas por muitas pessoas merecem uma análise sob outra ótica mais abrangente e acolhedora.

Além disso, é preciso considerar essas manifestações como potentes redutos formativos e, para isso, não podemos “aprisionar a educação dentro de instituições formais de ensino, e sim percebê-la ativa em todos os recantos da vida, **como um encontro simbólico, como um domínio da cultura**, organizando cotidianamente espaços populares específicos” (SOUZA, 2013, p. 33, grifos da autora). O “animal simbólico” (CASSIRER, 2005), quando se encontra na roda de samba, é enriquecido pelas experiências proporcionadas pelo meio.

Pregnância educacional 8 – “Não deixar os alunos considerados pelo sistema educacional sem perspectivas futuras como ‘carcaças abandonadas pela maré escolar’” (PENNAC, 1993, p. 101, grifos meu): Crema (2017) faz uma analogia do nosso sistema educacional rígido e uniformizado com a cama de Procusto.¹²⁷ Não devemos oferecer essa cama aos nossos alunos! Devemos oportunizar uma cama específica para as particularidades de cada aluno e não submeter os aprendizes a estruturas curriculares enrijecidas e padronizadas. “Nós recebemos talentos diferentes e, às vezes, quando somos avaliados apenas a partir de um único padrão, temos que jogar a individualidade e a originalidade na lata de lixo. Para sobreviver, temos que nos vender por notas” (CREMA, 2017, p. 61). Não devemos preparar nossos estudantes para passar em provas e concursos, mas para as provações da vida. A vida é a maior das provas a ser prestada. Talvez por isso Feyerabend (2011, p. 64) mencione que educadores com outra concepção de mundo tenham se voltado para as individualidades de seus alunos, fazendo “florescer os talentos e as crenças específicos e por vezes únicos” das pessoas, o que pode auxiliar na descoberta e modificação dos “traços do mundo em que vivemos” (FEYERABEND, 2011, p. 65).

Um dos tripulantes (K.5, l. 39) evidencia que a roda de samba propicia o "encontro de várias pessoas, de várias gerações inclusive". Outro (L.6, l. 32-4) ressalta que as rodas de samba agregam pessoas de várias faixas etárias e diferentes condições socioeconômico e culturais. Talvez, essa mescla auxilie a interação de pessoas mais introvertidas o que potencializa nesse meio algo que não é revelado nas instituições formais de ensino que tolhem a formação do aluno, pois como bem menciona o tripulante (K. 10, l. 163 e 167) o samba "é mais participativo [...] mais inclusivo".

O samba propagado pelas rodas é “transmitido na pedagogia da oralidade¹²⁸e, tal como outras tradições, se preserva em rituais. O rito é a roda de samba, que se repete sem se repetir nunca” (SILVA, 2012, p. 46). Essa *irrepetibilidade* revela a potência que cada roda traz em seu bojo toda vez que é realizada. Cada encontro

¹²⁷ Na mitologia grega, Procusto era um bandido que tinha duas camas de ferro nas quais convidava as pessoas a se deitar: se ela fosse alta, oferecia a curta; se fosse baixa, oferecia a longa. Se elas fossem maiores que a cama, cortava o excesso; se fossem menores, esticavam-nas até chegar ao tamanho da cama (BULFINCH, 2016; GRIMM, 2020).

¹²⁸ Couto (2019a, p. 23) diz que “em todo os continentes, cada homem é uma nação feita de diversas nações. Uma dessas nações vive submersa e secundarizada pelo universo da escrita. Essa nação oculta chama-se oralidade”. Para o autor, “a oralidade é um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades” (COUTO, 2019a, p. 23).

propicia um aprendizado diferente e muitas carcaças abandonadas em espaços institucionais educacionais rígidos que pouco contribuem para a formação revelam seus riquíssimos saberes em uma roda de samba.

Pregnância educacional 9 – “[...] conhecimento e afeto quanto mais a gente divide, mais a gente acumula” (CUNHA, 2020, p. s/p., grifos meus): na Grécia Antiga a partilha era considerada a única forma de formação ético-moral (CUNHA, J., 2019, s./p.). Atualmente, a ciência é um campo de disputa de poderes em que são formadas muitas igrejas acadêmicas. De acordo com Feyerabend (2011, p. 214), os participantes dessas congregações “não se dão por satisfeitos em organizar seus próprios cercadinhos de acordo com o que consideram ser as regras do método científico, mas querem universalizar essas regras, querem que elas se tornem parte da sociedade” e consideram apenas os seus teóricos como possíveis portadores da verdade. Além disso, em muitas dessas igrejas acadêmicas, pouco da pesquisa é compartilhada com os outros, o que faz do meio acadêmico um local de disputas, rivalidades, intrigas e constantes decepções.¹²⁹

As rodas de samba agregam pessoas de variadas crenças que compartilham diferentes saberes. Seus frequentadores podem não ser amigos entre si, contudo não são inimigos; podem ter diferentes crenças, mas sabem conviver com o diferente. “Embora ligado ao prazer e ao divertimento, o samba forma valores, estabelece normas de conduta e referências comportamentais” (MOURA, 2004, p. 68). Por isso, quanto mais eu compartilho na roda, mais eu acumulo, aquilo que alimenta algo é também alimentado por ele (princípio da recursão organizacional moriniano) e diferentes crenças são mantidas em uma mesma roda (princípio dialógico moriniano).

Para o tripulante (L.8, l. 119-20) o samba “tem que ter UNIÃO”. Ele faz uma menção à uma música de Benito di Paula, já mencionada anteriormente, dizendo que “o samba ele é uma coisa que uma pessoa só não dá”. É na partilha de saberes e ternura que ampliamos nosso conhecimento e sensibilidade. Por essa razão, quanto mais os saberes simbólicos em uma roda de samba são compartilhados, mais eles são acumulados pelos seus frequentadores.

¹²⁹ “Pode ser verdade que a soma total dos fatos que hoje estão enterrados em publicações científicas, manuais, cartas e discos rígidos em muito excede a soma total do conhecimento que vem de outras tradições. Mas o que conta não é o número, mas a utilidade e a acessibilidade. Quanto desse conhecimento é útil e para quem?” (FEYERABEND, 2010, p. 193).

Pregnância educacional 10 – “Ninguém pode construir seu conhecimento sobre uma rocha de certeza” (MORIN, 2005c, p. 23, grifos do autor): os educadores precisam estar abertos a outros saberes¹³⁰ assim como precisam flexibilizar o ensino e suas teorias de acordo com as características de seus alunos. **“A proliferação de teorias é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade prejudica seu poder crítico”** (FEYERABEND, 2011, p. 49, grifos do autor). Isso se dá pelo fato de que “os mundos em que as culturas se desenrolam não só contêm eventos diferentes como também os contêm de maneiras diferentes” (FEYERABEND, 2010, p. 129). Nesse sentido, Durand (2012, p. 430) mencione a necessidade de “uma pedagogia da imaginação” que equilibre nosso sistema biopsicossocial e abra novas possibilidades de ver e aprender com nossas experiências.

A roda de samba partilha saberes que não devem ser considerados aquém do conhecimento científico nem impossibilitados de serem debatidos em uma sala de aula. Há certa riqueza na manifestação e talvez por essa razão um dos tripulantes (K.9, I.50) comente que em uma roda de samba "todo mundo tem pra oferecer alguma coisa". Não há convicções enrijecidas, mas a contribuição de cada participante para o enriquecimento da manifestação. Nas rodas de samba não há rochas de certeza, mas esponjas porosas que absorvem o espírito do momento proporcionado por elas, ampliando a visão de mundo de seus participantes.

Pregnância educacional 11 – “[...] a inovação é um esporte coletivo; a criatividade, um esforço colaborativo” (ISAACSON, 2017, p. 555, grifos meus): por mais que tenhamos lampejos criativos, *insights* visionários, nunca devemos crer que isso tenha ocorrido solitariamente. Todas as grandes ideias surgem de importantes debates em grupo. Os grupos de pesquisa (aqui o GEPIEM é uma prova disso), os eventos e as trocas de ideias entre pesquisadores de diferentes campos acadêmicos enriquecem o nosso fazer.¹³¹

¹³⁰ Couto (2019c, p. 51) salienta que “uma parte da nossa formação científica confunde-se com a actividade de uma polícia de fronteiras, revistando os pensamentos de contrabando que viajam na mala de outras sabedorias. Apenas passam os pensamentos de carimbada cientificidade”. Para o autor, não devemos impedir outros conhecimentos de adentrarem o nosso universo de saberes mesmo que sejam por outras malas ditas não-científicas.

¹³¹ “É obviamente verdade que a ciência é inerentemente humana e que um cientista pode ser tão bondoso ou tão ruim quanto qualquer outra pessoa. O problema é que a crescente competitividade dentro do estabelecimento científico e a crescente atenção que é dada às declarações dos cientistas

As rodas de samba, além de convidarem a uma participação coletiva através de “práticas educativas que se dão através de ações culturais coletivas” (SOUZA, 2013, p. 32), instiga-nos a criações. Muitas inovações ocorrem nas práticas coletivas da roda de samba, fazendo do esforço colaborativo de seus participantes um reduto instigador de criatividade.

Como menciona um dos tripulantes (L.7, l. 44-6) que nas reuniões domiciliares com os amigos, mesmo que alguns não toquem qualquer instrumento, sempre eles criam algo ali na hora. Nas palavras mencionadas na primeira etapa empírica podemos observar a atuação dessa pregnância: é da UNIÃO, CONFRATERNIZAÇÃO, ENTROSAMENTO e DESCONTRAÇÃO que a inovação e a criatividade são incentivadas. Muitas vezes, a inovação surge do esporte colaborativo que é a roda de samba; a criatividade, do esforço colaborativo de seus participantes.

Após elencar as onze pregnâncias educacionais, o que é possível vislumbrar em seus ensinamentos? A primeira pregnância revela a importância de que o educador não seja visto como o detentor do conhecimento, mas como uma pessoa que tira seus alunos da zona de conforto e os instiga a buscar novos aprendizados.

A segunda pregnância propõe que a escola não deve se confrontar com os símbolos derivados de outros locais. O simbolismo de uma roda de samba deve ser acolhido e potencializado tanto em seu próprio meio como nos espaços formais de ensino.

Como a vida é para ser vivida, a terceira pregnância nos convida a nos entregarmos a nossas experiências de vida. É nessa condição de viver plenamente que revigoramos nossa condição de ser no mundo.

Nem todas as coisas têm suas respostas e, muitas vezes, é por meio do questionamento que potencializamos nossa formação. Além disso, a quarta pregnância nos move a elaborar novas respostas a perguntas até então nunca feitas.

A quinta pregnância é propagada desde o século XVII. Nela reside a importância de vislumbrarmos a capacidade que o aluno traz para assimilação do conhecimento e, por isso, quanto menos os professores ensinam, mais os alunos aprendem.

É preciso entender que não há um método de acesso ao conhecimento que seja preferível em detrimento de outro. A sexta pregnância revela que nem todas as

tende a encorajar o egoísmo, o convencimento e um desprezo pelas pessoas” (FEYERABEND, 2010, p. 310).

ferramentas empregadas de forma exitosa com um aluno funcionam com outro. Cada aluno tem suas particularidades e desejos que foram se construindo ao longo de sua formação e, por isso, diferem-se de outros alunos com outras ambições, outras aspirações.

Os espaços institucionalizados de ensino podem acolher distintos saberes advindos de outros espaços de formação. O que a sétima pregnância revela é que esses diferentes espaços de formação não institucionalizados costumam ser menosprezados, desconsiderados pelas nossas escolas.

A oitava pregnância evidencia que não devemos comparar nossos alunos por um único método avaliativo. Indo além, nem devemos compará-los! Dependendo de suas particularidades, muitos educadores acabam desnutrindo seus sonhos, que acabam sendo abandonados em meio a sua formação escolar.

O conhecimento não é algo que deve ser escondido e trancado a sete chaves. A nona pregnância declara que, quanto mais compartilhamos nossos conhecimentos, mais acumulamos novos saberes. A troca, a permuta, o intercâmbio de aprendizados é benéfico para qualquer área do conhecimento.

A décima pregnância desnuda nossas verdades, convicções, axiomas. Nenhum saber é definitivo e, conseqüentemente, sua imutabilidade não pode ser sustentada sempre.

A última pregnância descontrói a imagem de que grandes visionários foram pessoas solitárias. Muito de nossa originalidade, criatividade e inovação é alimentada por nossas trocas de ideias no âmbito coletivo.

Se observarmos atentamente as onze pregnâncias educacionais e voltarmos aos exemplos de como esses ensinamentos repercutem em uma roda de samba, é notória a relevância desses espaços como redutos formativos. São eles que realimentam e revalorizam o simbolismo de seus frequentadores, potencializando novos modos de formação do ser humano.

Para encerrar esse tópico, partindo do pressuposto de que todo ser humano é um “animal simbólico” (CASSIRER, 2005) que é ampliado para “*homo symbolicus*” por Durand (1999b), posso afirmar que a roda de samba é um campo rico para a educação. Ela funciona como um meio de irradiação que compartilha conhecimentos entre seus participantes, fazendo de cada interação um encontro formador.

A escola e outros locais voltados à educação devem proporcionar o contato do ser humano, “animal simbólico” (CASSIRER, 2005), com as diferentes formas de

interação com o mundo. É preciso debater práticas religiosas monoteístas e politeístas, analisar o mito e seus ensinamentos, proporcionar o contato com variadas formas de arte para potencializar outros canais de relacionamento com o mundo, além de somar à linguagem com a riqueza dos dialetos e gírias. Por fim, unir o conhecimento científico e a sabedoria popular sem que um exclua o outro.

Muitas vezes ouvimos a sabedoria popular mencionar que a escola é nossa segunda casa, o que revela a importância desse espaço na formação humana. Durand (2012, p. 245) considera que a casa simboliza “entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio-termo”. Por essa razão, podemos afirmar “diz-me que casa imaginas e dir-te-ei quem és” (DURAND, 2012, p. 245).

Os espaços de formação, essas casas, devem ser convidativos e não carregar a imagem de obrigatoriedade na vida das pessoas. Para isso, as escolas, universidades e outros locais de ensino precisam transmutar seus valores arraigados em um ensino que privilegia o saber do professor em detrimento das necessidades do aluno.

Não há necessidade de realizar uma escolha entre o aprendizado recebido pelas instituições de ensino e o que absorvi no meio das artes pela música e pela dança e, nesse caso mais específico, nas rodas de samba. O que é preciso é dialogar com diversos saberes. Este é, a meu ver, o ponto sobre o qual a educação precisa se questionar: é preciso defender outros espaços de formação e não é necessário extinguir um conhecimento, nem supervalorizar outro; trata-se de sermos capazes de conviver com diferentes universos simbólicos sem que, para isso, usemos as regras do nosso próprio universo.

5 Deixando o navio: a saideira da roda

*VIAJAR É FATAL PARA O PRECONCEITO,
A INTOLERÂNCIA E AS IDEIAS LIMITADAS*
MARK TWAIN

Depois de mais de mil e quinhentos amanheceres dedicados à navegação do **Oceano Samba**, minha retina exausta pede um descanso: chegou a hora de deixar o **Satolep-Samba**. Essa não será minha última viagem, pois, assim como Mark Twain (2005), acredito que viajar é uma experiência formadora para o ser humano. Dessa

forma, espero que ao final dessa viagem, eu tenha me tornado menos preconceituoso e ampliado meu horizonte de ideias.

Embora em vários momentos da navegação possa parecer que estivesse perdido (desbussolado) e fizesse um discurso de exaltação à roda de samba em detrimento da educação, afirmo que não foi a minha intenção. Minha crítica volta-se à educação rígida, normatizada, dura e que inviabiliza os alunos a passarem pelo processo educacional de forma prazerosa como deveria ser com todas as pessoas que perpassam essa formação. Por essa razão, mencionava que toda educação não era uma preparação para provas, mas para vida.

Diante de tudo que foi relatado até aqui, posso responder à indagação que faz parte do subtítulo do trabalho: as rodas de samba como microcosmos sociais constituem-se como potencial formador humano? Sim, **defendo a tese de que as rodas de samba analisadas nesse estudo são reveladoras de microcosmos sociais que potencializam a formação humana**. São esses espaços, muitas vezes mal vistos e não valorizados, que precisam ser observados a partir de uma nova perspectiva, descortinando preconceitos arraigados no âmago de nossa sociedade.

Se comecei esta escrita com um trecho de uma música do **Los Hermanos** acerca do samba, gostaria de mencionar, neste último tópico, uma passagem de um samba intitulado **Ponto de Vista**, gravado pela banda **Casuarina**, que talvez revele uma das qualidades que mais necessitamos atualmente: o respeito à divergência de opiniões.

Do ponto de vista da Terra quem gira é o Sol / Do ponto de vista da mãe todo filho é bonito / Do ponto de vista do ponto o círculo é infinito / Do ponto de vista do cego sirene é farol / Do ponto de vista do mar quem balança é a praia / Do ponto de vista da vida um dia é pouco [...] Respeite meus pontos de vista que eu respeito os teus / Às vezes o ponto de vista tem certa miopia / Pois enxerga diferente do que a gente gostaria / Não é preciso por lente nem óculos de grau / Tampouco que exista somente um ponto de vista igual / O jeito é manter o respeito e ponto final" (CAVALCANTI; KRIEGER, 2011, p. s/p.)

Trouxe esse excerto dessa música, pois antes de deixar a embarcação, fiz minha checagem de rotina dos compartimentos do **Satolep-Samba** e me deparei com uma triste realidade. Em algum momento, no compartimento do ICH, vozes que estavam silenciadas se fizeram ouvir por meio da pichação e evidenciaram uma triste realidade: o preconceito.



Figura 21 – Pichação (Preto Unido Preto Preso).
Fonte: Acervo do autor (2020).

Figura 22 – Pichação (Hitler Vive!)
Fonte: Retirado do grupo UFPel do Facebook (2020).

Os tempos pandêmicos atuais intensificaram constelações do que Durand (2012) chamaria de uma arquetipologia da exclusão, da separação. Diz-se não a tudo o que é diferente. O racismo impregnado no ser humano é um triste exemplo disso, como podemos ver nas figuras 21 e 22. Morin (2020, p. 50) vislumbra, nas últimas duas décadas, a “progressão da polarização, das visões unilaterais, dos ódios e das discriminações” em âmbito universal.¹³²

“O desenvolvimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético” (MORIN, 2000, p. 59). Além do mais, as diversões, as festas, as danças, as músicas e, mais especificadamente, as rodas de samba não são perigosas como são a racionalidade humana exacerbada¹³³ que já provocou duas guerras mundiais e evidencia certas faces do “*homo symbolicus*” (DURAND, 1999b) que carregamos, mas não gostamos de mostrar.

¹³² O documentário **O Dilema das Redes** (2020) revela a força que as tecnologias midiáticas têm na promoção da polarização exacerbada por meio da manipulação.

¹³³ O excesso de racionalismo pode, inclusive, cegar. Deixo como sugestão de leitura, para refletir sobre nossas relações desumanizantes, a obra **Ensaio sobre a cegueira** (2004) de José Saramago. Em 2008, sob direção de Fernando Meirelles, foi lançada a versão fílmica do livro.

Os estudos do Imaginário abordam, entre diferentes assuntos, a busca do ser humano por eufemizar a certeza de sua finitude. A roda de samba ajuda seus frequentadores a lidar com a efemeridade da vida, é uma manifestação que possibilita se esquivar das faces do tempo.

Procurei, com meu navio, navegar esse vasto **Oceano Samba** e trazer um pouco de suas águas que podem ser exploradas inúmeras vezes, de diferentes formas. Isso porque, tal como afirma Feyerabend (2011, p. 342),

o que descobrimos ao viver, experimentar, fazer pesquisa não é, portanto, um único cenário chamado 'o mundo' ou 'ser' ou 'realidade', mas uma variedade de respostas, cada uma delas constituindo uma realidade especial (e nem sempre bem definida) para os que a originaram.

O próximo passo é fazer com que esse trabalho não se destine apenas a bibliotecas universitárias e que sua leitura não se restrinja ao campo acadêmico. Ao longo da jornada no **Satolep-Samba**, dediquei-me com afinco a cumprir minha viagem e não pouparei esforços para propagar minhas ideias até que, como bem pontuou Latour (2011), outros capitães de navio as fortaleçam e incorporem.

A roda de samba é um coração (microcosmo) a pulsar em um corpo/espaco (macrocosmo) que, às vezes, o silencia, em outras o escuta. A sensação de pertencimento se dá no vínculo instaurado, e não nos fatores biológicos e suas múltiplas cadeias de proteínas (DNA). É possível que, em uma enorme família, encontremos admiradores de Ludwig van Beethoven, Johan Strauss II, *The Rolling Stones* e Chico Buarque como também de Pixinguinha, Noel Rosa, Zeca Pagodinho e Grupo Revelação. Muitas vezes, os meios familiar e cultural não nos instigam a elementos que residem em nosso âmago e quando entramos em contato pela primeira vez com essa parte obscurecida, criamos um vínculo e nos sentimos pertencentes àquilo.

Para fazer um fechamento deste estudo, gostaria de retomar o que foi problematizado ao longo da escrita. Começo pelos objetivos específicos.

O primeiro deles foi **realizar um levantamento dos espaços que acolhem samba em Pelotas através de conversas informais com os frequentadores desses locais**. Ao longo da coleta de dados, à medida que dialogava com os frequentadores do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio** e com os participantes do **Navegantes do Mercado Central**, foi elencada uma infinidade de lugares que promoviam a roda de samba: casas particulares que abriam suas portas

para fazer ouvir o samba que ali era tocado, estabelecimentos comerciais que, mediante um cachê, convidavam os apreciadores da roda de samba a se fazerem presentes (como ocorreu no aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**) e espaços públicos que, em datas específicas, pulsavam o samba em seu interior (aqui o **Navegantes do Mercado Central** é um exemplo desse espaço).

Outro objetivo específico se deteve em **desvelar as ressonâncias e repercussões que o samba causa na vida das pessoas que frequentam as rodas de samba**. Nesse momento, foi possível observar que o “animal simbólico” (CASSIRER, 2005) interage na roda de samba de muitas maneiras: seja por meio da comida e bebida, das conversas com os demais frequentadores, dos movimentos corporais que o samba provoca, participando do coro ou ensaiando uma rítmica de batida com os dedos em algum lugar que convida a pôr a mão no andamento da música. Essas trocas simbólicas proporcionadas pela roda de samba produzem múltiplas ressonâncias capazes de modelar uma repercussão robusta que vibra em uma mesma energia e ressoa para além do local onde foi gerida.

O último objetivo específico era voltado a **perceber as relações ocorridas nessas rodas, que tocam samba, e seu potencial formador**. Muitos frequentadores analisados neste estudo mostraram que a roda de samba possibilita chegar a diferentes **Estados de Espírito** (ALEGRIA, FELICIDADE, ANIMAÇÃO, MOTIVAÇÃO, DESCONTRAÇÃO, PAZ, LIBERDADE, AMOR, UNIÃO). É um **Ritual Celebrativo** que promove a MÚSICA, a DANÇA, a FESTA, o BATUQUE, a CONFRATERNIZAÇÃO, a MAGIA, a CELEBRAÇÃO DA ALMA. Por fim, tem uma **Identidade**, pois é considerada RAIZ, CULTURA BRASILEIRA, POPULAR, ARTE DO POVO.

Todas essas palavras mencionadas pelos tripulantes evidenciam a potência que a roda de samba carrega em seu âmago. As experiências vividas nesse local fazem dela um potente reduto de formação humana. Valores são reforçados, vínculos são renovados e experiências revigoradas. É por essa razão que alguns tripulantes consideram o samba como PARTE MAIS IMPORTANTE NA NOSSA VIDA, MELHOR COISA QUE TEM e REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA. A roda de samba é a segunda casa de muitos participantes. Além disso, alguns tripulantes evidenciaram a relevância que a família e o meio sociocultural possuem para os seres humanos. Por meio de familiares e amigos, adentraram o universo do samba de onde nunca mais saíram. É na roda de samba que eufemizamos nossa existência, é nela que levamos uma VIDA COM MOLEJO.

As tentativas de proibição no compartimento **Navegantes do Mercado Central** camuflam a desvalorização da arte realizada no local, enfraquecendo, conseqüentemente, um dos poucos redutos onde o negro tem os mesmos direitos que o resto do povo.¹³⁴ Esse pequeno microcosmo social (roda de samba) revela divergências que estão impregnadas nos seres humanos desde a pré-história. Lidar com o diferente segue sendo um martírio para muitas pessoas.

Na verdade, o preconceito nunca permaneceu em silêncio. Ele sempre esteve presente e vimos que uma das doses sugeridas para nossa reformulação da feijoada de samba foi RESISTÊNCIA (Apêndice I). A RESISTÊNCIA que a roda de samba precisa fazer para se manter e seguir sendo realizada como uma manifestação popular e que é amplamente formadora.

A rejeição às rodas de samba e sua prática, que são presenciadas ainda hoje, faz emergir os preconceitos arraigados desde tempos longínquos. A suspensão abrupta dessas manifestações por causa da pandemia fez muitas pessoas perderem um importante espaço de formação humana em suas vidas.

É importante ressaltar que nenhuma das rodas de samba analisadas tinha como objetivo a promoção midiática. Muito embora isso possa ocorrer, elas não buscam os holofotes da mídia, o show, o espetáculo, mas sim o compartilhamento de valores. É nas rodas de samba que encontro a UNIÃO e a HARMONIA tantas vezes ameaçadas em uma sociedade que privilegia o individualismo, o egocentrismo e a misantropia.

Atualmente, a roda de samba é uma manifestação interessante que revela em sua estrutura um hibridismo cultural ímpar.¹³⁵ A mescla, a interação de costumes negros, indígenas e europeus com costumes de outros povos pode ser potencializada em uma imagem: um oriental que toca pandeiro (cuja origem provavelmente é árabe), degusta uma batata frita (de origem europeia) e toma um chimarrão (costume gaúcho) em uma cuia (de origem indígena) enquanto canta uma música que louva os Orixás (crença africana).

¹³⁴ De acordo com Ribeiro (2018, p. 168), “o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira. Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e inúmeras manifestações culturais”.

¹³⁵ “Essa nossa singularidade bizarra esteve mil vezes ameaçada, mas afortunadamente conseguiu consolidar-se. Inclusive quando a Europa derramou multidões de imigrantes que acolhemos e até o grande número de orientais adventícios que aqui se instalaram. Todos eles, ou quase todos, foram assimilados e abasileirados” (RIBEIRO, 2018, p. 56)

LEITURAS A BORDO

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Oxford (UK), *TEDGlobal Conference*, 23 jul. 2009. Palestra intitulada *The Danger of a single story* proferida pela romancista nigeriana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em 27 fev. 2021.

_____. **O perigo de uma única história**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. **A ordem do discurso na educação especial**. 2011. 214p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011. Disponível em: <<https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/178>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

ALLERS, Rudolph. *Microcosmos: from Anaximandros to Paracelsus*. **Traditio**, New York, v.2, p.319-407, 1944. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/27830052?seq=1>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ALVAIADE [Oswaldo dos Santos]; CHATIM [Thompson José Ramos]. **A vida do samba**. Rio de Janeiro, 15 fev. 1942. Samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela apresentado na Praça XI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N_-4PVeWZo>. Acesso em: 13 mar. 2021.

ALVES, Adriano Silva; CAMARGO, Cristian. Coração de Madeira. Intérpretes Raineri Spohr, Marcelo Oliveira, Roberto Borges, Cícero Camargo e Adriano Silva Alves. In: **Coxilha Nativista**. Cruz Alta, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rm1qtD6zetM>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

ALVES, Bernardo. **A pré-história do samba**. Petrolina: Edição do autor, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

_____. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 4. ed. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

_____. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

_____. O novo espírito científico. In: _____. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Tradução: Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARAT, L. *Les Images*. In: DUMAS, Georges et al. **Traité de psychologie**. Paris: Félix Alcan, 1923. p. 502-538. Tomo I.

BARBOZA, Jair. Apresentação. In: SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução: Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005. t. 1.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-32. (Obras escolhidas, 1).

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos**: das Cruzadas ao século XX. Tradução: Luís Oliveira Santos e João Quina Edições. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOECHAT, Walter. Prefácio. In: _____. **A alma brasileira**: luzes e sombra. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 09-16.

BONNECHERE, Pierre. **Trophonios de Lébadée**: cultes et mythes d'une cité béotienne au miroir de la mentalité antique. Leiden (NL): Brill, 2003.

BRANCHES, Alexandre; MV, Kiko; BICALHO, Júnior; MÚMIA, Ederson. A pureza do som dos tantans. In: Grupo Macaco Velho. **A pureza do som dos tantans**. São Paulo: Grupo Macaco Velho, 2018. 1 CD, (4 min06s). Faixa 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FXMb3MI7FEc>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. **Coleção de Leis do Brasil – 1890**, Rio de Janeiro, Página 2664, Vol. Fasc. X., 11 out. 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

_____. Lei Imperial n. 3.353, de 13 de maio de 1888. Decreto de Extinção da Escravidão no Brasil. **Paço do Senado**, Rio de Janeiro, Página 32, 13 maio 1888. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Sobre a doença. In: _____. **Coronavírus COVID-19**: o que você precisa saber. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

BRASIL, Bandeira; PAGODINHO, Zeca. Tamarineira. In: Só Preto Sem Preconceito. **Só Preto Sem Preconceito**. Rio de Janeiro: Emi-Odeon, 1987. 1 LP, (3 min22s). Faixa 3, lado A. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=verNXvceKCw>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

BRUNET, Daniel. **A história do samba do trabalhador**. Rio de Janeiro: Sonora, 2016.

BRUNO, Guilherme Rodrigues. **Mercado Central de Pelotas**: a permanência no lugar do consumo. 2010. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2818>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

BUARQUE, Chico. Feijoada Completa. In: _____. **Chico Buarque**. Rio de Janeiro: Philips, 1978. 1 LP, (2min50s). Faixa 1, lado A. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=srtemm9v5Z8>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: história de deuses e heróis. 2. ed. Tradução: David Jardim. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

CAMELO, Marcelo. Samba a dois. In: Los Hermanos. **Ventura**. São Paulo: BMG, 2003. 1 CD, (3 min17s). Faixa 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EHHT1yyGquQ>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CAMPOS, Marcio D'Oliveira. A arte de sulear-se: atividades. In: SCHEINER, Teresa Cristina Moletta; CAMPOS, Marcio D'Oliveira, MATTOS, R.C.; MAGNANINI, C. (Org.). **Interação Museu-comunidade pela educação ambiental**. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, 1991. p. 79-84. (Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária). Disponível em: <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2017/03/CAMPOS-M-D-A-Arte-de-Sulear-2-Ativs-1991.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

_____. Por que SULEar? Astronomias do sul e culturas locais. In: FAULHABER, Priscila; BORGES, Luiz C. (Org.). **Perspectivas etnográficas e históricas sobre as astronomias**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. Disponível em: <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2019/05/CAMPOS-MD-Por-que-SULEar-dos-anais-v-final.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

_____. SULEar vs NORTEar: representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. **Documenta EICOS**, Rio de Janeiro, v.6, n.8, p. 41-70, 1999. Disponível em: <<https://www.sulear.com.br/texto03.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 09-24.

CARMO, Ricardo do; BICALHO, Eduardo Barbutto; MIRANDA, Maria Geralda de. A Festa da Penha e o samba. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v.22, n.44, p.160-74, jul./dez. 2017. Doi: 10.15202/1981-1896.v22n44p160-174.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. Oannés: o mar é o avô do homem. In: _____. **Prelúdio e fuga do real**. 2. ed. São Paulo: Global, 2014. p. 77-81.

_____. Pé direito! In: _____. **Superstição no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002. p. 145-52.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas I: a linguagem**. Tradução: Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A Filosofia das Formas Simbólicas II: o pensamento mítico**. Tradução: Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A Filosofia das Formas Simbólicas III: fenomenologia do conhecimento**. Tradução: Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **The Philosophy of Symbolic Forms volume 4: the metaphysics of symbolic forms**. Edited by John Michael Krois e Donald Phillip Verene. Translated by John Michael Krois. London: Yale University, 1996. (obra póstuma)

CASTRO, Maurício Barros de. **Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

CAVALCANTI, João; KRIEGER, Edu. Ponto de Vista. In: Casuarina. **Trilhos – Ponto de Vista**. Rio de Janeiro: Warner Music, 2011. 1 CD, (3 min23s). Faixa 10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kYCecdNERw>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

CAZENAVE, Michel. *La razón de las imágenes*. In: DURAND, Gilbert. **Mitos y sociedades: introducción a la mitología**. 4. ed. Traducción: Sylvie Nante. Buenos Aires: Biblos, 2003. p. 11-4.

CELORIO, José Aparecido. **Narrativas e imaginários de professoras readaptadas: rumo a uma pedagogia da observância**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/2952>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

_____. Por uma educação complexa e sensível. **Koan – Revista de Educação e Complexidade**, Maringá, n.1, p. 05-22, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.crc.uem.br/departamento-de-pedagogia-dpd/koan-revista-de-educacao-e-complexidade/edicao-01/arquivos-da-edicao-01/por-uma-educacao-complexa-e-sensivel>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de la Mancha*. Madrid: Juan de la Cuesta, 1605.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 3. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998. (v., 1).

CHATEAUBRIAND, François-René. *Memóires d'outre-tombe*. Lausanne (SWI): Bibliothèque numérique romande, 2016. t. 1.

CHAVES, Iduína Mont'Alverne; ARAÚJO, Alberto Filipe. Entre as luzes e as sombras: em busca dos mitologemas da alma brasileira na perspectiva de Gilbert Durand. In: BOECHAT, Walter (Org.). **A alma brasileira: luzes e sombra**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 42-70.

COLONNELLI, Marco Valério Classe. *Poésis, tékhne e mímesis em Aristóteles*. 2009. 120p. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_pdf_Marco.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

COMENIUS, Iohannes Amos. **Didática Magna**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CONVERSA de Botequim. Direção: Luiz Carlos Lacerda. Roteiro: Luiz Carlos Lacerda e Celso Mendes. Rio de Janeiro: Paratodos Produções Artísticas, 1972. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q3PRWcaN3E>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR [CAPES]. **Brasil – [1987 a 2012] Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, Dados das Teses e Dissertações das Pós-Graduação**. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://metadados.capes.gov.br/index.php/catalog/181>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

COUTO, Mia [António Emílio Leite Couto]. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: _____. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a. p. 11-24.

_____. Quebrar armadilhas. In: _____. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b. p. 95-106.

_____. Rios, cobras e camisas de dormir. In: _____. **E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019c. p. 49-60.

CREMA, Roberto. Perguntas e partilhas – Sobre Procusto e o bom jardineiro. In: WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. **Normose: a patologia da normalidade**. 5. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2017. p. 59-62.

CRISTINA, Teresa. Acalanto. In: Teresa Cristina e Grupo Semente. **A vida me fez assim**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2004. 1 CD, (3 min37s). Faixa 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nq7RcwtK8hl>>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**: campanha de Canudos. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2019.

CUNHA, Jorge Luiz da. **A vida como obra de reinvenção de si e da História**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 07 ago. 2019. Conferência de Encerramento do II Colóquio Internacional sobre Imaginário, Educação e (Auto)Biografias; VI Colóquio sobre Imaginário e Educação; I Encontro Regional da Biograph Sul: Pedagogia do Imaginário – Matrizes Oníricas de uma Escola Viva!

CUNHA, Maria Isabel da. **Rodas de conversa do GEPIEM**: rememorando trajetórias de formação no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM) ao longo de seus 20 anos. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 31 ago. 2020. Debate realizado após apresentação dos professores convidados.

DANCE + PELOTAS. Nossa história. **Facebook**, 5 maio 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/dancemaispelotas/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 06 jan. 2021.

DANTAS, Leila. **O samba urbano contemporâneo e sua desafricanização**: um estudo sobre as transformações do samba no bairro da Lapa entre os anos de 2000 e 2017. 2018. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/24616>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

DEWEY, John. My pedagogic creed. **The School Journal**, New York, v.54, n.3, p. 77-80, jan. 1897. Disponível em: <<http://dewey.pragmatism.org/creed.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

DI PAULA, Benito; OTELO, Grande. Samba de um não dá. In: Benito di Paula. **Nação**. São Paulo: RGE, 1985. 1 LP, (3 min34s). Faixa 4, lado A. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jCsKLpKGFNM>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

DINIZ, André. **Almanaque do samba**: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4. ed. Tradução: Hélder Godinho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Ciencia del hombre y tradición**: el nuevo espíritu antropológico. Barcelona (ESP): Paidós, 1999a.

_____. *La noción de “cuenca semántica”*. In: _____. **Mitos y sociedades: introducción a la metodología**. 4. ed. Traducción: Sylvie Nante. Buenos Aires: Biblos, 2003.

_____. *Microcosmo e Macrocosmo: moradas do céu e moradas do homem*. In: _____. **A fé do sapateiro**. Tradução: Sérgio Bath. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

_____. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 4. ed. Tradução: Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999b.

EILENBERGER, Wolfram. **Tempo de Mágicos: a grande década da filosofia 1919-1929**. Tradução: Claudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2019.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa (PT): Arcadia, 1979.

ELIAS, Rodrigo. *Feijoada: breve história de uma instituição comestível*. **Revista Textos do Brasil**, Brasília, n.13, p. 33-39, 2004. Disponível em: <<https://linhasdahistoria.files.wordpress.com/2014/04/breve-histc3b3ria-de-uma-instituic3a7c3a3o-comestc3advel.pdf>>. Acesso em 13 mar. 2021.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Niv Fichman, Andrea Barata Ribeiro e Sonoko Sakai. Roteiro: adaptado por Don McKellar baseado na obra “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago. Montreal (CAN): Alliance Films, São Paulo: Fox Film do Brasil, Tóquio (JAP): GAGA Communications, Tóquio (JAP): Asmik Ace Entertainment, Roma (IT): Mikado Film, Londres (ING): IFF/CINV, Montreal (CAN): Telefilm Canada, Brasília: ANCINE, Londres (ING): Potboiler Productions, 2008. 1 DVD (121 min.).

FARACO, Camila. *Dono do Bar Liberdade, Dilermando Lopes é enterrado em Pelotas*. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 27 out. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/10/dono-do-bar-liberdade-dilermando-lopes-e-enterrado-em-pelotas-cj5vra4pn0groxbj0uv3h4tjr.html>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich; ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. S. *Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola*. **Educar**, Curitiba, n.17, p.63-78, 2001. Doi: 10.1590/0104-4060.220.

FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão**. Tradução: Vera Josceline. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **Contra o método**. 2. ed. Tradução: Cezar Augusto Mortari. São Paulo: UNESP, 2011.

FLYNN, Gillian. **Garota Exemplar**. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

FONSECA, Maria de Jesus. A paideia grega revisitada. **Revista Millenium**, Viseu (PT), n.9, p.01-27, jan. 1998. Doi: 10.20396/rfe.v10i1.8651997.

FRANCESCHI, Humberto M. **Samba de sambar do Estácio de 1928-1931**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2014. Acompanha CD.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Lima de; MORIN, Edgar; NICOLESCU, Basarab. **Carta da Transdisciplinaridade**. Documento elaborado após o 1º Congresso Mundial de Transdisciplinaridade realizado no Convento da Arrábida, em Portugal, de 2 a 7 de novembro de 1994. Disponível em: <<http://cettrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Apresentação**. Rio de Janeiro, 2020a. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/apresentacao>>. Acesso em: 27 dez. 2020.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Depósito Legal**. 2020b. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/deposito-legal>>. Acesso em: 10 out. 2020.

GACHET, Gabriella Fernandes. **Comida e samba: a feijoada no Cacique de Ramos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Nutrição Humana), Instituto de Nutrição, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.ppgn.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/11/DISSERTACAO-Gabriella-Fernandes-Gachet.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

GADAMER, Hans-Georg. O que é a verdade? In: _____. **Verdade e método: complementos e índice**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 2. p. 57-71.

_____. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Tradução de Flávio Paulo Meuer. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1.

GARAGALZA, Luis. **Una comparación de las actitudes de Platón y Bachelard en la Alegoría de la Caverna**. Vitória-Gasteiz (ESP), Universidad del País Vasco, 09 jul. 2020. Reunião *online* com pesquisadores do Brasil, Colômbia, México e Peru.

_____. La filosofía, la imagen y el sentido. In: WUNENBURGER, Jean-Jacques; ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de (Coord.). **Os Trabalhos da Imaginação: abordagens teóricas e modelizações**. João Pessoa: UFPB, 2017. p.47-63.

GARCIA, Tanize Machado. **Mercado Público de Pelotas no País das Maravilhas: uma etnografia sobre a pluralidade narrativa de um patrimônio em disputa**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Ciências Humanas,

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/4324?locale=es>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GAUGUIN, Paul. **De onde viemos? O que somos? Para onde vamos? Óleo sobre tela**. [1897 ou 1898]. Óleo sobre tela, 139,1 cm x 374,6 cm. Disponível em: <<https://collections.mfa.org/objects/32558/where-do-we-come-from-what-are-we-where-are-we-going?ctx=f006912c-19b5-4f6b-b705-486af6110bcc&idx=14>>. Acesso em: 03 fev. 2021.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. A destruição da terra sem males: o conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. **Revista USP**, São Paulo, n.82, p.54-67, jun./ago. 2009. Doi: 10.11606/issn.2316-9036.v0i82p54-97.

GOMES, Laurentiano. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo, 2019. (Uma história da escravidão no Brasil, v.1).

GUIMA, Marcelo. O que é uma “OITAVA” em Música? **IMMuB**, Niterói, 21 jun. 2018. Disponível em: <<https://immub.org/noticias/o-que-e-uma-oitava-em-musica>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

GUSDORF, Georges. **Introduction aux sciences humaines: essai critique sur leurs origines et leur développement**. Paris: Ophrys, 1974.

_____. **Mito e metafísica**. Tradução: Hugo di Prímio Paz. São Paulo: Convívio, 1980.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições sobre para o mundo pós-coronavírus**. Tradução: Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 32. ed. Tradução: Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 9. ed. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. Tradução: André Czarnobai. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOYCE, James. **Ulysses**. Tradução: Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

JUNG, Carl. **Letters of C.G. Jung: volume I**, 1906-1950. Translated by R. F. C. Hull. Edited by Gerhard Adler and Aniela Jaffé. New York: Routledge, 2015.

KAPPENBERG, Kimberly. Clube Caixeral guarda memórias do século XX. **Prefeitura de Pelotas**, Pelotas, 18 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br/noticia/clube-caixeiral-guarda-memorias-do-seculo-xx>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

KARNAL, Leandro. Aula 1 – parte 1. In: Competências profissionais, emocionais e tecnológicas para tempos de mudança com Leandro Karnal e Luiza Trajano. 2020, [S.l.]. **Competências profissionais, emocionais e tecnológicas para tempos de mudança**. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

_____. Aula 1 – parte 3. In: Lifelong Learning – Mentalidade do Desenvolvimento Contínuo. 2019, Porto Alegre. **Aprender a aprender: como despertar a mentalidade do desenvolvimento contínuo**. Porto Alegre: PUCRS, 2019.

KIBERD, Declan. Introdução. In: JOYCE, James. **Ulysses**. Tradução: Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020.

KROIS, John Michael; VERENE, Donald Phillip. *Introduction*. In: CASSIRER, Ernst. **The Philosophy of Symbolic Forms volume IV: the metaphysics of symbolic forms**. Edited by John Michael Krois e Donald Phillip Verene. Translated by John Michael Krois. London: Yale University, 1996. p. IX-XXVI. (obra póstuma).

KUREK, Deonir Luís. Essas coisas do imaginário... In: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís. **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos, Brasília: Liber Livro, 2009. p. 31-40.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução: Arthur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JORNAL DO ALMOÇO. Após reclamações, música no Mercado Central de Pelotas é suspensa. **Jornal do Almoço**, Porto Alegre, 01 maio 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/apos-reclamacoes-musica-no-mercado-central-de-pelotas-e-suspensa/7581973/>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

LACERDA, João Baptista de. *Sur le métis au Brésil*. In: *Premier Congrès Universel de Races*, 1, 1911, Londres. **Anais**. [S.l.]: [S.ed], 1911. p.04-31. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/35>>. Acesso em 10 jan. 2021.

LAGERCRANTZ, David. **A garota marcada para morrer**. Tradução: Kristin Garrubo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURET, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2. ed. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2011.

LIRA NETO, João. **Uma história do samba**: volume 1 (as origens). São Paulo: Companhia da Letras, 2017.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LOUREIRO, Manel. **O último passageiro**. Tradução: Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2014.

MANIQUEÍSMO. In: HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1838.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Brasília: INEP, 2006.

MACHADO, Antonio. **Poesías completas**. 3. ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1933.

MACHADO, Fernando da Silva. Diurno e noturno no pensamento de Gaston Bachelard. **Cadernos do PET Filosofia**, Teresina, v.7, n.13, p.11-23, jan./jun. 2016. Doi: 10.26694/cadpetfil.v7i13.4209.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v.8, n.15, p. 74-82, ago. 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. Doi: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123.

MALEBRANCHE, Nicolas. **Dialogues on Metaphysics and on Religion**. Translated by Morris Ginsberg. London: Geor, 1923.

MALEBRANCHE, Nicolas. **Dialogues on Metaphysics and Religion**. [S.l.]: Jonathan Bennett, 2017.

MATURANA, Humberto. **O que é ensinar? O que é um professor?** Santiago do Chile (CL), Universidad del Chile, 27 jul. 1990. Gravação de Cristina Magro e transcrição de Nelson Vaz do trecho final da aula de encerramento de Humberto Maturana no curso de *Biología Del Conocer* da Facultad de Ciencias da Universidad de Chile. Disponível em: <<http://www.comitepaz.org.br/Maturana2.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

MEDEIROS, Alexandre. **Batuque na cozinha**: as receitas e as histórias das tias da Portela. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

MEIRELLES, Paola Orcades. **A roda de samba como prática de comunicação intertemporal**: herança viva da tradição. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/disserta_pmeirelles_2014.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Raízes do Brasil* e depois. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 225-30.

MENDES, Roberto; PORTUGAL, Jorge. O samba antes do samba. In: MENDES, Roberto. **Na base do cabula**. [S.l.]: Roberto Mendes, 2019. 1 CD, (3min13s). Faixa 3. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-6Fj3ioy4wE>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

MERCADO Público Central de Pelotas. Produção: TV Câmara de Pelotas e Carolina Dumont. Imagens: Julio de Paula. Pelotas: TV Câmara de Pelotas, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UZUGf1e4dIA>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

MERGULHÃO, Adriano Ricardo. “Am anfang ist das zeichen”: a gênese da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer como função de contraponto ao neokantismo da Escola de Marburgo. **Problemata**, João Pessoa, v.9, n.1, 2018. p. 245-266. Doi: 10.7443/problemata.v9i1.38715.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINKOWSKI, Eugène. *Lived Time: phenomenological and psychopathological studies*. Translated by Nancy Metzel. Evanston (US): Northwestern University, 1970.

MINKOWSKI, Eugène. *Vers une cosmologie*. Paris: Aubier-Montaigne, 1967.

MORIN, Edgar [Edgar Nahoum]. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

_____. **Ciência com consciência**. 6. ed. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Colaboração: Sabah Abouessalam. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 8. ed. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. **O método 1: a natureza da natureza**. 2. ed. Tradução: Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2008a.

_____. **O método 2: a vida da vida**. Tradução: Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 4. ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2008b.

_____. **O método 4:** as ideias. 4. ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2008c.

_____. **O método 5:** a humanidade da humanidade. 4. ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. **O método 6:** a ética. 3. ed. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

MOURA, Roberto M. **No princípio era a roda:** um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional *versus* identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma polêmica. 2. ed. Tradução: Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NUNES, Bruno Blois. **O Fascínio das danças de corte.** Curitiba: Appris, 2016.

NUNES, Bruno Blois; FROEHLICH, Marcia. Um novo olhar sobre a condução na dança de salão: questões de gênero e relações de poder. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v.14, n.2, p.91-116, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10172>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

O DILEMA das redes. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. Roteiro: Vickie Curtis, Davis Coombe e Jeff Orlowski. Edição: Davis Coombe. Boulder (EUA): Exposure Labs, Malibu (EUA): Argent Pictures, 2020.

O LIBERDADE. Direção: Cíntia Langie e Rafael Andrezza. Pelotas: Moviola Filmes, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JZK9Gt3C4zo>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

OLIVEIRA E SILVA, Luís. Poésis e ciência. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, Lisboa, n.14, p.107-15, 2001. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/7929>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

OPARIN, Aleksandr Ivánovitch. **The Origin of Life.** Translate: S. Morgulis. Mineola (US): Dover, 1953.

PAGODINHO, Zeca; CRUZ, Arlindo. O Feijão de Dona Neném. In: Zeca Pagodinho. **Um dos poetas do samba.** São Paulo: BMG, 1992. 1 CD, (3 min22s). Faixa 2. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwZRzyLtXV8>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEOPLES, James; BAILEY, Garrick. *Globalization*. In: _____. **Humanity: an introduction to cultural anthropology**. 9. ed. Belmont, USA: Wadsworth, 2012. p. 363-386.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Cacique de Ramos: uma história que deu samba**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Apontamentos sobre polarizações mítico-simbólicas: matriciando a escrita (auto)biográfica de estudantes de pós-graduação. In: DIAS, Cleuza Marias Sobral; PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Territorialidades: Imaginário, cultura e invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal, EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 269-299. (Pesquisa (auto)biográfica: temas transversais, 7).

_____. **Aula expositiva com texto de apoio “Gilbert Durand e a pedagogia do Imaginário”**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 06 out. 2017a. Aula ministrada pelas professoras Dra. Lúcia Maria Vaz Peres e Dra. Andrisa Kemel Zanella na disciplina Seminário Avançado III – Estudos sobre Imaginário e Educação: poéticas, teorias e metodologias.

_____. **“Contos de fadas e Imaginário”**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 25 set. 2017b. Reunião do grupo GEPIEM com a professora Dra. Larissa Lauffer Reinhardt Azubel.

_____. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. 1999. 167p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. **O Regime Noturno da Imagem – parte 1**. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, 16 nov. 2020. Leitura Dirigida com o grupo GEPIEM ministradas pelas professoras Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres e Dr^a. Andrisa Kemel Zanella.

_____. Por entre ressonâncias e repercussões...: exercícios hermenêuticos na pesquisa que alinha os campos do imaginário e da (auto)biografia. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.48, p. 04-17, maio/ago. 2014. Doi: 10.15210/caduc.v0i48.4750.

PESSANHA, José Américo Motta. A presença do outro na arte. **Psicologia USP**, São Paulo, v.5, n.1-2, p.19-33, 1994. Disponível: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34487>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

PIAGET, Jean. **La représentation du monde chez l'enfant**. Paris: PUF, 1947.

PIRANDELLO, Luigi. **O falecido Mattia Pascal**. Tradução: Rômulo Antonio Giovelli e Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

PLATÃO. Livro VII. In: _____. **A República:** ou sobre a justiça, diálogo político. Tradução: Ana Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 514a-541b.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

POMPA, Cristina. Memórias do fim do mundo: o movimento de Pau de Colher. **Revista USP**, São Paulo, n.82, p.68-87, jun./ago. 2009. Doi: 10.11606/issn.2316-9036.v0i82p68-87.

PROUST, Marcel. À sombra das moças em flor. In: _____. **Em busca do tempo perdido.** 3. ed. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a. (v. 1).

_____. No caminho de Swann. In: _____. **Em busca do tempo perdido.** 3. ed. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b. (v. 1).

_____. O tempo recuperado. In: _____. **Em busca do tempo perdido.** 3. ed. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016c. (v. 3).

RAMIL, Vitor. **Satolep.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A peleja do tempo nas memórias do Caldeirão. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v.18, n.21, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2274/0>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

REIS, Leonardo Abreu. **Memória Familiar no Cacique de Ramos.** 2003. 115p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss141.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2018.

RIBEIRO, Jocelyne Mariza Soares Fernandes. **Herança inter e intrageracional: o negro na cidade de Pelotas.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgs/files/2014/06/jocelyne-ribeiro.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

RICARD, Robert. *La "loca de la casa"*. **Bulletin Hispanique**, v. 64, n. 1-2, pp. 65-66, 1962. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1962_num_64_1_3735>. Acesso em: 02 jan. 2021.

RIGOTTI, Francesca. **A filosofia na cozinha.** Tradução: Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

ROMANO, Leonora. **Edifícios de Mercado Gaúchos: uma arquitetura dos sentidos**. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6575>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ROSE, Axl. Estranged. *In*: GUNS N' ROSES. **Use Your Illusion II**. Santa Monica (US): Geffen, 1991. 1 CD (9min23s). Faixa 11. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8VgRL8Htv7k>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra (PT): Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra (PT): Almedina, 2009.

SANTOS, Klécio. **Mercado Central de Pelotas: 1846-2014**. [Pelotas?]: Fructos do Paiz, 2014.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). **Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e hoje**. São Paulo: Olhares, 2016.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SEVAIO, Joanna Munhoz; SOTO, William Héctor Gómez. O samba no Mercado Público de Pelotas como elemento de direito à cidade. **XVII Seminário de História da Arte**, Pelotas, n.7, p.01-21, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/13485/8255>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SILVA, Flávio. Pelo telefone e a história do samba. **Revista Cultura**, v.8, n.20, jan./jun. 1978. Disponível em: <<https://musicabrasilis.org.br/temas/pelo-telefone-e-historia-do-samba>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SILVA, Gelson Luiz da. **O samba sacramentado: a música na cadência do samba do Quintal do Divina Luz**. 2012. Dissertação (Mestrado em Música e Cultura), Escola de Música, Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AAGS-9AHMVM>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. As tecnologias do Imaginário. In PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano.** Pelotas: UFPel, 2004.

_____. **Diferença e descobrimento. O que é o imaginário:** a hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

SILVEIRA, Angélica. Samba do Mercado de Pelotas volta no próximo dia 18. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 maio 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/samba-no-mercado-de-pelotas-volta-no-pr%C3%B3ximo-dia-18-1.337806>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **Almanaque brasilidades:** um inventário da cultura popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SOARES, Adélia. Programa Monumenta reinaugura o Mercado Público de Pelotas – RS. **Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural [IPHAN]**, Brasília, 19 dez. 2012. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/741/programa-monumentareinaugura-o-mercadopublico-de-pelotas-%E2%80%93-rs>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Cultura negra, segregação e (in)visibilidade. **Diário Popular**, Pelotas, 29 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/opiniao/cultura-negra-segregacao-e-invisibilidade-79257/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

SOLARES, Blanca. Nota sobre la imagen en Gaston Bachelard. In: _____ (Ed.). **Gaston Bachelard y la vida de las imágenes.** Cuernavaca: UNAM, 2009. p. 107-32. (Cuadernos de Hermenéutica, 3).

SOUZA, Eduardo Conegundes de. **Roda de samba:** espaço de memória, educação não-formal e sociabilidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252563>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SOUZA, José Cavalcante de (Org.). **Os Pré-Socráticos:** fragmentos, doxografia e comentários. 6. ed. Tradução: José Cavalcanti de Souza et al. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os pensadores).

SOUZA, Maíra Valente de. **Roda de samba:** espaço de experiências, lugares de aprendizagem. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15324>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SPINOZA, Benedictus. **Ética.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TEIXEIRA, Gujo. Da boca pra fora. In: _____. **Na madrugada dos galos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001. p. 75-6.

TERENA, Marcos. Abertura. In: MORIN, Edgar. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar**. Tradução: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. p. 13-34.

THE RESEARCH GROUP ON MYTH AND MYTHOGRAPHY [GRIMM]. **Dicionário etimológico da mitologia grega multilingue online (DEMGOL)**. 2020. Disponível em: <<https://demgol.units.it/pdf.do>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

THE WARBURG INSTITUTE. **About us**. London: University of London, 2018. Disponível em: <<https://warburg.sas.ac.uk/about-us>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

TRÊS INICIADOS [William Walker Atkinson]. **Caibalion: estudo da filosofia do Antigo Egito e da Grécia**. Tradução: Rosabis Camaysar. São Paulo: Pensamento, 2018.

TWAIN, Mark. **Dicas úteis para uma vida fútil: um manual para a maldita raça humana**. Tradução: Beatriz Horta Corrêa. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

USTINOVA, Yulia. **Caves and the Ancient Greek Mind: descending underground in the search for ultimate truth**. New York: Oxford University, 2009.

VANELLE, Lorena Alleyne. **O samba da Ouvidor: um entrelace de memórias?** 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social), Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12208>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

VELOSO, Altay; FEITAL, Paulo César. Na Pele do Tambor. In: Elymar Santos. **Na pele do tambor**. São Paulo: EMI Music, 1998. 1 CD, (3 min26s). Faixa 1.

VIEIRA, Pedro Almeida. **Assim se pariu o Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v.22, n.44, p. 203-20, ago./dez. 2014. doi: 10.20396/temáticas.v22i44.10977.

WESTMAN, Robert S; McGUIRE, J. E. **Hermeticism and the Scientific Revolution: papers read at a Clark Library seminar, March 9, 1974**. Los Angeles: William Andrews Clark Memorial Library, 1977.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. Who Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19. **World Health Organization**, Genebra (SWI), 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. 6. ed. Tradução: Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2009.

XAVIER, Ana Estela Vaz. **A revitalização do Mercado Central de Pelotas e sua resignificação social**. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia, Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3994>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ZECA apresenta Quintal do Pagodinho. Direção de Zeca Pagodinho e Rildo Hora. Rio de Janeiro: Universal Music, 2001. 1 CD, (52 min20s).

ZECA apresenta o Quintal do Pagodinho ao vivo 2. Produção de áudio: Rildo Hora. Produção de vídeo: Santiago Ferraz. Produção artística: Daniel Silveira. Rio de Janeiro: Universal Music, 2012. 1 DVD (2 h15min), son., color.

ZECA apresenta o Quintal do Pagodinho ao vivo 3. Produção de áudio: Rildo Hora. Produção de vídeo: Joana Mazzuchelli. Produção artística: Max Pierre e Victor Kelly. Rio de Janeiro: Universal Music, 2016. 1 DVD (2 h15min), son., color.

ZERO HORA. Morre, em Pelotas, Dilermando Lopes, dono do Bar Liberdade. **GaúchaZH**, Porto Alegre, 27 out. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/10/Morre-em-Pelotas-Dilermando-Lopes-dono-do-Bar-Liberdade-4629893.html>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

ZORZETTO, Ricardo. O outro lado da ayahuasca. **PesquisaFAPESP**, São Paulo, n.275, jan. 2019. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/o-outro-lado-da-ayahuasca/>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

LEITURAS ALÉM BORDO

Aqui se encontram algumas leituras que me acompanharam no início da viagem, outras foram agregadas no decorrer da jornada, mas acabaram não sendo utilizadas nessa navegação.

ALBIN, Ricardo Cravo. **O livro de ouro da MPB**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbassi (Org.). **Introdução aos pensadores do Imaginário**. Campinas: Alínea, 2018.

CARNEIRO, Edison. **A sabedoria popular**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in Africa**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008.

CHASTEEN, John Charles. **National Rhythms, African Roots**. Albuquerque: University of New Mexico, 2004.

DURAND, Yves. A formulação experimental do Imaginário e seus modelos. **R. Fac. Educ.**, São Paulo, v.13, n.2, p. 133-154, jul./dez. 1987. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33396>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 21. ed. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos, 85).

EFEGÊ, Jota. **Maxixe: a dança excomungada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação**, Porto – Portugal, v.2, n.1, p. 35-50, 2014. Disponível em: <https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KARNAL, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2020.

_____. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAKATOS, Imre. **La metodología de los programas de investigación científica**. 2. ed. Tradução: Juan Carlos Zapatero. Madrid (ESP): Alianza Universidad, 1989.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LATOURET, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: UNESP, 2017.

LESKOV, Nikolai. **A fraude e outras histórias**. Tradução: Denise Sales. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 147-165.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. 2 ed. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. (Mitológicas, 1)

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O homem nu**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2011. (Mitológicas, 4)

LINS, Paulo. **Desde que o samba é samba**. São Paulo: Planeta, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 5. ed. Tradução: Maria de Lourdes Menezes e Débora de Castro Barros. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar [Edgar Nahoum]. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, 1995. (Biblioteca Carioca, v. 32).

PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira: a história da dança de salão brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2005.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAMOS, Arthur. **O Folclore Negro no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Beatriz Coelho. **Negros e judeus na Praça Onze: a história que não ficou na memória**. Rio de Janeiro: Bookstart, 2015.

SOUZA, Tárík de. **Tem mais samba: das raízes à eletrônica**. São Paulo: 34, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: 34, 2013.

_____. **O Rasga**: uma dança negro-portuguesa. 2. ed. São Paulo: 34, 2006.

_____. **Os sons dos negros no Brasil**: cantos, danças, folguedos – origens. 3. ed. São Paulo: 34, 2012.

_____. **Pequena história da música popular**: segundo seus gêneros. 7. ed. São Paulo: 34, 2015.

APÊNDICES MARÍTIMOS

Apêndice A – Sambas que falam de roda

A lista abaixo foi realizada com ajuda dos Apêndices 1 e 2 do livro **No princípio, era a roda**: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes de Roberto M. Moura (2004). Também foram adicionadas músicas que faziam parte do meu conhecimento prévio sobre o tema.

A pureza do som dos tantãs. Intérprete: **Grupo Macaco Velho**. Compositores: Alexandre Branches, Kiko MV, Júnior Bicalho & Ederson Múmia. Faixa número 1 do disco **A pureza do som dos tantãs** lançado em 2018.

A roda de samba. Intérprete: **Odete Amaral**. Compositores: Amado Régis & Marcílio Vieira. Faixa 1 do disco de 78 rpm (goma-laca) lançado em 1938.

A roda morreu. Intérprete: **Casuarina**. Compositores: João Fernando & João Cavalcanti. Faixa 5 do disco **Certidão** lançado em 2007.

Abre a roda. Intérprete: **Samba Pra Gente** e **Arlindo Cruz**. Compositor: Neném Chama. Faixa 3 do disco **Samba Pra Gente** lançado em 2010.

Ao voltar do samba. Intérprete: **Carmen Miranda e o Grupo do Canhoto**. Compositor: Synval Silva. Faixa 1 do disco de 78 rpm (goma-laca) lançado em 1934. Ela foi gravada posteriormente pelo próprio compositor no LP Synval Silva – Série Documento, Faixa 5 do Lado 1.

Batucada boa. Intérprete: **Samba Pra Gente**. Compositor: Neném Chama. Faixa 2 do disco **Samba Pra Gente** lançado em 2010.

Batucada quente. Intérprete: **Trio Preto + 1**. Compositor: Pretinho da Serrinha & Leandro Fab. Faixa 1 do disco **Trio Preto + 1** lançado em 2012.

Bom elemento. Intérprete: **Noel Rosa e Arthur Costa**. Compositores: Noel Rosa & Euclides Silveira (Quidinho). Faixa 1 do disco de 78 rpm (goma-laca) lançado em 1931.

Cadê o Pandeiro. Intérprete: **Castro Barbosa**. Compositores: Roberto Martins & Valfrido Silva. Faixa 1 do disco de 78 rpm (goma-laca) lançado em 1937. Há uma versão mais atual gravada por **Celso Murilo** no LP **Férias no Drink** de 1962, faixa 2 do lado A.

Cafofo da Surica. Intérpretes: **Teresa Cristina e Tia Surica**. Compositor: Teresa Cristina. Faixa número 8 do disco **Teresa Cristina Duetos** de 2010. Também é possível encontrar a música no primeiro álbum solo de **Iranete Ferreira Barcellos (Tia Surica)** intitulado **Surica** de 2004, faixa número 8.

Cai no samba. Intérprete: **Diogo Nogueira**. Compositor: Ciraninho. Faixa 8 do disco **Diogo Nogueira – ao vivo** lançado em 2007.

Candongueiro. Intérprete: **Velha Guarda da Mangueira**. Compositor: Tantinho. Faixa número 2 do disco **Velha Guarda da Mangueira e convidados** lançado em 1999.

Capoeira. Intérprete: **Grupo Sensação.** Compositores: Carica, Prateado & Salgadinho. Faixa número 11 do disco **Pra Gente se Encontrar de Novo** de 1997.

Coisa de partideiro. Intérprete: **Grupo Fundo de Quintal.** Compositores: Sereno & Acyr Marques. Faixa 6 lado B do LP **Fundo de Quintal ao vivo** lançado em 1990.

Corrente (Canto Popular). Intérprete: **Underground Samba Lapa e Grupo Malandragem (ARG).** Compositores: Luiz Henrique Faria, Jorge Alexandre & Dhonyy Cunha. A música também se encontra no álbum **Todo dia é dia de samba vol. 1** (faixa número 15) do grupo **Ex-Quadrilha** que foi lançado em 2016.

Da melhor qualili. Intérprete: **Diogo Nogueira.** Compositores: Serginho Meriti & Claudinho Guimarães. Faixa 14 do disco **Sou eu – ao vivo** lançado em 2010.

Deixa Batucar. Intérprete: **Projeto Samba da Resenha.** Compositores: Flávio Régis, André Neguinho & Márcio Costa.

Deixa de Marra. Intérprete: **Trio Calafrio.** Compositores: Luiz Grande, Barbeirinho do Jacarezinho & Marquinhos Diniz. Faixa número 4 do disco **Trio Calafrio** lançado em 2003.

É bom à beça. Intérprete: **Grupo Bom Gosto.** Compositores: não identificado. Faixa número 14 do DVD **Subúrbio Bom – ao vivo** lançado em 2013.

Esquenta. Intérprete: **Fábio Saraiva e Nuança.** Compositores: Fábio Saraiva, Mumuzinho & Régis Daian. Faixa 10 do DVD **Não Perca a Fé ao vivo** lançado em 2013.

Festa no Quintal. Intérprete: **Turma do Pagode.** Compositores: Neném Chama. Faixa 3 do disco **Vol. 2 – Festa no Quintal** lançado em 2003.

Galocantar. Intérprete: **João Martins e Galocantô.** Compositor: Galocantô. Faixa 9 do disco **Juízo que dá samba** lançado em 2009.

Hoje tem samba. Intérpretes: **Arlindo Cruz e Sombrinha.** Compositores: Arlindo Cruz, Sombrinha & Maurição. Faixa número 2 do disco **Hoje tem samba** lançado em 2002.

Já tem batuque. Intérprete: **Carlinhos do Cavaco.** Compositores: Carlinhos do Cavaco & Ney Silva. Faixa 9 do álbum **Mensagem de bamba** lançado em 2003.

Lá vai viola. Intérprete: **Candeia.** Compositor: Candeia. Faixa 1 do lado A do LP **Partido em 5 – vol. 1** lançado em 1975.

Luz do Repente. Intérprete: **Jovelina Pérola Negra.** Compositores: Arlindo Cruz, Franco & Marquinho PQD. Faixa 2 do lado A do LP **Luz do Repente** lançado em 1987.

Mafuá de laiá. Intérprete: **Zeca Pagodinho.** Compositor: Zeca Pagodinho, Serginho & Argemiro da Portela. Faixa 9 do disco **Pixote** lançado em 1991.

Me chama. Intérprete: **Diogo Nogueira.** Compositores: Diogo Nogueira, Alessandro Cardoso & Rafael dos Anjos. Faixa 3 do disco **Munduê** lançado em 2017.

Me leva. Intérprete: **Chocolatte.** Compositores: Chocolatte, Paquera & Chapinha. Faixa 8 do disco **Chocolatte Canta Partido Alto** lançado em [2007-8].

Não demora pra abalar. Intérprete: **Dudu Nobre**. Compositores: Dudu Nobre & Pretinho da Serrinha. Faixa 8 do disco **O samba aqui já esquentou** lançado em 2011.

Nesse Pagodão. Intérprete: **Turma do Pagode**. Compositores: Leandro Filé, Marquinhos TDP & Caramelo. Faixa 1 do disco **Vol. 2 – Festa no Quintal** lançado em 2003.

No pagode do Vavá. Intérpretes: **Teresa Cristina e Grupo Semente**. Compositor: Paulinho da Viola. Faixa número 10 do disco **A música de Paulinho da Viola, volume 1** lançado em 2002. Também foi gravado pelo próprio compositor em seu quinto LP **A dança da solidão** de 1972, faixa número 6 do lado A.

O samba aqui já esquentou. Intérprete: **Dudu Nobre**. Compositores: Dudu Nobre, Fred Camacho & André Rosa. Faixa 1 do disco **O samba aqui já esquentou** lançado em 2011.

O samba me chama. Intérprete: **Dudu Nobre**. Compositores: Dudu Nobre, Moisés Santiago, Pretinho & Leandro Fab. Faixa 5 do disco **Chegue Mais** lançado em 2002.

O Sururu. Intérprete: Agrião. Compositor: Agrião & Gaúcho da Vila. Faixa número 1 do disco **Butiquim do Martinho** lançado em 1997.

Pagode da Dona Didi. Intérprete: **Zeca Pagodinho**. Compositor: Zeca Pagodinho. Faixa 10 do disco **Samba pras moças** lançado em 1995.

Pagode do Bom. Intérprete: **Turma do Pagode**. Compositores: não identificado. Faixa 11 do disco **Pagode do Bom – ao vivo** lançado em 2005.

Pagode formado. Intérprete: **Grupo Bom Gosto**. Compositores: não identificado. Faixa número 21 do DVD **Subúrbio Bom – ao vivo** lançado em 2013.

Partideiro Chapa Quente. Intérprete: **Toque de Prima**. Compositores: Dudu Nobre & Luizinho SP. Faixa número 3 do disco **Daqui, dali e de lá** lançado em 2004.

Pomba-Rolou. Intérprete: **Jovelina Pérola Negra**. Compositores: Adílson Gavião & Carlinhos do Cachambi. Faixa número 4 do lado B do LP **Raça Brasileira** lançado em 1985.

Preservação das raízes. Intérprete: **Zeca Pagodinho**. Compositores: Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande & Marquinhos Diniz. Faixa número 9 do disco **Água da Minha Sede** lançado em 2000.

Que samba é esse. Intérprete: **Xangô da Mangueira**. Compositor: Jorginho Pessanha. Faixa número 5 do lado A do LP **O Rei do Partido Alto** lançado em 1972.

Recordação de um batuqueiro. Intérprete: **Xangô da Mangueira**. Compositor: Xangô da Mangueira & J. Gomes. Faixa número 8 do lado B do LP **O Rei do Partido Alto** lançado em 1972.

Roda de pandeiro. Intérprete: **Xande de Pilares**. Compositor: André Renato, Carioca & Prateado. Faixa número 13 do disco **Esse menino sou eu** lançado em 2017.

Roda de samba. Intérprete: **Roberto Ribeiro**. Compositores: Efsen, Marquinho PQD & Franco. Faixa 6 do lado A do LP **Roberto Ribeiro** lançado em 1988.

Samba na cozinha. Intérprete: **Zeca Pagodinho**. Compositor: Serginho Meriti, Serginho Madureira & Claudinho Guimarães. Faixa 7 do disco **Ser Humano** lançado em 2015.

Samba é vida. Intérprete: **Luiz Caldas**. Compositores: Luiz Caldas. Faixa 2 do disco **Samba na palma da mão** lançado em 2018.

Sambeabá. Intérpretes: **Alcione** e **Nei Lopes**. Compositores: Sereno & Nei Lopes. Faixa número 3 do lado B do LP **Da Cor do Brasil** lançado em 1984.

Sexta-feira. Intérprete: **Zeca Pagodinho**. Compositor: Roberto Lopes, Marquinhos FM, Levy Vianna & Alamir Kintal. Faixa 3 do disco **Mais feliz** lançado em 2019.

Tantan 171. Intérprete: **Marquinhos Satã**. Compositor: Marquinhos Satã. Faixa 2 do lado A do LP **Marquinhos Satã** lançado em 1986.

Tia Ciata. Intérprete: **Luiz Caldas**. Compositores: Luiz Caldas & César Rasec. Faixa 6 do disco **Sambaianos** lançado em 2016.

Trago no meu pandeiro. Intérprete: **Casuarina**. Compositores: Rogê, Marcelinho Moreira & Fadico. Faixa 1 do disco **+100** lançado em 2018.

Vai buscar o meu banjo. Intérprete: **Arlindo Cruz**. Compositor: Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande & Marcos Diniz. Faixa número 13 do disco **Pagode do Arlindo ao vivo** lançado em 2003.

Violeiro. Intérpretes: **Gabrielzinho do Irajá, Sérgio Procópio, Mosquito e Alexandre Chacrinha**. Compositores: Gabrielzinho do Irajá, Sérgio Procópio, Mosquito & Alexandre Chacrinha. Faixa número 5 do disco **Na Ciranda da Vida** lançado em 2014.

Zé Tambozeiro (Tambor de Angola). Intérpretes: **Candeia** e **Clementina de Jesus**. Compositores: Candeia & Vandinho. Faixa 4 do lado A do LP **Axé!** lançado em 1978. Foi também gravado pelo **Grupo Revelação** no CD **Nosso Samba Virou Religião** de 2001, faixa 1.

Apêndice B – Trabalhos selecionados do levantamento realizado no *Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES*

Os trabalhos foram classificados de acordo com a ordem de aparecimento do levantamento realizado.

Nº	Nome	Título	Área	Ano
01	DANTAS, Leila Sales.	Samba urbano contemporâneo e sua desafricanização: um estudo sobre as transformações do samba no bairro da Lapa entre os anos de 2000 e 2017.	Bens Culturais e Projetos Sociais	2018
02	SOUZA, Eduardo Conegundes de.	Roda de samba: espaço da memória, educação não-formal e sociabilidade	Educação	2007
03	SILVA, Gelson Luiz da.	O samba sacramentado: a música na cadência do samba no Quintal do Divina Luz.	Música	2012
04	GACHET, Gabriella Fernandes.	Comida e samba: a feijoada no Cacique de Ramos	Nutrição	2016
05	VANNELLE, Lorena Alleyne.	Samba da Ouvidor: um entrelace de memórias?	Memória Social	2015
06	SOUZA, Maira Valente de.	Roda de samba: espaço de experiências, lugares de aprendizagem	Educação	2013
07	MEIRELLES, Paola Orcades.	A roda de samba como prática de comunicação intertemporal: herança viva da tradição	Comunicação	2014

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Apêndice C – Trabalhos selecionados do levantamento realizado na **Fundação Biblioteca Nacional**

A lista, organizada em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, traz a autoria, o nome da obra e o ano. Obras que possuíam mais de um exemplar na Biblioteca estão indicadas com o ano da última edição e, ao lado, entre colchetes, o ano da primeira edição.

AUTOR	OBRA	ANO
ALENCAR, Edigar de	Nosso sinhô do samba	1981
ALEXANDRE, Cláudia; VAI-VAI, Tobias da [Edimar Tobias da Silva]	Escola de samba Vai-Vai: o orgulho da Saracura.	2003
ALMEIDA, Magdalena	Samba de coco e políticas públicas: patrimônio e formação cultural em Pernambuco	2013
ALVES, Andréa Ribeiro; MARQUES, Silvana	O samba é meu dom	2006
ALVES, Bernardo	A pré-história do samba	2002
ALVES, Henrique L.	Sua excelência o samba	1968
ALZUGUIR, Rodrigo	Wilson Baptista: o samba foi sua glória!	2013
AQUINO, Rubim Santos Leão de; DIAS, Luiz Sérgio	O samba-enredo visita a história do Brasil: o samba-enredo e os movimentos sociais	2009
ARAÚJO, Eugênio	Não deixa o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba	2001
ARAÚJO, Nerivaldo Alves	Poética oral do samba de roda das margens do velho Chico	2016
ARIZA, Adonay	Eletronic samba: a música brasileira no contexto das tendências internacionais	2006
ASSAF, Roberto	Bangu: bairro operário, estação do futebol e do samba.	2001
AUGRAS, Monique	O Brasil do samba-enredo	1998
AZEVEDO, Amailton Magno	Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo	2016
AZEVEDO, Ricardo	Abençoado & danado do samba: um estudo sobre o discurso popular	2013
BARATA, Denise	Samba e partido-alto: curimbas do Rio de Janeiro	2012
BARBIERI, Cesar Augustus S.	O mesmo pé que dança o samba...: os sentidos e as perspectivas do fenômeno capoeira	2013
BARBOSA, Juliana dos Santos	Nelson Sargento e as redes criativas do samba	2014
BARRETO, Juliano	Mussum forévis: samba, mé e trapalhões	2014
BENZECRY, Lena	O samba no rádio: do Rio para o Brasil	2017
BERNARD, C.	O bê-á-bá das escolas de samba	2001
BLANC, Aldir; SUKMAN, Hugo; VIANNA, Luiz Fernando	Heranças do samba	2004
BLASS, Leila Maria da Silva	Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval	2007
BORGES, Beatriz	Samba-canção: fratura & paixão	1982
BORGES, Sueli	Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor: samba e brasilidade em Assis Valente	2012
BRAZ, Marcelo	Noca da Portela e de todos os sambas	2018
BRITTO, Iêda Marques	Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural	1986

BURNS, Mila	Nasci para sonhar e cantar: Dona Ivone Lara, a mulher no samba	2009
CABRAL, Sérgio	As escolas de samba: o que, quem, como, quando e por que	1974
CABRAL, Sergio	As escolas de samba do Rio de Janeiro	1996
CALDEIRA, Jorge	A construção do samba	2007
CARDOSO, Marco Antônio; SANTOS, Elzelina Dóris dos; FERREIRA, Edinéia Lopes	Contando a história do samba: caderno de textos	2003
CARNEIRO, Edison	Samba de umbigada	1961
CARVALHO, Luiz Fernando Medeiros de	Ismael Silva: samba e resistência	1980
CASTRO, Marielza	... E a escola de samba saiu	1971
CASTRO, Maurício Barros de	Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica	2013 [2004]
CASTRO, Ruy	A noite do meu bem: a história e as histórias do samba-canção	2015
CASTRO FILHO, Mucio; BARRETO, Petrus (Org.).	Mangueira 75 anos: seus sambas sua gente	2004
CAZES, Henrique	Monarco: voz e memória do samba	2003
CENTRO CULTURAL CARTOLA	Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro e samba-enredo	2014
CORREIA, Elizeu de Miranda	As múltiplas faces da Comissão de Frente da Escola de Samba no contexto da ópera de rua (1928-1999)	2015
COSTA, Haroldo	Salgueiro: academia de samba	1984
COUTINHO, Jorge; BAYER, Leonildes	Noitada de samba: foco de resistência	2009
COUTO, Caroline Peres	O samba serpenteia com os Escravos de Mauá: uma nova perspectiva sobre o porto do Rio de Janeiro	2016
CRUZ, Rogério Noia da	Vida versada em samba e soneto	2003
CUNHA, Fabiana Lopes da	Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)	2004
CUNHA, Milton	Carnaval é cultura: poética e técnica no fazer escola de samba	2015
DEALTRY, Giovanna	No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba	2009
DIACOV, Carla	Amanhã alguém morre no samba	2018
DIAS, Christina	Ninguém aprende samba no colégio	2013
DINIZ, André	Almanaque do samba: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir	2006
DINIZ, André	Noel Rosa: o poeta do samba e da cidade	2010
DINIZ, André; CUNHA, Diogo	Monarco: a soberania do samba	2011
DINIZ, André; CUNHA, Diogo	Na passarela do samba: o esplendor das escolas em 30 dias de desfiles de carnaval no Sambódromo	2014
DINIZ, André; CUNHA, Diogo	Nelson Sargento: o samba da mais alta patente	2012
DUARTE, Paulo Sérgio; NAVES, Santuza Cambraia (Org.)	Do samba-canção à tropicália	2003
ELIAS, Cosme	O samba do Irajá e de outros subúrbios: um estudo da obra de Nei Lopes	2005
FARIAS, Júlio César	Aprendendo português com samba-enredo	2004
FARIAS, Júlio César	Bateria: o coração da escola de samba	2010
FARIAS, Júlio César	Harmonia de escola de samba: teoria e prática	2012
FARIAS, Júlio César	O enredo de escola de samba	2007

FARIAS, Júlio César	Para tudo não acabar na quarta-feira: a linguagem do samba-enredo	2002
FENERICK, José Adriano	Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural, 1920-1945	2005
FERNANDES, Dmitri Cerboncini	Sentinelas da tradição: a constituição da autenticidade no samba e no choro	2018
FERNANDES, Nelson da Nobrega	Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados Rio de Janeiro, 1928-1949	2001
FERREIRA, Felipe	O marquês e o jegue: estudo da fantasia para escolas de samba	1999
FERREIRA, Maria Lúcia do Pazo	O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis: sob a direção artística do carnavalesco João Jorge Trinta	1982
FREITAS, João Carlos de	Colorado: a primeira escola de samba de Curitiba	2009
FROTA, Wander Nunes	Auxílio luxuoso: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e indústria cultural	2003
GALVÃO, Walnice Nogueira	Ao som do samba: uma leitura do Carnaval carioca	2009
GARRAMUÑO, Florencia	Modernidades primitivas: tango, samba e nação	2009
GIESBRECHT, Érica (Org.)	A memória em negro: sambas de bumbo, bailes negros e carnavais construindo a comunidade negra de Campinas	2011
GIRON, Luís Antônio	Mário Reis: o fino do samba	2001
GOMES, Antonio Henrique de Castilho	A [re]configuração do discurso do samba	2014
GRAEFF, Nina	Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda	2015
GRAMÁTICO JÚNIOR, Sérgio	Maçu da Mangueira: o primeiro mestre-sala do samba	2009
GRÜNE, Carmela	Participação cidadã na gestão pública: a experiência da Escola de Samba de Mangueira	2012
GRÜNE, Carmela (Org.)	Samba no pé & direito na cabeça	2012
GUIMARÃES, Valéria Lima	O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular: 1945-1950	2009
HAMMS, Jair Francisco	Samba no céu: contos e crônicas	2003
INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA)	Guia das escolas de samba do Rio de Janeiro: carnaval 2006	2006
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]	Os sambas, as rodas, os meus e os bois: princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil	2010
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]	Samba de roda do Recôncavo Baiano	2006
JÓRIO, Amaury; ARAÚJO, Hiram	Escolas de samba em desfile: vida, paixão e sorte	1969
KIEFER, Bruno	Raízes da música popular brasileira: da modinha e lundu ao samba.	2013
LEITE, Caio Augusto	Samba no escuro	2013
LEOPOLDI, José Savio	Escola de samba, ritual e sociedade	2010
LIMA, Ivair	Até o diabo chegar com o samba: prosa	2011
LINS, Paulo	Desde que o samba é samba	2012
LIRA NETO, João	Uma história do samba: volume 1 (as origens)	2017
LOPES, Nei	Partido-alto: samba de bamba	2008 [2005]

LOPES, Nei	Sambeabá: o samba que não se aprende na escola	2003
LOPES, Nei	Zé Kéti: o samba sem senhor	2000
LOYOLA, Eurotides	A velha arte de Nelson Fidélis: o nosso samba em sua voz	2013
MALAGUTI, Lygia	Roda de samba	1984
MARCELINO, André Felipe	Ritmos & batucadas: as baterias das escolas de samba de Florianópolis	2015
MARCONDES, Marco Antonio	Enciclopédia da música brasileira: samba e choro	2000
MARRACH, Sonia Aparecida Alem	Música e universidade na cidade de São Paulo: do samba de Vanzolini à vanguarda paulista.	2011
MATOS, Cláudia	Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio	1982
MATTA, Gildeta Mattos da	Samba: marginalidade e ascensão	1981
MEIRELES, Cecília	Batuque, samba e macumba: estudos de gesto de ritmo 1926-1934	2003 [1983-4]
MELLO, Marcelo de	O enredo do meu samba: a história de quinze sambas-enredo imortais	2015
MENEZES, Andreia dos Santos	Pandeiros e bandoneones: vozes disciplinadoras e marginais no samba e no tango	2017
MONTE, Theresinha	Alma de cabrocha: uma autobiografia cheia de samba	2018
MORAES, Vinicius de	Samba falado: crônicas musicais	2008
MORAIS JÚNIOR, Luis Carlos de	O sol nasceu pra todos: a história secreta do samba	2011
MOURA, Roberto M.	No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes	2004
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM [MIS]	Pioneiros do samba	2002
MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio	Samba de enredo: história e arte	2010
OLIVEIRA, Bernardo	Tom Zé: estudando o samba	2014
OLIVEIRA, José Luiz de	Uma estratégia de controle: a relação de poder do Estado com as escolas de samba do Rio de Janeiro no período de 1930 a 1985	1989
OLIVEIRA, Nilza de	Quaesitu: o que é escola de samba?	1996
PAIVA, Daniel Sabino de	Reduto do samba	2002
PAIXÃO FILHO, Hamilton Celestino da	Da fábrica ao samba no pé: o samba de Dalva	2018
PANTANO FILHO, Rubens; OLIVEIRA, Rodrigo de; SUAYA, Alejandro (Org.)	Tango & samba: um encontro de duas culturas	2016
PARANHOS, Alberto	Os desafinados: sambas e bambas no 'Estado Novo'	2015
PEREIRA, Carlos Alberto Messeder	Cacique de Ramos: uma história que deu samba	2003
PEREIRA, Luizito	Ataulpho Alves: um bamba do samba	2004
PEREIRA, Waldemar Euzébio	25 boleros entre sambas	2014
PERNA, Marco Antonio	Samba de gafeira: a história da dança de salão brasileira	2001
PIETROFORTE, Antônio Vicente Seraphim	Enunciação e tensividade: a semiótica na batida do samba	2010
PIMENTEL, Luís; VIEIRA, Luís Fernando	Wilson Batista: na corda bamba do samba	1996
PIRES, Cornélio	Sambas e cateretês (folclore paulista): modas de viola, recortados, quadrinhas, abecês, etc.	1939

PRASS, Luciana	Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia	2004
RAMIREZ, Hugo; PIVA, Rodrigo	Túlio Piva: pra ser samba brasileiro - inventário lírico poemas & crônicas	2005
RANGEL, Lúcio	Samba, jazz & outras notas	2007
RANGEL, Maria Lucia; FREITAS, Tino	Aula de samba: a história do Brasil em grandes sambas-enredo	2014
RASCKE, Karla Leandro	Samba, caneta e pandeiro: cultura e cidadania no sul do Brasil	2019
REGO, José Carlos	Dança do samba: exercício do prazer	1994
REZENDE, Rodolfo Motta	O samba dos vagalumes	1990
RIBEIRO, Bruno	A suprema elegância do samba: notas sobre Campinas	2005
RODRIGUES, Ana Maria	Samba negro, espoliação branca	1984
RYAN, Mike	Samba Brasil world music: explorando ritmos quentes, samba, afro-latino e funk	2002
SÁ, Simone Pereira de	O samba em rede: comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca	2005
SALAZAR, Marcelo	Batucadas de samba	1991
SANCHES, Pedro Alexandre	Tropicalismo: decadência bonita do samba	2000
SANDRONI, Carlos	Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933	2001
SANTANNA, Marilda (Org.)	As bambas do samba: mulher e poder na roda	2016
SANTOS, Jussara	Samba de Santos	2015
SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.)	Nos quintais do samba da grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e hoje	2016
SILVA, Deival Brandão da	Migalhas do carnaval: escolas de samba, educação e patrimônio etnográfico em Abaetetuba	2015
SILVA, Marília Trindade Barbosa da	Silas de Oliveira: do jongo ao samba-enredo	1981
SILVA, Wallace Lopes (Org.)	Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba	2015
SIQUEIRA, Magno Bissoli	Samba e identidade nacional: das origens à Era Vargas	2012
SOARES, Reinaldo da Silva	Vai-vai: o cotidiano de uma escola de samba	2006
SODRÉ, Muniz	Samba, o dono do corpo	1998
SORRISO, Selminha [Selma de Mattos Rocha]	Eu sou o samba	2017
SOUZA, Carlos Alberto Carneiro	Tributo aos bambas do samba: uma homenagem de palavra	2014
SOUZA, Edilson Fernandes de	Ensaio da civilização no samba	2018
SOUZA, Rafael Fernandes de	Voa Gavião: a trajetória da ARUC no samba, esporte e cultura	2007
SOUZA, Tárik de	Tem mais samba: das raízes à eletrônica	2003
TABORDA, Felipe (Dir.)	A Imagem do som do samba: 80 composições do samba interpretadas por 80 artistas contemporâneos	2007
TINHORÃO, José Ramos	O samba agora vai...: a farsa da música popular no exterior	2015
TRAMONTE, Cristiana	O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba	2001
TROTTA, Felipe da Costa	O samba e suas fronteiras: "pagode romântico" e "samba de raiz" nos anos 1990	2011
TUPY, Dulce	Carnavais de guerra: o nacionalismo no samba	1985

URBANO, Maria Aparecida	Carnaval & samba em evolução na cidade de São Paulo	2005
URBANO, Maria Aparecida; NABHAN, Neuza Neif; SANTOS, Yolanda Lhuller dos	Arte em desfile: escola de samba paulistana	1987
VALENÇA, Rachel; VALENÇA, Suetônio	Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba	1981
VALVERDE, Juçara	A música da minha cidade: o samba	2009
VARGENS, João Baptista M.	Monarco, a dignidade do samba	2013
VIANNA, Hermano	O mistério do samba	2007 [1995]
VIANNA, Luiz Fernando	Geografia carioca do samba	2004
VIEIRA, Jonas; NORBERTO, Natalício	Herivelto Martins: uma escola de samba	1992

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Apêndice D – Ficha elaborada para entrega aos participantes do aniversário de 1 ano do **Boteco Copa Rio**.

Bem-vindos à festa de comemoração de um ano do Boteco Copa Rio. Me chamo Bruno Blois Nunes e estou realizando uma pesquisa de doutorado em Educação pela UFPel cujo enfoque é o SAMBA. Gostaria muito de contar com a sua colaboração. Você gostaria de participar?

() SIM () NÃO

Se sim, poderias me deixar seu contato?

E-mail: _____

Telefone/Whatsapp: _____

EM UMA OU DUAS PALAVRAS, O QUE TE VEM À MENTE QUANDO PENSAS EM SAMBA?



UFPel

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Apêndice E – Ficha elaborada para os participantes da roda de samba do **Mercado Central de Pelotas**.

Bem-vindos à roda de samba do Mercado Central de Pelotas. Me chamo Bruno Blois Nunes e estou realizando uma pesquisa de doutorado em Educação pela UFPel cujo enfoque é o SAMBA. Gostaria muito de contar com a sua colaboração. Você gostaria de participar?

() SIM () NÃO

Se sim, poderias me deixar seu contato?

E-mail: _____

Telefone/Whatsapp: _____

EM UMA OU DUAS PALAVRAS, O QUE TE VEM À MENTE QUANDO PENSAS EM SAMBA?



UFPel

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Apêndice F – Feijoada simbólica de samba do **Boteco Marítimo Copa Rio**.

Ingredientes utilizados:

- 61 doses de ALEGRIA. 2 das doses precisa ser ALEGRIA DE VIVER e 1 dose de ALEGRIA JUNTO AOS AMIGOS
- 12 doses de DIVERSÃO/DIVERTIMENTO
- 11 doses de FELICIDADE
- 9 doses de AMIGOS / AMIZADE
- 9 doses de DANÇA/DANÇAR
- 8 doses de FESTA
- 3 doses de AMOR
- 3 doses de CERVEJA
- 3 doses de LIBERDADE
- 3 doses de MÚSICA
- 3 doses de RIO DE JANEIRO
- 3 doses de VIVER
- 2 doses de BRASIL
- 2 doses de CARNAVAL
- 2 doses de CONFRATERNIZAÇÃO
- 2 doses de CULTURA. 1 das doses de CULTURA BRASILEIRA
- 2 doses de ENERGIA. 1 delas tem que ser ENERGIA POSITIVA
- 2 doses de RAIZ
- 2 doses de VIDA
- 1 dose de ANIMAÇÃO
- 1 dose de ARTE DO POVO
- 1 dose de BATUQUE
- 1 dose de CELEBRAÇÃO DA ALMA VIVA
- 1 dose de DESCONTRAÇÃO
- 1 dose de ENTROSAMENTO
- 1 dose de HARMONIA
- 1 dose de MANTER A FORMA
- 1 dose de MELHOR COISA QUE EXISTE
- 1 dose de NEGRO
- 1 dose de OUSADIA
- 1 dose de PARTE MAIS QUE IMPORTANTE NA NOSSA VIDA
- 1 dose de PAZ
- 1 dose de POVO
- 1 dose de SORRIR
- 1 dose de UMA VIDA COM MOLEJO
- 1 dose de UNIÃO

Apêndice G – Feijoada simbólica de samba do **Navegantes do Mercado Central**.

Ingredientes utilizados:

- 14 doses de ALEGRIA. 1 das doses precisa ser ALEGRIA DE UM POVO.
- 7 doses de FELICIDADE / FELIZ
- 6 doses de AMIGOS / AMIZADE
- 3 doses de NACIONAL / BRASILEIRO / ALGO PRÓPRIO DO BRASIL (RAIZ)
- 2 doses de POPULAR ou POVO
- 2 doses de FAMÍLIA
- 2 doses de UNIÃO
- 2 doses de LIBERDADE
- 2 doses de O MELHOR (A MELHOR) COISA QUE TEM
- 1 dose de HARMONIA
- 1 dose de MOTIVAÇÃO
- 1 dose de CONTAGIOSO
- 1 dose de O REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA
- 1 dose de CERVEJA
- 1 dose de ANCESTRALIDADE
- 1 dose de MAGIA
- 1 dose de DANÇAR
- 1 dose de CULTURA
- 1 dose de CACIQUE DE RAMOS

Apêndice H – Modelo de TCLE apresentado aos tripulantes

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa intitulada **A mão obreira da casa samba: os encontros de samba como microcosmo social**, tem por objetivo geral *investigar os encontros de samba como possíveis reveladores do microcosmo social*.

Para tanto, propomos uma investigação ancorada na teoria do Imaginário cuja análise dos dados é de cunho hermenêutico. A pesquisa de campo se desenvolve em duas etapas: a primeira, com um levantamento inicial de palavras mencionadas pelos participantes através de uma pergunta detonadora feita no segundo semestre de 2018. Na segunda etapa, será realizada uma conversa com os participantes que aceitarem participar dessa fase.

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são Me. Bruno Blois Nunes (Acadêmico de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/FaE/UFPel) e Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora da pesquisa). O pesquisador se compromete a utilizar os materiais e dados coletados, exclusivamente para este estudo, bem como manter sigilo quanto à identidade dos participantes envolvidos na pesquisa. Ainda, esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida que eventualmente o participante em qualquer momento, através do e-mail: (bruno-blois@hotmail.com).

É facultada, aos sujeitos de pesquisa, a oportunidade de desistir de contribuir com o estudo em qualquer momento, sem nenhum ônus ao participante. Nesse caso, seus dados não serão utilizados no estudo.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu concordo em participar deste estudo, contribuindo para o levantamento dos dados necessários cujos resultados serão disponibilizados pelo pesquisador ao final do processo.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador
Bruno Blois Nunes

Pelotas, _____ de novembro de 2019.

Apêndice I – Feijoada de samba adaptada do aniversário de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**

Ingredientes utilizados:

- 61 doses de ALEGRIA. 2 das doses precisa ser ALEGRIA DE VIVER e 1 dose de ALEGRIA JUNTO AOS AMIGOS
- 12 doses de DIVERSÃO / DIVERTIMENTO
- 11 doses de FELICIDADE
- 9 doses de AMIGOS / AMIZADE
- 9 doses de DANÇA / DANÇAR
- **9** doses de FESTA
- **4** doses de MÚSICA
- 3 doses de AMOR
- 3 doses de CERVEJA
- 3 doses de LIBERDADE
- **3** doses de CONFRATERNIZAÇÃO
- **3** doses de RAIZ
- ~~3 doses de RIO DE JANEIRO~~
- 3 doses de VIVER
- **2** doses de ANIMAÇÃO
- **2** doses de ARTE DO POVO
- 2 doses de BRASIL
- 2 doses de CARNAVAL
- **3** doses de CULTURA. 1 das doses de CULTURA BRASILEIRA e **1 das doses CULTURA NEGRA**
- **3** doses de NEGRO
- **2** doses de DESCONTRAÇÃO
- 2 doses de ENERGIA. 1 delas tem que ser ENERGIA POSITIVA
- **2** doses de MELHOR COISA QUE EXISTE
- **2** doses de SORRIR
- 2 doses de VIDA
- **1 dose de AMERÍNDIO**
- 1 dose de BATUQUE
- 1 dose de CELEBRAÇÃO DA ALMA VIVA
- 1 dose de ENTROSAMENTO
- **1 dose de EUROPEU**
- 1 dose de HARMONIA
- **1 dose de INTERAÇÃO**
- 1 dose de OUSADIA
- 1 dose de PARTE MAIS QUE IMPORTANTE NA NOSSA VIDA
- 1 dose de PAZ
- 1 dose de POVO
- **1 dose de RESISTÊNCIA**
- 1 dose de UMA VIDA COM MOLEJO
- 1 dose de UNIÃO
- ~~1 dose de MANTER A FORMA~~

Apêndice J – Feijoada de samba do **Navegantes do Mercado Central**

Ingredientes utilizados:

- 14 doses de ALEGRIA. **2** das doses de ALEGRIA DE UM POVO.
- **7** doses de AMIZADE
- 7 doses de FELICIDADE
- **4** doses de NACIONAL / RAIZ
- **3** doses de LIBERDADE
- **3** doses de A MELHOR COISA QUE TEM
- **3** doses de POPULAR/POVO
- **3** doses de UNIÃO
- **2** doses de ANCESTRALIDADE
- **2** doses de CERVEJA
- **2** doses de CULTURA
- **2** doses de DANÇAR
- 2 doses de FAMÍLIA
- **2** doses de HARMONIA
- **2** doses de MAGIA
- **2** doses de MOTIVAÇÃO
- **2** doses de CONTAGIOSO
- **2** doses de O REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA
- ~~1 dose de CACIQUE DE RAMOS~~

Apêndice K – Transcrição das conversas com os tripulantes do **Boteco Marítimo Copa Rio**

K.1 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – no comércio do dono (sujeito da pesquisa) localizado no bairro Navegantes

- 1 **Bruno:** Vamo lá então. Então tu ‘tava na feijoada do aniversário de um ano do *Boteco*
2 *Copa Rio* lá...
- 3 **L:** Isso, isso, isso.
- 4 **Bruno:** ... né? É o seguinte: vou te dar o termo de consentimento, aí tu pode lê se tu
5 quiser sobre o objetivo da pesquisa, daí estando de acordo pode bota teu nome e
6 depois assinar.
- 7 **L:** [Silêncio] Queres fazer a pesquisa primeiro ou depois...
- 8 **Bruno:** Não, pode assinar.
- 9 **L:** [inaudível]
- 10 **Bruno:** pode botar teu nome aqui [aponto o local do nome] ...
- 11 **L:** Aham
- 12 **Bruno:** ... e aí assina ali [aponto o local da assinatura], não tem problema.
- 13 **L:** [Silêncio enquanto lê o TCLE]. Tem que...
- 14 **Bruno:** Pode aí tu pode botar teu nome por extenso [aponto o local correto].
- 15 **L:** Aqui? [aponta para o local sugerido].
- 16 **Bruno:** É.
- 17 **L:** Tá.
- 18 **Bruno:** E aqui tua assinatura [mostro o local destinado à assinatura], que agora eu
19 assino ali [local destinado à assinatura do pesquisador] depois. [Silêncio enquanto
20 assina]. Então qual é a proposta é eu fiz aquela primeira coleta lá...
- 21 **L:** Sim.
- 22 **Bruno:** ... que eu entregava aquela parte pras pessoas e as pessoas diziam sobre o
23 samba e eu fiz tipo uma receita de feijoada...
- 24 **L:** Sim.
- 25 **Bruno:** ... com o que as pessoas iam dizendo tá?, aqui eu terminei a feijoada, essa
26 foi a feijoada que eu fiz do *Boteco Copa Rio* [mostro a receita da Feijoada de Samba
27 do Aniversário de 1 ano do Boteco Copa Rio], eu vou pedi que tu tires um desses aqui
28 [mostro a panela com os ingredientes] e tu veja qual é a palavra que tem dentro.
- 29 **L:** Palavra...
- 30 **Bruno:** Pode abri.
- 31 **L:** Tá
- 32 **Bruno:** É. Talvez ele esteja um... se ficar difícil pode tentar tirar com... com a tampa...
- 33 **L:** Ah
- 34 **Bruno:** ... que sai.
- 35 **L:** [Silêncio enquanto abre a cápsula] FELICIDADE.
- 36 **Bruno:** Por que que tu acha que ela é um dos ingredientes dessa feijoada?
- 37 **L:** Dessa feijoada? Bem, ahh, [Silêncio] cara eu acho que pra mim [Silêncio] deixa eu
38 ver [Silêncio] acho que pra mim foi o tempero eu acho que teve um..., pô eu gostei,
39 gostei mesmo. O tempero, feijão pô pra mim ‘tava...
- 40 **Bruno:** Sim.
- 41 **L:** ... pô eu até perguntei pro pessoal lá quem é que tinha feito a feijoada acho que foi
42 a menina que trabalho lá né?...
- 43 **Bruno:** Tu...
- 44 **L:** ... junto.

45 **Bruno:** Tu ficasse feliz com a forma...

46 **L:** Não, não foi com a de [sic] ...

47 **Bruno:** ... pelo preparo...

48 **L:** ... pelo preparo...

49 **Bruno:** ... dos alimentos?

50 **L:** ...qualidade mesmo cara.

51 **Bruno:** Pode crê.

52 **L:** Entendesse?

53 **Bruno:** E me diz uma coisa: dessas [sic] ingredientes aqui tem alguma coisa que te salta aos olhos assim, alguma coisa que tu mudaria, alguma coisa que tu retiraria ou acrescentaria?

56 **L:** [Silêncio enquanto lê a receita]. Olha cara acho que ela é perfeita não né?, não não tem o que assim ...

58 **Bruno:** Manteria como tá?

59 **L:** Manteria, não mexia em nada. Ah é, com certeza.

60 **Bruno:** Beleza.

61 **L:** É. Não tem, top mesmo [Risadas].

62 **Bruno:** Tá bem, então tá, era isso aí.

63 **Luciano:** É só?, oh, pode crê.

64 **Bruno:** Pode crê.

K.2 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2019 pela manhã – no Mercado Central de Pelotas

- 1 **Bruno:** Bueno, tá. Então, tu participasse da primeira etapa da pesquisa que era foi lá
2 a feijoada do Boteco Copa Rio...
- 3 **N:** Tá.
- 4 **Bruno:** ... tá? Agora nós vamos fazer a segunda etapa. Vou te dar o termo de
5 consentimento, tu pode lê...
- 6 **N:** Tá.
- 7 **Bruno:** ... aí se tu tiver de acordo tu pode assinar.
- 8 **N:** [Silêncio enquanto lê o termo] [Vozes ao fundo no Mercado] É, aceito. Tranquilo.
9 Já tive que fazer pesquisa pra faculdade também.
- 10 **Bruno:** Tu pode botar teu nome por extenso [aponto o local no documento] e aí
11 embaixo [mostro o local] assina. [Silêncio enquanto preenche os dados] Então
12 qualquer é a proposta: é eu fiz aquela primeira abordagem perguntando sobre as
13 palavras...
- 14 **N:** Hum hum.
- 15 **Bruno:** ... que que remetia ao samba tá?, e eu acabei fazendo tipo uma receita de
16 feijoada...
- 17 **N:** Sim.
- 18 **Bruno:** ... de samba, tá?, então lá do Copa Rio foi esse aqui foi isso aqui que deu, tá?
19 [Entrego a receita para o sujeito de pesquisa]. Eu vô pedi que tu tire um desses feijões
20 [mostro a panela com a tampa aberta e as cápsulas em seu interior], tu abra e tu veja
21 qual palavra tá aí dentro. Se fica difícil... [mostro a tampa da caneta].
- 22 **N:** É, ah [Risadas] ah tá a palavra [inaudível] tentei tirar coisa errada [se referindo ao
23 modo como estava abrindo a cápsula]. ALEGRIA [com voz alegre].
- 24 **Bruno:** ALEGRIA?
- 25 **N:** [Risadas]
- 26 **Bruno:** Por que que tu acha que ela é um dos desses ingredientes aí dessa feijoada?
- 27 **N:** ALEGRIA?
- 28 **Bruno:** É.
- 29 **N:** Por que que ela é um dos ingredientes? Porque ALEGRIA transforma o ser
30 humano, transforma o [inaudível] vivo [inaudível] cara se tu não tiver ALEGRIA tu não
31 consegue fazer nada, penso assim então....
- 32 **Bruno:** Pra ti é um ingrediente essencial então?
- 33 **N:** Essencial. Tu não eu não vô consegui saí com amigos, eu não vô me diverti se eu
34 não tiver bem, se eu não tiver alegre. Ah, não vô consegui saí com minha filha se eu
35 não tiver bem. Hã, eu acho que ALEGRIA de fato ela é... ela é o [sic] a cereja do bolo
36 pra qualquer atividade que tu vá fazer até ir trabalhar. Ninguém trava... consegue
37 trabalhar se não tiver um pouco de ALEGRIA, pelo menos eu penso assim...
- 38 **Bruno:** Sim.
- 39 **N:** ... eu entendo.
- 40 **Bruno:** Me diz uma coisa: desses ingredientes que tu ah que tu tá olhando aí na
41 receita, tem alguma coisa que te salta aos olhos, tem alguma dosagem que tu
42 mudaria, retiraria ou acrescentaria alguma coisa?
- 43 **N:** [Silêncio enquanto lê a receita, vozes ao fundo no Mercado]. Não, não acho que...
44 tá tudo dentro do contexto. CARNAVAL, 2 doses de CONFRA[TERNIZAÇÃO], 2
45 doses de CULTURA BRASILEIRA, 2 doses de ENERGIA e 1 [inaudível] de ENERGIA
46 POSITIVA, sim ENERGIA POSITIVA tu não vai prum lugar com uma energia negativa.
47 Não não não não não tiro nada p'ra mim...

48 **Bruno:** Mantêm como tá?

49 **N:** Mantêm como tá.

50 **Bruno:** Tá ok.

51 **N:** FESTA, AMOR, CERVEJA, ah é difícil brasileiro se reuni e não ter CERVEJA né?
52 Infelizmente, é assim alguns ...

53 **Bruno:** Sim.

54 **N:** excedem mas ... LIBERDADE, MÚSICA, RIO [DE JANEIRO] acho que o samba tá
55 no Brasil todo até o Rio Grande do Sul. VIVER, BRASIL, CARNAVAL é não não não
56 tiro nada eu acho que ...

57 **Bruno:** É?

58 **N:** ... tá tudo ...

59 **Bruno:** Tá ok.

60 **N:** ... dentro dos conformes.

61 **Bruno:** Então tá, brigado, é isso.

62 **N:** É isso?

63 **Bruno:** É.

64 **N:** Ahhhh, cabô.

K.3 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2019 horário de almoço – no local de trabalho do sujeito de pesquisa (Três Vendas)

- 1 **Bruno:** Então, é então tu participasse da primeira etapa da pesquisa tá?, que era
2 feijo... que foi na feijoada de samba do Boteco Copa Rio...
- 3 **M:** Do Boteco.
- 4 **Bruno:** ... de um ano...
- 5 **M:** Isso.
- 6 **Bruno:** ... tá? E aqui eu vô te entregar o termo de consentimento...
- 7 **M:** Tá.
- 8 **Bruno:** ... 'tando de acordo... tá, tu pode assi assinar [Entrego o TCLE]. [inaudível] e
9 todo mais diz os objetivos da pesquisa e tudo mais...
- 10 **M:** Toda função.
- 11 **Bruno:** Tá? Qual é a ... qual foi a proposta: então lá eu fiz aquela primeira abordagem
12 perguntando sobre samba...
- 13 **M:** Sobre samba.
- 14 **Bruno:** ... e eu fiz tipo uma feijoada de aniver... de samba.
- 15 **M:** Hum hum.
- 16 **Bruno:** Do aniversário do *Boteco* [*Copa Rio*].
- 17 **M:** Do aniversário do *Boteco* [*Copa Rio*].
- 18 **Bruno:** Tá? Então o que que eu vô pedi pra ti, eu vô pedi que tu tire um desses feijões
19 aqui [mostro a panela com as cápsulas].
- 20 **M:** Tá.
- 21 **Bruno:** Pode abri que na cápsula tem uma palavra.
- 22 **M:** [Abrindo a cápsula] Vamo vê o que que vem aqui ... que vem oh ALEGRIA
23 [Risadas].
- 24 **Bruno:** Por que que tu acha que ela é um dos ingredientes aí?
- 25 **M:** Da [sic] feijoada?
- 26 **Bruno:** Dessa feijoada [aponto para a receita].
- 27 **M:** Cara, ALEGRIA acho que ela ela [sic] faz parte de tudo né?, acho que tudo que a
28 gente faz com ALEGRIA é feito com com com [sic] AMOR. Então eu acredito que a
29 ALEGRIA é tudo, assim no meu ponto de vista... eu tenho um amigo meu que diz que
30 o apelido dele é "SÓ ALEGRIA" [Risadas] em tudo que é lugar que ele vai só ALEGRIA,
31 o cara tá sempre rindo, sempre contente. Acho que ALEGRIA é a VIDA cara, o cara
32 vive a vida.
- 33 **Bruno:** Beleza. Me diz uma coisa: desses ingredientes aí tem alguma coisa que te
34 salta aos olhos, que tu mudaria, acrescentaria dosagem...
- 35 **M:** Dentro dessa feijoada [aponta para a receita com os ingredientes]?
- 36 **Bruno:** Dentro dessa feijoada aí... Mudasse algum tempero deles?
- 37 **M:** [Lendo a receita] Cara porr... olha aqui aqui que eles eu vejo DIVERSÃO,
38 FELICIDADE, AMIGOS/AMIZADE, DANÇA/DANÇAR], FESTA, AMOR, CERVEJA,
39 LIBERDADE, MÚSICA cara VIVER, BRASIL, CARNAVAL, CONFRATERNIZAÇÃO
40 [INAUDÍVEL] ARTE DO POVO, BATUQUE, CELEBRAÇÃO cara eu acho que tá, no
41 meu pensamento acho que tá o contexto tá [Risadas] eu não vejo nada que falte aqui
42 NEGRO, OUSADIA, [inaudível], HARMONIA [Silêncio] cara eu não mudaria nada...
- 43 **Bruno:** É?
- 44 **M:** ... não mudaria nada. Acho que tá que tá de acordo aqui dentro do...
- 45 **Bruno:** Tá bem temperado?
- 46 **M:** Tá bem tem... tá bem temperado.
- 47 **Bruno:** Tá, beleza, é isso aí!

- 48 **M:** [Volta a ler a receita] Doses [inaudível] ALEGRIA, não acho que tá bem
49 **Bruno:** Tá ok?
50 **M:** Tá, tá, tá show de bola.
51 **Bruno:** Então tá, show, muito obrigado.

K.4 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – no local de trabalho do sujeito de pesquisa (Centro)

- 1 **Bruno:** Então assim oh, sobre o que que é: tu 'tava lá na feijoada de um ano do *Boteco*
2 *Copa Rio...*
- 3 **M:** Sim, estava.
- 4 **Bruno:** Tá?, o que que eu fiz: eu fiz aquela primeira coleta com as palavras que o
5 pessoal ia lá respondia e tudo mais...
- 6 **M:** Sim.
- 7 **Bruno:** [Inaudível] agora eu entrei na segunda etapa, então entrei em contato com
8 todos eles.
- 9 **M:** Tá.
- 10 **Bruno:** Aí o que que eu fiz: então aqui é um termo de consentimento da pesquisa se
11 tu quiser lê p'ra depois vê se tu vai participar e tudo mais.
- 12 **M:** Não, tranquilo.
- 13 **Bruno:** É só da pesquisa, tá? E como é que funciona essa segunda etapa: eu peguei
14 todas aquelas palavras que o pessoal falo e aí fiz tipo uma receita de feijoada de
15 samba...
- 16 **M:** Sim
- 17 **Bruno:** ... tá? E aí a fe... deu... na verdade deu isso aqui [entrego a receita para o
18 sujeito de pesquisa]. Eu vô pedi só que tu tire um desses aí [mostro a panela com as
19 cápsulas] e veja [Barulho alto de motor de veículo ao fundo] pode escolher qualquer
20 um e abra aí que vai ter uma palavra. [Silêncio] Se fica difícil... [mostro a tampa da
21 caneta].
- 22 **M:** [Som de carros passando] Deve ser FELICIDADE.
- 23 **Bruno:** FELICIDADE?
- 24 **M:** É.
- 25 **Bruno:** Por que que tu achas que ela é um desses ingredientes aqui [aponto para a
26 receita]?
- 27 **M:** [Som de carros passando] Porque onde mistura o samba, pagode e feijoada tem
28 que tem que [sic] tá feliz né?, tem que ser [Risadas] tem que ser FELICIDADE.
- 29 **Bruno:** Me diz uma coisa: desses ingredientes todos aqui tem alguma coisa que tu
30 faria diferente, que tu alteraria, mudaria a dosagem ou retiraria?
- 31 **M:** [Silêncio, voz de televisão no fundo] Não acho que é isso aí mesmo [Silêncio] é
32 isso aí mesmo [Silêncio]. Aqui o SORRIR podia ser mais uma dose né?
- 33 **Bruno:** Aumentar as doses de SORRIR?
- 34 **M:** É aumentar as doses de SORRIR.
- 35 **Bruno:** Ok.
- 36 **M:** O resto é isso aí mesmo.
- 37 **Bruno:** Beleza, tá ok, é isso aí.

K.5 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – na praça em frente ao Colégio Gonzaga (Centro)

- 1 **Bruno:** Então tu participasse da pesquisa do *Boteco Copa Rio* do aniversário de um
2 ano lá...
- 3 **C:** Isso.
- 4 **Bruno:** ... do Clube Caixeiral tá, e o que que eu fiz: na primeira etapa eu fiz uma
5 pesquisa coletando as palavras associadas ao samba. Esse aqui é o termo de
6 consentimento se tu tiver de acordo tu pode assinar...
- 7 **C:** Tá.
- 8 **Bruno:** ... e coloca teu nome por extenso aqui [indico o local correto].
- 9 **C:** [Lendo o TCLE] [Cantarolando] sim, isso aqui é pra evitar um... [vozes ao fundo]
10 processo? [Risadas]
- 11 **Bruno:** [Risadas]
- 12 **C:** Hoje em dia as pessoas têm que se prevenir de tudo que é jeito é, Deus me livre,
13 mas é. [Silêncio] Hoje são 19 né?
- 14 **Bruno:** 19.
- 15 **C:** Nem parece que a gente passa o dia inteiro anotando isso.
- 16 **Bruno:** Então...
- 17 **C:** Prontinho.
- 18 **Bruno:** ... qual era a ideia: eu peguei as palavras lá, eu fiz tipo uma receita da feijoada
19 de samba do *Boteco Copa Rio*.
- 20 **C:** [Inaudível].
- 21 **Bruno:** Aí deu isso aqui [entrego a receita com os ingredientes], tá? O que que eu vô
22 pedi, eu vô pedi que tu tire um desses feijões aqui [abro a panela e mostro as
23 cápsulas], tu abra...
- 24 **C:** Tá.
- 25 **Bruno:** ... e aí vai ter uma palavra.
- 26 **C:** Tá. [Abrindo a cápsula].
- 27 **Bruno:** Se ficar difícil... [mostro a tampa da caneta]
- 28 **C:** Não não tá, quer dizer [Silêncio] parece que tá colado aqui gente! [Risadas] Ah sim,
29 também eu queira puxa o pa próprio plástico [se referindo à cápsula] não ia rolar
30 mesmo. Vamos ver qual é a palavra [desenrolando o papel] ALEGRIA.
- 31 **Bruno:** ALEGRIA? Por que que tu acha que ela é um desses ingredientes aí dessa
32 feijoada?
- 33 **C:** ALEGRIA? Porque tem... há... um local onde o pessoal se descontraí, a MÚSICA
34 pra mim, por si só, já é um motivo de desco... DESCONTRAÇÃO né? Acho que por
35 isso, tu encontra várias pessoas...
- 36 **Bruno:** A roda de samba proporciona isso?
- 37 **C:** A roda de samba ...
- 38 **Bruno:** ... proporciona isso?
- 39 **C:** ... sim. Encontro de várias pessoas, de várias gerações inclusive [Risadas].
- 40 **Bruno:** [Inaudível] várias gerações tu tem alguém na família de... desse caso de várias
41 gerações de...
- 42 **C:** Que goste de samba?
- 43 **Bruno:** ...que...
- 44 **C:** Não.
- 45 **Bruno:** ... aprecie o samba?
- 46 **C:** Na realidade, é samba sô só eu mesma. [Risadas].
- 47 **Bruno:** Ah é, só tu? Me diz uma coisa ...

- 48 **C:** Hum?
- 49 **Bruno:** ... dessa receita aí teria alguma coisa que tu mudaria, alteraria a dosagem,
50 acrescentaria ou alguma coisa que te salte aos olhos?
- 51 **C:** Oh 61 doses de ALEGRIA visse? [Risadas] [Silêncio enquanto lê a receita]. Podia
52 aumentar as doses de CONFRATERNIZAÇÃO.
- 53 **Bruno:** Aumentar as doses de CONFRATERNIZAÇÃO?
- 54 **C:** CONFRATERNIZAÇÃO e MÚSICA.
- 55 **Bruno:** MÚSICA?
- 56 **C:** Samba, pra mim, é é MÚSICA, é FESTA.
- 57 **Bruno:** Sim.
- 58 **C:** [Inaudível] as doses.
- 59 **Bruno:** Sim. Essas alterações que tu faria?
- 60 **C:** Eu faria essas alterações.
- 61 **Bruno:** Tá ok, então tá...
- 62 **C:** Discon... DESCONTRAÇÃO ah também, pode aumentar. [Risadas]
- 63 **Bruno:** Aumentar as doses de DESCONTRAÇÃO. [Risadas]
- 64 **C:** Com certeza. [Risadas].
- 65 **Bruno:** Tá ok...
- 66 **C:** [Inaudível].
- 67 **Bruno:** ... então tá, é isso aí, brigado.
- 68 **C:** Só isso?
- 69 **Bruno:** É.
- 70 **C:** [Inaudível] [Risadas].

K.6 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – no local de trabalho do sujeito de pesquisa (Centro)

- 1 **Bruno:** Tá, então, vô te explicar o que que foi: então nós fizemos a primeira etapa lá,
 2 tu tava participando do aniversário do Boteco Copa Rio...
 3 **A:** Isso.
 4 **Bruno:** ... que eu fazia uma pergunta perguntando qual era as lembranças que tu tinha
 5 quando eu falava sobre samba...
 6 **A:** Ahã.
 7 **Bruno:** ... em palavras...
 8 **A:** Isso, Hãhã.
 9 **Bruno:** ... tá? Então o que que eu fiz, eu vô te dá o termo de consentimento se tu tiver
 10 de acordo depois tu pode botar teu nome por extenso e assinar [entrego o TCLE].
 11 **A:** [Lendo o TCLE e depois assina] É tua essa [se referindo a caneta]?
 12 **Bruno:** É, é mas pode ficar.
 13 **A:** Não, não.
 14 **Bruno:** É, então o que que eu fiz: eu juntei aquelas palavras...
 15 **A:** Tá.
 16 **Bruno:** ... tá?, e fiz tipo uma receita já que eles tinham feito uma feijoada fiz tipo uma
 17 receita...
 18 **A:** Hum hum.
 19 **Bruno:** ... pra ver [sic] qual era os ingredientes necessário prum samba...
 20 **A:** Tá.
 21 **Bruno:** ... tá? Então o que que fiz, aí acabo dando isso aqui ó [mostro a receita com
 22 os ingredientes], tá? Eu vou pedi [sacudo a panela], a coisa é bem simples, eu vô pedi
 23 que tu tire um deles [mostro a panela de tampa aberta com os ingredientes dentro], tu
 24 abra e tu veja qual é a palavra que tem dentro.
 25 **A:** [Abrindo a cápsula]
 26 **Bruno:** Se tiver dificuldade de tirar a palavra normalmente o pessoal tá usando de
 27 auxílio [mostro a tampa da caneta] [Risadas]...
 28 **A:** [Risadas]
 29 **Bruno:** ... uma tampinha, que ajuda.
 30 **A:** Ah tá...
 31 **Bruno:** [Risadas]
 32 **A:** ... tava dentro da parte branca.
 33 **Bruno:** É, é, é que às vezes é meio difícil
 34 **A:** [Abrindo o papel] MÚSICA.
 35 **Bruno:** MÚSICA? Por que que tu acha que é um dos ingredientes que faz parte dessa
 36 feijoada?
 37 **A:** MÚSICA. Oh, é ... feijoada do samba né?...
 38 **Bruno:** É.
 39 **A:** ... como o próprio nome diz é [sic] uma manifestação musical né?, da ... então me
 40 parece que, é claro que faz parte... faz parte muito da CULTURA popular eu acho na
 41 MÚSICA, é uma coisa que ... é ... as pessoas aprendem desde pequeno participam
 42 na sua CULTURA, perto de uma escola de samba, num ensaio de uma escola de
 43 samba, num...
 44 **Bruno:** Sim.
 45 **A:** ... a família que toca [sic] num fim de semana, em casa e tal, é uma coisa que tá
 46 presente...
 47 **Bruno:** É um aprendizado de saberes que já...

- 48 **A:** ... é saberes...
- 49 **Bruno:** tá dentro da comunidade.
- 50 **A:** ... que é que é que é uma coisa que né?...
- 51 **Bruno:** Tá.
- 52 **A:** ... tem excelentes músicos né?
- 53 **Bruno:** Sim.
- 54 **A:** [Inaudível] tudo aquilo ali. Então acho que tem tudo a ver com uma feijoada de samba...
- 55
- 56 **Bruno:** Sim.
- 57 **A:** ... né?, a palavra MÚSICA acho que tá...
- 58 **Bruno:** Me diz uma coisa...
- 59 **A:** Hum?
- 60 **Bruno:** ... desses ingredientes aí: tem alguma coisa que te salta aos olhos ou tem alguma coisa que tu retiraria, mudaria ou acrescentaria?
- 61
- 62 **A:** [Lendo a receita], [Risadas] o que me soou mais estranho aqui [Risadas] é
- 63 MANTER A FORMA. Tá bem aqui, não tá descolado...
- 64 **Bruno:** Sim.
- 65 **A:** ... mas [sic] é uma coisa que não... que poderia tá fora e não ia...
- 66 **Bruno:** Não ia atrapalhar os ingredientes ...
- 67 **A:** ... não ia atrapalhar nada...
- 68 **Bruno:** ... no contexto.
- 69 **A:** ... porque eu acho que as pessoas que participam [inaudível] duma feijoada de
- 70 samba, ah acho que um dos objetivos dela não é MANTER A FORMA, tá?...
- 71 **Bruno:** Sim.
- 72 **A:** ... muito embora, nessas comunidades, é frequente a gente ver, eu conheço um
- 73 cara mesmo que tá sempre no lugar do chorinho do samba então...
- 74 **Bruno:** Hum hum.
- 75 **A:** ... tem mais de oitenta anos e tá em perfeita forma [Risadas] ...
- 76 **Bruno:** Sim.
- 77 **A:** ... daí então dança e tal, muito bem.
- 78 **Bruno:** Então no caso assim [sic] eles podem até ir pro samba, dançarem bastante e
- 79 tudo mais, mas não ter...
- 80 **A:** [Inaudível]
- 81 **Bruno:** ... o intuito MANTER A FORMA.
- 82 **A:** Embora mantenha.
- 83 **Bruno:** É, embora mantenha.
- 84 **A:** É, é exatamente.
- 85 **Bruno:** Exatamente.
- 86 **A:** Mas nesse sentido só.
- 87 **Bruno:** Tá.
- 88 **A:** O que me soou ...
- 89 **Bruno:** É?
- 90 **A:** um pouquinho meio fora ...
- 91 **Bruno:** Excelente.
- 92 **A:** ... o resto acho que tá ... pra mim é tudo muito muito ...
- 93 **Bruno:** Tá bem.
- 94 **A:** ... muito articulado com a ideia da...
- 95 **Bruno:** Tá ok.
- 96 **A:** ... feijoada.
- 97 **Bruno:** Tá bem, é isso, obrigado.

98 **A:** Tá bem então.

K.7 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 20 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – na casa do sujeito de pesquisa (Fragata)

- 1 **Bruno:** [O sujeito encontra-se trabalhando em uma obra em casa, peço autorização
2 para gravar e entrego o TCLE para o sujeito de pesquisa].
3 **C:** [Lendo o TCLE, cachorros latindo ao fundo]. Tá.
4 **Bruno:** Tá ok? Tá assim ó o que que é...
5 **C:** Hum?
6 **Bruno:** ... tu participasse da feijoada aquela do *Boteco Copa Rio*...
7 **C:** Isso, isso.
8 **Bruno:** ... lá do Caixeiral né? Tu te lembra que eu que eu botei um papelzinho que
9 perguntava perguntando o que que lembrava sobre samba e tudo mais...
10 **C:** Isso.
11 **Bruno:** ... que palavras vinham à mente quando tu via em samba né? Então o que
12 que eu fiz: eu coletei as palavras daquelas pessoas que participaram tá?, e eu fiz tipo
13 uma receita...
14 **C:** Hum.
15 **Bruno:** ... das palavras, tá? E a feijoada do *Boteco Copa Rio* deu isso aqui ó [entrego
16 a receita ao participante]. Pode dá uma olhada, tá?
17 **C:** [Silêncio enquanto lê a receita]. Tá.
18 **Bruno:** Tá? Então ó, o que que acontece: eu vô pedi só que tu tire uma cápsula
19 [ofereço a panela com as cápsulas] dessas aqui que chama um dos ingredientes ...
20 **C:** Hum.
21 **Bruno:** ... que aí nós vamos falar sobre... tá?
22 **C:** [Retira a cápsula e abre]
23 **Bruno:** Vamos a ela. [Inaudível] aqui o que que é?
24 **C:** Tô sem óculos... é ALEGRIA?
25 **Bruno:** ALEGRIA?
26 **C:** ALEGRIA.
27 **Bruno:** Por que que tu acha que ela é um dos ingredientes do samba?
28 **C:** Ah, é ALEGRIA né tchê?, deixa todo mundo alegre, o samba deixa mexe com todo
29 mundo.
30 **Bruno:** O samba é...
31 **C:** É.
32 **Bruno:** ... é um ingrediente essencial tu diria?
33 **C:** Claro, claro, é isso.
34 **Bruno:** Tá, me diz uma coisa: dessa receita aí tem alguma coisa que te salta aos
35 olhos, de diferente, alguma coisa que tu mudaria ou que tu acrescentaria pra encorpar
36 mais esse samba?
37 **C:** [Lendo a receita] Acho que o pessoal [inaudível] interage todo mundo, né? No
38 samba é difícil, quem vai tem que, é difícil aquele ... que vai ficar sentado
39 **Bruno:** É?
40 **C:** ... que vai ficar sentado e não se mexe né?...
41 **Bruno:** [Risadas]
42 **C:** ... embora até de muleta dá uma ...
43 **Bruno:** Até de muleta dança [Risadas]?
44 **C:** ... dança ...
45 **Bruno:** [Risadas]
46 **C:** ... entendesse? O resto [sic] não tem nada, aqui tá tudo...
47 **Bruno:** Tá, então [sic] tu acha que tem que botar uma questão de INTERAÇÃO aí?

48 **C:** Hum.
49 **Bruno:** Alguma coisa que ... que promova a interação independente da pessoa...
50 **C:** Hum.
51 **Bruno:** ... ter ou não...
52 **C:** Claro, claro.
53 **Bruno:** ... possibilidades.
54 **C:** Claro, claro [inaudível]
55 **Bruno:** INTERAÇÃO...
56 **C:** Hum.
57 **Bruno:** ... bah, é isso aí, então tá muito obrigado seu C... é isso aí viu?
58 **C:** É?
59 **Bruno:** Bem rápido.
60 **C:** Tá legal.
61 **Bruno:** Tá.

K.8 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – antes do início da aula do sujeito de pesquisa (Centro)

- 1 **Bruno:** Tá, então: tu tava participando da primeira etapa da pesquisa que foi naquele
 2 aniversário de um ano do **Boteco Copa Rio**, do Caixeiral, que o **Dance +** [Grupo
 3 criado em Pelotas que pretende estimular o hábito da dança na cidade] tava dançando
 4 lá que foi daquela feijoada, vocês dançaram que tava tu, o L...
- 5 **A:** Ah, sim....
- 6 **Bruno:** ... a G..... e tudo mais ok?...
- 7 **A:** ... tá tá desculpa...
- 8 **Bruno:** ... tá ...
- 9 **A:** ... sim sim.
- 10 **Bruno:** ... era daquela parte era era a primeira fase da coleta...
- 11 **A:** Tá tá tá.
- 12 **Bruno:** Tá?
- 13 **A:** Hum hum.
- 14 **Bruno:** Vô pedi só o termo de consentimento que tu leia e, tu podendo, tu assina aqui
 15 o teu nome hã tu coloca teu nome por extenso aqui [mostro no TCLE o local para
 16 colocar o nome por extenso] e assina aqui [mostro o local da assinatura].
- 17 **A:** [Silêncio enquanto lê o TCLE e preenche com seus dados].
- 18 **Bruno:** Então, qual era a proposta: é eu fiz aquela primeira coleta lá, e eu fui coletando
 19 aquelas palavras ali e fiz tipo uma receita tá? [Entrego a receita para o sujeito de
 20 pesquisa]. Então o que que eu vô querer que tu faça: eu quero que tu tire um desses
 21 feijões aqui da receita [mostro a panela com a tampa aberta e as cápsulas], tu pode
 22 abri, tá?
- 23 **A:** Hum.
- 24 **Bruno:** Pode abrir ... vai ter uma palavra aí dentro, se tiver difícil de tirar ... [mostro a
 25 tampa da caneta].
- 26 **A:** [Abrindo a cápsula] Hum hum.
- 27 **Bruno:** FELICIDADE? [Olhando o papel]
- 28 **A:** Isso.
- 29 **Bruno:** Tá. Por que que tu acha que ela é um dos ingredientes, aí dessa feijoada de
 30 samba?
- 31 **A:** Da do evento que teve?
- 32 **Bruno:** Por que que tu acha que FELICIDADE é um ingrediente que o pessoal fala
 33 que tem que ter numa feijoada de samba?
- 34 **A:** ÉÉÉÉ que quando a gente pensa ou vai pensar em samba, a gente nunca pode
 35 pensar de um forma isolada né?, seja como um... um... ritmo musical ou um estilo de
 36 dança, existe todo um envolvimento so... uma dimensão social por trás que tá
 37 envolvido nesse ritmo...
- 38 **Bruno:** Hum hum.
- 39 **A:** ... né?, e um dos aspectos que fi... que que dessa dimensão social é justamente a
 40 socialização entre as pessoas, né?...
- 41 **Bruno:** Hum hum.
- 42 **A:** ... e essa socialização tá ligada justamente a comemorar algo, seja em pequenos
 43 núcleos familiares como em grandes comunidades, então naturalmente pensa
 44 FELICIDADE é... encaixa-se perf... justifica-se ou melhor dizendo ahhh esses
 45 encontros né?, ééé entre as pessoas.

46 **Bruno:** Hum, tá ok. Me diz uma coisa: desses ingredientes aí da feijoada tem alguma
47 coisa que te salte aos olhos, alguma coisa que tu mudaria, que tu acrescentaria ou
48 que tu retiraria mudaria dosagens?, qualquer coisa.

49 **A:** [Lendo a receita]. Éééé [Silêncio] Tá, éééé eu achei bem interessante essa receita,
50 mas me chamou atenção ah, o ingrediente NEGRO né?,...

51 **Bruno:** Sim...

52 **A:** trata-se...

53 **Bruno:** ... uma dose de NEGRO?

54 **A:** ... é, eu entendo que sim o ah, não tem como pensar o samba sem, na etnia negra,
55 mas se a gente pensar o samba, enquanto fenômeno brasileiro é o Brasil ele [sic] não
56 tem como característica uma etnia, justamente é um hibridismo [sic] de etnias que faz
57 com que o país seja da forma como a gente o tem. Então, eu não posso pensar no
58 samba tendo somente c... tendo a participação do NEGRO...

59 **Bruno:** Sim.

60 **A:** ... eu acredito que as outras etnias, inclusive a própria branca também faz parte
61 dessa construção de alguma forma.

62 **Bruno:** É?, então no caso aqui tu acrescentaria uma dose de ...

63 **A:** De outras etnias.

64 **Bruno:** ... de outras etnias?...

65 **A:** Isso.

66 **Bruno:** Tipo uma dose de ameríndios, uma dose de ...

67 **A:** É possível é ...

68 **Bruno:** ... europeu.

69 **A:** É, exatamente, porque os europeus também pertencem ao Brasil...

70 **Bruno:** Tá.

71 **A:** ... o brasileiro tem no seu sangue essas outras etnias, então eu não não riscaria o
72 NEGRO de forma alguma...

73 **Bruno:** Tá.

74 **A:** ... mas eu adicionaria essas outras.

75 **Bruno:** Tá, tá ok.

76 **A:** No meu olhar.

77 **Bruno:** Tá bem, tá ok, é isso aí, obrigado.

78 **A:** Já deu?

79 **Bruno:** Deu.

K.9 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 27 DE DEZEMBRO DE 2019 à tarde – no Mercado Central de Pelotas (Centro)

- 1 **Bruno:** Então D..., assim ó, tu participasse da primeira etapa da... da coleta que foi lá
 2 na feijoada de um ano do *Boteco Copa Rio* que foi no Clube Caixeiral e e aí eu entrei
 3 em contato contigo tu aceitasse participar da segunda fase. O que que eu fiz: na
 4 primeira coleta, eu coletei aquelas palavras que o pessoal todo colocou, eu fiz tipo
 5 uma receita ... tá? ... A receita foi mais ou menos isso aqui [entrego o papel com os
 6 ingredientes].
 7 **D:** [Começa a ler a receita].
 8 **Bruno:** Aqui [mostro a panela com as cápsulas] eu botei os ingrediente eu vô pedi
 9 que tu tire um deles só...
 10 **D:** Sim.
 11 **Bruno:** ... e aí tira que tem uma palavra dentro, pode abrir. Pode me mostrar também,
 12 sem problema. Se tiver difícil [mostro a tampa da caneta]... [inaudível].
 13 **D:** [Abrindo a cápsula]... Pode ler?
 14 **Bruno:** Pode ler.
 15 **D:** ALEGRIA JUNTO AOS AMIGOS.
 16 **Bruno:** ALEGRIA JUNTO AOS AMIGOS? Por que que tu acha que é um dos
 17 ingredientes dessa feijoada aí?
 18 **D:** [Volta a ler a receita]. É reunião, tu diz com da, tu diz da feijoada, do acontecimento?
 19 **Bruno:** Isso.
 20 **D:** É reunião de todos eu acho. [Silêncio]
 21 **Bruno:** Reunião?
 22 **D:** Isso.
 23 **Bruno:** Tem alguma coisa aí dessas doses, dessa de toda essa receita que te s... tem
 24 alguma coisa que te chame atenção, que te salte aos olhos, que tu mudaria a
 25 dosagem, que tu retiraria ou acrescentaria?
 26 **D:** Que me chama atenção é a MÚSICA.
 27 **Bruno:** MÚSICA?
 28 **D:** Isso.
 29 **Bruno:** Em que sentido?
 30 **D:** Pra ouvir uma MÚSICA, pra ouvir MÚSICAS, ouvir MÚSICA boa. [Silêncio]
 31 **Bruno:** Sim, tu acha que tem poucas doses de MÚSICA?
 32 **D:** Acho que tem, acho que é o principal...
 33 **Bruno:** Tu aumentaria aí?
 34 **D:** Isso aumentaria aqui.
 35 **Bruno:** Ok.
 36 **D:** Mais alguma coisa?
 37 **Bruno:** Tem... por ti, o que tu acha de... [Vozes ao fundo]
 38 **D:** [Volta a ler a receita]. ANIMAÇÃO uma dose acho que tem mais também
 39 **Bruno:** Tu aumentaria as doses de ANIMAÇÃO?
 40 **D:** De ANIMAÇÃO.
 41 **Bruno:** Ok.
 42 **D:** [Segue lendo a receita]. Acho que aumentaria ARTE DO POVO.
 43 **Bruno:** ARTE DO POVO?
 44 **D:** Hum hum.
 45 **Bruno:** O que que tu entende como ARTE DO POVO aí?

- 46 **D:** Eu acho que é que é que... cada um poderia mostrar assim de repente. Sabe,
47 quan... numa reunião tipo, como foi uma FESTA, de repente mostrar mais o que [sic]
48 o...
- 49 **Bruno:** Sim.
- 50 **D:** ... que que tem algu..., todo mundo tem pra oferecer alguma coisa.
- 51 **Bruno:** Sim, aí aumentando a ARTE DO POVO seria uma forma de contribuir pra esse
52 tipo de...
- 53 **D:** Também.
- 54 **Bruno:** Ok.
- 55 **D:** SORRIR também que é bom [risadas]
- 56 **Bruno:** SORRIR?
- 57 **D:** [Segue lendo a receita]. Mais alguma [inaudível]?
- 58 **Bruno:** Tem alguma outra coisa que te chame atenção aí, tá tranquilo?
- 59 **D:** Hã, uma [sic] delas tem que ser ENERGIA POSITIVA porque a outra não... no
60 caso...
- 61 **Bruno:** Porque, provavelmente, pode ter colocado [escrito na primeira etapa da
62 coleta] só ENERGIA.
- 63 **D:** Ahhhh.
- 64 **Bruno:** E um deixou mais claro: ENERGIA POSITIVA.
- 65 **D:** Ah tá.
- 66 **Bruno:** E aí por isso ...
- 67 **D:** Sim.
- 68 **Bruno:** ... que ficou enfatizado assim.
- 69 **D:** Hã hã.
- 70 **Bruno:** Ok?
- 71 **D:** [Concorda com a cabeça].
- 72 **Bruno:** Só vô te dar o termo de consentimento oh [entrego o TCLE para o sujeito de
73 pesquisa] que caso esteja de acordo tu coloca teu nome e assina, que aí é sobre a
74 pesquisa agora. Pode botar teu nome aqui assim [indico o local correto].
- 75 **D:** [Lendo o TCLE]. [Inaudível, indicando o local para colocar o nome] né?
- 76 **Bruno:** Isso, bota teu nome completo e ali [indico o local da assinatura] tu assinar.
- 77 **D:** [Escreve o nome e assina].
- 78 **Bruno:** É isso! Tá ok, deixa eu só... [desligando o gravador].

K.10 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 27 DE DEZEMBRO DE 2019 à noite – no Mercado Central de Pelotas (Centro) [OBS: realizei uma conversa a três com um casal]

- 1 **Bruno:** Tá, então, vocês participaram da primeira etapa que era a feijoada de um ano
2 do *Boteco Copa Rio* ...
- 3 **P:** Isso.
- 4 **Bruno:** ... que foi no Clube Caixeiral, tá?...
- 5 **J:** Isso, isso mesmo.
- 6 **Bruno:** Então o que que eu vou fazer: primeiro eu vou mostrar pra vocês o termo de
7 consentimento, se vocês ... quiserem participar da pesquisa e tudo mais, pra poder ler
8 e aí é bota nome e assinar. [Entrego um TCLE para cada um deles]. Se precisar
9 caneta...
- 10 **J:** Tá.
- 11 **P:** Sem óculos não dá. [Risadas, pegando os óculos da bolsa].
- 12 **P e J:** [Lendo o TCLE].
- 13 **Bruno:** Aqui tu pode botar o nome por extenso [indico o local correto à JL] e ali, do
14 lado, assinar na esquerda [indico o local para colocar a assinatura à JL].
- 15 **J:** [Escreve e assina o TCLE].
- 16 **Bruno:** Ok? [JL me entrega o TCLE assinado]. [Logo em seguida, P também me
17 entrega o TCLE]. Então, na primeira etapa, eu entregava um papelzinho p'ra vocês e
18 vocês... faziam associações o que que vinha à cabeça quando vocês pensavam em
19 samba. Que que eu fiz? Eu fiz tipo uma coleta daquilo daquela toda aquelas palavras
20 [sic] e fiz tipo ingrediente, uma receita...
- 21 **P:** Hum hum.
- 22 **Bruno:** ... com os ingrediente necessário [sic] para uma feijoada de samba. Aí eu vô
23 pedir que vocês tirem um [mostro a panela com as cápsulas], pode tirar um cada um,
24 tá?, pode abrir que vai ter uma palavra dentro... Se ficar difícil tirar a palavra [mostro
25 a tampa da caneta] ...
- 26 **P:** [Risadas].
- 27 **Bruno:** ... técnica.
- 28 **J:** Técnica.
- 29 **Bruno:** [Risadas].
- 30 **P:** [Risadas].
- 31 **P e J:** [Abrindo suas cápsulas].
- 32 **P:** Ih tchê, eu sem óculos, sou muito [inaudível] [volta a pegar os óculos na bolsa que
33 havia guardado anteriormente], não é possível [risadas].
- 34 **Bruno:** Qual é o teu? [Me dirigindo a JL].
- 35 **J:** FELICIDADE.
- 36 **P:** ARTE DO...
- 37 **Bruno:** FELICIDADE?
- 38 **P:** ARTE DO POVO.
- 39 **Bruno:** ARTE DO POVO? Por que que vocês acham que esses dois são ingredientes
40 de uma feijoada de samba.
- 41 **J:** É porque...
- 42 **P:** [Inaudível]
- 43 **J:** FELICIDADE...
- 44 **P:** ARTE DO POVO.
- 45 **J:** ARTE DO POVO. Uma coisa complementa a outra, tá? Essa é a ARTE DO
46 [Risadas] POVO que mais nos torna feliz...

- 47 **P:** É.
- 48 **J:** Na minha opinião.
- 49 **Bruno:** ARTE DO POVO, o samba tu tá..
- 50 **J:** O samba, ...
- 51 **Bruno:** ... dizendo?
- 52 **J:** ... o samba, o samba...
- 53 **Bruno:** Sim.
- 54 **J:** FELICIDADE, samba.
- 55 **Bruno:** Sim.
- 56 **P:** O samba o samba é uma expressão cultural né?, ele é do povo NEGRO [inaudível]
- 57 né?, e é por que que ele é ARTE DO POVO? Porque ele foi feito POVO, né?, na
- 58 periferia ou na na RAIZ dele assim não é que ... o samba não é, como é que eu vô
- 59 dizer... ele não é elaborado, requintado, é uma coisa mais popular, mais normal. Eu
- 60 acho que é tão natural pra nós pelo menos tentar tocar, dançar, é uma coisa...
- 61 **Bruno:** Tipo aquela música do Jorge Aragão “Arte popular do nosso chão...
- 62 **P:** É,...
- 63 **J:** É,...
- 64 **P:** ... exatamente.
- 65 **J:** ... exatamente isso daí.
- 66 **Bruno:** ... é o povo quem produz o show e assina a direção” [trecho da música *Coisa*
- 67 *de Pele*].
- 68 **P:** É uma coisa tão natural, pra gente é tão natural, a gente tá sentada daqui a pouco
- 69 já tá batucando e a gente tá [inaudível] né?
- 70 **J:** E a gente vê que as pessoas nesses encontros se t..., são felizes, se tornam
- 71 felizes...
- 72 **Bruno:** Sim.
- 73 **J:** ... né?, se aproximam da FELICIDADE naquele momento...
- 74 **P:** Eu acho que é porque não há tanta exigência sabe?, não sei se é também porque
- 75 no nos encontros que costumamos fazer assim né?, ...
- 76 **Bruno:** Sim.
- 77 **P:** ... no nosso caso. Não, não há uma exigência de ser certinho, sabe?, qualquer
- 78 batucada que tu faça, tu já sai cantando alguma coisa, [inaudível]...
- 79 **Bruno:** A exigência tu diz, no caso...
- 80 **P:** De ritmo, de ...
- 81 **Bruno:** ... perfeccionismo técnico?
- 82 **P:** ... exato.
- 83 **J:** É, ou mesmo formalidades né?, ...
- 84 **P:** É, é.
- 85 **Bruno:** Sim.
- 86 **J:** ... pode ver que as pessoas se expressam de forma natural ... né? Mesmo que pra
- 87 outros tipos de de vamos dizer assim de juntamento, vou usar uma palavra bem
- 88 simples, esse a as pessoas se manifestam... né?, se manifestam...
- 89 **P:** É difícil tu não ver numa...
- 90 **J:** se expressam.
- 91 **P:** ... roda de samba que não tenha alguém batendo na mão, cantando...
- 92 **J:** É.
- 93 **P:** né?, eu mesmo sou inquieta né?, tô sempre batucando, sempre cantando. Então é
- 94 difícil tu vê assim um povo parado. Eu eu adoro música clássica também, aqui a gente
- 95 acompanha o *Festival Internacional de Música* [se referindo ao Festival Internacional
- 96 Sesc de Música], a gente tem uma relação boa com a MÚSICA, né?...

- 97 **Bruno:** Do do Sesc?
- 98 **P:** Do Sesc.
- 99 **J:** Do Sesc.
- 100 **P:** ... a gente adora, a gente acompanha tudo que pode MÚSICA, mas e no samba,
- 101 parece que é mais natural né amor?, parece...
- 102 **J:** É mais natural...
- 103 **P:** ... que a gente...
- 104 **J:** ... é mais é mais...
- 105 **P:** ... é.
- 106 **J:** ... informal...
- 107 **P:** ... é in... exatamente.
- 108 **J:** ... mais tranquilo, né?
- 109 **Bruno:** Vocês se sentem muito diferentes quando vão numa apresentação do Sesc
- 110 de música clássica e quando vão no encontro de samba?
- 111 **P:** Não...
- 112 **J:** Não...
- 113 **P:** ... eu não me [inaudível]
- 114 **J:** ... não...
- 115 **P:** ... porque ...
- 116 **J:** ... não, não...
- 117 **P:** ... o respeito é o mesmo...
- 118 **J:** ... é outra...
- 119 **P:** ... eu fico braba quando as pessoas tão falando alto, gritando enquanto o cara tá
- 120 cantando entendesse? Eu eu estar envolvida, eu tá dançando, eu tá sambando, eu tá
- 121 batucando, eu tô respeitando o que ele tá fazendo.
- 122 **Bruno:** Sim.
- 123 **P:** Então eu acho que assim ó, a gente até comenta isso né amor? [olhando para o
- 124 esposo]...
- 125 **J:** É, eu comento isso, mas aí já é com relação a todo tipo de expressão né?, porque
- 126 a gente acha que a falta de respeito ainda é muito grande. Eu acho que ... de uma
- 127 forma humilde, mas nós sabemos nos nos comportar dependendo do tipo de música
- 128 que a gente tá ouvindo né?...
- 129 **Bruno:** Sim.
- 130 **J:** ... porque é música clássica ou é um uma oficina...
- 131 **P:** [Inaudível] dependendo né?
- 132 **J:** ... é dependendo a gente espera o momento certo.
- 133 **P:** A gente tá ali...
- 134 **J:** A gente vai...
- 135 **P:** ... a gente vai dançar se tiver todo mundo dançando...
- 136 **J:** Vamos gostar de... porque às vezes a gente sai [sic] numa apresentação clássica
- 137 muito feliz né?...
- 138 **P:** Ééé.
- 139 **Bruno:** Sim.
- 140 **J:** ... muito feliz, né?, mesmo que tu espere o momento pra te manifestar através de
- 141 aplauso, mas a gente sai bem de lá, muito bem.
- 142 **Bruno:** Sim.
- 143 **J:** Ainda digo pra ela assim...
- 144 **P:** Sim.
- 145 **J:** ... olha só, que que é isso né?...
- 146 **P:** Não, a gente...

147 **J:** ... é um show.
148 **P:** ... tem uma relação boa assim de música, sabe de...
149 **Bruno:** Tá envolvido no evento.
150 **J:** Tá envolvido no evento.
151 **P:** É [inaudível].
152 **Bruno:** Sim.
153 **J:** Mas o samba ele é mais POVO, ele [sic] facilita né?, facilita que as pessoas se
154 manifestem, facilita.
155 **Bruno:** Facilita, de expressar tu tá falando no sentido amplo, bem geral?
156 **J:** No sentido amplo, de poder cantar...
157 **Bruno:** Sim.
158 **J:** ... de poder acompanhar, de dançar...
159 **Bruno:** Sim.
160 **P:** De participar, né?
161 **J:** ... de participar...
162 **P:** Participar.
163 **J:** ... acho que é mais participativo...
164 **Bruno:** Hum hum.
165 **J:** ... acredito né?
166 **Bruno:** Mais inclusivo então seria?
167 **J:** Mais inclusivo.
168 **Bruno:** Tá, olha só, eu fiz uma receita ...
169 **J:** Hum.
170 **Bruno:** ... com as coletas, eu vô mostrar [entregando o papel com a receita] aí pra...
171 **J:** Cuidado que aqui tem ...
172 **Bruno:** ... vocês...
173 **J:** ... tem água aqui [mostrando um local da mesa com água que poderia molhar o
174 papel]
175 **Bruno:** Vocês podem dar uma olhada e aí vocês podem dizer assim alguma coisa
176 que salte aos olhos de vocês, ou alguma coisa que vocês não concordem, que vocês
177 mudariam, que vocês aumentariam ou retirariam dosagens.
178 **P:** Essas dosagens seriam as pessoas que falavam assim...
179 **Bruno:** Exatamente.
180 **J:** Doses de ALEGRIA.
181 **P:** Ah, RIO DE JANEIRO tu podia tirar [Risadas].
182 **Bruno:** Qual?
183 **P:** RIO DE JANEIRO [Risadas].
184 **Bruno:** RIO DE JANEIRO?
185 **P:** [Risadas] O samba não é só do RIO DE JANEIRO...
186 **J:** É eu também não...
187 **P:** [Risadas]
188 **J:** ... eu sou, nesse ponto eu acho que eu sou ...
189 **Bruno:** Tu também retiraria?
190 **J:** Retiro.
191 **P:** [Risadas]
192 **Bruno:** Retiraria, tá bem.
193 **J:** Mas não, necessariamente não precisamos deles, apesar deles fazerem...
194 **Bruno:** Sim.
195 **J:** ... empurrar a história.
196 **P:** É, a nossa maior sambista é maranhense, né? [fazendo menção à Alcione].

197 **J:** Hum.

198 **P:** [Inaudível] a gente não precisa do RIO [DE JANEIRO], não tem nada contra o RIO

199 [DE JANEIRO] também, não pensa que eu tô [inaudível].

200 **P e J:** [Voltam a ler a receita].

201 **P:** Eu acho que a única coisa mesmo aqui [olhando para a receita]...

202 **J:** Olha, eu concordo contigo. Eu, tu diz assim que que não ... que t...

203 **Bruno:** O que tu o que tu quiser mudar. Por exemplo, RIO DE JANEIRO vocês falaram

204 agora que seria uma dose que não que não acrescentaria nem mudaria esse

205 ingrediente...

206 **P:** Não mudaria...

207 **Bruno:** ... dessa feijoada de samba...

208 **P:** ... exatamente porque não [sic] ...

209 **Bruno:** ... tá?

210 **P:** ... não é necessário...

211 **Bruno:** Ééé...

212 **P:** ... o samba não é necessariamente ...

213 **Bruno:** Sim.

214 **P:** ... carioca entendesse? Como eu te falei, a Alcione é maranhense então...

215 **J:** Sim.

216 **P:** ... ooo... eu tô dando o exemplo da Alcione que é que eu sei [Risadas]. Não sei da

217 onde é que são os outros, mas tem outros cara São Paulo tem vários sambistas de

218 São Paulo, Porto Alegre a gente os guri aqui de Porto Alegre também que...

219 **J:** Tem muita gente boa...

220 **P:** Aqui mesmo [se referindo a Pelotas]...

221 **J:** ... que não consegue se manifestar, não consegue sair do Sul, mas que tem muito

222 talento né?

223 **Bruno:** Que não tem visibilidade.

224 **J:** É, hum ... não tem oportunidade também ...

225 **Bruno:** Oportunidade.

226 **J:** ... ah se, na minha opinião só o RIO DE JANEIRO...

227 **Bruno:** Sim.

228 **J:** ... que eu não...

229 **P:** Que de resto é assim ...

230 **J:** ... de resto...

231 **P:** ... é tudo isso: ALEGRIA ...

232 **J:** ... acho que...

233 **P:** ... ALEGRIA JUNTO AOS AMIGOS

234 **J:** Embora eles [se referindo aos cariocas] tenham empurrado a história pra isso, pra

235 gente poder se reunir, pra tudo...

236 **Bruno:** Sim.

237 **J:** ... mas nós não [inaudível]. [Silêncio] Acho até que o nosso samba é bem diferente

238 do deles né?, a forma como eles batucam, tem muita coisa então é só isso.

239 **Bruno:** Vocês chegariam a alterar alguma dosagem assim ou deixariam assim, assim

240 tá bem? ... Exceto a questão do RIO DE JANEIRO?

241 **P e J:** [Voltam a ler a receita].

242 **P:** Eu acho que tinha que botar mais doses de NEGRO sabe?, de RAIZ assim, RAIZ

243 negra, sabe?

244 **Bruno:** Mais doses mais doses de RAIZ e de NEGRO?

245 **P:** É não [sic] mais doses aqui não ...

246 **Bruno:** Sim.

- 247 **P:** ... porque o samba o samba ele é uma manifestação cultural negra, e ele
248 começou...
- 249 **Bruno:** Sim.
- 250 **P:** [Inaudível] e eu acho que seria isso. [Silêncio] E com certeza a MELHOR COISA
251 QUE EXISTE porque [inaudível] [risadas].
- 252 **J:** Eu vô [sic] te fazer uma pergunta pra [sic] ...
- 253 **Bruno:** Sim...
- 254 **J:** ... pra dá oportunidade...
- 255 **Bruno:** ... pode fazer?
- 256 **J:** ... tá, e o que como é que tu considera, como é que a gente poderia colocar aqui a
257 discriminação?
- 258 **Bruno:** Discriminação?
- 259 **J:** É, discriminação racial ... porque ainda acho que ele é discriminado. Não sei o, se
260 é se é oportuno p'ra esse momento.
- 261 **Bruno:** Sim, é porque aí no caso da discriminação [sic] racial na verdade, tu teria que
262 achar um ingrediente que poderia combater a discriminação ...
- 263 **P:** É.
- 264 **Bruno:** ... racial. Eu acho que quando tu fala em [leio os ingredientes da receita], deixa
265 eu ver [Silêncio] CONFRATERNIZAÇÃO talvez CELEBRAÇÃO DA ALMA VIVA,
266 ENTROSAMENTO, HARMONIA...
- 267 **J:** Hã...
- 268 **Bruno:** ... tu acaba botando algum...
- 269 **J:** Uma dose de va..., de [sic] eu diria assim três doses de valorização do samba pode
270 ser essa palavra?
- 271 **Bruno:** Sim.
- 272 **J:** Tinha que ter um pouquinho...
- 273 **Bruno:** Dose de CULTURA...
- 274 **J:** ... é, não, mas eu acho que tinha...
- 275 **Bruno:** ... de CULTURA do samba.
- 276 **J:** ... um pouquinho mais valorizado em relação a outras formas.
- 277 **P:** Valorizado [sic] como uma CULTURA mesmo.
- 278 **J:** É, valorizado é acho [sic] que...
- 279 **P:** É... né porque a gente primeiro [inaudível] a nossa [sic] peleia que a gente fala a
280 gente fica muito chateado de ver que tanto o samba como os outros movimentos que
281 tinha aqui mesmo né? [se referindo ao Mercado Central], e isso ligados à CULTURA
282 negra são discriminados, que o cara entrou com um processo pra simplesmente
283 acabar com o samba aqui no Mercado [Central] porque o barulho incomodava.
284 Então...
- 285 **Bruno:** Ah, é!
- 286 **P:** ... assim outras manifestações artísticas não incomodam, por que o samba
287 incomoda? Acho que é isso que você quer dizer [se virando para o marido]...
- 288 **J:** Éééé eu acho que seria ...
- 289 **P:** Sim.
- 290 **Bruno:** É tentar encontrar um ingrediente que dê resistência que...
- 291 **J:** Que valorizasse...
- 292 **Bruno:** ... que valorize...
- 293 **J:** ... que valorize...
- 294 **P:** Essa é a palavra certa...
- 295 **Bruno:** É, RESISTÊNCIA é uma boa dose...
- 296 **P:** ... RESISTÊNCIA.

297 **Bruno:** ... dose de RESISTÊNCIA.
298 **J:** RESISTÊNCIA, né?
299 **P:** Resisti, a gente tem que resistir...
300 **J:** Valorização.
301 **P:** ... pra poder lutar, pra poder se manter [inaudível]...
302 **Bruno:** Dose de RESISTÊNCIA...
303 **J:** É.
304 **Bruno:** ... valorizar mais a CULTURA e retirar o RIO DE JANEIRO.
305 **J:** É, não retirar...
306 **P:** [Inaudível] retirar isso?
307 **J:** ... digo assim que...
308 **Bruno:** Sim, diminuir a ...
309 **P:** [Risadas]
310 **J:** ... a gente poderia empurrar ele aí.
311 **P:** [Risadas]
312 **J:** [Risadas]
313 **Bruno:** Sim.
314 **P:** Vocês [inaudível] que a gente ri de muita coisa como todo [inaudível] gaúcho
315 [inaudível]...
316 **Bruno:** Tá ok.
317 **J:** Mas é oh, mais de sessenta e uma dose [se referindo a palavra ALEGRIA], eu acho
318 que tá muito bom...
319 **P:** [Risadas]
320 **J:** ... né?
321 **Bruno:** Sessenta e uma dose de ALEGRIA?
322 **J:** Sim, sessenta e uma dose de ALEGRIA.
323 **P:** [Risadas]
324 **J:** Acho interessante, tá interessante, tá bom.
325 **Bruno:** Vocês acharam alguma coisa de diferente porque agora tu falou das doses de
326 ALEGRIA, porque as doses de ALEGRIA foi o que o pessoal mais falou.
327 **J:** É.
328 **Bruno:** Foi o que o pessoal mais acabou ... comentando lá.
329 **P:** [Inaudível] bem [sic] interessante.
330 **Bruno:** Tá ok?
331 **J:** Tá ok, tá ok...
332 **Bruno:** Então tá.
333 **J:** ... tá ótimo.
334 **Bruno:** Muito obrigado.
335 **J:** Tá.
336 **P:** 'magina [inaudível] [Risadas].

Apêndice L – Transcrição das conversas com os tripulantes do **Navegantes do Mercado Central**

L.1 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – no corredor do segundo andar do Bloco II do Centro de Artes

- 1 **Bruno:** Tá, bueno, então, tu tava lá no samba do Mercado Central.
 2 **D:** Sim, sim.
 3 **Bruno:** Aí fizeste a primeira etapa e aceitasse a segunda, a.... segunda etapa. Vou te
 4 dar o termo de consentimento depois nós vamos assinar.
 5 **D:** Tá bem.
 6 **Bruno:** E a segunda etapa é o seguinte: eu coletei então as respostas da primeira
 7 fase e fiz tipo uma receita.
 8 **D:** Hum hum.
 9 **Bruno:** Tá ok? Pode dá uma olhada na receita. Aí eu vou querer que tu tires um
 10 desses feijões aqui, abra, veja qual palavra é e me diga qual é a relação com o samba
 11 que tem essa palavra.
 12 **D:** [enquanto abre o feijão] terererere, LIBERDADE [suspiro]. LIBERDADE, a relação
 13 com o samba eu acho que ela tá em todo o samba por assim dizer. Não só no
 14 samba como samba-enredo o próprio *Liberdade, liberdade abre as asas sobre nós,*
 15 mas é ... é uma forma de tu encontrar tua própria LIBERDADE, teu próprio modo de
 16 ser livre eu acho que o samba ele também vem p'ra isso. Né, então é, é, porque o
 17 samba de todo modo, o samba de roda, qualquer forma de samba que ele vai ocorrer,
 18 ele sempre ocorre às vezes muito de um modo muito livre, de uma certa li... se usa
 19 dessa liberdade
 20 **Bruno:** Tu tá dizendo a liberdade de expressão?
 21 **D:** De expressão também.
 22 **Bruno:** De expressão, tá.
 23 **D:** Ah... ela se usa desse modo “libertário”, do sentido de li... livre, dessa liberdade
 24 livre de começa porque os integrantes do da [sic] roda de samba pode muda e pode
 25 haver circulação entre as pessoas então tu tem essa liberdade de modo de expressão,
 26 de locomoções dentro desse [sic] samba...
 27 **Bruno:** A circulação entre ...
 28 **D:** ...dessa circulação...
 29 **Bruno:** ... pessoas que tu diz é...no caso...
 30 **D:** ...de quem tá assistindo ...
 31 **Bruno:** de quem, de quem...
 32 **D:** ... de quem tá aproveitando o samba.
 33 **Bruno:** Ah sim.
 34 **D:** Por te permitir tu dançar ou só assistir.
 35 **Bruno:** Ah, sim, sim. [silêncio] Me diz uma coisa dessa receita aí tem alguma coisa
 36 que te salta aos olhos, tem alguma coisa que tu mudaria?
 37 **D:** [silêncio] Eu aumentaria as doses de ALEGRIA DE UM POVO e deixaria essas
 38 doses de ALEGRIA DE UM POVO e de ALEGRIA, Tiraria aqui [ele aponta para a
 39 palavra FELIZ] manteria só FELICIDADE e aqui invés de AMIGOS, AMIZADE. Ah...
 40 substituiria essas três doses de NACIONAL, BRASILEIRO, ALGO PRÓPRIO DO
 41 BRASIL (RAIZ), por RAIZ. Aqui eu usaria, entre POPULAR e POVO deixaria os dois.
 42 FAMÍLIA sim, duas doses de UNIÃO também. LIBERDADE, O MELHOR (A MELHOR)
 43 COISA QUE TEM tá. HARMONIA, MOTIVAÇÃO, CONTÁGIO [sic]. REFÚGIO FIEL
 44 DO DIA A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA eu amentaria essa dose, CERVEJA eu

45 aumentaria, ANCESTRALIDADE eu aumentaria, MAGIA eu aumentaria. DANÇA
46 aumentaria, CULTURA... e dose de CACIQUE [DE RAMOS] aqui eu não colocaria
47 CACIQUE [DE RAMOS], mas eu colocaria... acho que essa dose de CACIQUE iria lá
48 pra RAIZ. Que CACIQUE DE RAMOS já é uma das raízes... do samba então não é
49 uma raiz, são várias raízes que são espalhadas...

50 **Bruno:** Beleza.

51 **D:** ... por aí.

52 **Bruno:** Então tá, valeu, *gracias*.

L.2 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2019 – em Academia de Musculação no centro da cidade (em determinado momento outra pessoa interagiu na pesquisa e é identificado pela letra D)

- 1 **Bruno:** Vou te dar o termo de consentimento aí, tá ok? É ... é assim oh ... Tu tava lá
2 no samba do Mercado Central...
- 3 **I:** Sim.
- 4 **Bruno:** ... tu participasse da primeira etapa...
- 5 **I:** Sim.
- 6 **Bruno:** E aí agora aceitasse participar da segunda. Como é que funciona: eu fiz tipo
7 um ... ingredientes do que disseram lá no Mercado Central tá? E eu vou pedir que tu
8 pegues um dos feijões aqui e tire um.
- 9 **I:** [Ele leva a cápsula a boca].
- 10 **Bruno:** Não coma de preferência. Se tiveres dificuldade de tirar a palavra pode puxar
11 com a tampa [da caneta].
- 12 **I:** Te mostro?
- 13 **Bruno:** Pode, pode mostrar.
- 14 **I:** [Silêncio, ele mostra o papel com a palavra ALEGRIA]
- 15 **Bruno:** Por que que tu achas que essa palavra tá aí?
- 16 **I:** [Silêncio] Cara, porque eu acho que não tem ... pensando ni... nisso aqui assim
17 [aponta para os ingredientes na folha]?
- 18 **Bruno:** Na palavra por que que ela é um [sic] dos ingredientes do samba?
- 19 **I:** Porque a gen... não tem como ser ... o samba é pra nos trazer ALEGRIA. Não tem
20 como ser alegre sem [sic] sozinho.
- 21 **Bruno:** Hum, tá.
- 22 **I:** Então a AMIZADE nos [sic] traz ...
- 23 **Bruno:** A questão do estar junto.
- 24 **I:** É.
- 25 **Bruno:** Tá. Me diz uma coisa, olhando essa esses ingredientes aí, tem alguma coisa
26 que tu mudaria, que tu faria diferente, alguma coisa que tu retiraria, adicionaria?
- 27 **I:** [Silêncio]
- 28 **D:** E aí tão fazendo alguma coisa aí?
- 29 **I:** A gente tá fazendo uma pesquisa.
- 30 **I:** [Silêncio] Ah, eu acho que é isso aí.
- 31 **Bruno:** Tu acha que contempla...
- 32 **I:** Sim.
- 33 **Bruno:** ... as questões do samba e tudo mais.
- 34 **I:** [Olha novamente os ingredientes].
- 35 **Bruno:** Tu alterarias alguma dosagem, ou tu manteria também ... acha que tá
36 tranquilo.
- 37 **I:** Acho que isso ... acho que ... não sei, de repente DANÇA, ... CULTURA ... e
38 ANCESTRALIDADE e aumentaria uma dose.
- 39 **Bruno:** Hum ... Tá ok. Beleza, então tá, obrigado.

L.3 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – em Academia de Musculação no centro da cidade (em determinado momento outra pessoa interagiu na pesquisa e é identificado pela letra D)

- 1 **Bruno:** Bueno, tu já sabe né? Tem que gravar...
- 2 **E:** Sim, sim, tranquilo.
- 3 **Bruno:** ... por causa disso aí [mostrei o TCLE e os ingredientes levantados na
4 pesquisa]. Bom, tu participou da primeira ... da primeira etapa lá do Mercado Central,
5 né cara?
- 6 **E:** Hum hum [concordando]
- 7 **Bruno:** E aí nós ... tu aceitasse participar da segunda etapa. Vou te dar o Termo de
8 Consentimento só pra ti assinar, tá ok? Só o que é os objetivos da etapa e tudo mais
9 [mostrando o que estava escrito no TCLE] e aqui tu possa botar teu nome e assine
- 10 **E:** Beleza. [Silêncio] Hoje é 20...?
- 11 **Bruno:** 21.
- 12 **E:** Ok, beleza.
- 13 **Bruno:** Tá? Assim ó, é ... o que que acontece. Eu peguei aquelas palavras e fiz um
14 ... tipo um uns ingredientes do samba do Mercado Central, tá ok?
- 15 **E:** Hum hum [concordando]
- 16 **Bruno:** Então aqui [mostro a panela com as cápsulas] tão os ingredientes eu vou pedir
17 só que tu tire um, veja qual palavra que tem...
- 18 **E:** Tomara que não caia DANÇAr.
- 19 **Bruno:** Por quê?
- 20 **E:** Pra que serve isso aqui? [mostrando a tampa da caneta].
- 21 **Bruno:** Se tu ... se tiver preso aí dentro.
- 22 **E:** Ah, se tiver preso ... Porque DANÇAr eu não vou saber responder.
- 23 **Bruno:** [risadas].
- 24 **E:** Cai outra coisa, quer ver como vai saí DANÇAr só porque eu falei?
- 25 **Bruno:** [risadas].
- 26 **E:** Não, FELICIDADE.
- 27 **Bruno:** Por que que tu acha que é um ingrediente daí?
- 28 **E:** Do samba específico do Mercado? Ou do samba ...
- 29 **Bruno:** O que tu acha...
- 30 **E:** ... como um todo?
- 31 **Bruno:** ... do samba como um todo ou específico do Mercado [Central].
- 32 **E:** Cara, eu acho que do samba do Merca..., acho que do Mercado especificamente
33 foi porque tipo ... criou uma expectativa na galera, tá ligado? Porque a gente já tinha
34 uma rotina de a cada a cada quinze dias ir para lá, encontrar os mesmos amigos, hã
35 isso foi uma coisa que o l... [um dos sujeitos da pesquisa] gosta de falar bastante nos
36 tiraram.
- 37 **Bruno:** Hum.
- 38 **E:** Foi tirado. Hã e tinha esse aspecto assim de FELICIDADE de tu saber que pô! Hoje
39 tem samba. Hoje eu vou encontrar a galera.
- 40 **Bruno:** Já ... já virava uma espécie de ritual...
- 41 **E:** Já [sic] virava...
- 42 **Bruno:** ... sempre ir participar ...
- 43 **E:** ... um ritual, sabe? Um final de semana sem samba era um final de semana meio
44 vazio tal.
- 45 **Bruno:** Entendi.

46 **E:** Esse final de semana não tem samba no sábado. Acho que por causa disso assim,
47 se criou uma ... uma rotina, uma atmosfera, uma coisa legal que gera uma rotina.
48 **Bruno:** Me diz uma coisa é, olhando aí as doses, olhando os ingredientes aí, teria
49 alguma coisa que tu alteraria, que tu mudaria a dosagem ou que tu retiraria, tu
50 adicionaria, o que que tu faria diferente?
51 **E:** Gostei desse.
52 **Bruno:** Qual que tu gostou?
53 **E:** CACIQUE DE RAMOS. [Silêncio] Cara, eu acho que eu não adicionaria nada, cara,
54 do que tá aqui é o suficiente, me parece, entendeu?
55 **D:** Que que são psicotrópicos, não? [Olhando os feijões em cápsulas].
56 **Bruno:** Tu acha que contempla bem?
57 **E:** Eu acho que contempla, eu acho que contempla bem, entende?
58 **Bruno:** Beleza, então tá, tá bem, é isso aí.
59 **E:** É isso?
60 **Bruno:** Obrigado.
61 **E:** Pô, que velocidade!
62 **Bruno:** [Risadas]

L.4 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – na casa do sujeito de pesquisa

- 1 **Bruno:** Então, tu tava participando da feijoada lá da ...
 2 **L:** Sim.
 3 **Bruno:** ... [estalo com a língua] da roda de samba do Mercado...
 4 **L:** Do Mercado.
 5 **Bruno:** Vou te dar o termo de consentimento aqui [barulho de folhas] pode lê, se
 6 aprovado, ok...
 7 **L:** [Silêncio]
 8 **I:** O I... tocava na M... S..., uma banda de metal de São Paulo, tocou em festivais...
 9 **Bruno:** M... S..., eu me lembro da banda.
 10 **I:** ... tocou em festivais grandes, ele era o baterista da Madame Satã.
 11 **Bruno:** Sim, eu me lembro da M... S...
 12 **I:** ... e é tipo era [sic] uma das maiores bandas de metal do país. E ... e o cara tá aí em
 13 Pelotas, vendendo Açaí.
 14 **L:** Vai na academia?
 15 **I:** Vo.
 16 **L:** Que hora é o jogo? ... 7?
 17 **I:** 7.
 18 **L:** Que horas são?
 19 **I:** 6 e 20, por quê? ... Hã?
 20 **L:** Saber se tu já ia direto.
 21 **I:** Acho que já vou, vou, só vou ali na academia ... resolver uns problemas...
 22 **Bruno:** Tá, é assim oh ... então ... tu fez a primeira etapa, acertasse aceitasse
 23 participar da segunda. O que que eu fiz: eu fiz eu juntei os ingredientes tá ...
 24 **L:** Tá.
 25 **Bruno:** ... da primeira etapa e aí eu montei tipo uma ... [mostro o papel com os
 26 ingredientes].
 27 **L:** Uma receita.
 28 **Bruno:** Isto.
 29 **L:** Tá.
 30 **Bruno:** Tá? Com os ingredientes. Então eu vô pedir que tu pegue dess... daqui
 31 [mostro a panela com as cápsulas] e tire um deles. Pode abri, se tiver dificuldade pode
 32 usar isso aqui [mostro a tampa da caneta]
 33 **L:** Ah [incompreensível] [Risadas] Ah tu já sabe que ... [Risadas] [abertura da cápsula].
 34 FELICIDADE.
 35 **Bruno:** Por que ...
 36 **L:** Achei que era aqui atrás, mas não.
 37 **Bruno:** Por que que tua achas que ela tá aí nessa ... receita?
 38 **L:** Aqui nessa receita?
 39 **Bruno:** É.
 40 **L:** Hããã ... Porque eu acho que o ... que as pessoas
 41 **I:** Daqui pouco tô de volta, não sei se eu vou te pegar mais aí ... [se despede].
 42 **L:** Tá bem. Porque eu acho que é o momento que as pessoas se distraem assim, elas
 43 vão pra lá pra esquecer um pouco dos problemas talvez e aí quando elas tão no meio
 44 do [sic] samba ... ahhh ... tem ... última né, que é um pedaço do I... [esposo dela] que
 45 diz: que a pessoa fica no samba, quando vê ela já tá se sacudindo, não ...
 46 **Bruno:** Hum.

47 **L:** ... inconscientemente assim ela já tá, a batida já entra né no corpo da pessoa e a
48 pessoa inconsciente já começa a se mexer e acho que isso forma um clima de [sic]
49 FELICIDADE que as pessoas se esquecem ali um pouco dos problemas que elas que
50 elas tão passando.

51 **Bruno:** Tu considera então que o lá por exemplo então é um local pras pessoas poder
52 fugir dos problemas, como se fosse um local ...

53 **L:** Sim...

54 **Bruno:** ... aconchegante pras ...

55 **L:** Isso.

56 **Bruno:** ... [sic] pras pessoas [sic] do samba. Olhando esses ingredientes aí, tu
57 mudaria alguma coisa, adicionaria doses, retiraria outras, tu faria alguma mudança
58 específica? Tem alguma coisa que te salte aos olhos?

59 **L:** Eu acho que CONTAGIOSO eu aumentaria, porque eu acho que isso que eu falei
60 que que o samba contagia, então que acho que teria que um pouco mais. Acho que
61 CULTURA também eu aumentaria ... uma dose ... um pouco mais a dose. [Silêncio] É
62 a princípio acho que sim, acho que ele hã contagia mais e ... é mais cultural também
63 do que uma dose só.

64 **Bruno:** Tá ok, Beleza, então tá, obrigado!

65 **L:** Era só isso?

66 **Bruno:** Era, viu só?

67 **L:** Bem rapidinho.

L.5 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – na Biblioteca de Ciências Sociais

- 1 **Bruno:** Então, G...
- 2 **G:** Tudo bom?
- 3 **Bruno:** ... tudo bem? Tu tava lá no [sic] samba do *Mercado Central*. Participasse da
- 4 primeira etapa quando eu fiz a coleta...
- 5 **G:** Hum hum [concordando].
- 6 **Bruno:** ... eu entrei em contato contigo e tu aceitasse ... participar da segunda etapa...
- 7 **G:** Sim.
- 8 **Bruno:** ... tá? Vou te dar o termo de consentimento [entrego o TCLE a pessoa] ...
- 9 **G:** OK.
- 10 **Bruno:** ... pra ti ler e tudo mais e aí, 'tando de acordo, assina e coloca teu nome...
- 11 **G:** Tudo bem.
- 12 **Bruno:** ... tá beleza? Vô pedi que tu tire daqui [balanço a panela com as cápsulas] é...
- 13 um desses feijões aqui que são os ingredientes que eu coloquei que tão nessa parte
- 14 aqui [mostro a folha com a receita].
- 15 **G:** Tá bom.
- 16 **Bruno:** Tá? E aí que tu abra ...
- 17 **G:** [Pigarro forçado]
- 18 **Bruno:** ... pode me mostra não tem problema.
- 19 **G:** Sim. A palavra é ALEGRIA.
- 20 **Bruno:** ALEGRIA? Tá. E aí hum minha pergunta é por que que tu acha que ALEGRIA
- 21 é um dos ingredientes do samba.
- 22 **G:** [Silêncio]. Hã ... Eu vejo o samba com um símbolo, um símbolo de uma CULTURA
- 23 em geral assim. Não só como um evento. Hã acredito que como evento como maneira
- 24 de celebrar, todo mundo que vai ao samba vai com a intenção de ser feliz, de estar
- 25 alegre, de aproveitar esse momento da melhor maneira possível. Hã normalmente,
- 26 por ser nacional, as pessoas vão com sua família, um grupo de amigos né? E só em
- 27 estar junto comemorando, ouvindo um som agradável já é um momento de ALEGRIA.
- 28 Então, também tem a função de meu hábito né, de ah! Estou meio pra baixo vou ouvir
- 29 um samba com certeza eu vô ficar alegre. Por mais que um deles sejam melancólicos
- 30 ou tristes, o samba realmente traz ALEGRIA.
- 31 **Bruno:** Por mais que ele seja triste ele traz ALEGRIA?
- 32 **G:** Acho que sim.
- 33 **Bruno:** Independente da ...
- 34 **G:** Acho que sim.
- 35 **Bruno:** ... letra da música. Olhando a ... os ingredientes que tem aí tá?
- 36 **G:** Sim.
- 37 **Bruno:** Éé ... me diz tem algum que te salta aos olhos, se tem alguma dosagem que
- 38 tu mudaria ...
- 39 **G:** Hum hum. [Silêncio, lendo a receita]. Eu ... acrescentaria mais umas doses de ...
- 40 pensando bem agora, olhando aqui de novo ... eu acho que ANCESTRALIDADE,
- 41 poderia entrar em destaque também entre FELICIDADE, AMIGOS e NACIONAL,
- 42 umas 6 doses também de ANCESTRALIDADE cai bem. E, p'ra dá um [sic] uma ênfase
- 43 hã esse outro ingrediente aqui também que é uma dose de REFÚGIO ... FIEL DO DIA
- 44 A DIA DA PERIFERIA BRASILEIRA hã eu acredito que consiga dá um sabor especial,
- 45 p'ra esse samba tão cheio de ALEGRIA ... a nossa periferia precisa muito dessa
- 46 ALEGRIA então, quanto mais perto ela tiver melhor. Acredito que é isso, de mais todos
- 47 ingredientes aprovados.

48 **Bruno:** Sim, tá bem [Risadas]

49 **G:** Todos.

50 **Bruno:** Tu tinha me dito antes [antes de começarmos a gravar ela falou da influência
51 do pai dela] da questão do teu pai que ele foi uma influência pra ti no samba.

52 **G:** Isso.

53 **Bruno:** Como é que é?

54 **G:** Há ... desde pequeninha, desde criança assim como meu filho, ele tem 6 anos. Eu
55 não sabia lê, não sabia há [sic] não era alfabetizada ainda, mas eu sabia quais os
56 discos eram de samba, de tanto que nós botávamos e pedíamos. Ele pedia ah, aquele
57 lá, e às vezes tinha o retrato do cantor, então a gente ia muito mais pelo retrato do
58 que pelo que 'tava escrito. Final de semana era de [sic] dia de celebrar em família, há
59 uma das primeiras aquisições dele quando trabalhou né, em seguida que começo a
60 trabalhar foi comprar um toca discos, duas caixas de som grande, então aqueles que
61 da família não tinham aparelho iam pra casa ouvi junto com ele, então era um
62 momento de ALEGRIA. Então quando eu ouço o samba...

63 **Bruno:** Ele reunia as pessoas na casa dele pra ouvir samba?

64 **G:** Sim, sim.

65 **Bruno:** Interessante.

66 **G:** Como se ele fosse um difusor assim ...

67 **Bruno:** Sim.

68 **G:** ... disseminando a cultura ...

69 **Bruno:** É, é agora uma curiosidade que é, o samba de alguma forma, já que tu me
70 disseste que tu não era alfabetizada...

71 **G:** Hum hum.

72 **Bruno:** ... ouvia samba em casa, ele te ajudou num processo de alfabetização? Tu tu,
73 por exemplo, tu trabalhava com algum tipo de letra de samba, ele teve algum impulso
74 no teu processo de alfabetização ou não, a relação era mais na...

75 **G:** Hãã...

76 **Bruno:** ... apreciação?

77 **G:** ... por ser intuitivo né? Ah, cadê o do sei lá Beth Carvalho? Eu sabia que era uma
78 mulher e procurava, não tinha uma... não teve esse incentivo, mas depois reconhecer
79 pela escrita, pela grafia era [sic] interessante assim. Não lembro de ter influenciado,
80 mas de que, mas por exemplo: eram ídolos, artistas que a gente reverenciava muito
81 e reverencia até hoje que eu sabia depois escrever o nome dele e até hoje eu carrego
82 isso comigo.

83 **Bruno:** Bacana.

84 **G:** E tento passar um pouquinho pro pequeno também.

85 **Bruno:** Tá bem.

86 **G:** [Inaudível].

87 **Bruno:** 'Brigado.

L.6 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – na casa do sujeito de pesquisa no centro da cidade

- 1 **Bruno:** Beleza, então vamo lá. Assim, tu tava participando da primeira etapa ... da
2 pesquisa ...
- 3 **F:** Sim.
- 4 **Bruno:** ... que foi no Mercado Central ...
- 5 **F:** Hum hum.
- 6 **Bruno:** Tá? Agora nós vamos p'ra segunda etapa da pesquisa. O que que eu fiz: vou
7 te primeiro mostrar o termo de consentimento [entrego o TCLE] pra ...
- 8 **F:** Não, tudo bem.
- 9 **Bruno:** Pra depois pode ...
- 10 **F:** Não tem problema.
- 11 **Bruno:** Tá ok?
- 12 **F:** Tá.
- 13 **Bruno:** É, o que que acontecesse, eu peguei aquilo que aquelas palavras que
14 disseram tá? E eu fiz tipo ingredientes, tá?
- 15 **F:** Sim.
- 16 **Bruno:** E aí eu fiz isso aqui [entrego os ingredientes da feijoada], tá ok?
- 17 **F:** [Silêncio, lendo os ingredientes da feijoada]. Tá bem.
- 18 **Bruno:** Tá bem? Então vô querer que tu tire uma [abro a panela com os ingredientes]
19 daqui, qualquer uma [barulho mexendo nas cápsulas] pode abri.
- 20 **F:** Parece o programa do Silvio Santos [inaudível].
- 21 **Bruno:** Se tiver difícil de tirar aí ...
- 22 **F:** Não.
- 23 **Bruno:** ... a gente faz isso [tiro o papel com a tampa de caneta da cápsula escolhida].
24 Vê qual é a palavra que tá escrita aí.
- 25 **F:** ALEGRIA
- 26 **Bruno:** Por que que tu acha que ela faz parte dessa desse ingrediente, por que que
27 tu acha que esse ingrediente tá aí?
- 28 **F:** [Silêncio] O que que eu acho?
- 29 **Bruno:** É.
- 30 **F:** Desse ingrediente?
- 31 **Bruno:** Por que que tu acha que esse ingrediente faz falta dessa receita aí?
- 32 **F:** Olha só, faz parte porque tu vê uma ... uma assim oh uma reunião de [sic] pessoas,
33 de várias, vamos dizer assim de várias idades né?, e talvez eh em situações
34 socioeconômica também diferente e cultural formação que se diver... vão se divertir,
35 que ficam [sic] alegres com aquel... com, vamos dizer assim, com [sic] a apresentação
36 do [sic] dos shows né? Em então isso é que eu vejo ALEGRIA nesse sentido no
37 voltado aos aquele show que está ali. Então as pessoas ficam alegres, porque são
38 músicas alegres né?, e contagiantes...
- 39 **Bruno:** O show....
- 40 **F:** ... e contagiante, o show.
- 41 **Bruno:** O show que tu tá falando é a roda de samba?
- 42 **F:** A roda de samba. Isso...
- 43 **Bruno:** Tá, tá ok.
- 44 **F:** ... a roda de samba né? A roda de samba porque eles tocam músicas
45 principalmente músicas mais antigas, músicas modernas e como tu tem pessoas de
46 várias faixas etárias né?, então torna o ambiente é alegre, é uma ALEGRIA realmente
47 pelo conjunto assim do da apresentação.

48 **Bruno:** Me diz uma coisa, olhando essas dosagens aí, esses ingredientes que fazem
49 partes aí teria alguma coisa que tu retiraria, colocaria, mudaria a dosagem,
50 acrescentaria o que ...

51 **F:** Da ALEGRIA?

52 **Bruno:** Qualquer um deles. Alguma coisa que tu mudaria que ... ou que alguma coisa
53 que te salte aos olhos que...?

54 **F:** [Silêncio] Uma coisa que eu não, que eu vejo aqui claro que eu não [sic] tenho não
55 tenho conhecimento há não ser digamos pela televisão é CACIQUE DE RAMOS que
56 isso aqui é Rio de Janeiro.

57 **Bruno:** Hum, sim.

58 **F:** Faz menção ao Rio de Janeiro, então na cidade de Pelotas, então eu vejo que isso
59 aqui...

60 **Bruno:** Sim

61 **F:** ... não tem, meu ver, não tem sentido porque tu vê CACIQUE DE RAMOS é uma
62 [sic] comunidade do Rio de Janeiro.

63 **Bruno:** Tá. E por que que tu acha que esse CACIQUE DE RAMOS saiu aqui nesse
64 Mercado de Pelotas? Por que tu acha que a pessoa falo Mer... CACIQUE DE
65 RAMOS?

66 **F:** Provavelmente, porque CACIQUE DE RAMOS, CACIQUE DE RAMOS pelo que eu
67 ouço falar el... tem uma ori... vários sambistas têm origem no CACIQUE DE RAMOS.
68 Provavelmente, trazem [sic] esses sambistas e essas música com origem lá no... de
69 CACIQUE DE RAMOS. CACIQUE DE RAMOS...

70 **Bruno:** Como se CACIQUE DE RAMOS fosse uma das raízes?

71 **F:** ... uma das raízes né?, eu acho que isso aqui é um uma ...

72 **Bruno:** Tá.

73 **F:** ... é um logradouro ou [sic] um bairro não, eu acho que é bairro CACIQUE DE
74 RAMOS é um bairro.

75 **Bruno:** Entendi.

76 **F:** Eu acho que é um bairro, digamos, um bairro que tem muito sambistas
77 possivelmente e alguns sambistas claro que vieram, trouxeram essas músicas pra cá
78 e o nosso povo de Pelotas... digamos assim ...

79 **Bruno:** Sim.

80 **F:** ... ou se identificou com elas e...

81 **Bruno:** Sim.

82 **F:** ... passa a repeti, é o que eu vejo assim como CACIQUE DE RAMOS, mas isso é
83 que eu vejo CACIQUE [DE RAMOS], eu tiraria porque o CACIQUE DE RAMOS na
84 realidade é um reduto digamos de sambistas do Rio de Janeiro. Que mais... [volta a
85 ler os ingredientes] [Silêncio].

86 **Bruno:** Tem alguma dose que tu reforçaria, que tu aumentaria as doses ou que tu
87 diminuiria, faria diferente?

88 **F:** 7 doses [FELICIDADE/FELIZ] não, eu não tiraria. FELICIDADE/FELIZ não tiraria,
89 manteria. AMIGOS/AMIZADE também eu manteria porque não [sic] ampliaria porque
90 esse [sic] AMIGOS/AMIZADE você tem não [sic] é todo não são todos os [sic]
91 espectadores, todos que estão ali então reduz não é um todo então manteria.
92 NACIONAL / BRASILEIRO/ ALGO PRÓPRIO DO BRASIL (RAIZ) 3 doses, não eu
93 aumentaria dose do NACIONAL

94 **Bruno:** Tá.

95 **F:** O samba eu aumentaria a dose do NACIONAL. Vamos dizer assim o BRASILEIRO
96 / ALGO PRÓPRIO DO BRASIL é, eu aumentaria essa dose. Não sei se tu quer que
97 eu bote o número quantitativo de dose.

- 98 **Bruno:** Não.
- 99 **F:** De de FAMÍLIA, não. Doses de POPULAR ou POVO: aumentaria a dose. Doses
100 de FAMÍLIA: não vejo como dose de FAMÍLIA esse aquele reduto aquele [sic] evento
101 né?, o samba não veria. LIBERDADEs, doses de UNIÃO: doses de UNIÃO eu eu
102 manteria as duas doses de UNIÃO, porque UNIÃO eu vejo assim UNIÃO, UNIÃO que
103 eu vejo ali são UNIÃO dos músicos, não do [sic] das pessoas que estão assistindo,
104 dos músicos que estão desenvolvendo que programam, do conjunto musical.
105 LIBERDADE? Eu acho que LIBERDADE eu aumentaria essa dose de LIBERDADE
106 porque realmente tem LIBERDADE de se..., LIBERDADE total. O MELHOR (A
107 MELHOR) COISA QUE TEM, doses do MELHOR ou melhor (A MELHOR) COISA
108 QUE TEM [Silêncio] é eu aumentaria essa dose aqui também essa [sic] coisa assim
109 do *Mercado Central* que hoje o *Mercado* é [sic] um centro digamos assim de lazer né?,
110 hoje né?, então eu vejo, eu aumentaria essa dose do MELHOR aqui [me aponta para
111 a folha com os ingredientes onde ele está inscrito]: HARMONIA. HARMONIA, eu só
112 vejo HARMONIA só no conjunto não no não nos seus... ou nos frequentadores, vamos
113 dizer assim, vamos pegar os frequentadores porque o *Mercado* você tem um *Mercado*
114 tem a parte musical, mas tem outra parte de CONFRATERNIZAÇÃO que as pessoas
115 se reúnem. Então eu vejo dois focos: aqueles que tão lá pra assistir a progr... o o
116 digamos a apresentação dos conjuntos e aqueles que tão fazendo seus *happy-hours*
117 pros seus amigos. Eu eu ... eu eu a HARMONIA eu aumentaria essa dose.
118 MOTIVAÇÃO: também aumentaria a dose também. CONTAGIOSO: é CONTAGIOSO
119 por todos os aspectos é CONTAGIOSO você reúne pessoas, amigos, o ambiente é
120 um ambiente CONTAGIOSO. [O] REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA DA PERIFERIA
121 BRASILEIRA [Silêncio] eu eu não sei se colocaria como como uma dose de
122 REFÚGIO, como um REFÚGIO eu não sei, eu colocaria de reuni... de encontro, mas
123 de REFÚGIO?
- 124 **Bruno:** Tu entende aquele espaço como um local de encontro?
- 125 **F:** De encon... como um local de encontro, mas não como um REFÚGIO, REFÚGIO
126 parece que tu tá fugindo [inaudível] coisa e tu quer ir pra lá, não, não como um
127 REFÚGIO, não. Um local de lazer, né? Ser dose, CERVEJA é hum eu não sou da
128 CERVEJA, mas deixaria uma dose eu não sou da CERVEJA, né. Essa
129 ANCESTRALIDADE eu até talvez eu aumentaria um pouco porque tá havendo um
130 resgate da parte de ANCESTRALIDADE, essa coisa do [sic] um o ambiente eu acho
131 que tá havendo um resgate, digamos das coisas de Pelotas.
- 132 **Bruno:** Sim.
- 133 **F:** MAGIA: MAGIA ... MAGIA que eu vô te [inaudível] com MAGIA pela própria ... [sic]
134 o conjunto [sic] a for... a maneira de apresentação do conjunto, o conjunto e as
135 músicas o seu vamos dizer assim [sic] a sua como é que vô diz assim o seu repertório
136 não deixa de ser uma MAGIA. E dose de DANÇA não tem espaço, mas com certeza
137 tem vontade das pessoas dançarem. Porque a forma como as pessoas se
138 movimentam e alguns que outros só que ela não abre o espaço para que pudesse um
139 [sic] espaço pra que as pessoas pudessem dançar.
- 140 **Bruno:** Tu acha que ali é um espaço muito reduzido ...
- 141 **F:** Muito reduzido...
- 142 **Bruno:** ... pra dançar?
- 143 **F:** pra dançar. Poderia abrir um espaço mais pras pessoas se divertirem mais, né?
- 144 **Bruno:** Eh, só pra falar, quando tu falou da questão da LIBERDADE total, no que que
145 tu te refere quando tu diz que que tem uma LIBER.... que tu aumentaria as doses
146 porque tem uma LIBERDADE total e tudo mais?

- 147 **F:** Que LIBERDADE total porque as pessoas são livres fazem um... tão ali livremente
148 então tem uma LIBERDADE de se deslocar e de escolher um ambiente pode trocar o
149 ambiente então é [sic] livre, ela não está ali especificamente por um ambiente, não!,
150 tem vários ambientes no *Mercado* e várias atrações você tem por exemplo [sic] o
151 *Mercado das Pulgas* [inaudível] assim, então você no [sic] conjunto do Mercado tem
152 a LIBERDADE...
- 153 **Bruno:** A LIBER...
- 154 **F:** Total.
- 155 **Bruno:** A LIBERDADE pra escolhe o local...
- 156 **F:** O local ...
- 157 **Bruno:** do ócio.
- 158 **F:** que tu goste ...
- 159 **Bruno:** Tá ok.
- 160 **F:** de te comunicar. Eu vejo como LIBERDADE assim, tá? DANÇAR sim, dose de
161 CULTURA sim, resgata um pouco da nossa CULTURA não só na música como
162 também no *Mercado das Pulgas* que resgata um pouco da nossa CULTURA do de
163 Pelotas né e uma dose do CACIQUE DE RAMOS eu já falei.
- 164 **Bruno:** Tá ok, é isso aí.
- 165 **F:** Não sei se, não sei se atendeu a tua expectativa minhas respostas.
- 166 **Bruno:** Com certeza.
- 167 **F:** Não sei não, não sei a forma.
- 168 **Bruno:** Obrigado.

L.7 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 23 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – no Mercado Central de Pelotas

- 1 **Bruno:** Vamo lá então. Vou te entregar o termo de consentimento aqui tá?
 2 **M:** Beleza
 3 **Bruno:** Tu pode lê e assinar 'tando de acordo, aí tu bota o nome e assina [indico os
 4 locais de preenchimento] tá?
 5 **M:** Tu chegou a pega todo mundo do grupo [Grupo Renascença que tocava samba
 6 aos sábados no *Mercado Central*] aquela vez [1ª etapa da coleta] que tu foi lá, eu não
 7 me lembro cara?
 8 **Bruno:** Não, eu entrevistei alguns, eu fui ...
 9 **M:** É?
 10 **Bruno:** ... entrevistando de acordo ...
 11 **M:** Aham
 12 **Bruno:** ... [inaudível]
 13 **M:** [lendo o TCLE] [Silêncio].
 14 **Bruno:** Só assina aqui pra mim [aponto o local no documento e ele assina]. Beleza?
 15 Então é assim ó ...
 16 **M:** Ah, tem que botar a data, depois tu bota.
 17 **Bruno:** Então, o que que acontece: tu participou da primeira etapa, aceitasse ...
 18 **M:** Aham
 19 **Bruno:** ... a participar da segunda. A primeira etapa eu fiz aquela coleta né?, que tinha
 20 da das palavras e tudo mais e aí o que que eu fiz: como era uma questão duma
 21 feijoada [me referi equivocadamente ao aniversário de 1 ano do *Boteco Copa Rio*],
 22 então eu fiz tipo um [mostro a panela com as cápsulas] ...
 23 **M:** Ahhhh
 24 **Bruno:** ... uns ingredientes tá?, então tem os ingredientes aí tá?, eu vô pedi que tu
 25 pegue um deles aqui, abra [abro a panela com as cápsulas]...
 26 **M:** Posso abri [indicando a cápsula].
 27 **Bruno:** ... pode, pode até me mostrar. Se ele tiver muito [indico a tampa da caneta] ...
 28 **M:** [Abre a cápsula e retira o papel]. Ahnnnn... ALEGRIA
 29 **Bruno:** ALEGRIA? Tá, por que que tu acha que ele é um dos ingredientes aí da ...
 30 **M:** Olha, eu pra ...
 31 **Bruno:** ... dessa feijoada de samba.
 32 **M:** ... pra mim assim, pra ter uma feijoada tem que ter samba e pra ter samba e se
 33 tem samba tem que ter ALEGRIA né cara?, é conjunto.
 34 **Bruno:** Ah, entendo.
 35 **M:** Faz parte.
 36 **Bruno:** A feijoada tá ligada com o...
 37 **M:** É pra mim tem que ...
 38 **Bruno:** ... samba?
 39 **M:** ... ter samba né, cara? Eu, assim, na verdade, eu não como feijoada, mas pra mim
 40 qualquer movimento assim que tenha tem que ter samba né cara?
 41 **Bruno:** Qualquer movimento que tu diz ...
 42 **M:** Qualquer movimento ...
 43 **Bruno:** ... em que sentido?
 44 **M:** Ah, ajuntamento que tenha geralmente mesmo quando tem lá em casa a gente
 45 sempre faz um samba mesmo que o pessoal meio a maioria não toque, a gente
 46 [inaudível] os instrumentos pra cada um e a gente inventa alguma coisa ali na hora.
 47 **Bruno:** Sempre que se encontram tem samba?

48 **M:** Ah [inaudível] tem samba, ainda mais que é com os guri ali do *Rena* [*Grupo*
49 *Renascença*] que a gente tá sempre junto tocando a gente bah se junta e já faz um
50 samba. Às vezes quando os cara tão pela cidade a gente já in... inventa um local pra
51 se encontrar e tentar mata um pouco a saudade.

52 **Bruno:** Ah, entendi. E me diz uma coisa: desses ingredientes aí teria alguma coisa
53 que tu alteraria, que tu mudaria a dosagem, que tu acrescentaria, retiraria?

54 **M:** [Olhando os ingredientes da feijoada] Ah, talvez AMIZADE aqui eu botaria mais
55 [inaudível] sei lá.

56 **Bruno:** Mais de AMIZADE?

57 **M:** É na verdade eu acho que eles tão muito em conjunto assim, sabe?

58 **Bruno:** ALEGRIA, AMIZADE?

59 **M:** AMIZADE, é. Às vezes a gente pode participar duma roda de samba assim e tu
60 não tem um uma afinidade tão grande com as pessoas na roda então tu não tem uma
61 [sic] AMIZADE assim sabe?, por mais que tu goste tu tens ...

62 **Bruno:** Sim.

63 **M:** ... tenha, tá feliz de tá ali, mas não é a mesma coisa de tu tá com teus AMIGOS ...

64 **Bruno:** Sim.

65 **M:** ... acho que eu botaria mais AMIZADE, AMIGOS/AMIZADE. [Barulho alto de
66 grande fechando]. Ali mesmo, o nosso grupo ali agente estabeleceu o grupo em
67 função da AMIZADE assim, não se conhecia, a maioria não se conhecia ou tinha um
68 contato muito visual, mas nunca tinha tido ahhh... [Barulho alto de grande fechando]
69 [inaudível] tudo assim pra conversar direito e tal e se conhecer, a gente fez uma,
70 estabeleceu uma AMIZADE em função do samba assim.

71 **Bruno:** Ah, sim.

72 **M:** Eu acho que AMIZADE seria o mais importante até prum grupo dá certo acho que
73 o mais importante é a AMIZADE.

74 **Bruno:** Sim, e na e no caso da [sic] roda assim tem alguma coisa que te salta aos
75 olhos aí, que tenha dessas doses aí que ...

76 **M:** O que ...

77 **Bruno:** ... alguma coisa que te chame atenção, alguma coisa de diferente?

78 **M:** Sim, tem umas aqui que eu não entendi muito bem, mas... o que que tem o
79 CACIQUE DE RAMOS aqui, o que que seria isso? Que tipo tu diz...

80 **Bruno:** Que ele respondeu CACIQUE DE RAMOS. Então, por exemplo, a resposta
81 que ele deu foi CACIQUE DE RAMOS.

82 **M:** Ah, talvez pela energia que tenha no CACIQUE [DE RAMOS]. [Segue lendo os
83 ingredientes]. ANCESTRALIDADE não, faz sentido porque ainda mais p'ra quem
84 gosta do samba, muito samba antigo tem que ter uma ANCESTRALIDADE [inaudível].
85 O REFÚGIO FIEL DO DIA A DIA [DA PERIFERIA BRASILEIRA] pô tem umas
86 respostas aqui que parece até que eu tô vendo as pessoas que responderam...

87 **Bruno:** [Risadas]

88 **M:** ... já ia te fala.

89 **Bruno:** É?

90 **M:** Se tu me disser assim me diz quem respondeu algumas aqui eu acho que até sei
91 quem foi...

92 **Bruno:** [Risadas]

93 **M:** ... pelas respostas. Claro que eu não me lembro o que eu... talvez tenha dito no dia
94 se é uma ...

95 **Bruno:** Tu consegue visualizar ...

96 **M:** As pessoas.

97 **Bruno:** ... até as pessoas dentro dessa roda?

98 **M:** É, eu acho. Se tu tem, tu tem os nomes de quem boto isso aqui [aponta para a lista
99 de ingredientes]?

100 **Bruno:** Tenho.

101 **M:** Se eu te fazer, se eu te ...

102 **Bruno:** [Risadas]

103 **M:** ... palpitar e tu disser [inaudível]?

104 **Bruno:** [Risadas] É que eu não vou saber de cor que isso aqui é bastante gente.

105 **M:** Mas, tem uns aqui que eu tenho quase certeza [inaudível] não mas, não mas eu
106 concordo até por... acho que muitos aqui são meus amigos até que talvez tenham
107 respondido isso aqui.

108 **Bruno:** É?

109 **M:** Aham. [Silêncio] Não...

110 **Bruno:** Beleza.

111 **M:** ... bah muito interessante isso aqui cara. Eu tinha eu tinha lido alguns meio por
112 cima, mas não tinha reparado tanto ...

113 **Bruno:** É?

114 **M:** ... com detalhe na nas respostas, muito legal.

115 **Bruno:** Ok, tá ...

116 **M:** [Inaudível].

117 **Bruno:** ... é isso, valeu, obrigado.

118 **M:** No caso se precisa aí de ajuda nos palpites eu te digo acho mais ou menos quem
119 respondeu alguns aí cara. [Risadas].

120 **Bruno:** Sim.

L.8 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 23 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – no Boteco Copa Rio (obs: no bar havia um telão para transmitir a final da *Libertadores da América* disputada entre *Flamengo* e *River Plate*). Durante a conversa, um amigo do sujeito de pesquisa interagiu conosco e é identificado pela letra D.

- 1 **Bruno:** Então assim oh, eu vou te dar o termo de consentimento só pra te dizer do
2 que que trata a pesquisa...
- 3 **P:** Tá.
- 4 **Bruno:** ... o objetivo e aí depois tu pode botar teu nome e assinar
- 5 **P:** Tá.
- 6 **Bruno:** Tá?
- 7 **P:** [Silêncio enquanto lê o documento] [Incompreensível] tranquilo isso aqui é só pra
8 aqui só pra ... aqui né? [aponta para o local do documento em que deve escrever o
9 nome por extenso]
- 10 **Bruno:** É, aí tu pode bota o nome por extenso...
- 11 **P:** Tá.
- 12 **Bruno:** ... e aí tu assinar.
- 13 **Bruno:** [Fungada e pigarro]
- 14 **P:** Eu mesmo eu sempre me identifiquei e agora aposentado pra mim é uma terapia.
15 Cada vez que eu...
- 16 **Bruno:** O samba é uma terapia, o ... as rodas?
- 17 **P:** Isso porque o, o bate papo ... aqui [aponta para o local do preenchimento da data]
18 aqui a data né? 23?
- 19 **Bruno:** Isso, 23
- 20 **P:** ... entendesse? que [sic] criou uma coisa bah olha...
- 21 **Bruno:** Ah, bacana.
- 22 **P:** ... sinceramente cara não ...
- 23 **Bruno:** Então o que que eu fiz oh: eu peguei ideia da feijoada que teve¹³⁶ ...
- 24 **P:** Tá.
- 25 **Bruno:** E aí eu ... é... botei em doses do que as pessoas iam dizendo ...
- 26 **P:** Sim.
- 27 **Bruno:** ... na primeira etapa.
- 28 **P:** Hã Hã.
- 29 **Bruno:** Então foi mais ou menos isso aí. O que eu vou pedir pra ti: ...
- 30 **P:** Tá.
- 31 **Bruno:** Eu fiz uma ... feijoada aqui então [mostro a panela com as cápsulas]. Eu vou
32 pedir que tu tire um desses aí [barulho das cápsulas dentro da panela] tu abra e veja
33 qual a palavra que tá. [Aguardando a abertura da cápsula] Se precisar da tampinha
34 [mostro a tampa da caneta *Bic*] pra tirar o papelzinho...
- 35 **P:** Ah, tem que tirar ...
- 36 **Bruno:** É.
- 37 **P:** Tá peraí um poquinho então. [Tirando o papel da cápsula] Oh, o bicho é organizado,
38 hein? [Risadas]
- 39 **Bruno:** [Risadas]
- 40 **P:** ALEGRIA
- 41 **Bruno:** ALEGRIA? Por que que tu acha que ela é um ingrediente aí desse... dessa...
- 42 **P:** Ah ... cara digo assim ó ALEGRIA porque ... é ... eu fui ... meu pai faleceu
43 carnavalesco. Tocava cuíca na *Academia do Samba* e na *Estação* [Escolas de Samba

¹³⁶ Na verdade, foi um equívoco meu. Não houve feijoada no **Mercado Central de Pelotas** e, sim, na comemoração de 1 ano do **Boteco Copa Rio**.

44 de Pelotas] até os 75 ano[s]. 80 ano[s] que que ele [incompreensível] e eu criança
45 sempre olhava a ... aquele ritual dele. O dia do desfile ele tomava banho se arrumava
46 e eu criança perguntava: pai e aí pai? Pai você não tá ficando velho? Não meu filho,
47 na vida a gente tem que fazer o que gosta e eu gosto e outra coisa tu que gosta de
48 futebol. Quando eu desfilo e tô na passarela é que nem um jogador de futebol num
49 jogo bom. Eu olho assim ah ... o pessoal lá na ... na arquibancada batendo palma
50 então pra mim assim oh é o meu máximo. Então aqui me chamou atenção. E dos seis
51 filho que nós somos, somos seis filho, o que mais se identifica com o samba sou eu.

52 **Bruno:** E tu sente essa mesma sensação quando tu tá nos encontros de samba?

53 **P:** Pooh, cabe ... cara, é ... é uma pena que minha esposa não não não ela não tenha
54 essa ciência, mas eu tá louco ... é uma tera... é o que eu digo é uma terapia, uma
55 terapia. Eu em casa, eu pego meu pandeiro, nós somos seis, seis irmão, tudo
56 aposentado... três brigadiano aposentado

57 **Bruno:** Sim.

58 **P:** ...três brigadiano aposentado e a gente faz reunião uma vez por semana, na
59 residência, faz um giro...

60 **Bruno:** Sim.

61 **P:** ... e joga futebol de mesa, sabe o que é, não?

62 **Bruno:** Sim, sim.

63 **P:** Futebol de mesa.

64 **Bruno:** Tipo futebol de botão.

65 **P:** Isso!

66 **Bruno:** Sim, sei.

67 **P:** Bate um papo, toma uma cervejinha e... faz um pagodezinho no final. [Bate com as
68 mãos na mesa] Tchê!

69 **Bruno:** O pagodezinho ...

70 **P:** Ah, quando ...

71 **Bruno:** ... tá sempre no final?

72 **P:** Tá sempre no final. E e cada vez que eu pego aquele pandeirinho ali e puxo uma
73 música mó ...

74 **Bruno:** Ahhhhh

75 **P:** ... tu tá louco, não tem como ter outra palavra, é ALEGRIA, é ALEGRIA cara.

76 **Bruno:** Ahhhhh

77 **P:** É ALEGRIA. Até pelo contrário, às vezes tu tá meio pra baixo e o troço muda teu
78 astral.

79 **Bruno:** Aí tu vai ...

80 **P:** A ALEGRIA aparecesse entendesse?

81 **Bruno:** Sim.

82 **P:** Tu tá meio aqui [p'ra baixo] e aí tu toca aquela musiquinha ali, porque a música
83 assim assim oh, ainda mais antiga o que a música é na realidade?

84 **Bruno:** Sim.

85 **P:** Muitas vezes tu identifica com com com as pessoas, quer vê um exemplo? Meu pai
86 faleceu. Como ele gostava muito do samba, aquela música que diz assim "Não deixe
87 o samba morrer, o samba acaba" [trecho da música *Não Deixe o Samba Morrer*]

88 **Bruno:** Sim.

89 **P:** Sabe por quê? Porque digo assim oh "Não deixe o samba morrer, não deixe o
90 samba acabar, o morro foi feito de samba, do samba pra gente samba" e aí "Quando
91 eu não puder pisar mais na avenida, quando as minhas pernas não pude" e o pai
92 quando um ... faleceu ele ficou fraco das perna[s]. Então parece que passo pra mim.

93 **Bruno:** Ahhhh

- 94 **P:** A herança dele do samba na família passou pra mim. Tu tá me entendendo?
- 95 **Bruno:** Sim.
- 96 **P:** E a minha frase da mãe, eu lembro daquela ... a mãe é muito católica, é e coisa e
- 97 tal, eu lembro do Talismã [música gravada pela primeira vez em 1989 por Elson do
- 98 Forrógode]
- 99 **Bruno:** Ah, sim sim.
- 100 **P:** “Sabe, quanto tempo eu não te vejo” pô eu não vejo mais ela morreu né? “Cada
- 101 vez você mais longe, mas eu gosto de você. Porque”
- 102 **Bruno:** Ah tem certas músicas ...
- 103 **P:** Isso!
- 104 **Bruno:** ... que tem memórias da família.
- 105 **P:** Memórias que eu tenho da família. Entendes?
- 106 **Bruno:** Ah, interessante.
- 107 **P:** É não, eu concilio o samba como uma coisa ... entendesse?
- 108 **Bruno:** Sim, sim. [Gritaria ao fundo]
- 109 **D:** [Interagindo com o sujeito de pesquisa] Dois negão de chapéu não dá. Quê!
- 110 **P:** [Risadas]
- 111 **D:** Fala magrão. [Me cumprimenta com um aperto de mão]
- 112 **Bruno:** Tudo bem. [Me dirijo novamente ao sujeito da pesquisa] Me diz uma coisa:
- 113 olhando por cima assim desses ingredientes, tu mudaria alguma coisa, acrescentaria,
- 114 aumentaria dosagem, retiraria, tu faria alguma coisa aí, o que que tu mudaria, se
- 115 mudaria?
- 116 **P:** [Sujeito de pesquisa lê os ingredientes da feijoada]
- 117 **D:** [Volta e se dirigindo ao sujeito de pesquisa] Que tá comprando nego? Qual é a
- 118 barbada?
- 119 **P:** [Se dirigindo para mim] Olha cara, mudar alguma coisa... eu aqui oh tem que ter
- 120 UNIÃO.
- 121 **Bruno:** Sim.
- 122 **P:** Sabe por quê? Tem até a música do Benito di Paula que o cara tentou tocar o
- 123 samba com um instrumento só, é difícil. Então diz “Samba de um não dá, samba de
- 124 um nunca deu e nem dará, é preciso ter um surdo, tamborim e agogô, é preciso ter
- 125 cabrocha sambando com muito amor” [trecho da música *Samba De Um Não Dá*],
- 126 então o samba ele é uma coisa que uma pessoa só não dá. É ou não é?
- 127 **D:** Com certeza.
- 128 **P:** Tem que ter, entendeu ...
- 129 **Bruno:** Tu aumentaria essa dosagem aqui [aponto para a dosagem de UNIÃO].
- 130 **P:** Aumentaria aqui da [sic] UNIÃO.
- 131 **Bruno:** Tá.
- 132 **P:** [Segue lendo a lista dos ingredientes] Cara ... também aqui AMIGOS/AMIZADE
- 133 porque ...
- 134 **D:** AMIGOS/AMIZADE é boa.
- 135 **P:** ... tu tem que tá no [sic] bolo ali ...
- 136 **D:** Isso aí é do samba que tu faz né? Já vi tua [inaudível]
- 137 **Bruno:** [Concordo com a cabeça]
- 138 **P:** É é AMIGOS/AMIZADE é ...
- 139 **D:** Eu vi isso aí, eu acho que aonde eu vi isso aí no Rio [de Janeiro] ou aqui?
- 140 **P:** Olha vô te dizer ... LIBERDADE, o POVO e FAMÍLIA também aqui merece uma
- 141 dosezinha.
- 142 **Bruno:** Tá, LIBERDADE tu tá falando em que sentido?
- 143 **P:** LIBERDADE porque parece que aí que aí tu mostra ...

- 144 **D:** De expressão.
- 145 **P:** ... quem tu é, que que tu ...
- 146 **D:** Liberdade de expressão.
- 147 **P:** ...eu não tenho vergonha se tão me olhando, eu pego meu pandeiro e e sambo na
- 148 rua, aqui tô ali ...
- 149 **Bruno:** Sim, sim, forma de se expressar.
- 150 **P:** ... é minha LIBERDADE, eu eu não tenho vergonha de sambar. Samba é uma coisa
- 151 boa. Eu solto como diz o [inaudível] quem eu sou né? Por isso que eu digo eu não
- 152 tenho vergonha de tá ... tá sambando sozinho aí, mas eu tô alegre, entendesse? é
- 153 meu jeito, eu gosto do samba, entendesse? Ah, tu tá louco.
- 154 **Bruno:** Sim, entendi.
- 155 **P:** É, eu acho que é isso aí campeão. MOTIVAÇÃO também porque tu tem que tá
- 156 motivado, tem que tá motivado. DANÇAR oh aí é DANÇAR né ô, quem não gosta de
- 157 DANÇAR. [Risadas] [Segue lendo a lista] Ohhhh!, também e é BRASILEIRO né?
- 158 **Bruno:** Ah, tá no NACIONAL ...
- 159 **P:** NACIONAL/BRASILEIRO/ALGO PRÓPRIO DO BRASIL né?
- 160 **Bruno:** Sim.
- 161 **P:** Ah, “isso aqui ô ô, é um pouquinho do Brasil iá iá, [**D** entra no coro] Esse Brasil que
- 162 canta e é feliz [sic], é também um pouco de uma raça, que não tem medo de fumaça
- 163 não” [Trecho da música *Isto aqui, o que é?*]. Pô legal esse teu [sic] ...
- 164 **Bruno:** É?
- 165 **P:** ... material aí cara.
- 166 **Bruno:** Interessante?
- 167 **P:** Legal mesmo, bah tá loco, tá loco, tá loco.
- 168 **Bruno:** Então tá, é isso aí?
- 169 **P:** Acho que é isso aí campeão.
- 170 **Bruno:** Isso aí, então tá, muito obrigado.
- 171 **P:** Como é teu nome?
- 172 **Bruno:** Sem palavras, Bruno.
- 173 **P:** Bruno? Se precisa de mim então [inaudível] sempre.
- 174 **Bruno:** Tá, com certeza.
- 175 **P:** [Se dirigindo ao intruso] Não, isso aqui é minha comanda lá.
- 176 **Bruno:** Pô, valeu, então tá.
- 177 **P:** [Inaudível] eu achei até que ... mas tu conseguisse me convencer, é legal.
- 178 **Bruno:** [Risadas]
- 179 **P:** É legal, é legal, é legal.
- 180 **Bruno:** [Risadas] Tu acho que era o que?
- 181 **P:** Não [sic] é assim né não eu fiz contigo a primeira [abordagem] né?
- 182 **Bruno:** Sim.
- 183 **P:** Mas achei que o troço não ia, mas eu vi que ... bom é o teu estudo né?
- 184 **Bruno:** É?
- 185 **P:** E é legal, oh, legal mesmo, se precisa de mim aí pra alguma coisa aí ...
- 186 **Bruno:** Sim, tá.
- 187 **P:** Pode deixar [incompreensível]
- 188 **Bruno:** Tá beleza, então tá.
- 189 **P:** Tá? Tudo de bom tá? D... [se dirigindo pra porta do Boteco Copa Rio]
- 190 **Bruno:** Brigado.

L.9 – CONVERSA REALIZADA NO DIA 25 DE NOVEMBRO DE 2019 à tarde – no Mercado Central de Pelotas em um bar tomando um cafezinho

- 1 **Bruno:** Então, tu participasse da primeira parte ...
 2 **P:** [inaudível].
 3 **Bruno:** [Risadas] É, tu participasse da primeira parte da pesquisa tá?, do aqui no
 4 *Mercado Central* e agora tô fazendo a segunda etapa, tá?, vou te passa aqui o termo
 5 de consentimento que de acordo ... pode lê ... e aí tando de acordo depois tu só coloca
 6 o nome completo e assina.
 7 **P:** [Lendo o TCLE] [Os cafés chegam na mesa pelas mãos da garçonete] Brigado [se
 8 dirigindo à garçonete] [Segue a leitura do TCLE].
 9 **Bruno:** Só vô pedir que tu bote o nome por extenso aqui [mostro o local na folha] e
 10 depois assina ali na parte de ... [Fungada]
 11 **P:** Que b... Extenso aqui [apontando o local]?
 12 **Bruno:** Isso. [Aguardando o preenchimento] e aqui tu põe... [o sujeito de pesquisa
 13 começa a assinar no local correto]... isso, aí. Então ... pode botar só a data. É hoje é
 14 20 e...
 15 **P:** 4.
 16 **Bruno:** 4.
 17 **P:** Não, 25.
 18 **Bruno:** 25.
 19 **P:** 25.
 20 **Bruno:** Então como é que foi, é então participasse da primeira etapa né?, então o que
 21 que eu fiz: eu fiz uns ingredientes tá?, com as respostas e aí montei aqui ó [entrego a
 22 receita da feijoada de samba do *Mercado Central*] tá? Eu vô pedi que tu tira um desses
 23 ingredientes daqui [sacudo mostrando a panela e abro] pegue, pode abri a cápsula vê
 24 qual é, se tiver difícil de tirar nós temos uma tampinha aqui pra pra auxiliar se tiver
 25 difícil de tirar a palavra.
 26 **P:** [Abrindo a cápsula e retirando o papel].
 27 **Bruno:** Pode abri e me mostra não tem problema.
 28 **P:** ALEGRIA
 29 **Bruno:** ALEGRIA? Por que que tu acha que ALEGRIA é um desses ingredientes aí?
 30 **P:** [Silêncio lendo a receita, toma um gole de café, volta novamente a receita em
 31 silêncio]. 2 doses de LIBERDADE.
 32 **Bruno:** Por que que tu achas que ALEGRIA é um desses ingredientes aí?
 33 **P:** Porque tem LIBERDADE ele compõe tudo ele te dá...
 34 **Bruno:** Por causa da LIBERDADE?
 35 **P:** ... da LIBERDADE é, e isso também, até não, até o ... é que nos dias atuais eu
 36 botei LIBERDADE acho que tá meio precária...
 37 **Bruno:** LIBER...
 38 **P:** ... nessas coisa [sic].
 39 **Bruno:** LIBERDADE é uma coisa que te salta aos olhos aí nessa...
 40 **P:** É.
 41 **Bruno:** ... nessa...
 42 **P:** Essa é. Pros dias de hoje né...
 43 **Bruno:** Nos dias de hoje?
 44 **P:** ... que tamo vivendo, não nem seria mas...
 45 **Bruno:** Sei.
 46 **P:** ...nos dias de hoje.
 47 **Bruno:** LIBERDADE tu fala em que sentido? LIBERDADE...

- 48 **P:** Amplo, geral e restrito.
- 49 **Bruno:** ... de se expressar, de ...
- 50 **P:** De se expressar, é de se expressar acho que até tem, mas a gente nunca teve um
- 51 um momento de LIBERDADE...
- 52 **Bruno:** Ahhh
- 53 **P:** O Brasil nunca tu... quando começa a desenvolver algum projeto de LIBERDADE
- 54 de participação popular...
- 55 **Bruno:** Ahhh
- 56 **P:** ...os cara castram.
- 57 **Bruno:** Ah, tu acredita então que esses encontros eles são projeto de participação
- 58 popular que proporciona entre outras coisas LIBERDADE?
- 59 **P:** O e o samba sempre foi uma coisa muito... o início do samba né?, sempre foi muito
- 60 reprimido pela ... quando surgiu o samba os cara eram preso, os cara...
- 61 **Bruno:** Sim.
- 62 **P:** ... agora no nos tempos pra cá... mas sempre foi os cara foram castrado na época
- 63 do Cartola eles vinham [bate o dorso da mão na palma da outra mão] sendo enrabados
- 64 [Risadas]...
- 65 **Bruno:** Sim.
- 66 **P:** ... então nos dias de hoje é LIBERDADE.
- 67 **Bruno:** Então tu tu acredita que acrescentaria mais dessas doses aqui [aponto para
- 68 as doses de LIBERDADE]?
- 69 **P:** É.
- 70 **Bruno:** Tu... se eu tivesse que disser assim: se eu mudasse alguma coisa na receita
- 71 o que que tu mudaria aí?, ... se tu tivesse que ajustar, retirar ou acrescentar alguma
- 72 dose o que que tu faria de diferente?
- 73 **P:** [Lendo a receita] O que que eu faria de diferente? [Silêncio] Hã que que que não
- 74 esteja aqui que tu diz?
- 75 **Bruno:** Não tu pode de repente aumentar uma dose se tu quiser de alguma coisa daí,
- 76 acrescentar ou retirar alguma coisa daí.
- 77 **P:** Ah, tá.
- 78 **Bruno:** É, qualquer coisa.
- 79 **P:** Uma dose de CULTURA.
- 80 **Bruno:** Tu aumentaria uma dose de CULTURA.
- 81 **P:** É.
- 82 **Bruno:** Ok.
- 83 **P:** Porque é CULTURA, os cara tem mais consciência do que tão sendo...
- 84 **Bruno:** Além da LIBERDADE, CULTURA?
- 85 **P:** Porque LIBERDADE e CULTURA acho que [sic] andam um pouco junto...
- 86 **Bruno:** Sim.
- 87 **P:** ... se o pessoal [sic] tem a consciência que tão sendo enrabado [bate com palma
- 88 da mão em cima da mão fechada em soco] e vão pode contestar mais senão...
- 89 **Bruno:** Sim.
- 90 **P:** ... senão vão ficar sempre...
- 91 **Bruno:** Então...
- 92 **P:** ... manipulados assim.
- 93 **Bruno:** Ah então, então tu, então o samba é uma ferramenta de conhecimento então
- 94 também?
- 95 **P:** De conhecimento...
- 96 **Bruno:** Hum.
- 97 **P:** É, é. O samba sempre foi uma... libertação, de reconhecimento...

- 98 **Bruno:** Sim.
- 99 **P:** ... é uma luta muito bonita...
- 100 **Bruno:** Sim.
- 101 **P:** eu acho acho o... o samba.
- 102 **Bruno:** Beleza, é isso, muito obrigado.
- 103 **P:** É isso?
- 104 **Bruno:** É.
- 105 **P:** Ah, rapidinho.
- 106 **Bruno:** É, viu só?

ANEXOS MARÍTIMOS

Anexo A – Cartaz promocional do evento de celebração de um ano do **Boteco Marítimo Copa Rio**.



Fonte: Página do evento no *Facebook* (2018).